THEOLOGIA CHRISTA

SENDO

UMA APRESENTAÇÃO E DEFESA

DA

FÉ CHRISTÃ

OMO É ENSINADA PELOS METHODISTAS

POR

EDUARDO E. JOINER

PRÉGADOR METHODISTA

VOL. I.

1898

CASA PUBLICADORA METHODISTA—Rua da Ajuda 20

RIO DE JANEIRO

Aos meus

Queridos Irmãos,

Ministros e Leigos,

com

Todos os que querem conhecer a

Verdade em Jesus,

esta obra é dedicada

por

Vosso Irmão

e amigo sincero,

O AUCTOR.

RIBEIRÃO PRETO,

7 *de Setembro de* 1898

PREFACIO

Antes de enviar ao publico esta obra sobre *A Theologia Christã*, peço venia para dizer as seguintes palavras como introducção:

Antes de tudo quero dizer, que não foi porque eu me julgasse melhor preparado do que outros, que eu tomei sobre mim esta tarefa. Mas a corrente de circumstancias que me levou a emprehender este trabalho, foi a seguinte:

Chegado ao Brazil, ha mais de quatro annos, vi com profundo sentimento a destituição em que se achava a Egreja Brazileira, quanto a obras theologicas.

Senti que eu devia fazer alguma cousa para supprir esta falta. Com este fim em vista, uns seis mezes depois, em connexão com o meu irmão o Rev. João E. Tavares, começámos a traducção dos *Elementos de Theologia* do Dr. Ralston. Durante uns oito mezes, nas horas vagas do nosso trabalho pastoral na Capital Federal, dedicámo-nos a este trabalho, traduzindo mais ou menos a terça parte daquella obra meritoria, quando, por motivos de saude, meu collega teve de retirar-se, e eu, não tendo conhecimento sufficiente da lingua Portugueza para continuar a obra sosinho, tive de parar com esse trabalho. Passado algum tempo e depois de reflectir, eu duvidei que uma obra traduzida preenchesse a

nossa necessidade, visto como temos aqui muitas phases de erro, que não existem em Inglaterra e nos Estados Unidos e *vice versa*. Emfim fiquei convencido que precisavamos de uma obra adaptada aos nossos costumes e ao nosso povo. Abandonada, pois, a idéa quanto a continuação da traducção, pensei em deixar a tarefa a outros melhor preparados do que o auctor desta obra.

Mas no mez de março de 1897, fazendo uma viagem em companhia de meu irmão e amigo Rev. Jorge L. Becker, nossa conversa versou sobre a falta de litteratura theologica na lingua portugueza. Elle pediu que eu fizesse alguma cousa neste sentido. Depois de pensar por algum tempo sobre o assumpto, puz mãos á obra, e este primeiro volume é o resultado. Não tenho pretenções de apresentar cousas novas. As conclusões que tenho deduzido, são as que eu julgo serem veridicas, pois não tenho dito nada sem investigação cuidadosa, e tenho-me cingido aos grandes expositores do Methodismo; taes como Wesley, Watson, Fletcher, Ralston, Pope e Summers. Quando emprego citações sem chamal-as em duvida, é porque, depois de uma investigação cuidadosa, acho que são verdades. Eu não quiz tomar a mim a honra de tel-as produzido e, por isso, tenho dado sempre os nomes dos auctores.

Si o leitor não se agradar com a obra, que se lembre de que o proprio auctor não está satisfeito com ella. Não é o meu ideal; quando tratamos de cousas Divinas, os nossos melhores esforços são tão indignos do assumpto que dizemos como Moysés, diante da sarça ardente: «Sou pesado de boca, e pesado de lingua».

Ou então com Jeremias: «Ah, Senhor Jehovah! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino».

Em uma obra emprehendida e executada, no meio do trabalho activo do itinerario, e por um que ainda não tem estado no Brazil bastante tempo para conhecer bem a lingua, não é para admirar si encontrarem irregularidades de ordem nos assumptos tractados, e faltas mais ou menos graves na phraseologia. Mas tenho consciencia que fiz até aqui o melhor possivel, e desde já peço aos meus collegas que me auxiliem de modo que os volumes que ainda pretendo publicar, sejam mais aperfeiçoados quanto a materia, e, ao mesmo tempo, adaptados a todas as intelligencias, tanto quanto a estylo, como quanto a phraseologia.

Pedindo que Deus abençôe esta obra para o bem estar dos seus leitores,

Assigno-me, vosso servo por Amor de Christo,

EDMUNDO E. JOINER.

Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, 7 de Setembro de 1898.

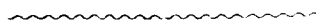



TABELLA DO CONTEUDO DO VOLUME I

PARTE PRIMEIRA

As Doutrinas do Christianismo

LIVRO I. — AS DOUTRINAS ACERCA DE DEUS

CAPITULO III

A Pessoa de Christo

CAPITULO IV

Processão, Personalidade e Divindade do Espirito Santo

CAPITULO V

A Sanca Trindade

Livro II. — A Creação e a Providencia Divina

CAPITULO VI

A Creação do Universo Material

CAPITULO VII

A Creação do Homem

CAPITULO VIII

Os Anjos Máos

CAPITULO IX

Os Anjos Santos

CAPITULO X

A Providencia Divina

Livro III. — Doutrinas Relativas ao Homem

CAPITULO XI

A Quéda do Homem

CAPITULO XII

A Pena da Lei Adamica

CAPITULO XIII

A Origem das Almas Humanas

CAPITULO XIV

O Aspecto Historico da Doutrina do Peccado Original

CAPITULO XV

A Conceição Immaculada da Virgem Maria

PARTE PRIMEIRA

As Doutrinas do Christianismo

Livro I. — As Doutrinas acerca de Deus

CAPITULO I

A Existencia de Deus

A palavra *Deus* na lingua portugueza é a mesma com a do Latim, e no Grego é *Theos;* nestas linguas quer dizer: *O Soberano Senhor ou o Governador do Universo.*

A palavra hebraica que no primeiro capitulo de Genesis se traduz por *Deus,* é *Elohim,* nome plural que quer dizer o *Ente Supremo.* O unico alvo idoneo de *veneração* e de *adoração religiosas.*

Empregam-se, na Biblia numerosas palavras para indicar a existencia e caracter de Deus, taes como: *Jehovah* — O absoluto ou o Ente que existe por si *Shaddai*— O Todo-Poderoso *Adom*—O Sustentaculo, Senhor e Juiz: *Rachum*—O Ente misericordioso: *El*— o Forte ou Poderoso *Elohim*—Deuses ou Pessoas Adoraveis *Elion*— O Altissimo *El-Sabaoth*— Deus dos Exercitos: *Ehiech*—Sou Serei, Independente *Chanum* —O Ente Gracioso: *Rab*—Pessoa Grande, ou Pessoa Poderosa: *Chesed*—O Ente Beneficente: *Erech-Apayim* — O Ente de Longanimidade: *Emeth* — O Ente verdadeiro, etc.

A crença na doutrina da Existencia de Deus é o primeiro principio de toda a religião, por isso merece a nossa primeira consideração. « A questão da existencia

de Deus sobrepuja todas as outras e as resolve. A solução dos grandes problemas da existencia de todas as cousas, e a direcção de nossa vida, tudo depende da resposta á seguinte questão Ha Deus? » (1)

« E' uma cousa notavel que em parte alguma das Escripturas Sagradas se procura demonstrar a existencia de Deus, nem se trata tão pouco de ensinal-a como verdade desconhecida mediante affirmação categorica da existencia de Deus acceita-se simplesmente, a idéa como verdade já d'antes admittida. Deste facto rasoavelmente inferimos que a existencia de Deus já era tão claramente manifesta aos seculos primitivos que ninguem ousava negal-a ou pol-a em duvida.» (2)

Tão universal era e ainda é hoje, a crença na existencia de Deus que muitos theologos tem concluido deste facto que a idéa de Deus é *innata, isto é*, que existe naturalmente na intelligencia uma idéa de Deus, não por causa de qualquer instrucção, mas por uma parte de nossa natureza de fórma tal que se um recem-nascido fôr collocado em um logar onde nunca póde receber qualquer instrucção de outro ente humano havia de crescer com a idéa, embora imperfeita, de Deus. Basta só appresentar a theoria para ver que ella tem mais belleza do que verdade. Não posso fazer melhor aqui do que citar as seguintes palavras do Sr João Wesley «Depois de tudo que tem-se tão plausivelmente escripto sobre *a idéa innata de Deus*; depois de tudo que tem-se dito della ser commum a todos os homens, por todos os seculos e em todas as nações; não tem-se demonstrado, que o homem tem por natureza mais idéa de Deus do que os animaes do campo; elle não tem qualquer conhecimento de Deus; nem de Deus temor algum, nem tem Deus em seus pensamentos. Qualquer que seja a mudança effectuada depois (quer pela graça de Deus, quer

(1) *Verdades Fundamentaes pelo Dr. Luthardt.*

(2) **Ralstons Elements of Divinity.**

pelas suas proprias reflexões, ou pela educação) elle é por natureza um mero atheu.» (1)

No mesmo sentido fallou o grande theologo do Methodismo, o Sr Watson; «Não sómente, não ha prova alguma, (da idéa innata) mas de facto a evidencia é contra ella, e com confiança póde-se denunciar a doutrina de idéas innatas como uma mera theoria fabricada para sustentar opiniões predilectas, porém contradita por toda a experiencia. Porque nós todos somos conscientes que ganhámos o conhecimento de Deus por *instrucção*; e tambem observamos que como em outras cousas os homens são ignorantes em proporção á falta de instrucção, assim tambem elles o são a respeito do conhecimento de Deus   Portanto concluimos que devemos o nosso conhecimento da existencia de Deus e dos seus Attributos sómente á Revelação, mas, uma vez revelada a evidencia racional é tão copiosa e irresistivel que o Atheismo jámais tem feito muito progresso entre a raça humana onde tem-se conservado esta revelação.» (2)

Mas como já dissemos, nos seculos primitivos os homens universalmente o tinham, como uma verdade já admittida que existia Deus; «de que maneira,» diz o Dr. Ralston, «o homem ficou nessas éras tão fortemente impressionado com tão radical e importante verdade, é cousa que facilmente se comprende se considerarmos a situação dos primeiros antepassados e a relação que subsistiu entre elles e o Creador no Jardim do Paraiso   Adão foi admittido francamente á presença Divina, e ao mesmo tempo devia ter sentido profundamente na sua alma immaculada a certeza da existencia Divina e tambem da perfeição de Deus. Vê-se pois que o seu conhecimento de Deus tinha origem tão directa e poderosa que ser-lhe-ia tão facil duvidar da

(1) Wesleys Sermons Vol. 4 P. 73.

(2) Wattsons Theological Institutes P. 156.

propria existencia como dessa verdade tão importante e evidente.»

«Que um facto tão interessante e importante como o do conhecimento da existencia e natureza de Deus seria cuidadosamente transmittido de pae a filho por todas as gerações successivas desde Adão até Noé, é cousa que é muito razoavel suppôr, mas para melhor conseguir um fim tão importante, e para que a corrente da verdade religiosa, que acabamos de ver nascer em Paraiso, não desperdiçasse inteiramente, nem ficasse contaminada com o erro foi sem duvida engrossada essa corrente pelos affluentes que provinham das communicações divinas a Enoch e Noé: de sorte que depois da destruição geral da raça impia pelo diluvio e a arca pousava em cima do monte Ararat; o patriacha e sua familia poderiam sahir mais uma vez para collocar-se em terra firme e construir um altar consagrado ao Deus vivo e verdadeiro. E á vista desta familia comprehende-se facilmente como a luz da tradição poderia accompanhar as tribus dispersas nas suas viagens errantes e extensas; proporcionando-lhes, pelo menos, debil vislumbre da verdade e remindo-as da ignorancia grosseira e estupida que d'outra sorte teria-lhes envolto em trevas impenetraveis todas as idéas do poder supremo e director.»

«E' verdade biblica que «o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria; (1 Cor. 1 : 21) e póde-se duvidar que a simples razão humana sem auxilio da revelação podia-se originar a idéa e ainda menos acertar com a natureza de Deus. Os mais sabios dos philosophos pagãos confessam que elles devem as doutrinas mais sublimes e importantes sobre este assumpto á tradição. As mais lisongeiras theorias dos homens em relação ao que a razão humana se jacta de ter conseguido a este respeito não passa de uma mera hypothese e conjectura. Em periodo algum ha exemplo de philosopho

que manifestasse a pretenção de ter adquerido a idéa primitiva de Deus, por meio de investigação racional; em todos os casos em que se trata de raciocinio destinado a demonstrar a existencia de Deus, não é possivel chegar ao conhecimento do facto como verdade original, e sim, simplesmente se consegue corroborar e confirmar verdade já conhecida e admittida.»

«Se podessemos admittir que o homem estivesse collocado em situação tão absolutamente privada da luz da revelação, (quer por tradição quer por qualquer outro meio) que ficasse sem idéa de Deus, seria difficil conceber que elle chegasse emprehender raciocinio destinado a demonstrar a existencia do que lhe era totalmente desconhecido. De facto nos parece provavel que, assim collocado, elle andaria ás apalpadellas no meio das mais densas trevas, sem adiantar-se nem sequer um passo na acquisição do conhecimento da existencia ou da natureza do Creador, conservando-se nessa ignorancia até que tombasse morto como 'as bestas que perecem.' Entretanto é evidente, á vista do que affirmam as Escripturas, que rodeados como nos achamos pela luz da revelação em todo o seu esplendor, ou mesmo como em geral acontece com as nações pagãs apenas auxiliadas pelo vislumbre da tradição podemos ver nas obras da natureza, um Deus sobre esta natureza, e pelo emprego das nossas faculdades racionaes podemos descobrir no mundo que nos rodea numerosas provas de grande peso demonstrando a existencia de Deus.» (1)

Acham-se provas da existencia de Deus nas seguintes fontes:

I. *No facto de ser esta a crença universal entre as nações da terra.*

II. *Nas Obras da Natureza.*

III. *Nas Escripturas Sagradas.*

---

(1) Elements of Divinity P. 10–12

I. Primeiramente raciocinamos a *existencia de Deus da universalidade desta crença entre as nações da terra.*

«Desde épocas as mais remotas se tem dado provas da existencia de Deus. Estas provas não pretendem estabelecer o que se não sabia já.» (1)

«Não ha seculo tão remoto, nem paiz tão longinquo nem povo tão barbaro, que não dê testemunho sufficiente desta verdade. Quando as aguias de Roma penetravam na maior parte do mundo povoado, em parte alguma encontraram o atheismo; pelo contrario a grande variedade de deuses que se encontravam em Roma, e cujo numero foi-se augmentando ao passo das victorias conseguidas pelas armas Romanas, demonstrava que não havia nação sem um deus. E depois que a arte, mais moderna e mais aperfeiçoada, descobriu novas zonas do mundo, desconhecidas ao commercio antigo, os povos desssas regiões, seja qual fôr a divergencia nos costumes e no culto, todos concordam na observancia de ceremonias religiosas de alguma especie, e no reconhecimento da existencia de ao menos uma divindade ou deus.» (2)

«Qual, perguntamos, foi a origem do conhecimento deste facto? Vemos nações que divergem totalmente na historia e na indole, nos usos e costumes, separadas umas das outras por montanhas e por mares, pelas areias ardentes e pelas neves amontoadas, e sem communicação entre si, durante seculos, e entretanto todos concordam na crença em um grande Poder Director Como se explica esta harmonia nas crenças? Vemos, é verdade, muita diversidade, tanto no numero como no caracter das divindades adoradas no mundo pagão. Algumas nações prestam culto a um só Ente Supremo, ao passo que outras elevam a milhares o numero dos deuses, repartindo entre os diversos membros da numerosa familia a

(1) Verdades Fundamentaes de Luthardt P. 45.

(2) Pensson ou The Creed.

direcção do universo, mas em geral reconhecendo a supremacia de um sobre todos os mais, quer aquelle se intitule Jehovah, quer Jupiter ou Senhor. Entretanto neste enorme amontoado de incoherencias contradictorias e absurdos que se notam na mythologia pagã e no culto idolatra, ha harmonia em relação a um ponto: todos concordam na existencia de um ou mais deuses que dirigem os destinos do universo.» (1)

Neste logar seria bem citar as seguintes palavras do Dr F L. Patton: «Todos os homens crêm na existencia de algum ente superior a si, a quem são responsaveis, e que lhes cumpre propiciar. Esta crença não resulta de qualquer argumentação, porque a maioria dos homens nunca examinou a razão porque crê em Deus. O facto de ser esta crença tão geral é em si mesmo um argumento poderoso em favor da verdade d'ella. Seria bem estranho que a raça humana fosse unanime em manter uma falsidade, e embora que o atheu diga que isto não seria mais do que o facto de ter a humanidade acreditado por muitos seculos que o sol, a lua e as estrellas se moviam em volta da terra, um momento de reflexão basta para mostrar que os casos não são parallelos. O sol parece levantar-se e pôr-se, e as estrellas parecem mover-se do oriente para occidente. Era, portanto, natural que a humanidade acreditasse no que julgava vêr E ainda mesmo quando se diz que o genero humano tem sustentado com certa unanimidade a crença em muitas superstições a respeito do sobrenatural, póde-se replicar que dado o facto de uma concepção geral a respeito do sobrenatural, não é difficil comprehender que os erros sejam tantos. Não seria porém, facil de explicar como aconteceu tornar geral a crença do sobrenatural, se não houvesse sobrenatural. Se Deus existe bem se podem explicar as esquisitices associadas ás vezes com a crença em sua existencia. Na hypothese

(1) Ralstons Elements of Divinity P. 12—13.

porém do *Materialismo,* o *genesis* da idéa de Deus não tem explicação possivel.» (1)

O numero de deuses falsos no mundo offerece uma forte presumpção a favor da existencia de um Deus verdadeiro; do mesmo modo em que moedas falsificadas testemunham á existencia de uma moeda verdadeira; como seria impossivel a falsificação de uma moeda que nunca existia, assim a idolatria seria cousa impossivel se não existe um Deus verdadeiro.

Como diz o Dr Ralston: «A unica solução racional desta questão está na admissão de que todas as nações tinham primitivamente origem commum, e antes da sua dispersão ellas possuiam um systema de doutrina e culto religioso, a tradição de que nunca se esqueceram totalmente durante todas as suas extensas e prolongadas perigrinações. Porém ainda faltará explicar a origem dessa tradição. D'onde é que provieram esses conhecimentos religiosos? Essa idéa de Deus—de providencia suprema e directora? Si se admittir que Deus se revelou primitivamente ao homem fica desde logo resolvido o problema. Porém negando esta proposição vagaremos para sempre no meio de incertezas e conjecturas. Assim colhemos das provas que vêm do testemunho das nações da terra, uma forte presumpção a favor da existencia de Deus.» (2)

Porque se o atheo disser que a idea de Deus é *innata,* então ninguem póde ser atheo sem violar *voluntariamente* este principio de sua natureza.

Se elle disser que o homem naturalmente não tem idea alguma de um Ente Superior a si, mas que esta foi uma invenção, então seria bem lembrar-lhe, que é impossivel fazer uma invenção sem o emprego da razão, e se no uso desta razão, as differentes tribus e nações

---

(1) Pattons Compondio de Doutrina Christã P 11.

(2) Ralstons Elements of Divinity P 13.

tão longa e completamente separadas umas das outras chegaram tão universalmente á conclusão que ha um Ente Superior ao homem, que dirige o Universo, seria esta conclusão universal uma forte presumpção em favor da existencia desse *Poder Supremo.*

Se elle mudar do terreno e disser que o homem *naturalmente* não tem idea alguma de Deus, e que é incapaz de inventar a idea de Deus pelo exercicio da sua razão, (e é isto o que nós acreditamos) então o facto que o homem agora tem universalmente idea de um Ente Superior, prova conclusivamente que elle recebeu esta idea desse Ente mesmo e por isso o Ente Superior existe.

II. *Consideramos no segundo lugar as provas da existencia de Deus nas* OBRAS DA NATUREZA.

Desta fonte podem-se tirar conclusões que desafiarão os assaltos da incredulidade e do atheismo. «Os Ceus declaram a gloria de Deus e o firmamento annuncia a obra das suas mãos.» (Ps. 19:1.) Porque as suas cousas invisiveis, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas creaturas desde a creação do mundo.» (Rom. 1:20.)

«Embora que sejam demasiado profundas para a comprehensão da sabedoria humana muitas das verdades expostas pela revelação, entretanto nada que se encontre naquelle volume inspirado é incompativel com os principios da verdadeira philosophia ou da razão esclarecida. Da sciencia theologica não ha outro ramo que mais tem preoccupado a attenção dos theologos, do que aquelle que se trata da demonstração da existencia de Deus. Deste assumpto tem largamente tratado muitos dos theologos mais doutos; e tão satisfactorio é o raciocinio que elles empregam, que aquelle que examinar a millessima parte do que tem-se escripto sobre o assumpto, ha um ou dois seculos, pelas principaes intelligencias, e ainda ousar chamar-se atheo, po-

derá com razão ser considerado tão inaccessivel á influencia da razão como cousa inanimada.

«A palavra inspirada declara que 'disse o necio no seu coração: Não ha Deus' E de facto aquelle que depois de ver o mundo material ao nosso redor, nega que seja o producto de *Grande Causa Pensadora* mostra o cumulo da tolice e da imbecilidade. Não podemos duvidar da nossa existencia nem da existencia do mundo ao nosso redor. Podemos perguntar donde viemos? Se acompanharmos os nossos antepassados durante vasto numero de gerações, poderemos ainda perguntar, donde é que veiu o primeiro individuo da nossa especie? Contemplemos o immenso Universo. Donde vieram aquelles enormes orbes que gyram com grandeza solemne? Donde veiu esta terra; os seus oceanos e continentes? Os seus milhares de entes intelligentes? Todo o effeito deve ter causa sufficiente, e será possivel que possa existir sem causa obra tão estupenda? Terão nascido tão espontaneamente os mundos e systemas de mundo? ».(1)

1 *Argumentamos a existencia de Deus do facto da nossa propria existencia.*

«Nós existimos. Devemos a nossa existencia a nossos paes, estes devem-n'a aos seus, e assim por diante. A não ser que adoptemos o Darvinismo, havemos de concluir que a raça humana é eterna ou que a cadeia de que paes e filhos são elos, termina em nossos primeiros paes. Não podemos crêr porém que a raça humana seja eterna, porque seria suppôr que um elo de uma cadeia fosse sustentado por outro sobreposto, e este ainda por cutro, e assim por diante infinitamente. Temos portanto necessidade de admittir um primeiro elo fixo que sustenta todos os outros. Assim, o encadeamento leva-nos até o primeiro homem, progenitor da raça humana, e a não ser que elle tenha sido existente

---

(1) Ralston, Elements of Divinity. P. 14.

em si mesmo, havemos de procurar uma causa de sua existencia. Como veiu elle a existir? » (1)

Os *Evolucionistas* tem feito, não pouco barulho, sobre a supposta *evolução* do homem de algum germem, desenvolvendo-se de periodo em periodo, primeiro em um animal qualquer e então, em macaco e finalmente em homem. Mas os mesmos Evolucionistas de hoje, não pretendem ser capazes de empreitar esta cadeia que liga o homem com o *protoplasmo;* como vemos da linguagem do Professor Virchow perante o ultimo Congresso Antropologico em Vienna; elle diz: Desde que a theoria de Darwin sobre a origem do homem tomou seu primeiro passo victorioso, ha vinte annos, tem-se procurado os elos intermediarios que foram suppostos a ligar o homem com os macacos; mas até agora o *proto homem,* o *pro anthropos* não tem-se descoberto. O *pro anthropos* está até um assumpto para discussão pela sciencia anthropologica. Na cidade de Insespruck nesse tempo, (ha vinte annos) parecia que o encadeamento da descendencia de macacos até homem, seria logo reconstruido; mas agora não podemos provar nem sequer que as differentes raças desceram umas das outras.» (2)

Vemos a futilidade da theoria de *evolução,* pois, como diz o Dr. Patton: « Não ha evidencia de que qualquer especie se tenha desenvolvido por transição gradual de alguma outra especie inferior Procurando, portanto, a origem de qualquer especie de vida, chegamos, como no caso do homem, aos primeiros individuos da especie. Qual é pois a causa da sua existencia?

«Deste modo somos necessariamente levados a crêr na existencia de uma *Causa Primaria,* necessaria e existente em si mesma, e a não ser que adoptemos a theoria da evolução, havemos necessariamente de pro-

---

(1) Compendio da Doutrina Christã, Patton.

(2) Do Jack-Kinfe and Brambles, pelo Bispo Haygood P. 214.)

curar esta causa, não na materia, mas fora della. Quando mesmo porém acceitassemos a hypothese da evolução, este facto não nos livraria de difficuldade, porque quando se concedesse que os effeitos ou mudanças do mundo material podessem ser traçados por uma serie de causas finitas até um ether original, havia de admittir-se, ou que este ether estivesse em movimento ou em descanço. O movimento porém é uma mudança que exige causa, e como uma serie infinita de causas finitas é inconcebivel, a suppormos que este ether estivesse em movimento, havemos de admittir que a materia é origem de movimento, ou é movida por si mesma, o que tambem é inconcebivel. Argumentava Platão e não se pode duvidar a certeza de seu argumento, que visto ser impossivel conceber-se que a materia origine o movimento, a causa primaria do movimento deve ser uma mente.» (1)

Ou como o Dr. Binney mais brevemente diz: «Que a theoria moderna da *Evolução* dos homens e dos animaes de algum germen fosse verdadeira, deve ter havido um Creador deste germem. *Evolução* implica um *Evolutor* (2)

Visto que existimos, e que não somos a *Causa Primaria* de nossa existencia, nem os nossos primeiros paes podiam ter originado a si mesmos, e visto que a theoria da evolução presuppõe um germen creado, e que este germem presuppõe um Creador-Evolutor, e visto ser impossivel que a materia originasse o movimento, por isso concluimos Primeiro, que a Causa Primaria do movimento Creador deve ser uma mente independente e acima da materia: Segundo, que nossa existencia é obra dessa mente indepencdnte: Terceiro, como seria cousa impossivel que essa mente agisse sem que primeiramente existisse, logo vemos a existencia de

---

(1) Compendio da Doutrina Christã. P. 13.

(2) Compendio de Theologia P. 73.

Deus demonstrado como a Causa Primaria de nossa propria existencia.

2. *A existencia de Deus se prova pela existencia do mundo e das cousas que se veem ao redor de nós.*

«O mundo teve um principio. D'onde vem elle? Creou-se a si mesmo? Os que não admittem nada alem do mundo são forçados a crêl-o. Mas onde está este poder Creador? Todas as forças que nós conhecemos são limitadas. Nenhuma dellas podia ser creadora. Não seria este poder outro que a somma de todas estas forças? Mas uma somma de grandezas finitas não dão nunca senão uma grandeza finita. Cada força da natureza depende de todas as outras; sua somma não poderia constituir uma força independente. Todas as causas são causas secundarias; sua somma não pode ser causa primaria. Logo é preciso admittir acima deste mundo de sêres, de forças e de cousas finitas, um poder, causa suprema, ultima e absoluta, pela qual este mundo finito foi creado.... Todos os objectos que nos cercam nos dizem que não paremos junto delles, mas que vamos mais longe; elles nos indicam um termo que não é deste mundo, que pertence ao mundo sobrenatural. O que buscamos assim além do mundo, o que o mundo nos fez presentir, é Deus, o Deus pessoal, o poder pessoal que conserva o mundo. Eu tenho interrogado á terra, diz Agostinho, numa passagem admiravel de suas *Confissões*, e ella respondeu-me Eu não sou teu Deus, e tudo o que se acha nella me respondeu da mesma forma. Interroguei o mar e seus abysmos e tudo o que nelles vive e serpeja, e todas estas creaturas responderam: Não somos teu Deus, procura mais acima. Interroguei o vento que passa e a atmosphera com todos os seus habitantes, e a resposta foi: Não sou Deus. Interroguei os céus, o sol, a lua e as estrellas, e todos responderam Não somos o Deus que procuras. Então disse a tudo o que me rodeava: Vós dizeis que não sois meu Deus; pois bem! Logo fallai-me delle, e todas as

cousas exclamaram a uma voz: Elle creou-nos. Tudo o que existe no mundo nos annuncia claramente o Deus Creador» (1)

«Porque todas as cousas que se veem *começaram a existir*. Ora, ou ellas crearam-se a si mesmas, ou tiveram existencia por um mero acaso, ou então foram creadas por um outro ente.

«*Ser creado por si* é uma contradicção, porque presuppõe que um ente pode agir antes de existir, ou que um effeito é a sua propria causa. D'ahi a escrever materia com um M maiusculo e denominal-a Deus não remove difficuldade alguma, e sim cria muitas.

«*Creação por acaso* é um absurdo; porque dizer que uma cousa é produzida e que não ha causa de sua producção, é dizer que uma cousa se effectua quando não é effectuada por cousa alguma.» (2)

«O atheismo deixa o homem com um effeito universal sem assignar a este uma causa qualquer. Nossa crença em Deus, admittimo-lo, está sujeita ao exame do critico sincero. Se fosse possivel a alguem apresentar argumentos sufficientes para provar que esta crença fosse falsa ou sem base, esses argumentos deveriam ser ouvidos e deveria dar-se-lhes a importancia que merecessem. Mas de outro lado deve-se exigir de quem quer que seja, que pretenda destruir a fé da humanidade que apresente alguma objecção seria, que seja alguma cousa mais do que a affirmação do seu scepticismo. Até agora o atheismo não tem satisfeito esta justa exigencia.» (3) E podemos dizer nem o poderá fazer jamais, porque empregando a linguagem do Dr. Chalmers: «O atheo para estar certo que não ha Deus, necessita viajar por todo o universo que nos cerca, até que tenha atravessado tudo, e então virar para traz e buscar por todos os esconderijos de eternidade; attravessando por

(1) Verdades Fundamentaes. Luthardt.
(2) Compendio de Theologia. Binney.
(3) Compendio de Doutrina Christã. Patton.

todas as direcções as planicies da infinitude. Voando por todas as fronteiras do espaço, o qual em si é insondavel, e então voltando para o nosso pequeno mundo e relatar um branco universal, no qual elle não tinha encontrado um só movimento de um Deus governador. O homem para não saber de Deus só carece descer abaixo de nossa natureza commum; porém para negal-o elle deve ser um Deus mesmo: elle tem de arrogar para si a Ubiquidade e Omnisciencia da Divindade.» (1)

Em fim o atheo para conservar-se atheo, «tem de acreditar mil anomalias que elle não póde reconciliar com a razão; tem de acceitar contradicções e impossibilidades innumeraveis; em effeitos que são maiores que as causas delles, e nos maiores effeitos serem produzidos sem causa alguma originando-lhes: e tudo isto que elle possa escapar das conclusões naturaes e verdadeiras da sua propria razão: que elle possa fechar os seus olhos contra a luz, que brilha em todo o lugar ao seu redor, de satellites e planetas, de sóes e systemas, reflectindo-se nos olhos de milhares de creaturas intelligentes; para que elle feche os seus ouvidos contra as vozes que, aqui ou acolá, levantam-se na musica harmoniosa da natureza, no susurro dos insectos, o trinado dos passaros, o murmuro de aguas correntes, o rugido medonho dos trovões e tempestades, e os milhares de milhares de sons articulados de suas creaturas intelligentes, dizendo em tudo — *Ha um Deus que creou todas as cousas.*» (2)

3. *A sabedoria que se nota na ordem e organização da natureza, é uma prova da existencia de Deus.*

«*O designio,*» *diz* Binney, «que se descobre na constituição, na harmonia e no governo do universo visivel, prova a existencia de Deus. As evidencias deste designio são obvias de mais para serem negadas. *Designio* implica

---

(1) Dr. Chalmers.

(2) J. Ragg.

haver um *designador;* e este designador tem de existir antes da cousa designada.» (1)

O atheismo deste seculo basea-se principalmente na absurda presumpção, de que a idea de *lei* na natureza exclue da natureza a idea de Deus. Pode-se dizer com igual razão que o codigo de Napoleão na França, exclue da França a idea de Napoleão. Não ha intuição mais clara do que a seguinte: — que a intelligente direcção que se manifesta por toda a parte indica a presença de uma mente directora. As leis da physica, na sua estabilidade, dão expressão á persistencia immutavel dessa mente; no seu designio admiravel, a sciencia infinita de sua intelligencia; e nas suas adaptações bondosas, a beneficencia do seu coração.» (2)

«A antiguidade gostava de considerar a Deus como a razão ordenadora, como o Architecto do Universo. E com effeito, o universo é um todo harmonioso, um edificio admiravel onde tudo concorda perfeitamente; as menores cousas ligam-se ás maiores, e reciprocamente. A menor particularidade é uma roda necessaria do todo; todas as partes numa maravilhosa dependencia, vêm em auxilio umas das outras. Nada é superfluo, nada é contrario ao fim.» (3)

«Se diz Paley, passeando pela praia do mar, achassemos um relogio na areia, e discobrissemos pelo exame que fizessemos, que o relogio era designado para servir de medida do tempo, e que suas diversas partes estavam arranjadas para este fim, nunca haviamos de pensar, ou sonhar sequer que essas diversas partes estavam tão delicadamente justas umas ás outras por acaso. Não poderiamos resistir ao sentimento de que o relogio tinha sido producto de uma pericia maravilhosa, e obra de uma mente designadora.» (4)

---

(1) Compendio de Theologia.

(2) S. Coley.

(3) Verdades Fundamentaes.— Luthardt.

(4) Do Compendio da Doutrina Christã.— Patton.

Continuando Paley diz: «não distruiria a nossa conclusão, se o relogio, ás vezes não trabalhasse bem, o fim do mechanismo, o disignio e o designador, podem ser evidentes, e neste caso seriam evidentes, qualquer que fosse a explicação da irregularidade dos movimentos, ou ainda que não houvesse explicação alguma que se podesse offerecer. Não é necessaria que a machina seja perfeita a fim de manifestar para que fim foi ella designado: e ainda menos necessario onde a unica questão é; se houvesse designio qualquer.

«Mas supponhamos que a pessoa que achou o relogio depois descobrisse que além das mais qualidades que até ahi observasse, que elle possuisse a faculdade de produzir no curso dos seus movimentos um novo relogio similhante ao primeiro; (a cousa é concebivel;) e que elle contivesse dentro delle uma machina, um systema de partes, por exemplo uma fôrma, um sortimento complexo de tornos, limas e outros instrumentos, evidentemente destinados a este fim. Perguntemos qual seria a influencia deste ultimo descoberto sobre a sua primeira conclusão?

«O primeiro effeito, sem duvida, seria augmentar sua admiração da construcção, e sua certeza da pericia maravilhosa do designador A pessoa havia de reflectir tambem que o designador do relogio perante ella, foi verdadeiramente o designador de todo o relogio produzido delle: não havendo differença alguma, sinão que o ultimo manifestaria uma pericia mais profunda do que o primeiro. No logar de construir um outro relogio com suas proprias mãos por meio das formas, limas e formões, etc., elle tem introduzido no corpo do primeiro relogio instrumentos de um geito tal que estes construissem um novo relogio no curso dos movimentos que o designador deu ao primeiro. Isto seria trabalhar por meio de um sortimento de instrumentos no logar do outro.

«Se o argumento é tão poderoso quando tem por base apenas uma obra de arte, quanto mais elle torna se invencivel quando transferido ás obras da natureza, porque alli temos exemplos de um numero quasi infinito, de fins mais maravilhosos propostos e conseguidos por meios muito mais curiosos e difficeis. (1)

«E' impossivel» diz o dr. Luthardt, «substituir a Deus as forças da natureza e suas leis. Uma força da natureza é um poder, um poder cégo, que produz um certo trabalho; não é uma intelligencia capaz de compôr livremente um todo. Uma lei da natureza é uma regra que acompanha um phenomeno em seu desenvolvimento; mas não é a sabedoria que estabelece a ordem e fixa o fim. Um naufrago lançado numa ilha e discobrindo ahi uma figura de geometria traçada sobre a areia concluirá por isso que a ilha é habitada.» (2)

E se de uma causa tão insignificante como uma figura na areia, uma pessoa tirasse a conclusão de que a ilha fosse habitada, quanto mais a ordem e a harmonia perfeita que se vê nos grandes systemas solares do Universo, mostra que são agidos e dirigidos por um Ente Intelligente.

«Consta que o grande astronomo Kircher, tinha um conhecido que negava a existencia de Deus, elle escolheu o seguinte methodo para convencel-o do seu erro arranjou-se um bello globo ou representação dos céus estrellados, e collocou-o num canto da sala onde havia de attrahir a attenção do seu amigo, como de facto quando este entrou, logo perguntou, donde veiu o globo e a quem pertencia? 'não veiu' disse Kircher, 'nem jámais foi feito por homem algum, mais veiu parar aqui por mero acaso' Ao qual o sceptico respondeu: E' absolutamente impossivel, decerto estaes caçuando. Entretanto Kircher seriamente persistindo em

(1) Vatsons Institutes.

(2) Verdades Fundamentaes.—Luthardt.

sua affirmação, approveitou a occasião para discorrer com o seu amigo, sobre seus proprios principios atheistas, e disse-lhe: Vós não accreditaes que este pequeno corpo originou-se por mero acaso, no emtanto quereis sustentar que aquelles corpos celestiaes, dos quaes este é apenas uma sobrosa representação, principiaram a existirem sem ordem nem designio.» (1)

E' uma cousa innegavel «que o entendimento não póde considerar as evidendias de designio na natureza, sem convencer-se de que estas evidencias dão testemunho de um Creador intelligente. Quando alguem diz ser possivel que estas chamadas adaptações não mais sejam do que o concurso fortuito de atomos, podemos estar certos de que não está dizendo a verdade, mas sim procurando escusar-se de assentir á força da evidencia. Emquanto alguem se conserva neste estado de entendimento, de nada vale apresentar-lhe as muitissimas evidencias de designio. Quem não póde vêr evidencias do designio na mesma estructura de seu corpo, difficultosamente se deixará convencer por argumentos baseados nas discobertas mais modernas da sciencia.» (2)

«Temos portanto, tão sómente de abrir os olhos á grandeza, á harmonia, á ordem, á belleza e a perfeição das obras de Deus que nos cercam, e vemos por toda a parte manifestações da existencia de Deus.—Eis a admiravel adaptação das cousas, umas ás outras; as revoluções harmoniosas dos poderosos corpos celestiaes; a pericia e sabedoria manifestada na constituição de todos os entes organicos; considerae o mechanismo do vosso corpo; vede de que (modo terrivel, e tão maravilhoso fostes feito;) pensae na união mysteriosa que existe entre esta casa de barro e o seu morador immortal, e duvidae se poderdes a existencia de Deus.» (3)

---

(1) W. Nicolson.

(2) Patton. Compendio da Doutrina.

(3) Ralstons Elements of Divinity.

Concluimos pois que as obras da natureza demonstram poderosa e innegavelmente a existencia de um Deus Designador e Director sobre esta natureza.

III. *No terceiro logar consideramos a Evidencia Escripturistica da existencia de Deus.*

E' verdade que esta qualidade de evidencia só tem valor com aquelles que reconhecem a verdade da revelação. E tambem como apresentando evidencia corraborante, confirmando assim as evidencias derivadas das demais fontes.

O Sagrado Livro abre-se com a declaração que «no principio creou Deus os céus e a terra,» (Gen. 1 : 1.) e continuando no mesmo rumo: «Os céus declaram a gloria de Deus e o firmamento annuncia a obra das suas mãos.» (Ps. 19 : 1) «Porque o Senhor é Deus grande, e Rei grande sobre todos os deuses, nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes são suas: seu é o mar e elle o fez e as suas mãos formaram a terra secca.» (Ps. 105 : 3—5.) «Sabei que o Senhor é Deus, foi elle que nos fez e não nós outros.» (Ps. 100 : 3.) «Quem mediu com o seu punho as aguas, e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu na maior medida o pó da terra, e pesou os montes com o peso e os outeiros em balanças?» (Isa. 40 : 12.) «O Senhor, o que estende o céu, e que funda a terra, e forma o espirito do homem dentro nelle.» (Zach. 12 : 1) «O Deus que fez o mundo e todas as cousas que nelle ha: este sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem tão pouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de cousa alguma; pois é elle só quem dá a todos a vida, e a respiração e todas as cousas; e de um sangue fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habita-

ção,—porque nelle vivemos e nos movemos e existimos.» (Actos 17: 24—28.)

«Assim emquanto a Biblia não faz affirmação formal da existencia de Deus, ainda ensina-se essa verdade de um modo mais appropriado. A Biblia em annunciar que Deus creou os céus e o firmamento em cima de nós,—com o sol, a lua e as estrellas que annunciam a sabedoria, o poder e a gloria do seu Autor; a natureza em toda a sua extenção exhibindo em tudo, a belleza, harmonia e utilidade; a existencia em sua diversidade maravilhosa e extensão illimitavel,—a Biblia em attribuir todas estas entidades grandes e mysteriosas como sendo a obra das mãos de Deus, tem demonstrado emphaticamente a *existencia* da Grands Causa Primativa de todas estas cousas.

«Como poderão 'os céus declarar a gloria de Deus' sem demonstrar ao mesmo tempo a existencia delle. Se a natureza em todas as suas obras patenteam a existencia de Deus; a Biblia o faz tambem, em toda a pagina na qual se registra seus actos estupendos. Se mirando a natureza, leiamos em cada folha e em toda nuvem, em cada nodoa e em todo o globo; 'a mão divina nos creou,' igualmente em percorrer as paginas sagradas, podemos traçar em toda a narração da creação, em todos os feitos da Providencia Divina, em cada intervenção do poder Divino, e em cada dispensação da graça e da misericordia de Deus, se demonstram poderosissimamente a existencia do Grande 'Sou o que Sou.' O Deus que era 'antes de todas as cousas,' e por quem todas as cousas subsistem.» (1)

---

(1) Ralston, Elements of Divinity.

CAPITULO II

Os Attributos de Deus

Neste capitulo consideraremos os attributos de Deus.

Por attributos queremos dizer *os differentes aspectos do caracter divino que Elle attribue a si mesmo.* Ou, como diz Binney, «Os attributos de Deus são as diversas qualidades ou perfeições da natureza divina.» (1)

«São chamados *attributos*, porque Deus os *attribue* e os affirma de si mesmo: *propriedades*, porqne os comprehendemos como *proprios* a Deus, e taes que sómente podem ser d'Elle predicado, de maneira que por meio delles o distinguimos de todos os outros seres: *perfeições*, porque são as varias representações de uma só *perfeição*, que é Elle mesmo *nomes* e *termos*, porque indicam e significam alguma cousa de sua essencia: *noções*, porque são sómente aprehensões de sua entidade que concebemos em nossa mente.» (2)

Só podemos saber o que Deus de si nos revelou; a nossa imbecilidade natural sobre este assumpto é lindamente apresentada por Sofar no capitulo onze do livro de Job, «Porventura alcançarás o caminho de Deus? Ou chegarás a perfeição do Todo-Poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás tu fazerr? Mais profunda do que o inferno, que poderás tu saber? Mais comprida é a sua medida do que a terra e mais larga do que o mar.» (Job. 11 : 7—9.)

---

(1) Compendio de Theologia.

(2) Lawson Theo-Politica.

«Deus é infinito mas o homem é finito: por isso, podemos concluir que lhe é impossivel comprehender inteiramente a Jehovah: pois o que comprehende deve ser maior do que aquillo que é comprehendido. Deus é infinitamente superior a todas as intelligencias creadas: por isso, é impossivel a quem quer que seja comprehender inteiramente a sua natureza. A incomprehensibilidade de Deus foi admittida pelos philosophos pagãos, como bellamente se vê da historia de Simonedes—Sendo aquelle philosopho interpellado por seu principe. «O que é Deus?» Pediu da primeira vez um dia, da segunda uma semana, e ainda outra vez um mez para considerar o assumpto mas finalmente elle deixou a pergunta sem resposta, declarando que quanto mais examinava o assumpto, tanto mais se convencia de sua incomprehensibilidade.

«E' impossivel, pois, comprehender a essencia divina. tudo quanto podemos fazer é considerar os attributos de Deus, até onde lhe aprouve revelar taes cousas ao homem. Neste sentido da palavra é nosso privilegio e tambem nosso dever tomar conhecimento d'Elle.» (3)

Deixando de lado as classificações theologicas dos attributos; em *absolutos* e *relativos*: *naturaes* e *moraes positivos* e *negativos*: *proprios* e *metaphoricos* etc, como conducentes mais para confundir do que esclarecer o assumpto, trataremos delle com o esboço seguinte:

I Unidade II. Eternidade. III Espirituplidade. IV Omnisciencia. V Omnipotencia. VI Omnipresença. VII. Immutabilidade VIII Sabedoria. IX. Verdade X. Sanctidade. XI. Justiça, e XII. Bondade

I. Unidade

1 Que ha só um Deus, claramente se vê das seguintes passagens: «O Senhor é Deus *nenhum outro*

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

ha sinão Elle» (Deut. 4 : 35). «Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus *é o unico Senhor.*» (Deut. 6 : 4.) «Grandioso és, oh Senhor Jehovah, porque não ha similhante a ti, *e não ha outro Deus sinão tu só.*» (2 Sam. 7 22.) «Eu sou o primeiro e eu sou o ultimo, e *fóra de mim não ha Deus.*» (Isa. 44 6.) «*Não ha outro Deus sinão eu, Eu sou Deus e não ha outro.* Eu sou o Senhor, e *não ha outro* e *fóra de mim não ha Deus.*» (Isa. 45 : 21, 22, 25.) «Porque tu és grande e fazes maravilhas, *só tu és Deus.*» (Ps. 86 : 10.) «Que te conheçam a ti só, por *unico Deus verdadeiro.*» (S. João 17 3). *Não ha algum outro Deus sinão um só.*» «*Ha um só Deus.*» (1 Cor. 8 : 4, 6.) «*Um Deus* e Pae de todos.» (Eph. 4: 6.)

2. A Unidade divina é opposta ao *Dualismo*—que é a crença em duas divindades antagonicas e eternas, uma bôa e outra má:—igualmente oppõe-se ao Polytheismo—que vem a ser uma pluralidade de deuses. Estes dois erros são fructiferos na producção de toda a sorte de impureza e immoralidade.

3. «A unidade de Deus, uma doutrina tão essencial para o culto verdadeiro, vemos declarada repetidamente. A pluralidade de deuses é o erro primordial do paganismo.

Assim, quando as nações pagans abandonaram a unidade de Deus, quão depressa se lançaram no golfo negro do polytheismo! «E mudaram a gloria de Deus incorruptivel em similhança de imagem de homem corruptivel, e de aves, e de quadrupedes, e de reptis.» (Rom. 1 : 23.) Bem disse o apostolo, «e o seu coração insensato se entenebreceu, publicando-se sabios tornaram-se loucos.» (Rom. 1 : 21, 22.) «Porque a razão si não fosse tristemente perdida, havia de dizer : Não póde existir sinão um só Grande e Supremo Ser.» (1)

---

(1) Ralstons, Elements of Divinity.

II. Eternidade

1 *Eternidade*, ou a duração sem origem e sem fim, é tambem ensinada como attributo de Deus. Diz o Sr. Wesley: «Aprendemos que Deus é eterno, cujas sahidas são desde os dias da eternidade, (Miq. 5 : 2) e continuarão até a eternidade ; como Elle sempre era, assim sempre será; como Elle não teve principio, assim não terá jámais fim.

Todos admittem que isto indica-se por seu nome proprio, Jehovah : que o apostolo João traduz por «Aquelle que é, e que era, e que sempre será. » (Apoc. 1 : 4.) (1)

2. Além disto achamos a doutrina ensinada nas passagens seguintes «*Eu vivo para sempre*» (Deut. 32 40.) «Eis que Deus é grande e nós não o comprehendemos, e *o numero* dos *seus annos não se póde esquadrinhar.*» (Job. 36: 26.) «Antes que os montes nascessem ou que tu formasses a terra e o mundo, *mesmo de eternidade em eternidade tu és Deus.*» (Ps. 90 2.) «*Tu és desde a eternidade.*» (Ps. 93 2.) «Tu, Senhor, *permanecerás para sempre, os teus annos são por todas as gerações.*» Desde a antiguidade fundaste a terra; e os céus são obra das tuas mãos, elles perecerão mas permanecerás; todos elles se envelhecerão como um vestido, como roupa os mudarás, e ficarão mudados porém *tu és* o *mesmo*, e *os teus annos nunca terão fim.*» (Ps. 102: 12, 84, 27.) «Porque assim diz o Alto e o Sublime que *habita na eternidade* » (Isa. 57 : 15.) «Ora, ao *Pae dos seculos*, immortal, invisivel, ao só Deus sabio, *seja honra e gloria para todo o sempre Amen.*» (1 Thess. 1 17) « *Tu és o mesmo e os teus annos não acabarão.* (Heb. 1.12)

3. «As passagens citadas bastam para mostrar a *eternidade* de Deus. Na contemplação deste assumpto somos opprimidos com sua immensidade. Tudo ao re-

(1) Wesleys Sermons Vol. 4 Pg. 274.

dor de nós, tudo quanto vemos tem uma origem a terra, o mar, os montes, e, até os mesmos anjos só datam de hontem, em comparação com Deus. De Deus só podemos dizer, que sempre existiu.

A imaginação pode retroceder até a mais longinqua *eternidade do passado* e jámais chegará a um periodo em que Deus não haja existido. Póde voar com as suas azas, e com a velocidade do pensamento até milhões de seculos no espaço immenso da eternidade futura e não attingirá ao tempo em que Deus deixará de existir Em sentido emphatico, não applicavel a nenhuma creatura, podemos dizer que *Deus é eterno.*»

4. «A voz da razão abertamente corrobora a revelação sobre este assumpto; porque si Deus não tivesse existido desde a eternidade, seria impossivel a sua existencia originar-se em qualquer tempo. Não existiria cousa efficiente, e, um effeito sem causa é absurdo de philosophia.

Si alguma cousa existe agora, alguma cousa deve ter sido eterna. mas estamos certos da existencia das cousas presentes, por isso, a razão irresistivelmente conclue que *Deus é eterno.*» (1)

III. Espiritualidade

1 As Sagradas Escripturas ensinam que a *divina essencia* é puramente espiritual, nas passagens que seguem «*Deus é Espirito.*» (S. João 4 24.) «Ora *o Senhor é Espirito.*» (2 Cor 3 17)

O Velho Testamento ensina esta verdade em opposição ao materialismo : isto se vê nas numerosas passagens contra a idolatria, que se encontram na Lei e nos Prophetas.

2. «Era opinião dos antigos, tanto judeus como christãos, que só Deus é puro Espirito, totalmente separado de toda a materia, entretanto elles julgavam que

---

(1) Ralston's—Elements of Divinity.

os mais espiritos os archanjos, os cherubins e Seraphins, residiam em vehiculos materiaes, posto que de uma substancia mui leve e transparente.»

3. «Mas quão infinitamente não excede a comprehensão humana a natureza altamente *espiritual* desta doutrina!» (1)

Quem poderá analysar esta essencia espiritual? Mas o mysterio em que se envolve a espiritualidade da essencia divina, não é argumento contra a existencia dessa essencia espiritual. Podemos sómente comprehender o assumpto em relação a suas propriedades: de sua essencia nada sabemos. Como comprehenderemos, então a essencia espiritual de Deus? Não ha facto mais real do que o da existencia de alguma cousa inteiramente distincta da materia e possuindo propriedades em tudo dissimilhantes ás dessa; conhecemos tão certamente como qualquer outra cousa qua a materia em si não possue intelligencia, não pode perceber interiormente nem a felicidade, nem a miseria, nem a justiça, nem a injustiça, não póde pensar, nem meditar, nem sentir, e, mais, é nos impossivel duvidar de que alguma cousa existe e que possue todos estes poderes. Temos essa evidencia por demais gravada em nós mesmos para que della possamos duvidar Então é isto o que entendemos por espirito.»

4. Nosso Salvador diz: «Deus é Espirito.» Comquanto seja para nós incomprehensivel a natureza desse Espirito, com tudo é incontestavel que nosso Senhor usou da palavra para fazel-a distinguir da materia. Portanto, não é sómente a razão mas tambem as Escripturas Sagradas que oppõem a theoria de uma deidade material. O Pantheismo e o materialismo em todas as suas fórmas, são ao mesmo tempo contra a razão e contra a revelação; em suas naturezas e tendencias são subversivas a toda a religião. A existencia eterna de

(1) **Wesley's—Sermons.**

um Espirito infinito e pessoal, é a unica theoria de crença religiosa adaptada á condição do homem como agente moral, responsavel e ao mesmo tempo dependente. Assim como é certo que a materia não possue em si mesma o pensamento, a razão, a sciencia e o poder de movimento, assim tambem é certo, que existe o Auctor, o Creador, o Sustentaculo de todas as cousas. Um Ser cuja natureza é puramente espiritual é assumpto maravilhoso para nós; mas quando pensamos na immensidade, belleza e grandeza de suas obras, na immensidade e magestade de seu dominio, podemos sómente concluir que Elle é um Espirito puro, infinito e sem origem. Por isso, si é certo que Deus existe, certo é tambem que a espiritualidade é um dos seus attributos essenciaes.»

IV Omnisciencia

1 Omnisciencia, ou a Sciencia Universal, é um attributo de Deus, claramente apresentado nas seguintes Escripturas: «Porque *os seus olhos estão sobre os caminhos de cada um e elle vê todos os seus passos. Não ha trevas nem sombra de morte, onde se escondam os que obram iniquidade.*» (Job 34:21, 22.) « *O seu entendimento é infinito.*» (Ps. 147:5.) « *Porque esquadrinha o Senhor todos os corações, e entende todas as imaginações dos pensamentos.* (1 Chron. 28 9.) « *São notorias* a Deus desde toda a eternidade *as suas obras.*» (Act. 15: 18.) « *E não ha creatura alguma encoberta diante delle ; antes todas as cousas estão nuas e patentes aos olhos daquelle com quem temos de tractar.*» (Heb. 4 13.) Senhor tu me sondastes e me conheces, tu sabes o meu assentar e o meu levantar: de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos. Não havendo palavra alguma na minha lingua eis que logo *o Senhor tudo conhece...* nem ainda as trevas me encobrem de ti mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma cousa.» (Ps. 139: 1, 4, 12.)

2. Destas passagens se vê claramente que Deus possue o attributo da Omnisciencia. «Para Elle nada póde ser difficil nem mysterioso mas todas as cousas são egualmente faceis para o seu entendimento e claras á sua vista.»

3. Este conhecimento perfeito não tem restricção alguma em qualquer parte do seu dominio, mas se extende dos céus para a terra e para o inferno: sim pelos illimitaveis confins da immensidade. Não podemos suppor que se applique sómente áquellas cousas que segundo o julgamento de capacidades finitas, são de consequencia e importancia; mas extende-se a todas as cousas grandes e pequenas. O insecto, é tão perfeitamente conhecido, como o anjo, em toda a sua organisação mysteriosa e historia particular »

4. «O conhecimento infinito de Deus não sómente comprehende todas as cousas grandes e pequenas, animadas e inanimadas, materiaes e espirituaes, por toda a parte do immenso espaço, mas tambem em toda a parte dos infinitos periodos da duração. Todas as cousas passadas e futuras são tão claramente vistas e tão inteiramente comprehendidas como o mais claro evento do presente.» (1)

5. Não acreditamos o Sr. Binney quando elle diz: «*Os termos presciencia* ou *conhecimento previo*, quando applicados a Deus são improprios. Para Jehovah nada rigorosamente fallando, é futuro ou passado, mas o que Elle conhece, Elle sabe como a cousa *é*, e não como *ha de ser* Duração passada e futura, é uma armação dentro da qual se limita todo o pensamento humano. Não existe uma similhante limitação para a intelligencia de Deus.» (2)

6. E' difficil saber-se o que o Dr. Binney queria dizer no trecho já citado. Que o conhecimento ou a in-

(1) Ralston's—Elements of Divinity.
(2) Compendio de Theologia P. 73.

telligencia de Deus não tem limites, todos estão promptos a admittir. E que Deus conhece agora todas as cousas passadas, presentes e futnras com egual facilidade, tambem não estamos dispostos a contestar Mas para dizer que para Deus não ha futuro nem passado, mas que tudo é presente, seria um absurdo. Porque um acto passado e acabado não é mais presente, nem futuro, da mesma fórma um acto que origina-se no presente, ou que possa originar-se no futuro, não póde ser ao mesmo tempo passado e acabado.

E' impossivel que Deus pense que Moysés e os israelitas estão ainda viajando pelo deserto ou, que Salomão está presentemente consagrando o templo em Jerusalem; nem póde Deus pensar que hoje é o dia do Juizo Final. Por isso dizer que Deus conhece eventos passados como presentes ou eventos que não têm acontecido ainda como presentes. No logar de conhecimento «*como a cousa é,*» é realmente conhecimento *como a cousa não é.* A verdade é que Deus conhece todas as cousas passadas, presentes e futuras, mas Elle conhece os eventos passados como passados, os presentes como presentes e os futuros como futuros.

7 No mesmo sentido falla o Dr Ralston «O conhecimento da Deidade deve ser comprehendido como concordando perfeitamente com as cousas conhecidas, não só com respeito á sua natureza, mas tambem com referencia ao periodo de sua existencia. Elle vê e conhece as cousas como as cousas *são*, presentes, passados e futuros, e não de modo differente do que *são.* Assim, suppor que elle veja e conheça eventos passados como futuros, ou eventos futuros como passados, seria absurdo. E parecia egualmente absurdo suppor que veja ou conheça eventos passados ou futuros como presentes, quando verdadeiramente, não estão no presente.

E' verdade que todas as cousas estão nuas e pa-

tentes aos olhos d'Aquelle com quem temos de tractar, —o passado e o futuro são vistos com a mesma clareza como o presente, mas dizer que são *vistos como presentes* quando o facto é que *não estão presentes*, significaria que Deus não vê nem conhece as cousas como em realidade ellas são: e consequentemente que o seu conhecimento é imperfeito. O sentimento de que para Deus ha um eterno presente, si fôr interpretado como sómente significando que o presente, o passado e o futuro, são todos vistos ao mesmo tempo, e com egual clareza, é razoavel e tambem escripturistico mas si fôr comprehendido como significando que para a Deidade, o passado, o presente e o futuro são todos a mesma cousa, e que a duração para Elle é essencialmente differente do que para nós, não correndo em successão de periodos, é ideia inintelligivel e absurda.» (1)

8. Em outro logar diz o Dr Ralston «Este conhecimento não é considerado como tendo uma existencia *possivel* em algumas cousas, e uma existencia *real* em outras, conforme forem tomadas em accepção mais ou menos importante, ou tambem si merecem ou não attenção divina mas em todas as cousas é um conhecimento que *existe actualmente*. Verdadeiramente *o poder de conhecer* e o *conhecimento* mesmo são cousas muito distinctas.

O primeiro não constitue parte alguma do attributo de Omnisciencia, mas é incluido propriamente no attributo de Omnipotencia. Por isso, dizer que Deus não conhece actualmente todas as cousas, mas com respeito a algumas cousas, só possue o poder de as conhecer, sem que desse poder se utilize, seria negar claramente a perfeição de Omnisciencia». (2)

9. Com razão diz o dr Binney· «O simples facto

---

(1) Ralston's—Elements of Divinity, pag. 24.

(2) Ralston's—Elements of Divinity, pag. 23-24.

de Deus ter sciencia das cousas não influe em nada, nem de modo algum muda a natureza das cousas, pela simples razão de que é SCIENCIA e não INFLUENCIA, NEM CAUSA.»

10. «Algumas acções são *necessarias*, como o respirar e o dormir; outras são *livres*, e como taes são conhecidas por Deus. Si qualquer cousa fosse diversa do que é, Deus havia conhecel-a como sendo diversa. A sciencia origina-se do acto, e não o acto da sciencia, assim como a impressão do carimbo e não o carimbo da impressão.» (1)

11. *Sobre a divina presciencia* dos eventos contingentes, citamos as seguintes palavras do grande theologo methodista Ricardo Watson. Diz elle: « A grande fallacia no argumento de que a presciencia certa de uma acção moral destroe sua natureza contingente, funda-se na supposição de que a contingencia e a certeza oppõem-se uma á outra. E' talvez por infelicidade que foi introduzida esta palavra de etymologia figurada, e por consequencia de significação sómente ideal em taes asumpstos, porque é mais succeptivel por isso, de apresentar-se as differentes intelligencias sob differente aspecto de significação. Si o termo *contingente*, nesta controversia, tem qualquer sentido definitivo quando empregado em relação ás acções moraes dos homens, deve significar isto *sua liberdade*, sendo opposta não á *certeza* mas á *necessidade*. Uma acção *livre* é voluntaria; e uma acção que resulta da escolha do agente distingue-se da acção necessaria nisto: que a acção voluntaria poderia ser omittida de fazer-se, ou que ella podia ter succedido de um modo differente, segundo o poder determinador do agente. E' com referencia a esta qualidade especifica da acção livre que o termo contingencia é empregado — *podia ter succedido de outro modo*: em outras palavras não foi obrigado. Contingencias em acções

(1) Compendio de Theologia.

moraes, é por isso sua *liberdade*, e não se oppõe á *certeza*, mas á *necessidade*. A mesma natureza desta controversia fixa assim o sentido exacto do termo. Em verdade a questão não versa sobre a certeza das acções moraes; isto é, si ellas *acontecerão* ou não, mas versa sobre a natureza dellas, a saber, si são livres ou forçosas, si acontecem fatalmente ou não. Aquelles que advogam esta theoria não olham para a certeza das acções moraes, simplesmente consideradas; isto é, si ellas terão logar ou não: a razão de sua objecção á presciencia certa das acções moraes é a conclusão que elles tiram d'ahi, de que tal presciencia as faz *necessarias*. Luctam pela qualidade da acção, e não indagam si ella acontecerá ou deixará de acontecer Agora, si a contingencia significasse incerteza—sentido em que tomam taes theoristas— a controversia seria no fim. E' verdade que uma acção incerta não póde ser prevista como certa, porém, póde uma acção livre e sem obrigação ; porque nada ha no conhecimento da acção que produza effeito algum sobre a sua natureza. Simples conhecimento não é, em qualquer sentido, causa da acção, nem póde ser tido como *causal*, sem connexão com um poder exercido; como mero conhecimento, pois, uma acção é livre ou obrigatoria, conforme o caso. Uma acção obrigatoria não torna-se voluntaria por ser prevista: da mesma fórma uma acção involuntaria torna-se obrigatoria. Acções voluntarias, por serem previstas, não deixarão, por isso, de ser contingentes. Mas como fica o caso com respeito á sua certeza? Exactamente sobre a mesma base. A certeza de uma acção obrigatoria, prevista, não resulta do conhecimento da acção, mas da operação da causa que faz a obrigação ; e, do mesmo modo, a certeza de uma acção voluntaria, não resulta do conhecimento della, que não é causa alguma, mas da causa voluntaria, que é a determinação da vontade. Em nada influe no assumpto o dizer que a acção voluntaria podia

ter succedido de outro modo. Si tivesse succedido de outro modo o conhecimento della teria sido de outro modo. Mas como a vontade de que nasce a acção, não depende do previo conhecimento de Deus, mas o conhecimento da acção depende sobre a *presciencia da escolha* da Vontade, nem a Vontade, nem o acto são dirigidos pelo conhecimento; e o acto, ainda que previsto, é voluntario ou contingente».

12. « A presciencia de Deus, então, não influe sobre a liberdade ou certeza das acções, pela clara razão de que é *conhecimento*, e não *influencia;* e as acções podem ser certamente previstas sem serem obrigadas por essa presciencia. Mas diz-se aqui, si o resultado de uma contingencia absoluta fosse certamente prevista, *não poderia* ter outro resultado, *não poderia acontecer* de outro modo. Esta não é a verdadeira conclusão. Não acontecerá de outro modo; mas pergunto porque não *póde* acontecer de outro modo? *Póde* é expressão de potestade; significa poder ou possibilidade. A objecção é que não é possivel que a acção aconteça de outro modo. Porque não? O que a priva daquelle poder? Si considerassemos uma acção obrigada, o resultado não podia ser outro sinão aquelle que a causa obrigatoria determinasse, e nesse caso se originaria sómente dessa causa obrigatoria e não da presciencia da acção, o que não é causal. Mas si a acção fôr livre, e si a verdadeira natureza de uma acção voluntaria consiste em não ser ella obrigada, então poderia dar-se por mil outros caminhos, ou ainda não ter logar algum; a presciencia della não influe mais na natureza deste caso do que n'outro. Toda a sua potestade, por assim dizer, fica independente da presciencia, que em nada augmenta ou diminue a possibilidade de dar-se por outro modo. Mas dizem alguns que a presciencia em tal caso, deve ser incerta; não assim até que alguem prove que a presciencia divina não póde penetrar todas as

obras da intelligencia humana, todas as suas comparações das cousas em formar seu juizo, todas as influencias de motivos nas affeições, todas as hesitações e irresoluções da Vontade, para fazer sua escolha final. *Tal sciencia é para nós maravilhosissima;* mas tal é a sciencia d'Aquelle que entende de longe os pensamentos do homem». (1)

De tudo que tem-se dicto, concluimos que o Grande Creador possue o attributo de Omnisciencia.

V Omnipotencia

1. A Omnipotencia, ou o poder de fazer tudo que lhe apraz, ou que não seja contrario á sua natureza, é um attributo de Deus, gloriosamente affirmado nas Sagradas Escripturas.

Não ha limites no seu poder; no primeiro capitulo do Genesis achamos a expressão do poder infinito de Deus nas palavras: «No principio creou Deus o céu e a terra». (Gen. 1:1). « O' Senhor Deus dos exercitos, quem é *forte* como tu, Senhor? Tu tens um *braço poderoso, forte é a tua mão,* e alta está a tua dextra». (Ps. 89: 8,13). «*Tudo o que o Senhor quiz, fez,* nos céus e na terra, nos mares e em todos os abysmos». (Ps. 135:6). «Quem pois entenderá *o trovão do seu poder?* (Job. 26:14). «Deus fallou uma vez: duas vezes tenho ouvido isto: que *o poder pertence a Deus*». (Ps. 62:11). «Elle é aquelle que fez a terra com o seu poder, que estabeleceu o mundo com a sua sabedoria, e com a sua intelligencia extendeu os céus. Dando a sua voz, logo ha arroido de aguas no céu, e faz subir os vapores da extremidade da terra faz os relampagos juntamente com a chuva, e faz sahir o vento dos seus thesouros» (Jer. 10:12,13).

Aos homens ha muitas cousas impossiveis, «mas a Deus *tudo é possivel*». (Mat. 19:26). «Deus veiu de

---

(1) Vatson's Institutes, pags. 215—216.

Temam, e o santo do monte Paran (Selah). A sua gloria cobriu os céus e a terra foi cheia do seu louvor. E o resplandor se fez como a luz, raios brilhantes lhe sahiam da sua mão, e alli estava o *esconderijo da sua força.* Deante delle ia a peste, e queimaduras passaram deante dos seus pés. Parou e mediu a terra: olhou e fez sahir as nações, e os montes perpetuos foram esmiuçados, e os outeiros eternos se encurvaram, porque o andar eterno é seu» (Hab. 3:3,46). «Tua é, Senhor, a magnificencia, e o poder, e a honra, e a victoria, e a magestade; porque teu é tudo quanto ha nos céus e na terra; teu é, Senhor, o reino, e tu te exaltaste sobre todos por chefe. E riquezas e gloria vêm deante de ti, e tu dominas sobre tudo, e na tua mão está o engrandecer e exforçar a tudo». (1 Chron. 29:11,12).

2 Nestas passagens se vê que Deus é «o *Todo-Poderoso*».

Ralston diz «Entendemos por isso que Deus é capaz de fazer todas as coisas que, pelo poder omnipotente, podem ser feitas. Mas ao mesmo tempo, todos os attributos se harmonizam, e o poder infinito jámais póde ser exercido de maneira a produzir uma contradicção em si mesmo, ou o que é inconsistente com a natureza divina mas isto não indica imperfeição alguma neste attributo, mas antes exhibe sua excellencia superlativa». (1)

3. Este attributo deve infundir grande temor no coração do impio, porque Deus diz: «Os impios serão lançados no inferno, e todas as gentes que se esquecem de Deus». (Ps. 9:17). E sabemos que Elle tem poder para executar a pena da lei. Ouvi pois isto, vós que vos esqueceis de Deus; para que não vos faça em pedaços, sem haver quem vos livre». (Ps. 50:22). Mas por outro lado o justo deve animar e consolar-se no pensamento

(1) Ralston's, Elements.

que Aquelle que tem promettido tambem é «poderoso para o fazer». (Rom. 4:27). Confiando na Omnipotencia divina, elle póde dizer com David: «O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida de quem me recearei? Ainda que um exercito me cercasse, o meu coração não temeria: ainda que a guerra se levantasse contra mim, nisto confiarei». (Ps. 27:1,3). Porque o Senhor é um sol e escudo. O Senhor dará graça e gloria, não retirará bem algum aos que andam na rectidão». (Ps. 84.11). *Si este «Deus é por nós, quem será contra nós»?* (Rom. 8:33).

VI. Omnipresença

1 Omnipresença, ou existencia ao mesmo tempo, em toda a parte, é um attributo de Deus. Elle existe por todo o espaço infinito «não por uma extensão de suas partes, mas pela essencia do seu ser». (1) Isto se vê da seguinte pergunta feita por elle mesmo, o que é egual á mais forte affirmação «Não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor», (Jer 23:24). Na linguagem hebraica a expressão os céus e a terra, significava o universo inteiro. Este universo, segundo a propria declaração de Deus, está cheio da sua presença. (2) «Como alguem disse Seu centro está em todo o logar, e sua circumferencia não existe. Este attributo segundo a verdadeira natureza das cousas, parece ser essencial ao caracter divino. Porque sem elle, não vemos o modo porque o poder, a sabedoria, a bondade e os mais attributos divinos possam ser exercidos, e, talvez, a ignorancia sobre a Ubiquidade divina levasse as nações pagans para a superstição do polytheismo. Quão incomprehensivel é este, quanto o são todos os mais attributos de Deus! Nós só podemos estar presentes em um logar ao mesmo tempo: nem podemos julgar pelo

(1) Compendio Theologico, pag. 78.

(2) Wesley's—Sermons, vol. 4, pags. 274-275.

testemunho proveniente da razão e da revelação, que qualquer intelligencia creada possa occupar, ao mesmo tempo, duas posições separadas e distinctas no espaço. Póde ser que os espiritos decahidos, sanctos anjos, e os espiritos dos justos aperfeiçoados, passem de mundo a mundo com a velocidade do pensamento: Mas não temos evidencia alguma que haja alguem mais sinão um *Ser Omnipresente*». (1)

2. Não ha attributo divino, apresentado nas Sagradas Escripturas em linguagem mais sublime do que o da Omnipresença de Deus. O Psalmista disse: «Para onde me irei do teu Espirito, ou para onde fugirei da tua face? Si subir ao céu, lá tu estás: se fizer no inferno a minha cama, eis que tu alli estás tambem. Si tomar as azas da alva, si habitar nas extremidades do mar, até alli a tua mão me guiará e a tua dextra me susterá». (Ps. 139:7,10). «Assim diz o Senhor: Os céus são o meu throno, e a terra o escabello dos meus pés». (Isa. 66:1). Ainda que cavem até ao inferno, a minha mão os tirará dalli; e, si subirem ao céu, dalli os farei descer E si se esconderem no cume do Carmelo, buscal-os-hei, e dalli os tirarei; e si se occultarem aos meus olhos no fundo do mar, alli darei ordem á serpente e ella os morderá». (Amós 9:2,3). Os olhos do Senhor estão em todo o logar contemplando os máus e os bons. (Prov. 15:3). N'Elle vivemos, e nos movemos, e existimos». (Actos 17:58). «O complemento daquelle que cumpre tudo em todos». (Eph. 1:23). Em vista da grandeza deste attributo de nosso Deus, podemos exclamar com Salomão «Os céus e o céu dos céus não te podem conter (2 Chron. 6:18)».

3 Deus está em toda a parte! Que pensamento medonho para o impio! Porque não se sabe nem o dia, nem a hora em que Elle dirá: Basta, «apartae-vos de mim, vós todos os que obraes a iniquidade» S. Lucas,

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity, p. 30.

13:27). Porém para o bom christão, que pensamento consolador! Elle póde dizer com David: «Deus é o nosso refugio e fortaleza, *soccorro, bem presente* na angustia. Pelo que não temeremos ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares» (Ps. 49:1,2).

VII. Immutabilidade

1. Vemos que Deus tem tambem o attributo de immutabilidade pelas citações seguintes: «Toda a boa dadiva e todo o dom perfeito é do alto e desce do Pae das luzes, em quem *não ha mudança, nem sombra de variação.* (S. Thiago 1.17). «Porque o Senhor *não muda*» (Mal. 3:6). O Psalmista disse: «Porém tu és *o mesmo* e os teus annos nunca terão fim». (Ps. 102:27). «Porém tu és *o mesmo* e os teus annos não acabarão». (Heb. 1:12).

2. «Vemos pois que em seu ser e perfeição Deus é eternamente *o mesmo.* Elle não deixa de existir, nem póde ser mais perfeito, porque a sua perfeição é *absoluta*: Não póde ser menos perfeito porque Elle é independente de todo o poder externo, e não ha nenhum principio eterno que possa decahir. Não se deve interpretar a immutabilidade de Deus, como significando que suas *operações* não admittissem mudança ou variação alguma. Nem como si a mente d'Elle não podesse ter *inclinação* e *affeição* differentes para com a mesma creatura sob circumstancias differentes.

Elle se representa creando e destruindo, como ferindo e fazendo sarar, como obrando e deixando de obrar, como amando e aborrecendo Mas estas affeições, sob a direcção da mesma sabedoria, sanctidade, bondade e justiça immutaveis, são evidencias, não de mudança, mas sim de *principios* immutaveis. São perfeições, não imperfeições. A diversidade de operação, e o poder de começar e deixar de agir, mostram a liber-

dade de sua natureza: a direcção desta operação para bons e sabios fins, mostra a sua excellencia.

Assim, na linguagem das Escripturas, Elle se arrepende de um castigo ameaçado ou já principiado, e mostra misericordia; em outro logar, como fatigado de soffrer os impios obstinados, Elle finalmente inflige sobre elles o castigo merecido. Assim, elle aborrece áquelle que obra a iniquidade, mas ama aos justos. Este amor tambem póde-se perder, si o justo desviar-se da sua justiça. Egualmente este odio póde-se desviar, convertendo-se o impio da sua impiedade. Ha um sentido em que isto póde-se denominar, mudança em Deus, mas não é mudança que indica imperfeição. Isto argumenta exactamente ao contrario. Si quando o justo se desviasse da sua justiça, o amor de Deus fosse para com elle immutavel, Deus não podia ser ao mesmo tempo immutavel e sancto, o aborrecedor da iniquidade; e, si quando o impio se convertesse da sua iniquidade, e se tornasse, pela graça do Espirito Sancto, em creatura nova, si elle ao mesmo tempo não se tornasse objecto do temor de Deus, Deus não seria immutavel como o amante da justiça. Vemos, pois, que estas doutrinas escripturisticas não contradizem, mas antes confirmam a doutrina da immutabilidade divina» (1)

3. «Por immutabilidade de Deus, assim ensinada, entendemos que todos os *seus attributos continuam sem variação*, e que Elle é hoje em sua natureza propria e essencial, o mesmo que será para sempre. Mas isto não significa que não possa mudar suas dispensações para com os homens. A verdade é, que a propria immutabilidade de Deus requer que seus negocios para com as suas creaturas sejam mudados para corresponder á condicção das nações e individuos differentes, e da mesma nação ou individuos em tempos differentes.

---

(1) Wattson s Institutes, pag. 227.

Assim Elle póde olhar com complacencia para o peccador arrependido, por quem foi offendido durante sua rebellião; emquanto o apostata, a quem Elle uma vez dispensou seus sorrisos, está agora sob seu sancto desprazer». (1)

VIII Sabedoria

1. A' primeira vista, a sabedoria de Deus parece ser incluida no attributo de omnisciencia, mas ha uma differença entre sciencia e sabedoria. Sciencia é o conhecimento, emquanto a «Sabedoria é *o uso correcto ou o exercicio*, a escolha dos fins louvaveis e o melhor modo de fazel-os: ou em uma palavra, *pericia.*» Vemos nas seguintes citações que as Escripturas fazem uma distincção entre a *Sabedoria* e a *Sciencia* «Porque a um pelo Espirito é dada a palavra da *Sabedoria;* e a outro, pelo mesmo Espirito a palavra da *Sciencia.*» (1 Cor. 12: 8.) O' profundidade das riquezas, tanto da *Sabedoria*, como da *Sciencia* de Deus!» (Rom. 11 33.)

2. O attributo de sabedoria é predicado de Deus nas passagens seguintes: «O Senhor com *sabedoria* fundou a terra.» (Prov 3 : 19) No qual estão escondidos todos os thesouros da *sabedoria* e da sciencia.» (Col. 2 : 3.) «Ao só Deus *sabio* seja honra e gloria para todo o sempre. Amen.» (1 Tim. 1 : 17) «Para que agora pela Egreja a multiforme *sabedoria* de Deus seja manifestada aos principados e potestades nos céus.» (Eph. 3 : 10.) «Ao só Deus *sabio*, nosso Salvador, seja gloria e magestade, força e poder, assim agora como para todo o sempre.» (S. Judas 25.)

3. Este attributo divino manifesta-se em todas as obras de Deus: na creação, providencia e redempção Diz o Dr Ralston «Si olharmos para a creação que nos rodeia, veremos por toda a parte, não só a evidencia

---

(1) Ralston s—Elements, pag. 30.

da Sabedoria infinita na estructura das cousas e na ordem de suas partes e propriedades, mas tambem uma adaptação sabia dos meios appropriados a fins os mais benevolentes. Com que sublimidade e pericia, forças naturaes foram organisadas e collocadas para a producção dos alimenticios vegetaes da terra, e quão admiravelmente não se adaptam ellas ás necessidades tanto dos homens como dos animaes! As propriedades da terra, a aptidão das sementes, a chuva, a luz do sol, e a successão das estações, todos se concordam para cobrir de verde a terra e prover abundantemente os celleiros.»

4. «Mas, a mais gloriosa demonstração da sabedoria divina vê-se, no maravilhoso plano de Redempção.»

«O Evangelho é a mais alta manifestação da sabedoria divina jámais vista pelos homens ou pelos anjos. E' o mysterio mais sublime que São Paulo affirma que lhe foi dado conhecer em revelação o qual n'outros seculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora é revelado pelo Espirito aos seus sanctos apostolos e prophetas; a saber, que os gentios são coherdeiros e de um mesmo corpo, e participantes da sua promessa em Christo pelo Evangelho! Para mostrar a todos, qual seja a communhão do mysterio, que desde todos os seculos esteve occulto em Deus, a illustração mais brilhante do seu resplandecente attributo jámais descoberta á vista dos principados e potestades nos céus. Bem podia o apostolo exclamar depois de tal meditação sobre a sabedoria divina: a esse seja gloria na Egreja, por Jesus Christo, em todas as gerações, para todo o sempre.» (1)

IX Verdade

1 A verdade é attribuida a Deus nas Sanctas Escripturas, mas sendo esta uma manifestação do attribu-

(1) Ralston's—Elements of Divinity, pag. 27-28.

to de sanctidade, alguns theologos têm por isso considerado a verdade em connexão com a sanctidade. Seguindo a Ralston «Como a verdade é um bem moral, e a falsidade um mal moral, e como a sanctidade inclue todo o bem moral, segue-se necessariamente que a verdade no proprio sentido da palavra, está abrangida na essencia de sanctidade. A verdade é que todos os attributos divinos se harmonizam tão perfeitamente, alguns delles como gottas unidas que correm umas para as outras, que ás vezes é difficil, por nossas fórmas de pensamentos ou de palvras distinguir um dos outros.» (2)

2. Este attributo se prova pelas seguintes passagens das Escripturas: «Deus grande em beneficiencia e *verdade.*» (Ex. 34 6.) Deus não é homem *para que minta*, nem filho do homem, para que se arrependa: porventura *diria elle e não* o faria? Ou fallaria e não o confirmaria? (Num. 23 : 19) «*Deus é verdade*, e não ha n'elle injustiça; justo e recto é.» (Deut. 32 4.) «Porque o Senhor é bom e eterna a sua misericordia; e a sua *verdade* dura de geração em geração.» (Ps. 100 5.) A *verdade* do Senhor dura para sempre.» (Ps. 146 : 6.) «A tua palavra é a *verdade* desde o principio.» (Ps. 119: 160.) «Todas as veredas do Senhor são misericordia e *verdade.*» (Ps. 25 : 10.) «A tua *verdade* chega até as mais altas nuvens.» (Ps. 108 : 4.) «Em esperança da vida eterna a qual Deus, que *não póde mentir*, prometteu antes dos tempos dos seculos.» (Tit. 1:2.) «Para que por duas cousas immutaveis, nas quaes é *impossivel que Deus minta.*» etc. (Heb. 6 : 18.)

3. «Destas e outras passagens, claro é que a verdade foi considerada pelos escriptores inspirados em dois grandes ramos — *veracidade e fidelidade* — os quaes elles attribuem a Deus, com uma emphase e vigor de linguagem que demonstra a sua crença dos factos, e, ao

---

(1) **Ralston, Elements of Divinity, pag. 31.**

mesmo tempo, a fé e a confiança n'elles, annunciando assim a posição importante que elles julgavam a existencia de *tal* ente verdadeiro, occupar no systema da religião revelada.» (1)

(1.) Sob o aspecto de *veracidade*, a «pureza da verdadeira religião é gloriosamente exhibida em opposição ás vaidades mentirosas do paganismo. Emquanto que nos systemas de cultos pagãos nada vemos que não seja vaidade, decepção ou falsidade, achamos na Biblia revelado um Deus que tem a natureza da *verdade*, e um systema de cultos composto de verdades, sem qualquer mistura de falsidade ou erro.» (2)

(2.) A *fidelidade* de Deus é tal, que elle não póde enganar as suas creaturas por uma mentira, nem por qualquer representação falsa. «Não póde falhar no cumprimento de suas promessas. E' verdade que muitas das suas promessas são condicionaes e ás vezes estas condições não são explicitas, mas implicitas. Mas em todo o caso as promessas de Deus são, «sim e amen.» Se preenchermos as condições, a promessa fica segura.»

«Este attributo harmonisa-se com todos os outros porque como Deus é *puro*, *justo* e *bom*, jámais póde enganar as suas creaturas, ou permittir que as suas palavras faltem. Pois disse o Senhor : «O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não *hão de passar* » (3)

X SANCTIDADE

1. A sanctidade quando attribuida a Deus quer dizer pureza perfeita e rectidão absoluta de sua natureza. Numerosas e bem explicitas são as passagens que encontramos sobre este assumpto ; entre muitas escolhe-

(1) Watson's, pag. 251.
(2) Ralston's Elements of Divinity. P. 32.
(3) Ralston's Elements. Institutes.

mos as seguintes: «Eu sou o senhor, *eu sou sancto.*» (Lev 11 : 44.) «Sêde sanctos porque *eu sou sancto.*» (1 Ped. 1 : 16.) «*Tu és sancto.*» (Ps. 22 3.) »Tu és tão *puro* de olhos que não pódes ver o mal, e a vexação não pódes contemplar.» (Hab. 1 : 3.) «Até as estrellas não são *puras aos seus olhos.*» (Job 25 : 5.) «*Sancto, sancto, sancto* é o Senhor dos exercitos.» (Isa. 6 : 3.) «O' meu Deus, cantarei com harpa a ti, *oh sancto de Israel.*» (Ps. 71 22.) «Porque só tu és *sancto.*» (Apoc. 15 4.) «E não descançam nem de dia nem de noite, dizendo *sancto, sancto, sancto é o Senhor* Deus, e Todo-Poderoso, que era, e que é, e que ha de vir.» (Apoc. 4 : 8.)

2. Esta sanctidade infinita em Deus significa a posse, em gráu absoluto, de todo o principio de excellencia moral, e a exclusão completa de todo o principio do mal moral. Elle «é luz, e não ha nelle trevas nenhumas.» (1 S. João 1 5) Segundo Ralston : «Significa a posse de uma immutavel vontade e natureza, inclinando-o, em todos os casos concebiveis e sempre a approvar, amar e gozar, aquillo que é justo e a condemnar, abominar, e abster-se daquillo que é máu. Em outras palavras, a natureza, a vontade e todos os actos de Deus, conformam-se livre e invariavelmente com suas proprias e inimitaveis perfeições. Sanctidade absoluta e inherente á natureza divina, tanto que Deus não póde sanccionar, approvar ou olhar para a moral que é má, sem aversão, de outro modo deixaria de ser Deus. Deus só póde querer approvar o que está de accordo com suas proprias perfeições, com sua rectidão infinita e sua justiça immutavel. E' pois, manifesto que os principios de rectidão moral tão eternos e immutaveis são como as perfeições divinas. A verdade é que os principios da Sanctidade originam-se tão naturalmente da natureza de Deus, como o effeito da causa ou para falar mais propriamente, sanctidade infinita é Deus. O fundamento

de todas as suas perfeições, e as perfeições de Deus, são Deus. Ellas não podem ser tiradas d'Elle, nem podem pertencer a qualquer entidade creada no grande universo.» (1)

3. No mesmo sentido diz o Dr Hodge: «Não se deve considerar a sanctidade de Deus como um attributo entre outros. mas antes como um termo geral representando a concepção de sua perfeição absoluta e gloria total. E' a sua infinita perfeição moral coroando a sua intelligencia e poder infinitos. Ha uma gloria de cada attributo contemplado separadamente, e outra é a gloria de todos tomados collectivamente. Infinita perfeição moral é a corôa da Divindade. Sanctidade é a gloria total assim coroada.»

XI JUSTIÇA

1. As passagens seguintes bastam para provar que Deus tem o attributo de justiça: «Por ventura *perverteria Deus o direito?* e *perverteria o Todo-Poderoso a Justiça?*» (Job 8 3.) «*Justiça* e juizo são o assento do teu throno.» (Ps. 89: 14.) Não ha outro Deus sinão eu; Deus *Justo* e Salvador não ha fóra de mim.» (Isa. 45 21.) «O Senhor o *Justo* está no meio della; elle não faz iniquidade.» (Sof. 3: 5.) Para que elle seja *Justo* e justificador daquelle que tem fé em Jesus.» (Rom. 3: 26.) Senhor Deus, Todo-Poderoso: *Justos* e verdadeiros são os teus caminhos.» (Apoc. 15 3.)

1. O attributo de justiça é a expressão da sanctidade pelas acções, ou a disposição para dar a cada um *segundo a sua obra.*

A justiça divina póde ser considerada como *legislativa* e *judicial.*

(1.) *Justiça legislativa*, prescreve o que é bom e prohibe o que é máu: annunciando, ao mesmo

(1) Ralston's. Elements, pag. 32.

tempo, qual será a recompensa tanto de um como de outro.

(2.) *Justiça judicial* applica-se á conducta de entes racionaes chama-se *remuneradora* quando referindo-se ao galardão dos obedientes. e, *vingativa* quando castigando aos desobedientes.

(*A*) A *justiça remuneradora*, ou «a recompensa que Deus confere ao justo, não é *por debito,* mas de graça. Seremos recompensados *não por causa* de nossas obras, mas *segundo as nossas obras.* Neste sentido diz o apostolo: «Porque Deus não é *injusto* para se esquecer das vossas obras e do trabalho da caridade.» (Heb. 6 10.) E nosso Senhor diz: «O meu galardão está commigo, para render a cada um *como fôr a sua obra.*» (Apoc. 22: 12) (1)

(*B*) A *justiça vingativa*, como em toda a administração divina, será administrada segundo os principios de justiça restricta. «Porque segundo a obra do homem, lh'o paga; e segundo o caminho de cada um lh'o faz achar.—Deus não obra impiamente, nem o Todo-Poderoso perverte o juizo.» (Job 34 ; 11, 12.)

3. Finalmente, «a justiça de Deus é administrada com imparcialidade. E' verdade que na distribuição das bençams temporaes, ha muitas vezes desigualdade nos quinhões proporcionados ás differentes nações e individuos pela Providencia Divina. Mas realiza-se um ajustamento completo neste assumpto pela appplicação da maxima do Salvador «E qualquer a quem muito fôr dado, muito se lhe pedirá.» (S. Luc. 12 : 48.) Muito antes foi dito «Não faria justiça o juiz de toda a terra?» (Gen. 17: 25.) As recompensas do grande dia darão uma resposta satisfactoria a esta questão perante a face dos povos reunidos. (2)

---

(1) Elements of Divinity. Pag. 31.

(2) Ralston's, Elements, Pag. 34.

XII Bondade

1. Este attributo que abrange a *misericordia*, a *longanimidade*, a beneficiencia e amor, é ensinado nas passagens qne se seguem «Passando pois o Senhor perante a sua face, clamou Jehovah o Senhor, Deus *misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficencia e verdade*; que guarda a *beneficencia* em milhares; que *perdoa a iniquidade, e a transgressão e o peccado*, que o *culpado não tem* por innocente.» (Ps. 34 5, 6.) «A terra está cheia da *bondade* do Senhor.» (Ps. 33: 5.) «Louvae ao Senhor, porque elle é *bom*, porque a sua *misericordia* dura para sempre.» (Ps. 106 : 1.) «Provae e vêde que o Senhor é *bom*.» (Ps. 83 : 8.) «Porque quão grande é a sua *bondade*.» (Zach. 9 : 17.) «Ninguem ha *bom* sinão um, que é Deus.» (Luc. 18 : 19.) «Porque *Deus é amor*.» (1 João 4 : 8.)

2. *Sobre a bondade de Deus manifestada em nossa creação*, diz Paley: «Quando Deus creou a nossa raça ou, Elle quiz a nossa felicidade, ou a nossa miseria; ou então estava indifferente quanto a uma ou quanto a outra.

Si Elle quizesse a nossa miseria, podia-se ter acertado com o seu designio, formando todas as nossas faculdades para serem tantas feridas e dores, quantas ellas são agora instrumentos de prazer e satisfação: ou, collocando-nos no meio de objectos tão mal proporcionados aos nossos sentidos, que continuamente nos offenderiam, em logar de ministrarem para o nosso gozo e felicidade. Por exemplo, si fizesse tudo que provassemos, amargura; tudo que vissemos, repugnante; tudo que tocassemos, um ferrão; tudo que cheirassemos, um máu cheiro ; e tudo que ouvissemos, desharmonia.»

«Si tivesse sido indifferente ácerca de nossa felicidade ou miseria, (sendo por isso excluido todo o designio,) teriamos então de attribuir á nossa sorte feliz,

tanto esta capacidade de nossos sentidos para gozarem percepções, como o abastecimento de objectos externos para produzil-as.»

«Mas sendo qualquer dos dois demais para ser attribuido ao accidente, só nos resta acceitar a primeira proposição : que Deus, quando creou a nossa raça, quiz a nossa felicidade, e com este fim em vista, fez as provisões necessarias para nós.» (1)

3. Levanta-se muitas vezes a pergunta : Si Deus é bom e tem prazer na felicidade de suas creaturas, porque temos tantas afflicções e tristezas? porque entrou a morte no mundo? Podemos responder que a morte e todos os mais males entraram pelo peccado, mas então levanta-se a questão, porque entrou o peccado no mundo? Não conhecemos em pequeno espaço uma resposta mais satisfactoria do que aquella que nos é dada nas seguintes palavras do Sr João Wesley : «Porque ha peccado no mundo? Porque o homem foi creado á imagem de Deus porque elle não é simplesmente materia, nem torrão de terra, uma massa de barro insensivel ou sem entendimento, mas um espirito similhante ao seu Creador: um ser dotado não só de razão e entendimento, mas tambem de uma vontade, exercendo-se em affeições diversas. Para a perfeita compleição foi dotado da liberdade — poder para dirigir suas proprias affeições e acções, e capaz de determinar e escolher o bem e o mal. Em verdade, si o homem não tivesse sido assim dotado, tudo o mais nada seria. Si elle não tivesse sido um ente livre tanto quanto intelligente, seu entendimento seria tão incapaz de sanctidade ou de qualquer outra especie de virtude, como uma arvore ou um pedaço de marmore. E tendo o poder — o poder de escolher o bem ou o mal — elle escolheu o ultimo — elle escolheu o mal. Assim o peccado entrou no mundo.» (2)

---

(1) Ralston's. Natural Theology.

(2) Wesleys Sermons.

Vemos pois, que o mal natural e moral, existe no mundo, no emtanto não podemos em parte alguma achar um só exemplo, de que o mal tenha se produzido por designio originado no Creador.

4 «Mas quando contemplamos o homem como peccador arruinado por suà quéda, o attributo de bondade infinita é o que de todas as perfeições divinas, apresenta-se a nossa natureza mais affectuosa e brandamente. O maravilhoso amor de Deus na redempção é o mais forte chamado, que póde alcançar a alma humana. Quado este perder a sua attracção, o ultimo vestigio da imagem de Deus terá sido desapparecido, e tudo será perdido — completa ruina é o resultado.»

5 «A misericordia de Deus é a demonstração da sua bondade e amor, em manifestações de compaixão e piedade para aquelles que estão em infelicidade e afflicção, ou exposto á miseria e ruina; a bondade e o amor olham para a raça decahida, e desejam a sua felicidade: a sabedoria projecta o remedio. A compaixão chora lagrimas de sympathia; a misericordia chega para o livramento. Mas emquanto os criminosos olham com indifferença ou desprezo para todos os offerecimentos da graça trazida pela misericordia, a longanimidade espera com inabalavel paciencia, repetindo as exhortações de misericordia, e gritando, «porque morrereis?» Quando o amor, a bondade, a compaixão, a misericordia, e a longanimidade, todos tiverem feito as suas appellações, para serem sómente rejeitados e desprezados, elles concordam com a justiça e sanctidade e com as mais perfeições de Deus em denunciar sobre os incorrigiveis a sua terrivel e irrevogavel condemnação.» (1)

6. Assim concluimos nossas observações sobre os principaes attributos divinos, apresentados na sancta

(1) Ralston's.

Biblia. Unamos as nossas vozes e digamos com o rei David: «Tua é, Senhor, a magnificencia e o poder, a honra, a victoria e a magestade: porque teu é tudo quanto ha nos céus e na terra.» (1 Chron. 29 : 11.) «Bemdicto seja o Senhor Deus, o Deus d'Israel, que só elle faz maravilhas. E bemdicto seja para sempre o seu nome glorioso: e encha-se toda a terra de sua gloria. Amen e amen.» (Ps. 72 : 18.)

CAPITULO III

A pessoa de Christo

1. A palavra Christo é do grego *(Christos)* e significa *O Ungido*. Este nome é hoje geralmente applicado a Jesus de Nazareth, o Salvador do mundo e o fundador da Religião Christã.

2. Por *pessoa de Christo*, queremos dizer, que na indivisivel unidade de duas naturezas, nosso Senhor permanece uma só pessoa para sempre: Que esta pessoa é ao mesmo tempo, divina e humana. Sua pessoa não é a Sua Divindade, nem a sua humanidade tomada separadamente, mas é o Ente que possue ao mesmo tempo as duas naturezas. Ou na linguagem de nosso Segundo Artigo de Religião «O Filho, que é o Verbo do Pae, o proprio e eterno Deus, consubstancial com o Pae, tomou a natureza humana no Ventre da Bemdita Virgem, de maneira que duas naturezas distinctas e perfeitas — unidas em uma só pessoa, para jámais serem separadas, a qual é Christo, Verdadeiro Deus e Verdadeiro homem.»

Consideraremos o assumpto do modo seguinte:

I. A HUMANIDADE DE CHRISTO.

II. A DIVINDADE DE CHRISTO.

III. A UNIÃO DESTAS DUAS NATUREZAS EM UMA SÓ PESSOA.

I. A HUMANIDADE DE CHRISTO

1. Os Gnosticos foram os primeiros que oppuzeram-se á *realidade* da natureza humana de Christo, ensinando que a Divindade entrou em Jesus na occasião do

seu baptismo e sahiu na vespera da sua paixão. Contra os erros dos Gnosticos foi escripta a 1ª Epistola de S. João. A objecção parecia basear-se n'um principio da philosophia dos antigos gregos; de que a materia é inseparavelmente relacionada com o principio do mal, e esta theoria talvez levou a *Marciano* nos meiados do segundo seculo, a reformar os ensinos dos Gnosticos, sustentando que o Christo, em logar de ser nascido de mulher, desceu com a *apparencia* de um corpo humano a Cafarnaum, para annunciar aos homens a existencia do principio do bem, ou o bom Deus, até então desconhecido. Mas que esse corpo não era *real*, não passando de um phantasma ou sombra, que o Christo usava para conversar com os homens.

2. As differentes formas de Gnosticismo «não negavam as cousas attribuidas á humanidade de Christo nas Escripturas, mas affirmavam que ellas só tinham logar em *apparencia*, e por isso foram chamados *Docetes* ou *Phantasistas*. Mais tarde Eutyches cahiu n'um erro similhante ensinando que a humanidade de Christo foi absorta na Divindade e que seu corpo não tinha existencia real.»

3. «Emquanto estes erros negavam a existencia *real* do corpo de Christo a heresia Appollinaria rejeitou a existencia de uma *alma* humana em nosso Salvador, e ensinava que a Divindade suppriu o logar della. Assim tanto uma como outra dessas theorias negavam a propria humanidade de Christo, e ambas foram egualmente condemnadas pela Egreja Geral.» (1)

Disto se vê que acreditamos na plena humanidade de Jesus: Que Elle possuia *um corpo e uma alma realmente humanos*.

(1.) Vê-se que Christo possuia *um corpo* humano pelas considerações seguites

---

(1) **Wattson's Institutes.**

1 Pelas passagens das Escripturas que fallam no seu *nascimento* ou *incarnação.* Oitenta e tantas vezes Elle é chamado: «O Filho do Homem.» Isaias fallando d'Elle, disse: «Foi feito de mulher.» (Gal. 4 : 4.) «Porquanto os *filhos participam da carne e do sangue* tambem *Elle participou do mesmo*... tomou a *descendencia d'Abrahão.* Pelo que convinha que em tudo *fosse similhante aos irmãos.*» (Heb. 2 ; 14—17)

2 Tambem naquellas passagens que nos fallam no desenvolvimento, appetites e experiencias corporaes de Jesus: «E *crescia* Jesus — em estatura.» (Luc. 2 : 52.) «Teve *fome*». (Mat. 4 2) tinha «*sede.*» (S João 19 28.) Jesus, pois, *cançado* do caminho assentou-se assim junto á fonte. (S. João 4 : 6.) «Jesus *chorou.*» (S. João 11 : 65.) Todas estas cousas juntamente com a morte e enterro d'Elle, mostram que Elle tinha um corpo susceptivel ás experiencias que nós temos, e por isso possuia um corpo realmente humano.

(II.) Que Christo *possuia uma alma humana* evidencia-se dos factos seguintes: Uma alma humana consiste em *sensibilidade, entendimento e vontade;* logo, si estabelecemos que Christo possuia *sensibilidade, entendimento e vontade* humanas, seria egualmente estabelecido que Elle possuia uma alma humana.

1. Christo possuia a *sensibilidade humana.* E' verdade que Deus tambem tem sensibilidade, porém no sentido absoluto; mas em Christo achamos tambem uma *sensibilidade* finita, similhante áquella que vemos nos demais homens. «*Como nós em tudo foi tentado*, mas sem peccado,» (Heb. 4 : 15.) Os unicos canaes pelos quaes a tentação póde chegar á alma humana, são (1) *Pelos appetites corporaes:* (2.) *Pela imaginação* levando a presumpção e fanatismo: (3.) *Pela ambição pessoal.* Que Jesus foi *sensivel* a tentação por todos estes canaes, e por isso em tudo tentado como nós, vemos demonstrado no Capitulo 4º de S. Matheus. (1.) Tentado a saciar

as suas necessidades corporaes, por acceitar a proposta illicita de Satanaz. (2.) Tentado ao fanatismo e presumção. Satanaz não podendo nada por estes canaes, (3.) offereceu-lhe fama, distincção e gloria mundanas. Mas a sua Divindade não póde ser tentada por estas cousas «Porque Deus não póde ser tentado pelos males.» (S. Thiago 1 13.) Por isso seria impossivel que Christo fosse tentado sem possuir ao mesmo tempo a *sensibilidade* humana, mas foi tentado Logo possuia a *sensibilidade humana.*

2. Mais a *sensibilidade* humana mostra-se no facto que Jesus sentiu tristeza e angustia; na noite em que foi entregue Elle disse «*A minha alma está cheia de tristeza até a morte.* (S. Mat. 26 38.) E Isaias, prevendo os soffrimentos de Christo, disse: «Porém ao Senhor agradou moel-o, fazendo-o enfermar; quando *a sua alma* se puzer por expiação do peccado... *O trabalho da sua alma elle verá* e se fartará.» (Isa. 53 : 10, 11.) Estas entre muitas outras passagens mostram que Christo tinha a sensibilidade humana, porque lhe seria impossivel angustiar-se ou sentir tristeza na sua alma si esta estivesse sem *sensibilidade*

3. Como Jesus possuia *sensibilidade* humana, da mesma forma tinha um *entendimento* humano. Isto se vê na citação «E *cresceu* Jesus em Sabedoria.» (Luc. 2 52.) Esta passagem não póde ter applicação ao seu entendimento ou sabedoria divina, porque a Divindade é Omnisciente. Por isso se vê que a sua humanidade teve entendimento finito, e como tal podia crescer e desenvolver-se. No mesmo sentimento Jesus mostra o seu entendimento humano, quando Elle disse: «Porém aquelle dia (referindo-se ao dia de Juizo) e hora ninguem sabe, nem os anjos que estão nos céus, nem o Filho, sinão o Pae.» (S. Mar 13:32.) Vemos pois que Jesus tinha seu entendimento humano.

4. Jesus tinha tambem uma *vontade* humana, ainda

que esta foi sempre sujeita á vontade divina. Diz Elle: «Porque não busco a *minha vontade*, mas a vontade do Pae que me enviou.» (S. João 6: 30.) Porque eu desci do Céu não para fazer a *minha vontade*, mas o vontade daquelle que me enviou.» (S. João 6 : 38.) Vemos esta vontade hesitando por um momento e dizendo: «Pae, si queres, passa de mim este calix, porém *não se faça a minha vontade*, sinão a tua.» (Luc. 22 : 42.) Na Sua Divindade, a vontade do Filho e a vontade do Pae era a mesma, mas como nestas passagens Jesus faz uma distincção entre a vontade d'elle e a vontade do Pae, claro é que Jesus Christo fallou da sua *Vontade humana.*

5. Vemos pois que Christo possuia *sensibilidade, entendimento e vontade humanas*, e visto que estes predicados constituem uma alma humana, concluimos que Jesus tinha uma *alma humana.*

Com um *corpo real* e *uma alma humana*, vemos estabelecida a plena humanidade de Christo. Acrescentamos aqui as seguintes observações do Dr F L. Patton:

6. «A plena humanidade de Jesus é uma verdade de importancia vital. Esta doutrina envolve tudo o que ha de mais precioso na experiencia christã, o Christo fez-se homem.

(1.) Para ser nosso exemplo. Deixou-nos o exemplo, para que seguissemos suas pisadas.»

(2.) «Para sympathizar-se comnosco. Tendo soffrido, sendo tentado, é capaz de soccorrer tambem áquelles que são tentados.»

(3.) «Para tomar o nosso logar legalmente: foi feito sujeito á lei, para remir os que estavam debaixo da lei.» (Gal. 4 4, 5.)

(4.) «Para ser o nosso Summo Sacerdote. Porque todo o Summo Sacerdote tomado d'entre os homens, é

constituido a favor dos homens nas cousas concernentes a Deus, para que offereça dons e sacrificios pelos peccados.» (Heb. 5 : 1.)

(5.) «Para ser seu Summo Sacerdote misericordioso e fiel nas cousas pertencentes a Deus. «Como nós foi tentado, mas sem peccado.» (Heb. 4 : 15.)

7 «Apezar disto, a humanidade de Christo seria de pouco valor si elle fosse sómente homem. Os humanitarios tecem elogios a Jesus, mas estes nada mais são do que grinaldas sobre sepulturas de mortos. Nós adoramos a um Christo Vivo. Christo é mais do que homem, e por isso o Christianismo não é um systema de philosophia nem de cultos de heroes.»

« Podemos appellar para o caracter de Christo afim de provar que Elle não era simples homem, e mostrar que pelo menos, era divinamente inspirado.»

8. «Alguns acham no caracter de Jesus uma prova de Sua Divindade, mas isto dá logar a conclusões illegitimas.

O facto de ser o caracter de Jesus «O milagre moral da historia», como diz o Dr Schaff, não prova a sua Divindade. Quando se nos pede que expliquemos este exemplo unico da perfeição, somos obrigados a concluir que Christo estava em relação intima com Deus, e a dizer com Nicodemus : ninguem podia ter visto como Elle viveu si Deus não tivesse estado com Elle. Comtudo, Christo podia ter tido um nascimento sobrenatural, ter vivido uma vida perfeita, e ter resuscitado dos mortos, e ter sido homem-simples, porém extraordinario. Christo, porém é mais do que homem, como vamos ver.» (1)

---

(1) **Comp. Doutrina Christan.**

II. A Divindade de Christo

1. Temos provado pelas Escripturas Sagradas que Jesus Christo é verdadeiro homem ; nesta divisão consideraremos si Jesus Christo é Verdadeiro Deus. Cremos o affirmativo desta questão ser Verdade Biblica e como tal procederemos a estabelecel-o.

Mas antes de produzir as provas das Escripturas, pedimos venia, por uns momentos, para fazer algumas observações preparativas.

2. Com referencia ao caracter de Christo tres theorias distinctas têm sido adoptadas, e são conhecidas como *Socinianismo, Arianismo* e *Trinitarianismo.* Socinio ensinava que o Salvador começou a sua existencia ao nascer da Virgem e por consequencia era uma mero homem, si bem que possuido de Sanctidade e excellencia extraordinarias. Ario ensinava que elle era o primeiro e o mais exaltado d'entre os seres que Deus ha produzido em qualquer tempo. Mas que apezar disso *Elle foi creado.* Os trinitarios ao inverso, ensinam que Elle possue duas naturezas distinctas — a humana que foi nascida da Virgem e crucificada sobre a cruz, e a *Divina* unida á humana. Que Elle era Deus Verdadeiro e eterno, egual em essencia e Um com o Pae.» (1)

3. Temos o caracter de Jesus Christo traçado nas Escripturas como *Divino.* Este caracter como delineado nos Evangelhos não póde ser invenção de homens. Como diz o Dr. Luthardt: «Elle só póde ser a copia do original vivo. Poderia fallar-se de um homem que é sem peccado e sem erro, a imagem mesma da sanctidade divina ; porém seria impossivel traçar esta imagem sem que o espirito humano, limitado, perdido e peccador lhe não ministrasse traços que traiam sua origem. Nos Evangelhos, ao contrario, temos uma imagem viva,

(1) Ralston's Elements of Divinity. P. 37.

completa e perfeita em todas as situações possiveis, em todas as vicissitudes da vida interior e exterior, nos contrastes os mais frisantes. Porém cada traço, cada pequena differença desta imagem arranca-nos admiração e obriga-nos a adorar Não é assim que se inventa, e os Judeus menos do que qualquer outro povo teriam inventado um similhante ideal. Demais: não era esse o que elles tinham comsigo, elles não emprestaram a realidade a um ideal conhecido, mas só a realidade é que lhes forneceu a imagem de um ideal desconhecido. O ideal dos Judeus podia ser quando muito um escriba ou um phasiseu porém a que distancia Jesus está de um similhante! Elle era o extremo opposto. Por isso é que os discipulos qne dependiam, com o resto do povo illitterato, da auctoridade dos doutores em materia religiosa, não se teriam nunca emancipado do ideal que lhes offereciam estes sabios, si a personalidade de que elles traçaram a imagem, se não tivesse apresentado á sua alma com todo o seu poder, e em toda a sua triumphante magestade.» (1)

4. O Cardeal Wiseman disse em um de seus discursos: Possuimos nos escriptos dos rabinos um material bastante rico para compôr o modelo Judeu. Podemos para este fim servir-nos das palavras e actos de um Hillel, de um Gamaliel, de um rabino Samuel, cujas biographias são talvez mais ou menos creações imaginarias; mas tem todos o sello de sua nacionalidade, a todos se lhes tem applicado uma só e a mesma forma de perfeição moral. E comtudo nada de mais affastado que seus pensamentos, seus actos e seu caracter do que lemos a este respeito de Jesus nos Evangelhos. Amigos das contraversias e das questões capciosas, defensores zelosos dos direitos exclusivos de seu povo, guardas austeros e obstinados de cada Jota da lei cujo espirito elles negavam por meio de seus sophimas taes são seus

(1) **Verdades Fundamentaes do Christianismo.**

grandes homens. Reachamos o typo commum nesses escribas e nesses phariseus que nos apparecem por toda a parte como adversarios do Espirito do Evangelho. Como se explicaria então que homens sem cultura alguma, tenham podido descrever um caracter tão completamente differente sob todas as relações do typo nacional, um caracter contrastando tão fortemente com todos os traços que o habito, a educação, o sentimento nacional, a religião mesma e todas as tendencias naturaes lhes tinha apresentado, como o unico verdadeiro ideal. Importa, pois, necessariamente que os Evangelistas tenham copiado um original, e a harmonia que reina nos traços desta cópia só se explica pelos cuidados que tiveram em traçar fielmente o original.» (1)

Vejamos pois, o que testificam as Escripturas Sagradas ácerca da Divindade de Jesus Christo. Tractaremos este assumpto na ordem e com o esboço que se seguem: (I.) *As obras*· (II.) Os Titulos: (III.) Os Attributos; e (IV.) *As honras* attribuidas a Jesus Christo nas Escripturas.

(I.) *As Obras* imputadas a Jesus Christo são taes que só podem ser predicados do Altissimo Deus, por isso Jesus Christo é o Verdadeiro e eterno Deus.

1. *A Creação*, no proprio sentido da palavra, é attribuida a Jesus Christo, assim mostrando que os escriptores inspirados o consideravam como a *Primeira Causa de todas as causas*, e visto que esta *Primeira Causa* é Deus, claro é que elles o consideravam como o eterno Deus. São João disse no seu Evangelho: No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus, Elle estava no principio com Deus; *O mundo foi feito por Elle: Todas as cousas foram feitas por Elle, e sem Elle nada do que foi feito, se fez.* E o *Verbo se fez carne e habitou entre nós.*» (S. João 1: 1—3,

---

(1) Wiseman em Hettinger. P. 624. Segundo Luthardt.

10, 11.) «O qual é a imagem do Deus invisivel, o primogenito de toda a creatura. Porque *por Elle foram creadas todas as cousas*, que ha nos céus e na terra, visiveis e invisiveis, sejam thronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: *todas as cousas foram creadas por Elle e para Elle.* E Elle é antes de todas as cousas e *todas as cousas subsistem por Elle.*» (Gal 1: 15—17.) Nestas passagens notamos que «O Verbo que fez todas as cousas, se fez carne, que por elle todas as cousas foram creadas. Mas o Creador de todas as cousas é Deus Logo Jesus Christo é Deus.

Os Arianos dizem que «Christo fez a obra da creação meramente como ente delegado, executando poderes a Elle conferidos.» Mas isto é um absurdo porque o texto diz: *todas as cousas foram creadas* por Elle e *para Elle.*» Não foram creadas para um outro ente que delegou a Christo poderes creadores mas foram creados por Christo e *para Christo mesmo.* Mas todas as cousas foram creadas para Deus, por isso *Christo é Deus.*

Visto que as Escripturas attribuem clara e fortemente a Jesus Christo as obras da creação: e, visto que só Deus é o Creador de todas as cousas; Logo estabelece-se a Divindade de Jesus Christo, pelas obras da creação. Mas antes de deixar a consideração desta passagem em Collossenses, desejamos chamar a attenção a uma outra obra, que só póde ser predicado do Supremo Deus, mas que é attribuida a Jesus Christo, demonstrando que Elle é Deus. A obra é a da

2. *Preservação.* A passagem diz: *Todas as cousas subsistem por Elle.*» (Col. 1 17.) «O qual sendo o resplandor da sua gloria, e a expressa imagem da sua pessoa (isto é do Pae) e *sustendo todas as cousas pela palavra do seu poder*, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos peccados, assentou-se á dextra da magestade nas alturas.» (Heb. 1:3.) Aqui temos «o Filho» (V 1.) «sustentando todas as cousas pela pala-

vra do seu poder,» e, na primeira citação: «todas as cousas subsistem por Elle.» Mas só Deus é o *Sustentaculo* e o *Preservador* de todas as cousas: Logo Jesus Christo é Deus.

3. *Os milagres attribuidos* a Jesus Christo no Novo Testamento demonstram que Elle é divino. Como diz o Dr Ralston «Os prophetas e os apostolos fizeram milagres em nome e auctoridade de Deus que os enviou e lhes deu o poder, mas elles sempre confessavam que não eram feitos por sua propria virtude ou sanctidade,» mas que pelo poder de Deus estas maravilhas se produziram. Muito differentes eram os milagres de Jesus Christo. Até os ventos e o mar lhe obedeceram. Os enfermos foram curados, e os mortos foram resuscitados por sua palavra, e toda a natureza era sujeitá á sua auctoridade divina. Elle mesmo não só produziu os milagres os mais maravilhosos por sua auctoridade e vontade proprias, mas tambem os milagres feitos pelos apostolos foram attribuidos ao poder do nome de Jesus de Nazareth. Assim é bem claro que Christo produziu milagres n'um sentido mais alto do que propheta ou apostolo jámais pretendeu fazel-o, e n'um sentido que a ninguem era proprio sinão a Deus. Consequentemente os milagres de Christo testificam sua real e propria Divindade.» (1)

4 *O Juizo Final* é obra propria de Deus, mas tambem é dado a Jesus Christo nas Escripturas, assim demonstrando que Elle é Deus.

Diz S. Paulo a Thimoteo «Conjuro te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Christo, *que ha de julgar os vivos e os mortos* na sua vinda e no seu reino.» (2 Tim. 4 1.) «Porque tambem o *Pae a ninguem julga mas deu ao Filho o Juizo.*» (S. João 5 : 22.) «Pois *todos havemos de comparecer ante o tribunal de Christo*: porque está

(1) Ralston, Elements of Divinity, pag. 45.

escripto: vivo eu diz o Senhor: que todo o joelho se dobrará diante de mim, e toda a lingua confessará a Deus.» (Rom. 14:10.) «Ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus e na terra, e debaixo da terra, e toda a lingua confesse que *Jesus Christo é o Senhor*, para a gloria de Deus Pae.» (Phil. 2:10, 11.) «*Quando o Filho do homem vier em sua gloria*, e todos os sanctos anjos com Elle, *então se assentará no throno* da sua gloria, *e todas as nações serão reunidas diante d'Elle.*» (Mat. 25:31, 32) Estas passagens provam abundantemente que Jesus Christo será o Juiz do ultimo dia, mas que Deus é o Juiz é claro das citações que se seguem «(Eccl. 11:9.) Porque Deus ha de trazer a *juizo toda a obra*, e até tudo que está encoberto, quer seja bom, quer seja máu.» (Eccl. 12:14.) *Doutro modo como julgará Deus o mundo?*» (Rom. 3:6.)

Vemos pois que Jesus Christo será o Juiz no Juizo Final, mas que Deus é o Juiz de todos, logo Jesus Christo é Deus.

Claro é que as obras da creação, preservação, producção de milagres e do juizo são predicados de Jesus Christo: egualmente que estas são obras que só competem a Deus fazer Logo Jesus Christo evidencia-se Deus pelo testemunho das Escripturas Sagradas.

5 «Os Arianos e os Socinianos,» diz o Dr. Ralston, «geralmente tentam destruir a força do argumento derivado das obras attribuidas a Christo, com a asserção de que «Christo exerceu toda essa auctoridade e produziu todas essas obras maravilhosas meramente como creatura delegada.» Mas isto é irracional e não tem o apoio das Escripturas, como foi mostrado, sendo contrario á historia inspirada. Que isto é tambem absurdo e sem razão, percebe-se claramente quando reflectimos por um momento sobre a natureza destes poderes. Por exemplo: tomae o primeiro—creação—Agora dizendo-se que Jesus Christo produziu do nada a obra da creação pelo po-

der exercido como delegado, necessariamente importaria dizer que o poder omnipotente ou infinito tinha sido delegado a Elle, porque menor poder não é adequado a obra em consideração. Mas si aquelle poder omnipotente e infinito fosse delegado a Christo, então forçosamente se seguiria que ha dois entes de poder infinito e por isso dois Deuses. Ou que o mesmo Pae tem cedido omnipotencia, tendo transferido essa perfeição a outro, e portanto tem já cessado de ser Deus. Tomae qualquer dos pontos do dilemma e podereis vêr facilmente que a idéa de poder creador como delegado, nos leva a manifesto absurdo.» (1)

II. OS TITULOS DE CHRISTO

Apresentados na Escriptura são tão exaltados que não podem pertencer a outro sinão a Deus e por isso provam que Christo é o proprio Deus.

1 *O nome Jehovah* é dado a Christo na Biblia como se vê do seguinte. Em Isaias, lemos «Voz do que clama no deserto: Apparelhae o caminho do *Senhor*: endereitae no ermo vereda a nosso Deus.» (Isa. 40:3.) No original «*O caminho do Senhor*,» é «Caminho de *Jehovah*.» Mas São Matheus cita esta passagem e a applica a Jesus Christo: «Porque é este o annunciado pelo propheta Isaias, que disse: Voz do clama no deserto preparae o *caminho do Senhor*, endireitae as suas veredas.» (S. Matt. 3:3.) João Baptista que era a voz que clamou no deserto, preparou o caminho para Jesus Christo, logo Jesus Christo é aquelle que o propheta chamou *Jehovah*.

Outra vez em Deut. 6:16, Moysés diz: Não tentareis ao *Senhor* vosso Deus, como o tentastes em Massah.» Aqui tambem o original diz: não *tentareis a Jehovah* vosso Deus» etc., mas São Paulo referindo-se ao mesmo

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity, p. 46.

acontecimento diz *não tentareis a Christo*, como alguns delles tentaram.» (1 Cor 10:9.) Assim vemos que aquelle que Moysés chama *Jehovah,* é por Paulo chamado Christo, por isso concluimos que Christo é *o Jehovah.* Jehovah—nome que pela primeira vez foi revelado a Moysés na sarça no Monte Sinai, e que se acha traduzido em nossa versão d'Almeida «*Eu serei o que serei,*» e na mesma connexão achamos que este nome era o nome peculiar e appropriado a Deus. O historiador judaico, Josepho nos diz, que tal nome era tão particularmente Sagrado e Sancto, que sua crença impedia que lh'o pronunciasse. Mas vemos este nome Jehovah, o nome mais exaltado de todos os nomes de Deus, attribuido a Christo, logo *Christo é Deus.*

2. Christo é chamado *Deus* nas Escripturas. «No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o *Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne*, e habitou entre nós.» (S. João 1:1,14.) Grande é o mysterio da piedade, *Deus foi manifestado em carne.*» (1. Tim. 3:16.) «Dos quaes são os paes e dos quaes é Christo segundo a carne, *o qual é Deus sobre todos*, bemdicto eternamente.» (Rom. 9:5.) E no que é verdadeiro estamos, e em seu Filho Jesus Christo. *Este é o verdadeiro Deus.*» (1. S. João 5:20.) «Olhae pois por vós e por todo o rebanho sobre que o Espirito Sancto vos constituiu bispo, para apascentardes *a Egreja de Deus a qual alcançou com seu proprio sangue* » (Actos 20:28.) «Thomé respondeu e disse-lhe : Senhor meu e *Deus meu.*» (S. João 20:28.)

Nestas passagens vemos Jesus Christo denominado : Deus, Deus manifestado em carne, Deus sobre todos, Verdadeiro Deus, etc., affirmando assim directamente a divindade de Christo. Tambem no Velho Testamento Elle é chamado «O Deus forte.» (Isa. 9:6.) «O Todo-poderoso,» etc. No Novo Testamento é Elle cons-

tantemente chamado Senhor, Nosso Senhor, Senhor da gloria e Deus Comnosco, mostrando assim que Christo é o Verdadeiro Deus.

3. Diz o Dr. Ralston: «Destas considerações fica bem provado que si ha outro Deus além de Jesus Christo, os titulos de Christo não podem significar esse outro Deus: portanto esse outro não póde ser nem *Jehovah, o Senhor da gloria, Deus, Deus Comnosco, Deus manifestado em carne, o Verdadeiro Deus, O Grande Deus, nem o Deus forte*, que equivale a dizer que não pode ser absolutamente Deus. Assim dos titulos attribuidos a Christo, vemos que Elle é real e propriamente Deus, Verdadeiro e eterno.»

4. «O extraordinario, porém, é, que todos estes argumentos a que julgamos nada faltam em demonstração, procura-se invalidar, allegando que homens ou intelligencias creadas são ás vezes chamados *deuses* nas Escripturas.» Para estes replicamos que em todos os logares onde o termo deus é attribuido aos entes creados, o sentido é inferior ou figurado; é isto o que se nota visivelmente no contexto. Por exemplo: em Exodo 7:1. «Deus disse a Moysés—Eis que te tenho posto por deus sobre Pharaó, e Arão teu irmão será o teu propheta.» O sentido figurado em que a palavra deus está empregada, é tão claro no contexto, que ninguem póde ser enganado. Ao contrario, ás vezes em que os titulos examinados são attribuidos a Christo—como demonstrando claramente sua propria divindade—não póde ser usado o sentido inferior ou figurado no contexto: porque as palavras são empregadas em suas proprias accepções e com tal emphase que nada no contexto autoriza sua acceitação figurada ou restringida. Então a si a inspiração não tem designio de enganar, a objecção deve cahir por terra, e, ainda mais, seremos levados a admittir que os titulos attribuidos a Christo demons-

tram clara e concludentemente sua real e propria Divindade.» (1)

(III) *Em terceiro logar consideraremos os attributos divinos*, predicados de Christo na Biblia demonstrando assim a sua *Divindade real.*

1. Eternidade no sentido proprio da palavra é attribuida a Christo nas Escripturas. E tu, Bethelehem Ephrata, ainda que és pequena entre os milhares de Judah, de ti me sahirá o que será por Senhor em Israel, e cujas *sahidas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.* (Miq. 5:2.) Esta prophecia de Miqueas proferida 710 annos antes do nascimento de Christo segundo a carne, é applicada no Evangelho a Jesus Christo. (S. Matt. 2:6.) Assim mostrando que Jesus Christo é «*desde os dias da eternidade.*» Em Isaias 9:6, Elle chama-se «*O Pae da Eternidade.*» A sua divindade existia antes de qualquer *cousa creada.* «Porque por Elle foram creadas todas as cousas... e Elle é antes de todas as cousas.» (Col. 1. 16, 17.)

Esta existencia não era uma existencia negativa e inconsciente, mas uma existencia positiva e consciente: Elle podia dizer aos Judeus «Em verdade, em verdade vos digo antes que Abrahão fosse *eu sou.*» (João 8:58.) Elle podia dizer, lembrando-se da grandeza que Elle deixou junto de seu Pae «E agora glorifica-me tu ó Pae junto de ti mesmo, com aquella gloria que *tinha junto de ti antes que o mundo existisse.*» S, João 17: 5.) «Porque *no principio era o Verbo* e o verbo estava com Deus, e *o Verbo era Deus.*» (S. João 1 : 1.) Foi este Deus que era no principio que «na plenitude dos tempos,» (Gal. 4 : 4) «despojou-se a si mesmo,» (Phil. 2: 7) «e se fez carne.» (S. João 1 14.) E este «Jesus Christo é o mesmo hontem, e hoje e eternamente.» (Heb. 13 8.) «Eu sou *o Alpha e o Omega, o principio e o fim*, diz o

---

(1) Ralston's Elements of Divinity.

Senhor, *que é o que era e o que ha de vir.*» (Apoc. 1 8.) Vemos pois que Jesus Christo existiu *desde a eternidade* e, existirá até á eternidade: Visto que só o eterno Deus tem existido desde a eternidade, logo Jesus Christo é o eterno Deus.

2. Que Jesus tinha *Omnisciencia*, vemos nas passagens que se seguem: «Mas o mesmo Jesus não confiava n'elles, porque a todos conhecia, e não necessitava de que alguem testificasse do homem, *porque Elle bem sabia o que havia no homem.*» (S. João 2 : 24, 25.) «Porque *sabia Jesus, desde o principio*, quem eram os que não criam e *quem* era o que o havia de entregar.» (S. João 6 : 64.) «Disseram-lhe os seus discipulos: — *Agora conhecemos que sabes todas as cousas.* (S. João 16 29, 30.) «Do Christo no qual estão escondidos todos os thesouros da *Sabedoria* e da *Sciencia.*» (Col. 2 : 2, 3.) Vemos pois que a Omnisciencia é attribuida a Christo, mas esta só compete a Deus, por isso Jesus Christo é Deus.

3. *Immutabilidade.* Que Christo possuia este attributo se vê das passagens que se seguem: «Jesus Christo *é o mesmo*, hontem e hoje e eternamente.» (Heb. 13 : 8.) «Porém *tu és o mesmo*, e os teus annos não acabarão.» Vemos que Jesus Christo tem o attributo de *immutabilidade* e assim mostra-se Divino.

4. Vemos a *Omnipresença* de Jesus Christo ensinada nas citações seguintes «Porque onde estiverem dois ou tres reunidos em meu nome, ahi estou eu no meio delles.» (Mat. 18 : 20.) «Ensinando-as a guardar todas as cousas que eu vos tenho mandado ; e *eis que eu estou comvosco todos* os dias até a consummação do mundo.» (S. Mat. 28 : 20.) Seria impossivel que Christo cumprisse esta promessa se não fosse Omnipresnte, «Ninguem subiu ao Céu, senão o que desceu do Céu, a saber o Filho do homem que está no Céu.» (S. João 3 : 13.) Aqui vemos Jesus affirmando indirectamente a sua Omnipresença.

5. Omnipotencia em Jesus Christo é ensinada nas seguintes citações : Jesus chama-se «O Todo-Poderoso,» (Apoc. 1 8.) «E chegando-se Jesus, fallou-lhes, dizendo E'-me dado *todo o poder*, no céu e na terra.» (Mat. 28 : 18.) Estas passagens bastam para provar que Jesus é Omnipotente, só Deus é Todo-poderoso, portanto Jesus Christo é Deus.

Poderiamos egualmente mostrar que Jesus Christo tem os attributos de Sabedoria, Sanctidade, Verdade, Justiça, Bondade, etc. mas julgamos que os attributos já apresentados bastam para convencer a todos que estão dispostos a acceitar o testemunho da Palavra de Deus, de que Jesus é o verdadeiro e eterno Deus. Diz o Dr. Ralston

«Os argumentos sobre os attributos de Christo serão vistos em sua plenitude quando reflectirmos que elles são as mais altas perfeições que pertencem á Deidade, e, ao mesmo tempo, que, sem elles, ella cessaria de existir. O facto é que estes argumentos apparecem na definição verdadeira do caracter de Deus, tanto que que nenhum ente sem elles póde ser Deus logo o ente que os tem é Deus.»

«Os que negam a Divindade de Christo têm admittido que taes attributos são-lhe dispensados, e allegam que «Elle os possue sómente por delegação do Pae.» Para estes replicamos que a hypothese, é em si contraria e absurda, todos estes attributos são infinitos e, si por qualquer modo fossem delegados, haviam ainda de permanecer em sua inteireza. Portanto, si o Pae delegasse perfeição infinita ao Filho, o Pae deixaria de a possuir: porque nenhuma parte do que é inteiramente dado a outrem póde ser retirada. Então seguir-se-ia que o Pae não poderia continuar a ser Deus. A verdade é que a idéa de um *Deus delegado*, no sentido proprio da palavra, é em si absurda: porque ha um só ente que tem

perfeições infinitas: e estas por natureza não são susceptiveis de transferencia.» (2)

IV As Honras

que Christo reclamava, mostram que Elle é Deus.

1 *Elle declarou-se egual a Deus.* «O qual sendo em forma de Deus, *não teve por usurpação ser egual a eus.*» (Phil. 2 6.) Jesus mesmo disse: *Meu Pae obra até agora e eu obro tambem.* Por isso, pois, os Judeus ainda mais procuravam matal-O, porque não só quebrantava o sabbado, mas tambem dizia *que Deus era seu proprio Pae, fazendo-se egual a Deus,*» (S. João 5 18.) Si Jesus Christo não era o Verdadeiro Deus, mas sómente um bom homem, ou como dizem alguns, sómente um espirito o mais puro e o mais adiantado que até então appareceu, então Elle devia ter mostrado a esses Judeus que elles enganaram-se ácerca de suas palavas (d'elle). A prudencia humana reclamava que assim fizesse, porque em tal caso, Elle podia ter-se livrado do perigo da perseguição, e ao mesmo tempo, podia ter estabelecido a verdade. Mas em logar de fazer assim, Elle continúa a affirmar que Elle é Deus; respondendo aos Judeus na mesma occasião, Elle diz «Porque como o Pae resuscita os mortos, e os vivifica, assim tambem o Filho vivifica aquelles que quer... *para que todos honrem o Filho como honram o Pae* Quem não honra o Filho não honra o Pae que o enviou.» (V 21, 23.) Em outra parte Elle disse: «*Eu e o Pae somos Um.*» Os Judeus queriam apedrejal-O, dizendo: «Não te apedrejamos por obra boa, mas pela blasphemia; porque *sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.*» (S. João 10: 30, 33.) A mesma cousa que Elle annunciou publicamente, Elle ensinou aos seus discipulos em particular: «Estou ha tanto tempo comvosco e não me tendes conhecido, Philippe? *Quem vê a mim vê o Pae* e como dizes tu, mos-

(1) Ralston's, Elements of Divinity, p. 42.

tra-nos o Pae?» (S. João 14 : 9.) Si dissermos que Jesus Christo é menos que Deus, estas declarações não teriam applicação. A honra de egualdade com o Pae, reclamada por Jesus Christo, é sustentada por seu caracter e milagres.

Todos admittem que Jesus foi ao menos um bom homem, ou o espirito mais adeantado que jámais appareceu no mundo; mas é impossivel que um homem seja bom e ao mesmo tempo, engane ao seu semelhante, e fale mentiras de si mesmo E si Jesus Christo não é Deus mesmo, então Elle mentiu e enganou ao seu similhante, e por isso não podia ser homem bom. E em logar de ser o espirito mais adeantado e puro que até então appareceu, Elle seria o mais perverso, porque Elle orgulha-se de ser Deus, um atrevimento que ninguem jámais tem ousado, excepto Satanaz, o qual por isso foi expulso do Céu.

Mas é impossivel crer que um homem de uma vida tão pura, como Jesus tinha, dissesse ser o que não era, ou que Deus o habilitasse a obrar milagres para sustentar uma falsidade, e visto que Elle disse *ser o mesmo Deus*, foi porque Elle é o Verdadeiro e eterno Deus.

2. *As honras da Suprema Divindade* são reclamadas por Jesus Christo, como vemos do seguinte: «O qual é a *imagem do Deus invisivel.*» (Col. 1 : 15.) *Sendo resplandor da sua gloria, e a expressa imagem da sua pessoa.*» (Heb. 1 : 3.) «Porque foi da vontade do Pae que *toda a plenitude n'Elle habitasse.*» (Col. 1 19.) «*Porque n'Elle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade:* Logo, si fosse possivel estabelecer pelas Escripturas que Jesus Christo não é Deus, seria egualmente estabelecido pelas Escripturas que não existe Deus algum. Mas em toda a parte das Escripturas, ellas ensinam que ha Deus e que este Supremo Ser é Jesus Christo.

3. Que Jesus Christo recebia, sem protesto, *culto que só Deus é digno* de receber, se vê nas passagens que se seguem: «Então approximaram-se os que estavam no barco, e *adoraram-o,* dizendo: «E's verdadeiramente o Filho de Deus.» (S. Mat. 14 33.) «E aconteceu que abençando-os Elle, se apartou d'elles e foi elevado ao Céu. *E adorando-o elles*, tornaram com grande jubilo para Jerusalem.» (S. Luc. 24 51,52.) «E apedrejaram a Estevão, *invocando elle ao Senhor* e dizendo *Senhor Jesus, recebe o meu espirito.*» (Actos 7 59.) «A Egreja de Deus que está em Corintho... com todos os que em todo o lugar *invocam o nome de nosso Senhor Jesus Christo*, Senhor d'elles e nosso.» (1 Cor 1 2.) «E outra vez quando introduziu no mundo o primogenito, diz: *e todos os anjos de Deus o adorem.*» (Heb. 1 6) «E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do throno e dos animaes, e dos anciãos; e era o numero d'elles milhões de milhões e milhares de milhares, que com grande voz diziam: *Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder*, e riquezas, e sabedoria, e força, *e honra, e gloria e acções de graças.* E ouvi a toda a creatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e está no mar, e todas as cousas que n'elles ha, dizendo Ao que está assentado sobre o throno, e ao *Cordeiro, sejam acções de graças, e honra, e gloria, poder* para todo o sempre jámais. E os quatro animaes diziam Amen, E os vinte quatro anciãos *prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre.*» (Apoc. 5: 11—14)

Vemos pois que Jesus Christo reclama a honra da verdadeira adoração, honra esta que só a Deus compete receber, porque Jesus Christo diz: «Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Elle servirás.» (S. Matt. 4.10.) E em toda a parte das Escripturas dar-se culto de adoração a qualquer outro ente sinão ao unico Supremo Ser, é representado como idolatria e um grande crime contra Deus. E com este conhecimento da lei

que Jesus tinha, si Elle, sem protesto recebia culto que só Deus é digno de receber: ou Elle era um criminoso deante de Deus ou Elle é Deus mesmo. Mas ninguem está disposto a dizer que Jesus era criminoso, porém que Elle recebia homenagem, adoração e culto que só deviam ser offerecidos a Deus, já temos provado, por isso é claro que Jesus Christo é o Verdadeiro e eterno Deus.

Concluimos os nossos argumentos sobre a Divindade de Jesus Christo, com as seguintes palavras do Dr. Ralston:

«A Divindade de Christo é uma doutrina, não só ensinada expressa e abundantemente na Biblia mas tambem harmonizando perfeitamente com o projecto geral de salvação apresentado no Evangelho. Christo é alli exhibido como o grande sacrificio propiciatorio pelo peccado, como o Redemptor do Mundo. Para que Elle fosse um Mediador adequado entre Deus e o homem, parece essencial que Elle possuisse as duas naturezas: porque si Elle fosse mera creatura, todo o trabalho por Elle feito pertenceria a Deus, como um debito em sua propria conta: Conseguintemente, Elle não teria merito em fazer a expiação para o genero humano.»

Finalmente: Elle é representado como o Salvador do mundo; como a base e o *fundamento* da esperança dos peccadores, na hora da afflicção, morte e juizo, ao mesmo tempo que o braço sobre o qual podem confiar para a salvação das nossas almas immortaes é forte para nos livrar, e poderoso para nos salvar Bem poderiamos tremer, si nossas esperanças eternas estivessem fundadas sobre uma mera creatura. Mas graças a Deus, Aquelle em quem confiamos como nosso refugio e Redemptor, possue perfeições infinitas. Elle possue aquelles titulos e attributos, fez aquellas obras e recebeu aquellas honras que propriamente não podem pertencer a ninguem sinão ao Grande e Supremo Deus. Para Elle seja gloria e dominio para sempre. Amen.»

III. A UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS EM UMA SÓ PESSOA

1 Na primeira parte deste capitulo, vimos que Jesus Christo é verdadeiro homem, na segunda parte, vimos egualmente que Jesus Christo é verdadeiro Deus; agora por alguns momentos consideremos a união das duas naturezas—a humanidade e a Divindade—em uma só Pessoa.

«Que não ha nelle qualquer confusão das duas naturezas, evidencia-se pelo modo absoluto em que ambas são apresentadas nas Escripturas. Sua Divindade não soffreu diminuição alguma por unir-se com um corpo humano porque Elle é o verdadeiro Deus.» Sua humanidade emquanto estava na terra, não foi exaltada com propriedades que a tornasse differentes em qualidades da humanidade de suas creaturas: «porquanto os filhos participam da carne e do sangue, tambem Elle participou do mesmo.» Si a natureza divina n'Elle fosse imperfeita, ella teria perdido o seu caracter essencial, porque é essencial á Divindade que ella seja completa: Si quaesquer das propriedades essenciaes á natureza hamana tivessem faltado, Elle não teria sido homem: Si a Divindade e a humanidade estivessem n'Elle misturadas e confundidas, em tal caso Elle teria sido um ente composto, nem Deus, nem homem. Mas Elle em nada faltava, nem em sua humanidade, nem em sua Divindade, e Elle é o Christo. Claro é que esta é a doutrina das Escripturas.»

Estes dois principios, a saber: *as duas naturezas, cada qual completa em si, e a união de ambas em uma só pessoa*, é a unica chave para a linguagem do Novo Testamento, por meio da qual tudo se explica e harmonisa completamente, dando assim a mais forte evidencia, (menos uma declaração verbal,) da doutrina de que nosso Senhor é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus e homem. D'outro modo, é impossivel dar explicação razoavel do testamento de Deus ácerca do seu Filho Jesus Christo,»

sob qualquer outro ponto de vista. Todos os que experimentam sinceramente hão de achar que todas as passagens das Sanctas Escripturas, ácerca de Jesus Christo podem ser explicadas; ou, referindo-as, segundo a regra dos paes antigos, á *theologia*, significando assim tudo que tinha referencia á Divindade de nosso Salvador: ou a *oiconomia*, significando assim sua incarnação, tudo que Elle fez em carne para alcançar a salvação do genero humano. Esta distincção acha sua expressão na linguagem theologica de hoje em applicar suas causas á Divindade de Christo, e outros á sua humanidade. Aquelle que segue este principio de interpretar as cousas, raras vezes encontrará difficuldades em entender o sentido das Escripturas Sagradas, ainda que muitas vezes o assumpto seja insondavel.»

«Si qualquer perguntar, si Jesus Christo é verdadeiro Deus, como podia Elle nascer e morrer? como podia Elle crescer em sabedoria e estatura? como podia Elle ser sujeito á Lei? ser tentado? ter precisão de oração? como a sua alma podia estar cheia de tristeza até a morte? ser desamparado do seu Pae? remir a Egreja com o seu proprio sangue? ter goso proposto a Elle? ser exaltado? ter-se-lhe dado todo o poder no céu e na terra? etc. A resposta é, Elle tambem foi *homem*.»

«Por outro lado si causa admiração que um *homem visivel* pudesse curar doenças á sua vontade, e sem appellar a qualquer poder mais alto, como Christo fazia muitas vezes acalmar os ventos e as ondas: conhecer os pensamentos dos corações dos homens: prever sua propria paixão com as suas circumstancias: perdoar com auctoridade os peccados ser exaltado sobre toda a creatura no céu e na terra estar presente onde quer que estejam reunidos dois ou tres em seu nome: estar com seus discipulos até á consummação dos seculos: reclamar homenagem universal e que toda creatura do-

brasse ao seu nome o joelho: ser associado com o Pae nas preces solemnes e acções de graças e trazer os grandes nomes de Deus, nomes proprios e da revelação, nomes que dão expressão aos attributos divinos—Qual será a resposta? *Christo é Deus.*» (1)

A união das duas naturezas em Christo chama-se em theologia, *união hypostatica*; hypostase quer dizer pessoa, e união hypostatica, significa que a união não é uma de mistura porém o resultado é uma unidade pessoal.

Ha sempre uma pessoa ou personalidade a quem pertencem tanto os attributos divinos como os humanos. Como diz o Dr Patton: «A doutrina da Escriptura, a respeito da pessoa de Christo, pode resumir-se nas seguintes proposições

«1. Elle tinha uma natureza humana e completa—isto é, um verdadeiro corpo e uma alma racional.»

«2. Elle tinha uma natureza divina verdadeira. Era Deus.»

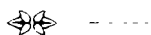
«3. Estas naturezas existem inteiras e distinctas, sem mistura ou confusão.»

«4. Elle é uma só Pessôa.»

«Embora que tenha duas naturezas e uma e unica personalidade—é a mesma pessoa divina existente desde a eternidade.» (2)

Esta pessoa divina existe desde toda a eternidade, «na plenitude dos tempos,» «tomou a natureza humana no ventre da Bemdicta Virgem de maneira que as duas naturezas distinctas e perfeitas—a saber a Divindade, e a humanidade—foram unidas em uma só pessoa, para jámais serem separadas, a qual é Christo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que effectivamente soffreu,

(1) Watson s Institutes. Pag. 347 e 348.
(1) Comp. Doutrina Christan.

foi crucificado, morto e sepultado para reconciliar-nos com seu Pae, e para ser um sacrificio, não sómente pelo peccado original, mas tambem pelos peccados actuaes dos homens.» «Este Christo em verdade resuscitou dos mortos, tomando outra vez o seu corpo, com todas aquellas cousas pertencentes á integridade da natureza humana com as quaes Elle subiu ao céu, e alli está sentado até voltar para julgar os homens no ultimo dia.»

CAPITULO IV

Processão, Personalidade e Divindade do Espirito Sancto

1 Encontramos o termo ESPIRITO SANCTO tão frequentes vezes nas Sagradas Escripturas, e é elle tão intimamente relacionado com todo o systema da revelação, que a investigação deste assumpto torna-se de interesse vital.

2. Os doutos nos dizem que *Espirito* é, no hebraico, traduzido pela palavra *ruach*, e no grego por *pneuma*, que primitivamente significavam respiração ou vento; vemos pois, que a etymologia da palavra não póde fornecer-nos muito auxilio na investigação deste assumpto como elle é apresentado nas Escripturas; appellaremos pois para as declarações da inspiração, dividindo o assumpto do modo seguinte: *I. Processão do Espirito Sancto: II. A personalidade do Espirito Sancto, e III. A Divindade do Espirito Sancto.*

I. A PROCESSÃO DO ESPIRITO SANCTO

1. «A doutrina orthodoxa é que, como Christo é Deus por eterna *filiação*, assim o Espirito Sancto é Deus por *processão* do Pae e do Filho. A Egreja Grega admitte a processão do Espirito do Pae, porém rejeita o *Filioque* ou a processão do Filho. Os Gregos affirmam que os latinos introduziram clandestinamente o termo *Filioque* no Credo Niceno para favorecer as suas opiniões sobre a processão do Espirito Sancto do Filho tanto como do Pae—ponto esse em que as duas Egrejas estão separadas. Agostinho, A. D. 354, usa da expressão «*procedere ab utroque*», (procede de ambos) e o terceiro Concilio de Toledo, A. D. 589, denunciá como hereges todos

quantos não acreditam que o Espirito Sancto procede do Pae e do Filho. Uns pensam que a addição foi feita no primeiro Concilio de Bracaro. A. D. 411.»

2. Nós acceitamos o *Filioque,* não por causa do termo ser empregado por este ou aquelle Concilio, mas porque se harmonisa com as Escripturas. Por isso nossa Egreja diz no seu 4º Artigo de Religião:

«O Espirito Sancto que *procede* do Pae e do *Filho* é de substancia, magestade e gloria, com o Pae e o Filho, Verdadeiro e Eterno Deus.»

Que esta é a doutrina da Biblia, se vê do seguinte argumento do Bispo Pearson:

«Esta processão do Espirito em referencia ao Pae, é tambem annunciada expressamente em relação ao Filho, e virtualmente se contem nas Escripturas. Primeiro, diz-se expressamente que o Espirito Sancto procede do Pae, como testemunha nosso Salvador; «mas quando vier o Consolador que eu do Pae vos hei de enviar, a saber, aquelle Espirito de Verdade que procede do Pae, Elle testificará de mim (S. João 15:24.)». E' claro, do que já dissemos, que si o Pae e o Espirito são o mesmo Deus, sendo o mesmo na Unidade da Natureza Divina, porém distincto quanto á sua personalidade, um d'elles deve receber essa natureza do outro; e como já vimos que o Pae não a recebeu de outro ente qualquer, é claro pois, que o Espirito a tem do Pae. (1º) Posto que as Escripturas não declaram expressamente que o Espirito procede do Pae e do Filho, todavia a substancia dessa verdade está virtualmente contida nellas porque as mesmas expressões que são empregadas pelo Espirito Sancto em relação ao Pae, são egualmente empregadas do mesmo Espirito em relação ao Filho; por isso devemos presuppor a mesma razão em referencia ao Filho que está applicada em referencia ao Pae, pois o Espirito procede do Pae e por isso chama-se o Espirito de Deus e o Espirito do Pae. «Não sois vós que falaes,

mas o Espirito do vosso Pae que fala em vós.» (Mat. 10:20.) Na linguagem dos Apostolos, o Espirito de Deus, é o Espirito que *provém* de Deus. «Ninguem sabe as cousas de Deus, senão o Espirito de Deus, porém nós não recebemos o Espirito do mundo, mas o Espirito que provém de Deus.» (1 Cor. 2:11, 12.) Mas o mesmo Espirito é chamado tambem o Espirito do Filho. «Porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espirito de seu Filho.» (Gal. 4:6.) Chama-se o Espirito de Christo. «Mas si alguem não tem o Espirito de Christo, esse tal não é d'Elle.» (Rom. 8:9.) «O Espirito de Christo que estava nos prophetas.» (1 Ped. 1.11.) O Apostolo o chama Espirito de Jesus Christo, dizendo: «Porque sei que disto me resultará a salvação pela vossa oração e pelo soccorro do Espirito de Jesus Christo.» (Phil. 1:19.) Por isso, si o Espirito Sancto chama-se o Espirito do Pae porque procede do Pae, é egualmente claro que Elle chama-se o Espirito do Filho, porque procede tambem do Filho. (3) Mais: porque o Espirito Sancto procede do Pae, por isso Elle é enviado pelo Pae, como por aquelle que tem por communicação original o direito da missão: Aquelle Consolador, o Espirito que o Pae enviará.» (S. João 14:26.) Mas o mesmo Espirito enviado pelo Pae é tambem enviado pelo Filho. «Quando vier o Consolador que eu do Pae vos hei de enviar...» (S. João 15:26.) Por isso o Filho tem o mesmo direito da missão com o Pae. Vemos pois que as Escripturas declaram expressamente que o Espirito procede do Pae assim como ellas virtualmente ensinam que Elle procede do Filho.

Quando Pearson disse que: «*o Espirito Sancto tem a Natureza Divina do Pae,*» longe de impugnar a propria Divindade do Espirito Sancto, elle antes seguiu o unico curso possivel em ensinar a *Unidade* da Divindade em tres pessoas, sem ensinar que havia tres Deuses cada qual independente um do outro.

Os theologos Trinitarios, tanto os antigos como os modernos, teem seguido mais ou menos o mesmo rumo.

Os theologos antigos mantinham: «que a geração eterna do Filho pelo Pae, e a processão eterna do Espirito do Pae e do Filho, envolvem em ambos os casos *derivação da essencia.*

Illustravam sua idéa deste acto eterno e necessario de communicação pelo exemplo de um corpo luminoso que lança raios de luz durante o tempo inteiro da sua existencia. Assim, o Credo Niceno define o Filho como Deus de Deus, Luz de Luz.» Assim como o brilho do sol é coevo com sua existencia e tem a mesma essencia do sol como fonte, elles queriam, por meio desta illustração, dar expressão de sua fé na identidade e consequente egualdade das pessoas divinas quanto á sua essencia, e na subordinação relativa da segunda á primeira e da terceira á segunda, quanto á sua subsistencia pessoal e consequente ordem de operação. (1)

Com esta opinião dos antigos harmoniza-se perfeitamente o trecho seguinte do Theologo Methodista Dr. Pope:

« Os termos «Geração do Filho» e «Processão do Espirito» são empregados por Nosso Senhor para exprimir uma *eterna Subordinação* na Divindade, no emtanto isto não quer dizer inferiormente de essencia nas Duas Pessoas. (2)

No mesmo sentido diz o Dr Hodge: «Os *attributos* de Deus são as perfeições da essencia Divina, e por isso communs ás tres Pessoas, que são «da mesma substancia,» e, por, isso eguaes em poder e gloria.» As *propriedades*, porém, de cada uma das pessoas divinas são esses modos peculiares de subsistencia pessoal, que

(1) *Esboços de Theologia* por Hodge P. 175.

(2) Pope's Higher, *Catechism of Theology.*

constituem cada Pessoa aquillo que é, e tambem aquella ordem peculiar de operação que distingue uma Pessoa das outras.

« Até onde nos são reveladas as propriedades do Pae são as seguintes « Não é gerado de ninguem, nem procede de ninguem; é o Pae do Filho, tendo-o gerado desde a eternidade; o Espirito procede d'Elle, e é seu Espirito. Assim *o Pae é o primeiro em ordem e operação,* enviando o Filho e o Espirito Sancto, e operando mediante Elles.

As propriedades pessoaes do Filho são as seguintes E' o Filho desde a eternidade o unigenito do Pae. O Espirito é o Espirito do Filho assim como *o é do Pae*, é enviado pelo Pae, a quem revela; e, assim como o Pae, envia o Espirito e opera mediante Elle.

As propriedades pessoaes do Espirito são as seguintes: E' o Espirito do Pae e do Filho, procedendo d'Elles desde a eternidade, é enviado pelo Pae e pelo Filho, que operam mediante Elle.» (1)

Diz o Dr. Summers: «Como Deus faz sair o vento dos seus thesouros,» (Jer. 10:13.) assim o sopro de Deus, o Espirito Sancto, é soprado do Pae e do Filho; posto que não destruindo a relação pessoal entre Elles. Nem o Pae, nem o Filho, nem o Espirito Sancto foram feitos ou criados, sendo eternos e infinitos. Em sentido algum foi gerado o Pae; porém o Filho foi gerado—entretanto isto não é prejudicial a sua Divindade essencial, visto que é uma geração *eterna.* O Pae não procede em sentido algum, visto que Elle é a *Fonte da Divindade,* igualmente o Filho não procede por procedencia—porque é gerado—mas o Espirito não é gerado, Elle procede, procedencia sendo propria á sua personalidade.» (2)

---

(1) Esboços de Theologia P. 174—175.

(2) Summers Systematic Theology, vol. I. P. 389—390.

Estas observações vem nos preparar a mente para receber as seguintes conclusões do Theologo Richard Watson, e (segundo meu ver) não tem existido um theologo melhor desde os dias de S. Paulo. Diz elle

«Não ha outras relações de Pessoas dadas nas Escripturas sinão aquellas que se designam por *Paternidade, Filiação* e *Processão*; todas as outras são apenas *economicas*; e uma vez removidas estas relações *naturaes*, temos de conceber as *Pessoas* na Divindade como perfeitamente independentes uma das outras, theoria esta que tem uma forte tendencia para destruir a unidade de essencia.

Só a doutrina da Paternidade Divina é que concorda com a idéa escripturistica de que *o Pae é a fonte da Divindade*, e como tal, *o primeiro, a origem, o principio*» (4) É longe deste principe de theologos pensar que esta opinião havia de inpugnar a doutrina da Divindade do Filho e do Espirito Sancto, elle tirou a conclusão exactamente ao contrario, dizendo «O termo «Filho» concorda com o caracter escripturistico do Pae e ao mesmo tempo oppõe uma barreira eterna á heresia Ariana ácerca de inferioridade de essencia; visto que como Filho Elle tinha de possuir a mesma essencia com o Pae.» (1) Falando do Espirito, elle diz: «A'cerca do modo de sua existencia, como Christo é Deus por eterna *filiação*; assim o Espirito Sancto é Deus por processão do Pae e do Filho.» (2 e 3)

Vemos, pois, o Pae sempre representado «como a fonte da Divindade. Desta fonte o Filho é Deus por eterna *filiação*; e, o Espirito Sancto é Deus por *processão* eterna do Pae e do Filho. Desta *filiação* eterna o Filho tem a mesma essencia com o Pae. Desta *processão* eterna o Espirito Sancto tem a mesma essencia Divina com o Pae e com o Filho. Emquanto esta *filiação* e *pro-*

---

(1) Vatson's Institutes, pags. 313.

(2) e (3) Watson's Institutes, P. 313 a 353.

cessão attribuem respectivamente ao Filho e ao Espirito Sancto a «mesma substancia, poder e gloria com o Pae, o verdadeiro e eterno Deus,» ao mesmo tempo, e pelo mesmo modo de filiação e processão, attribuem para cada qual a propria personalidade.

A opinião aqui exposta é a unica que concorda com a Unidade da essencia Divina em Tres Pessoas. Porque se o Pae é *Fonte da Divindade*, segue-se que se o Filho e o Espirito Sancto têm a essencia e natureza Divinas, ou Elles a tem dessa Fonte, ou então são Divindades distinctas e independentes, e por conseguinte não podem ser da *mesma essencia com o Pae* — em tal caso podiam ser sómente de *essencia semelhante*, da *mesma* nunca—Deste modo lá vae a Unidade da essencia Divina e temos tres deuses. Mas ninguem ousa dizer que Elles tem a natureza e essencia Divinas independentes do Pae, que os theologos chamam a Fonte da Divindade, claro é pois que Elles tem-n'as do Pae. Só assim é que Elles podem ser da *mesma Substancia*, *poder e eternidade* com o Pae.

II. A Personalidade do Espirito Sancto

«Com referencia á natureza do Espirito Sancto apresentada nas Escripturas, muita diversidade de opiniões tem existido entre os confessores christãos desde os primeiros seculos do Christianismo. Por Elle alguns têm entendido um mero *attributo*, *energia* ou *emanação* da Divindade, negando ao Espirito Sancto qualquer existencia pessoal, ao mesmo tempo outros têm asseverado não só a existencia pessoal, mas tambem a real Divindade do Espirito Sancto. A primeira destas opiniões foi o sentimento geral dos Arianos, Socinianos, Unitarios, etc., a ultima tem sido a crença de grande numero de Christãos orthodoxos, desde os dias dos apostolos.» (1)

(1) Ralston's Elements of Divinity.

1. As ACÇÕES attribuidas ao Espirito Sancto são tres que só podem ser predicados de um ente pessoal. Vemos as acções de uma pessoa nas seguintes passagens das Escripturas: «Porque si eu não fôr, o Consolador não virá para vós, porém, si eu fôr, enviar-vol-o-hei. E quando Elle vier, convencerá o mundo do peccado, da justiça e do juizo... Porém, quando vier aquelle Espirito de Verdade, Elle vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas falará tudo o que tiver ouvido, e vos annunciará as cousas que hão de vir. Elle me glorificará, porque ha de receber do que é meu, e vol-o ha de annunciar. Tudo quanto o Pae tem é meu; por isso vos disse que ha de receber do que é meu e vol-o ha de annunciar.» (S. João 16 7—16.) «Quando vier o Consolador, que eu do Pae vos hei de enviar, a saber, aquelle Espirito de Verdade que procede do Pae, Elle testificará de Mim.» (S. João 15 : 26.) «Aquelle Consolador, o Espirito Sancto, que o Pae enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dicto.» (S. João 14 : 26.) Aqui vemos o Espirito representado como *vindo, convencendo o mundo, guiando em toda a verdade, falando* tudo o que tiver *ouvido*, *annunciando* cousas futuras; como *recebendo* cousas d'outrem, como sendo *enviado e testificando,* como *ensinando e fazendo lembrar* as cousas de Christo. Nestas passagens temos não menos que onze acções pessoaes pertencentes ao Espirito Sancto, acções que não podem, de modo algum, ser predicados de uma energia ou influencia, mas antes acções que pertencem a uma intelligencia pessoal.

Em Actos 13, o Espirito Sancto está representado como escolhendo e enviando os ministros do Evangelho: «E servindo elles ao Senhor e jejuando, disse o Espirito Sancto Apartae-me a Barnabé e a Saulo para a obra para que os tenho chamado... Estes então, *enviados* pelo Espirito Sancto,» etc. (V 2, 4.) O Espirito manda

o que hão de prégar «Falamos não com palavras que a sabedoria humana ensina, mas com as que o Espirito Sancto ensina, comparando as cousas espirituaes com as cousas espirituaes.» (1 Cor. 2:33.) Todos estes actos mostram que o Espirito é uma pessoa.

2. A ASSOCIAÇÃO do nome do Espirito com os nomes do Pae e do Filho é prova da personalidade do Espirito Sancto, pois se o Espirito fosse sómente uma influencia ou energia do Pae, não podia haver razão para tal associação

(1) «Porque tres são os que testificam no Céo: O Pae, a Palavra e o Espirito Sancto; e estes são Um.» (1. S. João 5 7.) Vemos aqui o Espirito Sancto associado com o Pae e a Palavra ou Verbo no testemunho celeste.

(2) Achamos a mesma associação dos tres nomes na bençam apostolica: «A graça do Senhor Jesus Christo, e o amor de Deus, e a communhão do Espirito Sancto seja com todos vós, Amen.» (2. Cor 13: 13.)

(3) Finalmente achamos a mesma relação existindo na formula do baptismo «Pontanto ide, ensinae todas as nações, baptizando-as em nome do Pae, e do Filho, e do Espirito Sancto» (Matt. 28: 19.)

Diz o Dr Ralston «Si o Espirito não tem existencia pessoal, como entenderemos esta dedicação solemne? Somos dedicados — 1: A' pessoa do Pae; 2: A' pessoa do Filho; 3: A' que? Não á pessoa do Espirito, mas ao mero attributo ou energia, a alguma cousa sem existencia pessoal! Que idéa extraordinaria!» (1)

Os SENTIMENTOS que são predicados do Espito Sancto são taes que só podem ser affirmados de

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

uma pessoa. Póde ser tentado, ou provocado: «Porém, Pedro lhe disse: Porque é que entre vós vos concertastes para tentar o Espirito do Senhor?» (Actos 5 9.)

Elle póde ser entristecido: «Porém, elles foram rebeldes, e *contristaram* o Seu Espirito Sancto; pelo que se lhes tornou inimigo e Elle mesmo peleja contra elles.» (Isa. 63:10): «Não *entristeçaes* o Espirito Sancto de Deus, pelo qual estaes sellados para o dia da redempção.» (Eph. 4 30.)

Estes sentimentos são taes que só podem ser experimentados por uma intelligencia pessoal, mas vendo que o Espirito Sancto experimenta-os, logo é claro que Elle é uma pessoa.

III. A Divindade do Espirito Sancto

Tem-se provado pelas *acções*, pelas *associações*, e pelos *sentimentos* que são predicados do Espirito Sancto, nas Sagradas Escripturas, que Elle é uma pessoa. agora vamos considerar a sua Divindade.

Tractaremos agora da evidencia da Divindade real e suprema do Espirito Sancto. Consideraremos o assumpto com o plano seguinte: *As Honras, As Obras, Os Attributos e Os Nomes*, attribuidos ao Espirito Sancto nas Escripturas, demonstram a sua Divindade.

1. As HONRAS dadas ao Espirito Sancto na Biblia são taes que só podem ser predicados de Deus.

(1.) Elle é representado com Magestade Suprema por Jesus nas palavras seguintes: «Portanto eu vos digo: «Todo o peccado e blasphemia se perdoará aos homens; porém a blasphemia contra o Espirito Sancto não será perdoada aos homens.» (Mat. 12 31.)

Vemos do contexto que a blasphemia contra o Es-

pirito Sancto subsiste em attribuir a Satanaz, as obras e maravilhas operadas pelo Espirito. Mas si a blasphemia contra o Espirito é um crime tão horroroso que não será perdoado jámais, vemos nisso quão magestoso é Aquelle contra quem tem-se peccado. Um ente tão alto e magestoso não póde ser outro sinão a propria Divindade.

(2.) O Espirito Sancto é honrado por *associação* com o Pae e o Filho, na bençam apostolica e na formula de baptismo, como já notámos na segunda divisão deste artigo, mostrando que Elle é egual com o Pae e o Filho. Chamamos a attenção aqui para a associação do Espirito Sancto com o Pae e o Filho na *Inspiração das Sagradas Escripturas*. «Havendo Deus antigamente *fallado* muitas vezes, e em muitas maneiras, aos paes *pelos prophetas*.» (Heb. 1 : 1.) S. Pedro nos diz que «O Espirito de Christo que estava nelles... testificava.» (1 Ped. 1 : 11) e que «Os homens Sanctos de Deus falaram inspirados pelo Espirito Sancto.» (2 Ped. 1 : 21.) A passagem primeiramente citada, refere-se sem duvida ao Deus Pae, na segunda ao Deus Filho e na ultima ao Deus Espirito Sancto, demonstrando que o Espirito Sancto tem honras eguaes na inspiração dos prophetas. Muitas outras passagens podiam ser citadas dando ao Espirito Sancto honras divinas, dos cultos, adorações e inspiração, porém estas bastam para mostrar que o Espirito Sancto tem honras eguaes com o Pae e com o Filho e por isso é Divino.

2. Em segundo logar AS OBRAS *attribuidas* ao Espirito Sancto, na Biblia, só podem ser operadas pela Divindade e por isso demonstram a sua Divindade real.

(1.) A *Creação* é uma obra só propria a Deus, e esta vemos attribuida ao Espirito Sancto, nas passagens seguintes :

«Pelo seu *Espirito* ornou os céus : a sua mão

formou a serpente enroscadiça.» (Job 26 : 13.) *O Espirito* de Deus me fez: e a inspiração do Todo Poderoso me deu a vida.» (Job 33 : 4.) D'estas citações concluimos que o Espirito Sancto é Deus.

(2.) *A Preservação* sendo attribuida ao Espirito Sancto demonstra que Elle é Deus: «Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e *sustem*-me com o teu Espirito Voluntario.» (Ps. 51 12.)

(3.) *O Novo Nascimento* é obra de Deus, como vemos do seguinte: «Qualquer que é nascido de Deus não commette peccado... porque é nascido de Deus.» (1 S. João 3 : 9.) Mas o Novo Nascimento é tambem attribuido ao Espirito Sancto: «Na verdade, na verdade te digo que aquelle que não nascer da agua e do Espirito Sancto não póde entrar no reino de Deus. O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; porém não sabes d'onde vem, nem para onde vae; assim é todo aquelle que é nascido do Espirito.» (S. João 3 5—8.) Concluimos pois, que a obra do Novo Nascimento é predicado do Espirito Sancto, e visto que esta obra é propria de Deus, por isso o Espirito Sancto é Deus.

3. Os ATTRIBUTOS do Espirito Sancto nas Sagradas Lettras, demonstram sua *verdadeira Divindade.*

(1.) *Unidade* —«Ha um só Espirito.» (Eph. 4 : 4.)

(2.) *Eternidade* —«Quanto mais o Sangue de Christo, que pelo Espirito Eterno se offereceu a si mesmo immaculado a Deus purificará as vossas consciencias das obras mortas para servirdes ao Deus vivo.» (Heb. 9 : 14.)

(3.) *Omnisciencia* —«Porque o Espirito *penetra todas as cousas*, ainda as profundezas de Deus.» (1 Cor. 2 : 10.)

(4.) *Omnipotencia*: — «Pelo poder dos signaes e prodigios, pela virtude do Espirito de Deus.» (Rom. 15 : 19)

(5.) *Omnipresença*: — «Para onde me irei do teu Espirito?» (Ps. 139 7.)

(6.) *Sabedoria*: — Chama-se «O Espirito de Sabedoria e de intelligencia.» (Isa. 11 : 2.)

(7.) *Verdade* — Chama-se «O Espirito de Verdade». (S. João 15 : 26.)

(8.) *Sanctidade* — Elle é por excellencia «O Espirito Sancto,» e «O Espirito de Sanctificação.» (Rom. 1 : 4.)

(9.) *Bondade* — «O teu Espirito é bom.» (Ps. 143 10.)

Mas estes attributos não são proprios sinão do Grande e Supremo Ser, porém são predicados do Espirito Sancto. Concluimos pois, que Elle é a Suprema Divindade.

4. Os NOMES dados ao Espirito Sancto nas Escripturas indicam a sua Divindade real.

(1.) Chama-se «*O Senhor dos Exercitos*» : «Então disse eu: Ai de mim que vou perecendo, porquanto sou de labios immundos, e habito no meio de um povo immundo de labios, porque os meus olhos viram o rei, *O Senhor dos Exercitos*. Então disse Elle: vae, e dize a este povo: ouvi de facto, e não entendeis, e vêde, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e aggrava-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o coração, nem se converta, e Elle os venha a sarar.» (Isa. 6 5, 9, 10.) S. Paulo em uma discussão com os judeus em Roma, disse: «Bem falou o *Espirito Sancto* a nossos paes pelo propheta Isaias, dizendo Vae a este povo e dize: «De ouvido ouvireis, e de maneira nenhuma entendereis; e,

vendo vereis e de maneira nenhuma enxergareis. Porque o coração deste povo está endurecido,» etc. (Actos 28 : 25—27) Vemos, pois, que Aquelle que S. Paulo chama *O Espirito Sancto*, é por Isaias chamado *O Senhor dos Exercitos*. Nome este que só compete a Deus, por isso *O Espirito Sancto é Deus*.

(2.) O Espirito Sancto é chamado *Deus* nas Escripturas. Em 1 Cor 12 : 6, lemos : «Ha diversidade de operação, porém é *o mesmo Deus que obra todas estas cousas*.» Aqui *o mesmo Espirito chama-se o mesmo Deus*.

Mais : em Actos 5 3, 4, achamos : «Disse então Pedro Ananias, porque encheu Satanaz o teu coração, para que *mentisses ao Espirito Sancto*, e defraudasses no preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E vendida não estava em teu poder? Porque formaste este designio em teu coração? *Não mentiste aos homens, mas a Deus*.»

Claramente se vê que nesta citação *o Espirito Sancto é chamado I eus*.

Muitos outros nomes e titulos podiam ser apresentados para mostrar pelas Escripturas Sagradas que a verdadeira Divindade é predicado do Espirito Sancto, porém julgamos que bastam estas para demonstrar que o Espirito Sancto é Divino.

Em conclusão, citamos as seguintes palavras do Dr Ralston: «Si negarmos a Divindade do Espirito Sancto, seremos levados ao manifesto absurdo de dizer que os titulos os mais elevados, os attributos Supremos, as obras as mais exaltadas, e as honras as mais sagradas da propria Divindade são nas Escripturas expressa e repetidamente attribuidas a um mero attributo abstracto, energia ou influencia, que não possue existencia pessoal. Mais ainda está no volume designado positivamente para destruir toda a

especie de Idolatria. E' positivamente claro que a deificação d'uma influencia, ou de qualquer cousa que não seja o Eterno e Supremo Ser, é idolatria tanto como a de ajoelhar perante os troncos e as pedras, ou «aves, quadrupedes e reptis.» Mas segundo a Biblia, «Deus é um Espirito» e aquelle *Espirito é Deus.* (1)

(1) Ralston, Elements of Divinity.

CAPITULO V.

A Sancta Trindade

A palavra *Trindade* quer dizer *tres* em *um*, e quando applicada a Deus, significa que existem em uma Suprema Divindade tres pesssas o Pae, o Filho e o Espirito Sancto.

Todos admittem que o Pae é Deus.

Temos provado em outro capitulo que o Filho é Deus.

Temos provado egualmente que o Espirito Sancto é Deus.

Tambem temos demonstrado que ha um só Deus. Vemos, pois, que a Suprema Divindade subsiste em tres pessoas distinctas, mas da mesma essencia e substancia, de maneira que ha um unico Deus.

Para estabelecer esta doutrina, estamos inteiramente dependentes das Escripturas Sagradas.

E' verdade que alguns têm julgado a reunião de tres pessoas na Sancta Trindade, demonstravel pelo exercicio da razão natural ; mas podemos dizer que outros têm tirado da mesma fonte da razão natural, conclusões diametralmente oppostas. Diz o Dr Watson «Taes pretenções devem produzir em nós um verdadeiro sentimento do quanto são inadequados os poderes humanos para penetrarem as profundezas de Deus: e elles fortemente demostram a necessidade dos ensinos da Divindade ácerca de tudo que tem relação com taes assumptos, e exigem de nós perfeita docilidade da mente quando o proprio Deus se digna tornar o nosso instructor.»

«Peiores do que os esforços que tem-se feito para provar este mysterio por meros argumentos, são as pretenções de explical-os: ou, porque os argumentadores chamam os actos emanentes da Divindade ácerca de si, d'onde originam as relações de Pae, Filho e Espirito Sancto; ou, por dizer-se que a Trindade é a mesma cousa que os tres principios essenciaes, ou poderes agentes na essencia Divina—poder, intelligencia e vontade — para os quaes elles inventam uma especie de personificação: ou, por dizerem que as tres pessoas são *Deus se ipsum intelligens, Deus a se ipso intellectus, et Deus a se ipso amatus.* Taes hypotheses ou escurece mo assumpto que se queira explicar por palavras sem sabedoria, ou arrogam principios que quando são vistos em toda a extensão de sua significação, são inteiramente inconscientes com a doutrina annunciada nas Escripturas e que os seus advogados professam venerar »

«E' uma theoria mais innocente aquella que acha os typos e symbolos do mysterio da Trindade nos diversos objectos naturaes. Desde os paes, muitos têm illustrado a Trindade de pessoas na mesma Divindade por analogia de tres ou mais homens, cada um dos quaes tem a mesma *natureza* humana: pela união das duas naturezas do homem em uma pessoa: pela trindade das principaes faculdades da alma, *poder*, *intelligencia* e *vontade*, «*posse, scire, velle,*» que elles dizem não são tres divisões d'alma, sendo a alma inteira, «*quod potest, quod intelligit et quod vult;*» pela luz, movimento e calor do sol, como muitos outros.

Entretanto, podemos dizer ácerca destes exemplos, que emquanto admittimos que são verdades philosophicas, ellas não podem ser *provas:* ellas são, ás vezes, inapropriadas *illustrações:* e o melhor serviço que jámais prestaram, ou que são capazes de prestar, é em calar as objecções que são ás vezes tiradas de cousas meramente finitas e naturaes, pelas respostas tiradas da

mesma fonte; mesmo assim as objecções tanto como as respostas muitas vezes mostram que o assumpto é demais exaltado e sublime para ser abordado por taes analogias.» (1)

No estudo deste assumpto, empregamos o esboço seguinte:

I. *Fazer umas observações sobre algumas objecções.*

II. *Notar a opinião orthodoxa sobre esta doutrina.*

III. *Produzir os argumentos biblicos sobre o assumpto.*

I. Faremos umas observações sobre algumas objecções contra a doutrina da Trindade.

1. Diz-se que «a doutrina da Trindade envolve uma contradicção.» Respondemos na linguagem do Bispo Stillinfleet «E' atrevimento extraordinario dos homens falarem de contradicções em cousas além do nosso entendimento. Deus não nos revelou todas as cousas? Não é razoavel que o acreditemos, apezar de não podermos comprehender o modo porque foram creadas? Não revelou Deus claramente que haverá a resurreição dos mortos? E' possivel que pensemos de não haver razão de acredital-o até que possamos claramente comprehender as transformações das particulas da materia, desde a creação até a resurreição geral? Si não devemos acreditar sinão naquillo que podemos comprehender, teriamos de rejeitar a propria existencia de Deus com todas as suas perfeições inexcrutaveis. Si cremos que os attributos de Deus são infinitos, de que modo poderemos comprehendel-os? Somos extranhamente confundidos com as cousas claras, ordinarias e finitas! é loucura tentar comprehender aquillo que é infinito, e, si as perfeições de Deus não são infinitas, não podem pertencer-lhe. Deus, desde que as Escripturas

---

(1) Watson's Institutes.

ensinam que o Pae, o Filho e o Espirito Sancto são *um, e* que ha unidade de tres pessoas participando na mesma natureza Divina, devem por força ter uma união da mais perfeita especie; podemos nos assegurar de que, o mais que possamos nos affastar de toda a idéa de desigualdade, divisão ou separação, si comtudo conservarmos a distincção de pessoas, nossas concepções mais se approximarão da verdade. (1)

Como diz o Dr Patton «A Egreja não ensina que tres pessoas são uma pessoa, mas sim que existe um Ser em tres pessoas. Aquelles que ridicularisam a fé trinitaria, assumem sempre que nós suppomos que o Pae, o Filho e o Espirito Sancto são tres pessoas no mesmo sentido que Pedro, Thiago e João são tres individuos. Nós porém não suppomos tal. O que cremos nós? Nós cremos primeiro:—(1.) Que ha um Deus. (2.) Que Deus é tri-pessoal, isto é:—que o Pae, o Filho e o Espirito Sancto, são pessoas tão distinctas, que o Pae pode dirigir-se ao Filho, o Filho pode dirigir-se ao Pae, e ambos podem falar em enviar o Espirito Sancto. A Escriptura ensina estes factos a respeito das relações do Pae, do Filho e do Espirito Sancto, e a palavra *pessoa* exprime melhor estes factos do que qualquer outra.» (2)

2. Diz-se que «a doutrina da Trindade é incomprehensivel e nos obriga a crer em mysterios.» Respondemos na linguagem do Dr. Ralston:

«A objecção que se funda numa base falsa affirma que não devemos acreditar qualquer cousa até que possamos comprehendel-a. Si isto é verdade, nós devemos hastear a bandeira de um scepticismo respeitavel e universal: porque, perguntamos, quaes são as cousas que podemos comprehender? Desde o mais insignificante insecto que se prende, como por todo o annel na

(1) Hills Lectures.

(2) Comp. de Doutr. Christen.

«cadeia infinita da existencia», ha mysterios—mysterios inexplicaveis—em cada objecto que contém planos e, apezar disso, acreditamos firmemente na existencia das cousas, mas além de tudo que se tem dito como objecção do mysterio da Trindade, a difficuldade continúa egualmente grande sobre qualquer assumpto que se relacione com o Divino Ser.» (1)

«Emquanto as Escripturas declaram a verdade fundamental da religião natural—que Deus é um só, falam de duas pessoas, cada uma das quaes tomada em suas relações para com o Pae, obrigando-nos a consideral-as como Deus, attribuindo ás tres, propriedades e personificações distinctas. E' impossivel que as *tres* possam ser *uma* no mesmo sentido em que são *tres;* e, d'ahi sègue-se por influencia necessaria, que a unidade de Deus não é unidade em pessoas, mas não se segue que deixa de ser unidade d'uma especie mais intima do que qualquer d'aquella para que olhamos. A unidade do consentimento ou vontade não corresponde ás conclusões da razão, nem é adequada por qualquer meio á grande parte da linguagem da Escriptura, porque ambas concorrem em levar-nos a suppôr a unidade de natureza.... mas somos por demais ignorantes do modo da existencia divina para nos julgarmos auctorisados a dizer que a distincção das pessoas é infracção da Unidade Divina.»

II

NOTAREMOS A OPINIÃO ORTHODOXA SOBRE ESTE ASSUMPTO

A crença geral do Christianismo é que *as tres pessoas são um Deus.* Esta é a unica theoria que se harmonisa com as Escripturas Sagradas, e que tem sido a crença geral da Egreja desde os primeiros seculos. O Credo de Sancto Athanasio, diz «Adoramos Um Deus em Trindade, e a Trindade em Unidade, sem confundir

(1) **Ralston's—Elements of Divinity.**

as pessoas, ou dividir a substancia. Porque uma é a Pessoa do Pae, e outra a do Filho, e outra a do Espirito Sancto. Mas a Divindade do Pae, do Filho e do Espirito Sancto, é uma só; a gloria egual e a magestade co-eterna. Assim, o Pae é Deus, o Filho é Deus e o Espirito Sancto é Deus; e comtudo não ha tres Deuses mas um Deus.»

O Bispo Pearson, com quem concorda o Bispo Bull, é de opinião que Deus o Pae é a fonte da Divindade, que toda a Natureza Divina é communicada do Pae para o Filho e destes dois para o Espirito Sancto, comquanto não sejam o Pae e o Filho separados ou separaveis da Divindade, mas existem n'Ella e são intimamente unidos a Ella. Esta era tambem a doutrina do Dr Owen.» (1)

O Sr Watson (Richard) diz que esta «opinião harmonisa-se mais exactamente com as Escripturas Sagradas.» (2)

O Dr. Ralston, diz «Por Trindade, segundo o nosso entendimento das Escripturas, não suppomos que hajam tres Deuses e que estes tres Deuses são um Deus: nem entendemos que tres pessoas na Divindade sejam uma pessoa: qualquer destas theorias, não sómente seria contra a Biblia mas tambem significaria em si uma contradicção manifesta.

«Não imaginamos que na natureza Divina ha tres entes distinctos e intelligentes, e que estes tres são mysteriosa e intimamente unidos para constituirem um ente só; tambem isto seria contradictorio e contra a Biblia. Podemos notar que os Socinianos, os Arianos e outros que têm escripto em opposição á Trindade, apresentaram mui geralmente a doutrina trinitaria, segundo uma ou outra das theorias aqui apresentadas.»

« A theoria correcta do assumpto, segundo os

---

(1) Dodderige's Lectures.

(2) Watson's Institutes.

ensinos dos eminentes theologos orthodoxos e a que parece mais conforme as Escripturas Sagradas, é que a *Divindade existe sob tres personalidades distinctas e ao mesmo tempo constituindo sómente um Deus.*»

«Si falassemos da principal essencia do Divino Ser, diriamos que ha um só Deus : mas si falassemos da distincção pessoal como é propriamente expressa pelos pronomes *Eu, Tu* e *Elle*, diriamos : que ha tres pessoas em um e o mesmo Deus, ou um e o mesmo Deus em tres pessoas. Comtudo, si formos chamados para explicar o modo porque tres pessoas subsistem em um só Deus, replicariamos que o assumpto não é mais ou menos difficil do que a comprehensão de quaesquer dos attributos Divinos. Nossa fé inclue o facto como materia de revelação ; o modo que envolve este mysterio estupendo, não sendo revelado, deixamol-o além do véu, como these que será apresentada a exame quando nós conhecermos como somos conhecidos. Por isso, todas as tentativas para explicar o mysterio da Trindade, ou o modo em que tres pessoas constituem um Deus, repudiamos como vans e futeis, ao mesmo tempo ficamos com nossa fé firme e immovel na verdade do facto revelado pela Biblia.» (1)

Sendo pois a doutrina da Trindade inteiramente dependente das Escripturas para demonstração, procederemos á consideração da terceira proposição :

III. EXAMINAR OS ARGUMENTOS BIBLICOS SOBRE O ASSUMPTO.

Consideramos a evidencia derivada das Escripturas, na fórma seguinte *A Trindade no Velho Testamento : A Trindade nos Evangelhos : A Trindade nos mais escriptos dos Apostolos.*

(1.) *A Trindade no Velho Testamento.*

---

(1) Elements of Divinity.

1. *Os nomes* pelos quaes Deus revelou-se aos homens indicam a pluralidade de pessoas na Divindade.

(1.) O nome *Elohim* é um termo plural, e emprega-se em muitos logares do Velho Testamento, encontramos o termo no primeiro verso da Biblia, onde se diz: «No principio creou *Elohim* (Deuses) os céus e a terra.» «Aqui,» diz o Dr. Ricardo Watson, «notamos que o nome plural é usado como sujeito de um verbo do singular, e traduzida litteralmente a passagem seria «no principio *O Deuses creou* os céus e a terra.» Desta fórma a palavra associada com verbos no singular, ha numerosos exemplos na Biblia.»

«Que a palavra é plural assegura-se, por ser ella muitas vezes modificada por adjectivos, pronomes e verbos no plural; no emtanto, quando não póde ter outra significação sinão o verdadeiro Deus, acha-se geralmente usada em fórma plural como sujeito de um verbo no singular » (1)

(2.) «*Jehovah* é o nome porque Deus revelou-se ao homem—peccador, porém remido. Em Genesis ao homem como uma raça: em Exodo: ao povo do pacto mosaico: e no Novo Testamento como o *trino* e *uno* Jehovah. O mysterio da Trindade estava talvez na fórma da palavra *Elohim*, e na interpretação divina da palavra *Jehovah*, que é «*Eu sou e serei o que serei.*» (Ex. 3:14.) (2)

«Para fazer este ainda mais forte, *os Elohim* chamam-se Jehovah, e Jehovah chama-se os *Elohim*: assim, no Psalmo 100:8. «Sabei que o *Jehovah*, Elle os *Elohim*; foi Elle que nos fez e não nós outros a nós. E na passagem, *Jehovah nossos Elohim* (Deuses) é o unico *Jehovah*.» (Deut. 6:4.)

(3.) «Outras fórmas no plural, encontram-se tam-

(1) Watson's Institutes.

(2) Pope's Higher, Catechism of Theology,

bem quando se fala só no unico e verdadeiro Deus. «E disse Deus: *Façamos* o homem á *nossa* imagem, conforme a *nossa* semelhança.» (Gen. 1:26.) «Então, disse o Senhor Deus Eis que o homem é como *um de nós.*» (Gen. 3:22.) «E disse: *desçamos* e confundamos, etc.» (Gen. 11:6, 7.) «Porquanto Deus alli se lhe tinha manifestado.» (Gen. 35:7.) No Hebraico, *Deus appareceram*, o verbo sendo no plural. Não é necessario multiplicar estes exemplos: elles são as fórmas communs na linguagem das Escripturas Sagradas que critica alguma tem podido resolver em meros idiomas, e que só pode-se explicar satisfactoriamente pela doutrina de uma pluralidade de pessoas na unidade da Divindade. (1)

2. *Nas fórmas de culto*, vemos esta pluralidade de pessoas na Divindade limitada a *tres*; nunca em parte alguma passando estes limites.

(1.) *Na fórma de bençam* que os Summos Sacerdotes Judaicos foram mandados invocar sobre os filhos de Israel, temos um retrato mui parecido com aquella bençam apostolica em 2 Cor 13:14, e que geralmente se usa no fim do culto Christão. Na bençam Levitica achamos as seguintes palavras: «*Jehovah* te abençoe e te guarde: *Jehovah* faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericordia de ti: *Jehovah* sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz.» (Num. 6:24—26.)

O Sr. Watson, commentando este texto, diz: «Si consideramos attentamente os tres membros desta fórma de bençam, acharemos que elles concordam respectivamente com as tres pessoas tomadas em sua ordem geral de Pae, Filho e Espirito Sancto. O Pae é o auctor de *bençam* e *preservação*, *illuminação* e *graça* são do Filho, *illuminação* e *paz* do Espirito, o Ensinador da Verdade e o Consolador

«A harmonia que existe entre as bençams dispensadas nesta fórma, em que *Jehovah* se menciona tres

(1) Watson's Institutes.

vezes distinctas, e aquellas bençams representadas como emanando do Pae, do Filho e do Espirito Sancto na fórma apostolica, seria uma coincidencia notavel ainda si estivesse só; mas a luz da mesma eminente vontade—posto que até então não plenamente revelada—se irrompe d'entre outros espaços nas nuvens quebradas nessa madrugada de Revelação.

(2) «No Sanctuario Judaico havia um logar chamado *O Sancto dos Sanctos*, que quer dizer o Sancto logar dos Sanctos; e que o numero destes é indicado e limitado a tres, claramente se vê na visão de Isaias. A scena dessa visão estava no Sancto logar do Templo, e por isso na propria morada e residencia dos *Sanctos,* aqui celebrados pelos Seraphins que cobrindo as suas faces diante d'Elles. «Clamavam uns aos outros, dizendo: *Sancto, Sancto, Sancto,* é o Senhor dos Exercitos.» (Isa. 6:3.) (1)

Que esta triplice saudação foi dirigida ás tres pessoas da Sancta Trindade abrangidas no unico «Senhor dos Exercitos,» evidencia-se das palavras de Isaias na mesma occasião «Ouvi a voz do Senhor que dizia: A quem enviarei, e quem ha de ir por nós?» (V 8) Veremos isto mais claramente ainda quando lembrarmo-nos que todos admittem que o «Senhor dos Exercitos» inclue o Pae e São João nos diz, falando da mesma occasião: «Isaias disse isto, quando viu a *sua gloria* (de Christo) e falou d'Elle.» (S. João 12:41) E S. Paulo, referindo-se á mesma passagem, diz: «Bem falou o *Espirito Sancto* a nossos paes pelo propheta Isaias.» (Actos 28:25.) Assim vê-se claramente que esta doxologia angelica sauda as tres pessoas da Trindade, o Pae, o Filho e o Espirito Sancto, mas ao mesmo tempo conserva-se a Unidade da Divindade n'um Senhor dos Exercitos.

Poderiamos citar muitas outras passagens do Velho

---

(1) **Vatson's Institutes, pag. 264.**

Testamento indicando a doutrina da Trindade que foi depois mais claramente revelada no claro dia do Evangelho. Mas julgamos bastante o que já dissemos para demonstrar que o Velho Testamento, longe de repudiar a doutrina trinitaria, antes a estabelece, tanto pelos nomes como pelas bençams dispensadas nas fórmas de culto.

(II.) Trindade nos Evangelhos

Já notamos em outros capitulos muitas passagens do Evangelho, mostrando a unidade de Deus, mas ao mesmo tempo ensinando que o Pae é Deus, o Filho é Deus, e o Espirito Sancto é Deus, estabelecendo assim a união de tres pessoas na unica Divindade. Si bem que já temos notado a associação dos tres nomes, a saber, o Pae, o Filho e o Espirito Sancto na formula do baptismo, pedimos venia para offerecer as seguintes observações do Dr Watson.

«Vemos nisso um reconhecimento directo de todas as pessoas da Trindade. Da formula do baptismo deduzimos que, si não ha distincção pessoal entre o Pae, o Filho e o Espirito Sancto, qual a necessidade do emprego dos tres nomes? E, si cada pessoa aqui nomeada não é Deus, porque razão se junta o nome de uma creatura, em termos apparentes de egualdade perfeita com o nome do Supremo Deus neste acto de culto solemne?» (2)

(III.) A Trindade nos outros escriptos dos Apostolos

1. Nestes escriptos achamos que «ha um só Deus.» (Eph. 4 6.) Que este «Deus enviou seu Filho,» (Gal. 4 5,) e o Filho «foi Deus manifestado em carne»; (1 Tim. 3 : 16.) E que Elle «pelo *Espirito eterno* se offereceu a si mesmo a Deus.» (Heb. 9 14) Nestas passa-

---

(1) Watson's Institutes, Pags. 265—266.

gens vemos claramente as tres personalidades, mas ao mesmo tempo unidas em uma só *Divindade*.

2. No mesmo sentido é a bençam apostolica em 2 Cor. 13 14. «A graça do Senhor Jesus Christo, o amor de Deus, e a communhão do Espirito Sancto seja com todos vós. Amen».

Diz o Dr. Ralston, commentando esta passagem: «Esta bençam é virtualmente o offerecimento de oração ás tres pessoas especificadas; e de tudo que se lê são todos invocados com solemnidade e reverencias eguaes. Si todos não fossem divinos, como poderia o apostolo admoestar os Corinthios contra a idolatria?

No primeiro capitulo vimos que «ha um só Deus e Pae de todos.» No terceiro provámos a Divindade do Filho e no quarto provámos a Divindade do Espirito Sancto, assim levando-nos á doutrina já neste estabelecida, a saber:

«Ha um só Deus verdadeiro, eterno, sem corpo nem partes; de poder, sabedoria, e bondade infinitas; O Creador e Preservador de todas as cousas visiveis e invisiveis. E em união desta Divindade, ha tres pessoas de uma mesma substancia, poder e eternidade—O Pae, O Filho e O espirito Sancto».

A Elle seja honra, gloria e louvor para todo o sempre!

A Deus, Supremo Bemfeitor,
Anjos e homens deem louvor
A Deus o Filho, a Deus o Pae,
E ao Espirito gloria dae.»—Amen.

PARTE PRIMEIRA

As Doutrinas do Christianismo

LIVRO II — A CREAÇÃO E A PROVIDENCIA DIVINA

CAPITULO VI

A Creação do Universo Material

3. A existencia do universo material é um facto innegavel, mas d'onde veiu esse universo? Eis a pergunta que tem perturbado e confundido os sabios e philosophos da antiguidade. O universo ou existe por si mesmo, ou é obra de um Creador, como diz o Dr· Luthardt «Esta ultima forma de ver é a da Biblia. Em nenhuma parte da antiguidade, fóra da Revelação e da Biblia, se encontra a idéa da creação pura, umas vezes faz-se nascer o universo da materia eterna, outras vezes fazem-n'o como que emanado da Dívindade. Estes dois systemas são oppostos á idéa verdadeirá de Deus. Esta ultima exige que se considere o mundo como a obra da liberdade de Deus. Ora, se o mundo é a obra livre do Omnipotente, é creado do nada, isto é, não é formado de materia preexistente». (1)

2. Diz o Dr Ralston A palavra que no primeiro capitulo de Genesis, se lê *creou* é, em hebraico traduzida por *bora*, termo que segundo Krinchi, Buxtorf e os criticos sabios significa, geralmente o vir a existir aquillo que previamente não tinha existencia—o ingresso do nada para a entidade. Do sentido primitivo da palavra

---

(1) Verdades Fundamentaes. P. 72.

bem como do processo apresentado no registro mosaico, aprendemos que, Deus «no principio» ou no começo do tempo, fez ou creou a materia de que, os céus e a terra foram formados. (1) .

I. O Pantheismo e o Materialismo

O Pantheismo e o Materialismo não querem o dogma da creação apresentada na narração Biblica.

1. «O *Pantheismo* tem differentes fórmas, mas uma só idéa fundamental, que é a seguinte: Debaixo da variedade que reina no mundo e seus phenomenos, occulta-se alguma cousa universal que lhe constitue a unidade, e esta alguma cousa é Deus. Este Deus não tem consciencia de si mesmo, não é pessoal, é a vida universal, ou a razão das cousas. Dá-se-lhe o nome de Deus, mas este Deus não existe independentemente do mundo, de que Elle é a essencia.

Este Pantheismo é mais antigo do que o Christianismo e serve de base ás religiões pagãs, cuja substancia é o culto da natureza; produziu os systemas da India, gerados pelos sonhos da imaginação; teve sua eschola na Grecia, a de Elêa; mas os grandes philosophos, Platão e Aristoteles ensinaram um Deus pessoal».

(1.) «No mundo Christão, Spinosa foi o seu representante mais influente. O pantheismo parecia enterrado, quando Lessing o fez reviver n'um dialogo que tornou-se celebre entre Jacobi e elle. Foi Schelling, sobretudo, que o renovou; Hegel continuou sua obra. Desde então tem penetrado no pensamento moderno muito mais do que geralmente se crê».

(2.) «Segundo Spinosa, ha no fundo de tudo que existe, uma substancia unica e eterna, que se torna rea-

(1) Ralston's, Elements of Divinity. P. 67.

lidade no mundo do pensamento e no da materia que enche o espaço. Do seio da substancia, que engendra eternamente, sahem os seres individuaes; estes desapparecem de novo, absorvidos pelo rio da vida. Assim como as vagas do mar se levantam e se abaixam, assim levantam-se os individuos, para abaixarem-se de novo e se perderem na vida universal que é a morte de toda a vida individual».

(3.) «O ente absoluto e eterno, diz Schelling, em seu primeiro periodo, desdobra-se sem cessar para produzir o mundo dos espiritos e da natureza. Ha uma vida unica que anima toda a natureza e atravessa-a para terminar no homem. E a mesma vida que anima a arvore e a floresta, o mar e o rochedo, que opera e trabalha nos poderes extraordinarios da natureza e que, encarcerado no corpo humano, produz n'elle o pensamento».

(4.) «O absoluto, diz Hegel, é a razão universal que havendo descido á natureza, se perdeu por assim dizer, e só adquire de novo no homem a consciencia de si mesmo. No homem o absoluto, ao cabo de sua longa viagem atravez da natureza, encontra-se a si mesmo, possue de novo, e restabelece a unidade em seu ser Deus é precisamente esta evolução do espirito, e não possue existencia propria senão no pensamento do homem. Deus não tem existencia, realidade propria só existe no homem. Não se conhece, mas é conhecido do homem. O homem pensando e conhecendo a Deus, é Deus conhecendo-se e pensando-se. Deus é o ideal do homem, e o homem é Deus realizado. N'outros termos o homem torna-se Deus». (1)

Fóra do testemunho da Biblia as consequencias praticas do pantheismo são sufficientes para refutal-o.

---

(1) **Verdades Fundamentaes. Pags. 59—61.**

(5) *Elle está em contradicção com a razão.* Elle fala de Deus, entretanto nega-o. Seu Deus é o infinito, mas este infinito não se realiza senão no finito; em outros termos, o infinito mesmo não existe. Porque como seria o infinito egual ao finito? Se o infinito se realiza no finito, não é como infinito que se realiza nelle, o que é todavia sua essencia. Logo crendo estabelecer Deus, o pantheismo nega-o. De um e de outro lado, o finito não seria egual ao infinito. Porém, é só para dar logar a um outro finito. Logo não sahimos do finito para chegar ao infinito; porque este não se encontra em parte alguma. O Deus do pantheismo é o universal que passa incessantemente ao particular, ao concreto, segundo uma lei que Spinosa chama a *necessidade Divina.* Isso porém não passa de um dicto seu. A substancia universal por si só não póde produzir creaturas individuaes, porque ella opera segundo a lei da necessidade, emquanto que a individualidade suppõe a intervenção de seu principio de liberdade. A realidade não se comprehende senão pela combinação destes dois principios, da necessidade e da liberdade. — O Deus do pantheismo é ora a natureza produzindo o espirito, ora o espirito produzindo a natureza. Mas a natureza é sem consciencia; como é, pois, que, o que é sem consciencia póde produzir o que tem consciencia, o espirito? Existe uma regra antiga de logica, que diz: «O effeito não póde conter nada que não esteja já na causa». Ora, a consciencia, a respeito d'aquilo que não tem consciencia, é um facto absolutamente novo e differente. Logo ella não é o producto da natureza. — «Segundo Hegel, o Deus do pantheismo «é a idéa absoluta». Quando o homem pensa e reflecte em Deus, isto é, no absoluto, Deus pensa em si mesmo e conhece-se». Mas como é que a idéa que eu tenho de Deus póde ser a consciencia que Deus tem de si mesmo»?

(6) «O *pantheismo* ensina que o absoluto ou a idéa passa incessante e eternamente á realidade.

Porém taes affirmações são palavras apenas. Nenhum pautheista nos dirá como a idéa se realiza. Para passar da idéa á realidade é mister transpor um abysmo; mas não se póde transpol-o senão por meio de um salto, e é um salto perigoso, que custou a vida á philosophia pantheista da eschola de Hegel.

2. O pantheismo tem por consequencia o *materialismo* que não conhece outra realidade que a natureza material. Este systema é antigo e tem atravessado muitas phases. Encontra-se na philosophia Jonica que admitte, como principio de todas as cousas, ou o ar, ou a agua, ou o fogo. Os epicureos fazem provir o mundo e tudo o que elle encerra do encontro accidental dos atomos.

(1.) O *Materialismo* tinha desapparecido durante algum tempo; podia-se crel-o vencido, quando reappareceu mais atrevido que nunca, no *systema da natureza*, no seculo dezoito, na era actual entre os Feuerbach, os Vogt, os Moleschott, os Buckner, etc. A dar-lhes credito, a materia é o fundamento de toda a existencia, a vida e a cultura intellectual não passam de transformações da materia. «O mesmo carbono e o mesmo azote que as plantas tiram ao acido carbonico, ao acido ulmico, ao amoniaco, tornam-se successivamente herva, trêvo, trigo, animal, homem, para tornar a ser finalmente acido ulmico e amoniaco. Tal é a grande maravilha do movimento circular». Eis ahi o que nos ensina Moleschott em sua obra intitulada «O Movimento Circular da Vida». (pag. 14) isto é, que a maior ambição do homem deveria ser o passar um dia para o estado de estrume. «A materia», diz Buckner, «é immortal», *(Força e Materia*, pag. 8, 10), «indestructivel, em todo o universo não se produz nem desapparece nenhuma parcella de pó. —Os atomos são immutaveis, indestructiveis; segundo as combinações que elles formam entre si, e que variam de um dia para outro, em um fluxo e refluxo perpetuos,

apresentando-nos os diversos compostos, que verificam nossos sentidos». Segundo esta theoria, a materia seria o ser primitivo. Mas d'onde vem ella? Diz-se nos Ella é. Isso porém não é responder, é fugir a questão. A materia junta-se á força. D'onde provem a força? Não se póde nem tirar a força da materia, nem a materia da força. São duas cousas de natureza inteiramente differente. A força não póde existir por si mesma; mas existe independentemente da materia. Como se vê o materialismo que pretende resolver o problema da existencia começa por admittir duas grandezas mysteriosas, inexplicaveis. — Diz-se-nos que a materia compõe-se de uma infinidade de particulas ou de atomos. D'onde conhece o materialismo esses atomos? E' pela observação? Não, porque elles são imperceptiveis. Vogt estabelece como principio que «o limite da experiencia sensivel é tambem o do pensamento» E comtudo os atomos estão fóra dos limites da experiencia. — Estes atomos encontram-se para formar diversas combinações. Qual a lei? Segundo a lei da affinidade, dizem. Mas então o que é a affinidade n'uma materia inerte? E suppondo mesmo que ella a tenha, qual é a força que faz mover os atomos? Porque a materia em si é immovel, assim como o estabelece Kant. Si é a lei de attracção que faz nascer o movimento, d'onde provem essa attracção? E d'onde procede que esse movimento a faz com uma tal ordem que as combinações que d'ella resultam concordam entre si, apresentam tanta regularidade e poder? Logo é preciso suppor uma força superior que colloque os corpos nas relações de attracção, e uma vontade intelligente que dirija a organisação da materia, segundo as leis determinadas.

(2.) O facto da *vida organica* acaba de destruir o materialismo, Si houvessem apenas relações mechanicas, poderiamos em rigor contentar-nos com uma força puramente mechanica. Mas d'onde provem a vida organica? Cada organismo é a realização de uma idéa;

esta existe antes de sua realização e domina-a. Este principio permittiu a Cuvier a reconstruir uma especie fossil com o auxilio d'um só osso. A idéa que preside assim a formação dos seres, e se exprime até nas menores particularidades, trabalha mesmo para o futuro. O olho é formado para a luz, e o ouvido para som, mas o olho é construido na obscuridade e o ouvido no silencio. Esta acção em vista d'um fim determinado obriga-nos a admittir, além de todas as causas exteriores, um pensamento creador, que concebe este fim. Observa-se o mesmo facto tanto no todo como em cada detalhe. O universo inteiro corresponde á um pensamento, denota um plano que se realiza progressivamente, desde o mais infimo gráo, até a um fim supremo, de tal maneira que é a idéa mais elevada que domina todo o desenvolvimento. No pensamento que preside a este movimento, a idéa que se realiza por ultimo é a primeira que apparece, e o todo existe antes do detalhe. Explicar-se-ha esta acção intelligente pela materia e pela força, por uma actividade inconsciente da natureza, ou será pelo *poder Creador* de uma intelligecia auctora do mundo? Se quizessem mesmo contentar-se com a explicação dos materialistas pela vida actual do universo, não poderiam, desde que se trata da origem da vida organica. Póde o organismo nascer do que é inorganico, a vida do que não tem vida? Strauss para escapar á idéa da creação, envia-nos, para explicar a origem do homem, á formação do verme solitario que, diz elle, «attinge ás vezes um comprimento de seis metros, e é produzido apenas por uma geração espontanea, só pela acção da materia, sem o auxilio de nenhum ser vivo». Porém a sciencia que quer ser exacta, nada sabe das *gerações espontaneas*. A vida só nasce do que é vivo. Diz-se-nos que primitivamente tudo isso se passava de modo diverso. A materia então possuia o poder creador; hoje que o mundo está velho, acha-se cançado. Essas cousas são sonhos. Que se appelle para todas as forças physicas e chi-

micas, que se represente como um grande laboratorio — não obstante todos os progressos feitos pela chimica ha trinta annos, porque ella ainda não soube produzir uma cellula organica, e não poderá jamais. E si mesmo a natureza fosse um laboratorio capaz de produzir a vida, onde estaria então o chimico que n'elle operasse?»

«O materialismo, vê-se, é como uma delgada camada de neve que se afunda a cada passo que se dá n'ella. Póde-se basear sobre tal fundamento o systema do universo?» (1)

II. O Positivismo

Não podemos deixar passar a opportunidade de dizer alguma cousa sobre o positivismo. Um francez de nome Augusto Comte, foi o fundador desse systema de philosophia, o qual aproveitando a decadencia do Romanismo e o emprego quasi universal da litteratura franceza entre as classes mais elevadas do Brazil, tem influido muito em tornar atheistas e materialistas as classes educadas de nossa patria.

Este systema toma por principio que nada podemos saber quanto á natureza das cousas; que apenas sabemos os phenomenos de cousas desconhecidas, e que tudo que podemos fazer é somente classificar taes phenomenos em leis; no emtanto é impossivel que cheguemos ao conhecimento de uma Causa Primaria ou Final.

Diz o Dr. Pope: «O resultado do trabalho de Comte, é uma philosophia de sciencia physica que limita-se quasi inteiramente á inducção, renunciando todo o pensamento quanto ás causas das cousas, simplesmente seguindo os phenomenos da natureza para assim acertar com as suas leis, professando a regeição de tudo quanto

(1) Verdades Fundamentaes do Christianismo.

é meramente especulativo ou duvidoso, e uma limitação rigida de conhecimento aos factos que se podem demonstrar serem indubitaveis e por conseguinte positivos. Na formação de tal systema de philosophia adoptaram-se certos principios, que no emtanto, estão bem longe de serem positivamente determinados; taes como os seguintes nada existe fora do alcance dos nossos sentidos, não ha cousa existente senão a materia; todos os phenomenos são sujeitos ás leis immutaveis de que a sciencia deve occupar-se em registrar, (e só registrar), que estas leis são simplesmente umas relações de succesão e similhança; que no phenomeno cerebral ellas são absolutamente physicas em sua sequencia necessaria como qualquer outro phenomeno que observamos, somente reclamando ellas mais cuidado em sua observação; e que o mais elevado fim da sciencia deve ser a vaticinação por previsão scientifica e o futuro certo de acção humana do mesmo modo que o curso dos planetas póde ser previsto, por isso a philosophia positivista—interpretando o futuro pelo passado, e pelas leis necessarias que governam as acções humanas, — exulta na ambição de que póde reduzir as infinitas complicações da vontade humana e acção contingente até a exactidão de uma sciencia physica. «Ouço dizer que a sciencia sociologica, — posto que só agora neste livro é que ella se estabelece — já rivaliza-se a propria sciencia mathematica, não em precisão e fecundidade, mas sim por ser tão positiva e racional». Estas palavras de Comte não são uma mera declaração. Elle, tanto como os seus discipulos, tem passado em revista a historia do mundo sobre este principio e tem plena confiança que em resolver as leis de acção humana acharão os governadores idoneos para regerem a vida social do mundo. Mas a sociologia nunca está muito longe da religião, e a philosophia positivista não é excepção da regra universal de que todo o systema de pensamento que reclama a attenção huma-

na, ao menos deve merecel-a por pretender a solução do problema que os homens chamam a sua fé. Qual é então a relação d'essa philosophia para com a religião?

1. «Primeiro, o positivismo tem seu modo de explicar a existencia das religiões que ha no mundo no dia de hoje e isto antes de substituil-as com a sua propria. Principia com a affirmação vaga de que a raça passa por trez estações distinctas na sua evolução intellectual. Primeiro vem aquella em que o sobrenatural assombra o pensamento procurando as causas das cousas e inventando uma divindade com toda a sua côrte como autor d'ellas: nessa estação theologica a raça gradualmente se levanta da crassa superstição — como por exemplo, o fetichismo — atravessando em seguida os systemas polytheistas e pantheistas até que chegue ao Christianismo. Em segundo logar vem a estação metaphysica, que é realmente uma modificação da primeira: em que aquelles que rejeitam a idéa de um Creador, introduzem as idéas de forças abstractas e poderes occultos como solução do phenomeno do universo. Em terceiro e ultimo logar vem a estação postivista, em que a mente envergonhada de suas superstições e cançada de suas pesquizas ontologicas, limita-se á classificação do phenomeno.

«Examinando-se esta classificação ella logo rebenta. Porque não é nem verdade historica, nem tem qualquer direito a governar uma philosophia historica. Sem duvida ella é correcta quando tomada como explicação da carreira de muitas mentes individuaes, que passando pelas phases de simples fé em Deus, e as subtilezas, quer metaphoricas quer pantheistas, quer dualistas, que tem-se substituido no logar d'essa primeira, culminando em sua medonha determinação de acceitar somente o que é e deixar o resto á nescidade. As celebres «trez estações» não tem o minimo

valor senão em registrar o progresso da fé pelo scepticismo até a incredulidade».

2. «A philosophia posititivista tem a sua religião. Porque em sua fidelidade á observação e ao testemunho de factos positivos, ella nada acha mais positivo do que a aspiração universal da humanidade pelo invisivel e a pratica universal de alguma especie de culto. A razão destes factos (dizem elles), não se deve attribuir nem á theologia, nem á metaphysica; quer dizer que não ha Deus; nem deve-se substituir qualquer força por Elle. A religião é um facto positivo que se deve tractar social e philosophicamente. Mas, considerado de uma ou de outra maneira, o modo com que os positivistas tratam a religião do homem é um absurdo gigantesco».

(1.) «Este ultimo desenvolvimento do espirito scientifico recusa levar o principio inductivo ao terreno de phenomeno mental e emocional da humanidade. Elle observa e nota estas cousas, mas com a conclusão já d'antes fixa de que ellas são o resultado de uma certa combinação de atomos materiaes, e o desenvolvimento destas forças de que ainda não tem perfeito conhecimento. Obrigado por sua hypothese a excluir, de um lado, todas as causas metaphysicas ou occultas, e d'outro lado influido pelo despotismo do desejo de descobrir a unidade de todos os phenomenos humanos, tanto mentaes como espirituaes — Os pensamentos que penetram até ás profundezas mais baixas, e as aspirações que não recuam diante das mais elevadas alturas — como sendo tantos factos novos em relação ao assumpto. N'isto subsiste a grande inconsistencia do systema inteiro. Os phenomenos innumeraveis de pensamentos, sentido e vontade são factos tão reaes á gravitação, á cohesão e ao movimento molecular Somos egualmente consciente de ambos: no primeiro caso, como referindo-se a nós mesmos, e n'outro caso, como alguma cousa que

não se refere a nós. O testemunho da consciencia nos diz que a continuidade se rompe entre estas ; elles acompanham um ou outro até certo ponto, e então separam-se ; no emtanto não tomam dois duas direcções do mesmo caminho, porque ha entre elles um abysmo illimitavel. O mundo de concepção, imaginação, sentimentos e emoções, absolutamente sem alliança com a materia é um verdadeiro mundo, e deve-se tratal-o como tal. O positivismo fecha os seus olhos ao facto positivo de que este mundo ideal rege a outro mundo material, e que não está governado por essa materia». (1)

(2.) O positivismo emprega ou quer empregar as crenças religiosas da humanidade para o bem estar geral do corpo. Tem de haver um credo objectivo e a unica cousa positiva em que se póde crer, venerar e adorar é a Humanidade «A Grande Vida Collectiva de que os entes humanos são individuos. Ella deve ser concebida como tendo uma existencia separada de entes humanos, da mesma forma que concebemos cada ente humano como tendo uma existencia separada das cellulas individuaes (porém dependentes d'ellas) de que se compõe o seu organismo. Esta vida collectiva, no systema de Comte é o Ente Supremo ; o unico que podemos adorar». (2) Sendo este o primeiro artigo do Novo Credo, seu ultimo como substituto pela Resurreição e a Immortalidade é «O viver na memoria» dos vivos. Assim em prestar culto á Humanidade collectiva, os positivistas voltam para os erros do paganismo, dando culto á creatura em logar de adorar o Creador. Emfim, como diz o Dr. Pope, «O positivismo é a suprema illusão do seculo dezenove».

---

(1) Popes Compendium of Christian Theology.
(2) Lews Principles of Positive Phylosophy.

III. O Methodo da Creação

1. Muitos dos pagãos antigos, ignorantes da Revelação e guiados sómente pelas contemplações incultas de sua imaginação, tinham concepções tão inadequadas sobre o caracter da Divindade, que não podiam crer como cousa possivel a Deus o crear o universo do *nada*. Por isso elles suppunham que a *materia em estado diffuso* existiu desde toda a eternidade, e que a Divindade só harmonizou e reuniu as materias dispersas, produzindo ordem em vez da confusão e fazendo o Universo apparecer em sua harmonia e belleza.

2. Como temos visto, esta fabulosa historia da creação discorda da historia mosaica. S. Paulo em Heb. 11:3, parece dirigir golpe certeiro contra este erro dos philosophos pagãos, quando diz «Pela fé entendemos que os seculos foram compostos; de maneira que as cousas que se vêm não foram feitas das que se viam.» As cousas que se vêm são materiaes, mas, segundo o texto citado, os seculos não foram feitos da materia preexistente. A verdade é que, a primeria obra da Creação, segundo a Biblia, parece chamar á existencia os materiaes de que os seculos ou mundos foram posteriormente formados. Entendemos, pois, que Deus no mais alto sentido da palavra, creou do nada todas as cousas.» (1)

3. «No principio creou Deus os Céus e a terra.» Assim fala a Biblia em sua primeira phrase a respeito do Universo material. Por certo aqui se reconhece devidamente a importancia do Universo physico. — Os Céus em primeiro lugar e a terra em segundo. E' especial a menção que se faz na Biblia a respeito dos Céus. Em primeiro logar ella nos diz que não são eternos e existentes por si mesmos. Elles datam de um periodo desconhecido nas profundezas dos seculos — desde o

(1) Ralston's Elements of Divinity.

principio — quando foram originados pelos conselhos e poder do Eterno. Elles foram creados, porque a palavra significa a mais absoluta producção pelo poder do Todo-Poderoso. O Creador é Deus, ou no plural «Deuses», *(Elohim)* como abrangendo aquellas manifestações da Divindade logo depois mencionadas em sua Palavra e Espirito, incluindo assim a plenitude da Divindade no Unico Deus, o Creador; não deixando logar algum, de modo que, o polytheista perguntasse, «Qual dos Deuses creou os Céus e a terra »?

4. «Assim a Biblia tomando todo o Universo e por duas palavras comprehensivas, o põe aos pés do Todo-Poderoso como o seu Creador Deste modo, desligando-se da mythologia e da superstição de um lado, e do materialismo e do atheismo de outro, affirmando a sua posição, quanto á natureza como a do atheismo racional.»

5. No primeiro capitulo do Genesis achamos exposto um methodo, pelo menos, quanto á ordem temporal da creação. Aqui, diz o Dr. Dawson: «A historia da creação pisa em terra de sciencia, e refere-se a cousas inaccessiveis á observação directa. Por isso, deve ser, ou uma revelação de Deus, ou um resultado de investigação scientifica, ou especulação philosophica, ou um meio mytho.

6. Si a historia da creação mostra-se tão fiel ao ponto de poder aturar a experiencia de factos que foram descobertos muito depois de ser essa escripta, e egualmente permanecer deante dos principios scientificos que nem mesmo foram estabelecidos nos pensamentos desses seculos tão primitivos; esta fidelidade aos factos seria, em si, uma prova poderosa da sua origem divina. Por outro lado, si ella tem dado uma narração falsa, n'isto teria o sello de sua origem humana, e sobre este ponto desceria ao nivel de muitos outros livros antigos de sciencias e philosophias obsoletas.

Porém, veremos que as investigações recentes não tem deixado lugar á duvida. A ordem da creação apresentada no Genesis está sem macula quando contemplada pela luz da sciencia moderna, e em muitos detalhes apresenta uma harmonia maravilhosa com os resultados de sciencias que só nasceram em nossos dias. Por exemplo, posso mencionar a distincção que se faz entre a origem da luz, e a dos corpos luminosos; a origem dos animaes nas aguas; a creação dos mais aperfeiçoados animaes da terra secca, no mesmo periodo creativo, como o homem. Elles, juntamente com muitos outros factos, não podiam ter-se originado na mente de um escriptor de antiguidade tão remota, si não fosse auxiliado por Deus. Tanto a Biblia como a sciencia ensina a doutrina do progresso e desenvolvimento na natureza. Isto se vê na marcha geral da obra da Creação em Genesis, aperfeiçoando, primeiro, a natureza inorganica, e depois a do mundo organico; neste utlimo, começando com as plantas e concluindo com a introducção do homem. » (1)

IV Os seis dias da Genesis

1º Não ha maior triumpho da sciencia do que aquelle que nos fornece uma historia consecutiva das estações da genesis da terra e dos seus habitantes por longas series de seculos anteriores ao homem; e em parte alguma a Biblia tem apparentemente falado tão obstinadamente como nos *seis dias da creação*. Esta apparente differença tem dado occasião a um exame de tentativas para alcançar uma reconciliação; e não têm faltado severas denunciações da impiedade dos homens da sciencia, nem do fanatismo dos theologos.

Felizmente, tem-se reflectido tanta luz sobre o assumpto, que agora poucos são os homens intelligentes que encontram qualquer contradicção entre as conclu-

(1) Nature and The Bible—Dawson.

sões da geologia e a doutrina que «em seis dias fez o Senhor os Céus e a terra.» (Ex. 20:11).

2. «Não ha conclusão mais certamente estabelecida sobre a base de investigação scientifica do que a do vasto cumprimento dos periodos revelados nas camadas da crosta terrestre.

«Examinemos agora o primeiro capitulo do Genesis, e indaguemos como se póde reconciliar esses vastos periodos com a creação em seis dias. Não nos serve o dizer que a Biblia não foi designada para ensinar a sciencia e que por isso não é necessario que ella seja correcta aos menores detalhes. Claro é que ella sustenta uma ordem e um tempo. Não podemos escapar por dizer que a historia é um mytho inventado para estabelecer a autoridade do quarto mandamento; ou então temos de sustentar idéas muito relaxadas sobre a verdade das Escripturas. Não podemos dizer que o termo, «no principio», abrange os seculos geologicos, porque não havia estado de cahos entre estes e o periodo do homem. Mais quando notamos a ordem da historia, achamos a ordem de animaes principiando-se no quinto dia da serie biblica, assim, si suppuzermos que a nossa chronologia geologica se extende até um pouco antes da introducção da vida animada, ella quando muito abrangeria só tres dos seis dias e uma parte do setimo.

3. «A explicação satisfactoria do mysterio é, que os mesmos dias da creação eram longos periodos. Os geologos não foram os primeiros que descobriram esta verdade; porque independente da opinião tradicional que prevalecia entre os antigos, de que o mundo tinha existido por longos periodos antes do periodo do homem, houve venerandas auctoridades christãs, como Agostinho, por exemplo, que sob bases puramente theologicas, sustentaram esta doutrina. A evidencia interna

desta opinião póde-se propor brevemente da maneira seguinte:

(1.) « A phrase indefinita — no principio — não põe limite algum á extensão de tempo antecedente ao começo que Deus deu á obra da creação. Mas, os seis dias devem ser considerados como abrogando o periodo total occupado em arranjar a terra e o systema solar, e em povoar a terra com a vida animada.

(2.) « A palavra hebraica —*yom*— dia, não significa necessariamente um dia natural. Em Gen. 1:5 ella é empregada em dois sentidos, e só n'um d'estes é que se póde significar um dia natural os primeiros dias da creação precederam á instituição do dia natural: e em Gen. 2:4, a semana inteira da creação chama-se um dia.

(3.) «Muitas difficuldades internas se apresentam sob a hypothese de dias naturaes: uma d'estas é o espaço de tempo que, no segundo capitulo, apparentemente se deu entre a creação do homem e o da mulher· outras se levantam da difficuldade em povoar a terra com plantas e animaes no curso de uns poucos dias naturaes.

(4.) «No Psalmo 90, attribuido a Moysés e certamente escripto no estylo de suas poesias, que se acham em Deuteronomio, um dia de Jehovah, diz-se ser mil annos, e isto em relação á historia humana; em relação á creação deve ser muito mais longo.

(5.) «Não diz do setimo dia que elle tinha a tarde e a manhã, nem diz que Deus começou de novo a trabalhar no dia oitavo. Pois o setimo dia é o periodo da historia humana em que ainda estamos. Nosso Salvador sustentou esta idéa do Sabbado (descanço) de Deus n'esta admiravel expressão «Meu Pae trabalha até agora e eu trabalho tambem.» (S. João. 5:17.)

(6.) «O quarto mandamento como é explicado por Moysés, requer a supposição de dias longos na creação. Não quer dizer que Deus trabalhou seis dias naturaes

descançando no setimo, como fazemos; mas significa que no setimo dia de Deus deviamos ter entrado em seu descanço, de que o descanço semanal é o emblema, descanço este que o homem perdeu pela quéda e para ser-lhe restituido no futuro.

(7.) «Esta explicação tem o apoio do Escriptor da Epistola aos Hebreos, cujo argumento no quarto capitulo não tem força alguma senão sob a hypothese de que Deus entrou em um descanço de duração indeterminada, que o homem perdeu na quéda, retendo só o sabbado ou descanço semanal como sombra d'aquelle, que ha de ser restituido em Christo, Elle tendo já entrado em Seu descanço, de que o Domingo (dia do Senhor) é semelhantemente o *prototypo*. Esta theoria é realmente a unica que harmoniza completamente o Domingo do Christão com o Sabbado Judaico; fazendo este ultimo uma commemoração semanal, não só do complemento da obra da Creação, mas egualmente do descanço divino que o homem perdeu na quéda; e o *primeiro*, a commemoração semanal d'aquelle descanço em que o Redemptor já entrou e pelo qual os Christãos suspiram.» (1)

V A ORDEM DA CREAÇÃO COMPARADA COM A GEOLOGIA

«Abrindo o Registro Sagrado achamos um «principio» —um tempo— quando não havia nem Céus nem terra senão na mente do Eterno. E a tendencia de toda a investigação geologica e astronomica de tempos modernos tem apontado por indicações positivas para um principio. A geologia nos mostra que os animaes e as plantas que são contemporaneos á creação do homem não existiram sempre, e podemos traçar a vida, tanto animal como vegetal, talvez até a sua origem sobre a terra. Até as pedras e continentes têm as suas datas

(1) Nature and The Bible—Dawson.

geologicas e a respeito de qualquer d'elles póde-se determinar uma origem em tempos geologicos.» (1)

1 «A Revelação e a geologia concordam em que o Universo teve principio e que foi creado por poder divino. A geologia, por exemplo, mostra que a terra tem crescido desde o seu principio, desenvolvendo-se até o seu actual estado; por isso tiramos a conclusão que ella não é eterna nem subsiste por si mesma.

2. «Semelhantemente, alguns escriptores concordam em attribuir as mudanças pelas quaes já passou a terra desde a sua creação, á acção do fogo e da agua. O Psalmista diz do Todo-Poderoso: «Tu a cobres (a terra) com o abysmo, como com um vestido: as aguas estavam sobre os montes: á tua reprehensão fugiram.» Moysés nos diz que as aguas cobriram a face de toda a terra até que Deus as ajuntou em um logar e mandou que apparecesse a terra secca.

3 «Ambos concordam em ensinar-nos que a obra da Creação foi progressiva, e que as formas subsequentes foram formadas das que existiam antes.»

Moysés nos fala das aves e dos peixes como sendo produzidos das aguas, gado e quadrupedes em geral da terra, e o homem do pó da terra. A geologia não póde ir tão longe, mas no emtanto, ella nos mostra que as pedras estratificadas foram formadas de outras não estratificadas, e que o resto de materia animal misturado com a dissolução de volumes mineraes produzem todas as qualidades que agora vemos na crosta da terra. Agora vemos o granito outra vez reduzido em areia, cal e barro, arvores em carvão, insectos e coral em giz, e assim por deante. Outra vez achamos o giz e a cal empregados para fazer conchas e ossos de animaes, e a terra para fazer materia vegetal, e esta materia fazendo o sólo produzir Podemos seguir o corpo até o pó, e sómente nos falta um unico passo, que a Revelação nos

(1) **Nature and The Bible—Dawson.**

dá, para ver como este póde ser formado da mesma materia. Essa unica cousa na qual a geologia não póde tocar é «O sopro da vida», vivificando o barro inanimado.

4. «A Revelação e a Sciencia concordam quanto ao formato da terra. O Psalmista a chama *a terra redonda*, e isto n'uma data quando foi universalmente considerada como uma extensa planicie. Elle tambem diz que ella não é *suspensa em cousa alguma*, ainda que a crença geral n'esse tempo era exactamente contraria a tal idéa.

5. «Tanto a Revelação como a geologia concordam quanto ao progresso geral da terra de um estado nebuloso até que chegasse ao seu estado presente. Assim nos Proverbios, *Sabedoria*.

Aquelle que S. João chama *o Verbo*, isto é, Jesus Christo, antes de sua encarnação — está descripto como existente, « desde o principio, antes do começo da terra.» (Prov. 8:23.) Então como se falava na terra para ser creada, porém ainda em um estado nebuloso, sem agua nem terra secca, ella continúa : « Quando ainda não havia abysmos, fui gerada, quando não havia fontes carregadas d'aguas.» (V 24.)

« Presuppõe-se, então, que houvesse um mar universal sem terra secca «Antes que os montes se houvessem assentado, antes dos outeiros eu era gerada.» (V 25.) Infere-se mais um processo, a elevação de montanhas e outeiros das aguas prevalecentes ; e então o escriptor inspirado fala da deposição do sólo superficial ; «Ainda não tinha feito a terra, nem os campos, nem o principio dos mais miudos do mundo.» (V 26.) David fala das pedras, aguas, dizendo : «Elle (O Senhor) a fundou (a terra) sobre os mares, e a firmou sobre os rios.» (Ps. 24:2.) E n'outra parte, diz : «Põe nas aguas as vigas das suas camaras.» (Ps. 104:8.) (1).

---

(1) Theology and Science—Brewer.

Em muitas outras cousas podemos mostrar que existe harmonia entre dous grandes ramos de Sciencia Divina; entre outros, mencionamos os factos seguintes Em attribuir á acção volcanica muitas das mudanças que tem-se dado na crosta da terra; em ensinar que o homem foi o ultimo dos animaes creados, e que este facto se deu em uma data comparativamente moderna. Ambos concordam da mesma fórma, que tem havido no mundo um grande diluvio desde a creação do homem. Assim vemos que não ha contradicção entre a geologia e a Biblia, quando as duas são propriamente entendidas e interpretadas.

(2.) «A Biblia nos diz, antes de tudo, que Deus creou o mundo. A geologia começa com o chaos sem ebulição e fermentação; nada se sabe sobre sua origem. A Biblia vae além diz que Deus creou o cháos, d'onde sahiu pouco a pouco o mundo. Este facto não pertence á geologia; ella não póde com os seus meios, nem proval-o, nem negal-o; está fóra do seu dominio; mas é um facto de uma importancia capital em religião.

(2.) «A Biblia ensina-nos, em segundo logar, que dois factores operaram em harmonia, no desenvolvivimento successivo, as forças da natureza e a intervenção creadora de Deus. Deus disse: «Que a terra produza», «Que as aguas se elevem», e «Deus creou». A sciencia prudente une egualmente os dois agentes, quando admitte o desenvolvimento continuo do que existe, e a apparição, em certos momentos, de creações novas.

(3.) «Em terceiro logar, a Biblia diz que os seres foram progredindo do geral para o particular, do imperfeito para o perfeito, do que não é livre para o que é livre, approximando-se cada vez mais do homem, a corôa da escala e o termo da creação. Este facto tem uma significação religiosa, porque d'ella resulta que o homem, termo da creação de Deus, era tambem o seu pensamento fundamental e ultimo, e, por consequencia,

seu primeiro fundamento em data, e que Deus tinha em vista o homem e suas relações com elle. As sciencias naturaes nada sabem d'estas cousas, e não têm que occupar-se com ellas. Mas, emquanto aos factos sobre que esta idéa se baseia, a geologia confirma-os dia a dia com mais evidencia. A Biblia apresenta-nos a terra primeiro coberta de agua, as montanhas e os continentes elevando-se e cobrindo-se de vegetação, as aguas povoando-se de peixes, e o ar de aves; depois faz apparecer os animaes terrestres, e, finalmente, o homem. E' bem delineada, em traços geraes e abstrahida de cousas secundarias, a marcha que nos revela a geologia.

«O facto capital é que Deus creou o mundo pelo poder da sua vontade, e por um effeito do seu livre amor, que o desenvolveu elevando-o pouco a pouco até ao homem, em quem Elle via o termo de toda a creação, e com quem queria entrar em relações de communhão espiritual.

«Si o mundo é creado por Deus, é certo que é para nós um espelho onde se reflectem seu poder, sua sabedoria e sua bondade. As sciencias naturaes consideram o mundo como o theatro da actividade das forças e das leis da natureza.

«E tem razão, mas isto não é tudo. Na creação d'estas leis e d'estas forças, vemos realizar-se a idéa divina, exprimirem-se os attributos de Deus. A natureza é um todo de symbolos, um livro de hieroglyphos, que devemos e podemos decifrar. Tudo o que se vê encobre um mysterio, um mysterio invisivel; O ultimo dos mysterios é Deus.» (1).

VI. A Harmonia entre a Astronomia e a Biblia

Não se encontra cousa alguma na astronomia que

(1) Verdades Fundamentaes—Luthardt.

contradiga a Palavra Escripta. Sobre as suppostas objecções, citamos o que diz Luthardt:

1. «Repetem-se-nos cada dia que a *astronomia* é a refutação do Christianismo, e que o systema de Copernico desthronou o systema christão, e que as descobertas modernas só fazem confirmar este decreto. Para a Biblia a terra é o centro do universo. E' sobre ella que vive o homem, centro de toda a creação; é sobre ella que o Filho de Deus se fez homem para levar a cabo uma obra de salvação cujos effeitos se extendem a todo o universo; da sorte do homem e da terra depende o universo. O systema Copernico, ao contrario, nos ensina que a terra é um ponto imperceptivel no espaço, um dos mais pequenos satellites de um dos menores d'entre os sóes. O espaço infinito está cheio de systemas solares ao lado dos quaes o nosso não é nada. Só em nossa via lactea ha vinte milhões de sóes! E a via lactea é como uma ilhota no Oceano do Universo. O espaço está cheio de mundos; e que espaço! A luz percorre quasi 311.000 kilometros por segundo; ora a estrella fixa mais proxima a nós (a do Centauro) expede-nos seus raios ao cabo de quatro annos dos pontos extremos da via lactea e vinte milhões de annos das nebulosas visiveis ás mais affastadas. Pelo menos é o que se nos diz.

Como um trem que percorresse 45 kilometros por hora, e andando de dia e de noite, empregar-se-iam 400 annos para attingir o sol, e 108 milhões de annos para chegar á estrella fixa mais proxima.

Pode-se desde então considerar a terra como o centro do Universo; a terra que é apenas um grão de areia no espaço?

2. «A Existencia do Christianismo dizem-nos, ainda estava ligada á do systema de Ptolomeu. Ora este systema teve que ceder o lugar ao de Copernico que destruiu uma velha illusão de 4.000 annos; triumpho bri-

lhante do Espirito humano, prova manifesta de que a verdade acaba sempre por vencer Os theologos do tempo sabiam, porque o combatiam, e a Egreja Romana só era consequente quando condemnava as idéas de Galileo e o obrigava a retractar-se. Porém isso foi em vão.

3. «Que respondemos nós? Sim, o systema Copernico é verdadeiro, e é um grande triumpho do Espirito humano. Mas é elle incompativel com o Christianismo.» Copernico pelo menos não era d'esta opinião. A inscripção gravada sobre o seu tumulo na Egreja de S. João em Horn, dá testemunho d'isso. Eis a traducção d'ella :

«Eu não peço os bens que recebeu S. Paulo, nem o favor que Pedro obteve de tua vontade ; supplice, eu não reclamo senão a graça que um dia déste ao ladrão na cruz ».

«Os dois genios da astronomia, Kepler e Newton, foram christãos humildes e zelosos.»

4. «Dir-se-ha, sem duvida, que fundadores de uma theoria nova, não lhe adivinharam todas as consequencias. Mas permitta-se-nos citar alguns factos.

(1.) «Nós protestamos primeiro que a *quantidade* não é a medida da qualidade. Não encerra o menor espaço muitas vezes as maiores maravilhas? Si o telescopio nos ensina que a terra é apenas um grão de areia no Universo, o microscopio pelo contrario revela-nos em cada grão de areia um novo mundo. Não é a extensão que faz a qualidade ; ás vezes tem logar mesmo o contrario. O Psalmo oitavo desenvolve esta idéa quando falla do homem, átomo imperceptivel, ao lado dos mundos que enchem o espaço, e não obstante o orgão de Deus. O menor organismo é mais elevado na escala dos seres que a massa inorgenica a mais volumosa ; a rosa do valle tem mais merecimento que o

rochedo descalvado por mais gigantesco que seja; o espirito mais que a materia, e o logar onde o espirito desenvolve mais que o espaço o mais extenso. A terra offerece provas deste facto. Admittirão, eu acho, que é destinada a servir de habitação ao homem, e não ás baleias; entretanto está coberta de dois terços d'agua. Uma grande parte do terço restante ficou inhabitavel pelo frio, pelo calor, pela areia ou pelos brejos; parece que a natureza quiz ver até onde o homem, nas circumstancias as mais desfavoraveis, podia desenvolver-se. Porque é necessario que dispute aos animaes ferozes e aos reptis a fraca porção do globo que resta? Michilet de Belim, diz com razão que as dimensões do espaço são absolutamente indifferentes quando se trata das manifestações do espirito, que se compraz muitas vezes em encerrar as maiores maravilhas no espaço o mais estreito. E assim como o corpo humano não é indigno da alma que abrange o universo inteiro, assim tambem a terra não é indigna de ser o Theatro das manifestações de Deus. Quantos kilometros quadrados deveria, portanto, ter um planeta para que Deus podesse convenientemente encarnar-se n'elle?» (13).

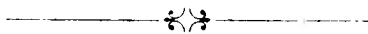
Sabemos por meio da Revelação que ha outros entes intelligentes—os anjos. Este facto apparentemente foi-nos revelado por causa da relação que elles sustentam com o ministro da graça de Deus de um lado e como tentadores para a malvadez d'outro. E' pois altamente provavel que em outros globos nas profundezas do espaço, haja outros entes intelligentes. Mas que este mundo está occupando mais a attenção da Divindade que qualquer outro é egualmente provavel; se ha mais alegria na presença dos anjos por causa de um peccador que se arrepende que sobre noventa e nove justos

---

(1) Verdades Fundamentaes. Pags. 59—61.

que não necessitam de arrependimento, é muito razoavel julgar que haja mais gozo nos céos sobre a redempção de nossa raça decahida do que sobre todos os outros mundos de seres intelligentes que não necessitam de redempção. Diz o Dr. Ralston:

«Suppor que o Creador tivesse formado o numero de grandiosos globos sem qualquer fim importante e magestoso, era claramente condemnar a sua Sabedoria; Portanto a deducção razoavel é, que são povoados por uma innumeravel multidão de seres intelligentes, trazidos á existencia pelo poder do Omnipotente, com o bom e sabio proposito de mostrar suas perfeições e glorias que «é tudo em todos». (14).

---

(1) Ralston's Elements of Divinity.

CAPITULO VII

A Creação do Homem

1. Principiamos este capitulo com as seguintes linhas do Dr Luthardt:

«A Biblia nos ensina que Deus creou o mundo por um acto livre de seu poder, de sua sabedoria e de seu amor, e que creando-o, era um homem que Elle tinha em vista. Seu fim não era crear plantas e animaes, mas o homem; era o homem que occupava o pensamento de Deus. Elle é a idéa divina por excellencia que preside a toda a creação; é a realização da vontade essencial de Deus. A Biblia exprime este pensamento representando Deus consultando comsigo mesmo, por assim dizer, e a creação como o resultado dessa deliberação. E' que faz que comece com elle uma nova ordem de cousas, que é especificamente differente do resto dos seres, que são apenas os gráos da escala que guia a elle». (1).

2. Sobre o mesmo assumpto diz o Dr. Hitcock: «Ainda no extremo da serie, encontramos entidades cuja organisação physica é anti-typo perfeito de todos os outros animaes; e que os sujeita ao seu dominio, e tambem converte os elementos mais violentos em servos, collocando-se ao mesmo tempo sobre a terra como a corôa de tudo. Que gráo de presumpção é necessario para explicar este phenomeno absolutamente maravilhoso se não attribue-se ao poder Divinamente milagroso! Sobre este ultimo e mais sublime acto da creação, Deus tem imprimido o sello de sua sabedoria e po-

(1) Verdades Fundamentaes do Christianismo.

der, tão profundamente, que o scepticismo tenta em vão desfazel-o. A creação do homem, como é ensinada pela geologia sobe como um monumento sublime de intervenção milagrosa na natureza, batendo contra as ondas de incredulidade, e reflectindo ao longe a sabedoria e gloria divinas».

I. A Origem do Homem

1. «Tem-se em nossos dias imaginado uma theoria, *hypothese das transmutações* de Darwin e de sua eschola, segundo a qual o homem está n'uma relação de parentesco tão estreito com os seres que o precedem immediatamente, com os animaes mais perfeitos, que as differenças são inapreciaveis. Darwin faz derivar todos os seres organicos de um ou de alguns typos primitivos; graças ao tempo e por aperfeiçoamentos successivos, as plantas e os animaes desenvolveram-se pouco a pouco, para irem terminar no mais perfeito de todos os seres, no homem».

«A theoria de Darwin baseia-se sobre um facto real; *a saber,* sobre o laço que une todos os seres creados, sob o unico systema que constitue tudo o que existe. Esta idéa não é de forma alguma extranha á Biblia; ella nos diz tambem que todos os seres que precedem o homem, são outros tantos degráos, que levam a elle, que elle só foi creado quando estes degráos terminaram n'elle. A Biblia só não vê n'isso o effeito de um desenvolvimento natural, mas sim um acto livre do Creador». (1).

2. Em preparar o mundo para ser a morada do homem. Deus serviu-se de uma successão de seres inferiores, gradualmente levantando-se uns acima de outros, pelos periodos geologicos, como degráos de

(1) Verdades Fundamentaes—pags. 93, 94.

uma escada, até a creação do homem; mas não ha razão para crer que o homem evolucionou-se desses seres inferiores por um processo natural, mas antes que elle é um producto independente e distinctamente separado do resto da creação. Diz o Dr. Wood:

«O homem occupa o logar principal na creação: a perfeição da sua forma corporal é tanto superior a dos outros entes, quanto a intelligencia d'esse primeiro excede o instincto — lindo e maravilhoso que seja — d'estes ultimos. Entre o homem e os brutos ha um despenhadeiro, sobre o qual o homem não póde atirar-se, nem podem as bestas jamais esperar subil-o». (1).

3. Diz o Dr. Hodge: «Que a raça humana teve origem em um acto de creação directamente da parte de Deus, acha-se implicado no abysmo immensuravel que separa o homem no seu infimo estado de selvagem da ordem mais proxima da creação inferior, indicando uma superioriodade maravilhosa quanto ás qualidades em que o homem e o bruto são comparaveis, e uma differença absoluta de especie quanto á natureza intellectual, moral e religiosa do homem e a sua capacidade para um progresso indefinito. Mesmo o Prof. Huxley, que sustenta temerariamente uma posição extrema a respeito das relações anatomicas do homem para com os animaes inferiores, admitte que quando se toma em consideração a natureza superior do homem, existe entre elle e os brutos mais proximos «um abysmo enorme, uma divergencia immensuravel e praticamente infinita». (2).

4. A geologia tambem depõe que o homem appareceu no mundo, não por evolução de seres inferiores, mas repentinamente; «os craneos dos homens primiti-

---

(1) Natural History by J. G. Wood, pag. 1.

(2) Esboços de Theologia de Hodge, pag. 272.

vos mostram que estes tinham a mesma alta organização cerebral que o homem possue no dia de hoje, e podemos por isso suppor a mesma natureza intellectual e moral, dando-lhe a mesma capacidade de ter communhão com Deus e dominio sobre o mundo inferior. Elles indicam tambem — como os *mound-builders* * (edificadores de outeiros), que precederam os Indios da America do Norte—que o estado primitivo do homem era o melhor, e que era elle um grande e nobre ser antes de tornar-se selvagem. E' inconcebivel que o seu grande desenvolvimento de miolos e mente podesse ter-se enxertado n'uma vida meramente brutal e selvagem. Estes dous devem ser os vestigios de uma nobre organisação enfraquecida pelo mal moral. Elles assim justificam a tradição de uma idade utopica no Eden, e modestamente protestam á philosophia do desenvolvimento progressivo da raça humana; ao mesmo tempo testemunham á identidade d'esses mais antigos homens pre-historicos em todos os caracteres importantes, com aquella variedade de nossa especie que é no dia de hoje a mais universalmente extendida, e ao mesmo tempo, a mais antiga, em suas praticas e costumes».

5. A Biblia e os factos da geologia harmonizam-se com respeito ao modo da introducção do homem no mundo. «Em ambos o homem é geologicamente moderno, apparecendo no fim da grande procissão de vida animal; e é notavel que a geologia harmonize-se com a creação do homem, e só umas poucas especies que se podem suppor foram introduzidas no memo tempo com elle.

6. «As reliquias dos mais antigos homens que temse descoberto não são de uma especie differente dos

---

* Assim chamados por causa do costume que tinham de edificar outeiros em que eram enterrados os seus mortos.

modernos, — porém, pelo contrario, são inteiramente alliados com a raça moderna que é a mais universalmente destribuida ; — emquanto a sua grande altura e poder physico, trazem a memoria os *Nephilim,* ou gigantes do Genesis. Elles testificam, emfim, a uma identidade certa e origem commum de todos os homens ; e o grande desenvolvimento corporal, acompanhado talvez por longa vida, é justamente como os factos geologicos nos guiariam para esperar no caso de um novo typo recentemente introduzido ; e não de um, que tivesse descido por uma longa serie de luctas para uma existencia derivada de ascendentes inferiores.

«A capacidade cerebral desses homens mais primitivos demonstra que eram tanto senhores da creação e tão pouco alliados com os brutos como o são os seus successores». (1).

7 De tudo que tem-se dito podemos dizer, que aquelles que baseiam as suas esperanças para o futuro na revelação gloriosa da Biblia, não tem qualquer motivo scientifico para ficarem envergonhados da sua narração do passado. Depois de ter preparado a terra para ser uma morada para o homem, então, disse Deus «Façamos o homem á nossa imagem, confórme a nossa semelhança. e domine sobre os peixes do mar, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre tudo o que se move sobre a terra. E creou Deus o homem á sua imagem á imagem de Deus o creou macho e femea os creou.» (Gen. 1:26, 27) Outra vez : «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o folego da vida e o homem foi feito em alma vivente.» (Gen. 2:7)

---

(1) Nature and Tho Bible—Dawson.

II. Unidade da Raça Humana.

Tendo considerado a origem do homem, por uma creação directa e distincta, das mãos do Creador, agora vamos considerar a *unidade da raça humana.*

Diz o Dr. G. H. Hayes: No sentido absoluto Deus *creou só um* individuo, a saber, Adão. Elle não *creou* no sentido absoluto a Eva—formou-a de uma das costellas de Adão. E' verdade que ella foi creada, mas só no mesmo sentido em que todos os homens desde Adão, foram creados em Adão. Nisto vemos a *unidade* absoluta da natureza humana. Sem duvida, Deus podia ter creado a Eva independente de Adão, dando-lhe naturezas exactamente *semelhantes.*

Mas em tal caso não seriam de *uma natureza porém duas*, embora muito semelhantes. Esta unidade da natureza do homem está claramente reconhecida e ensinada no Genesis. E disse Deus: «Façamos o homem á nossa imagem, confórme á nossa similhança... E creou Deus o homem a sua imagem: á imagem de Deus o creou: macho e femea *os* creou.» E no segundo capitulo v. 7: «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o folego da vida (de vidas em-hebraico) e o homem foi feito alma vivente.» Eis um resumo da historia da *creação do homem.*

«Depois, quando o Senhor Deus fez cahir um somno pesado sobre Adão,» e tomou uma das suas costellas, e della formou uma mulher e a trouxe a Adão, disse Adão «Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varôa porque *do varão foi tomada.* Si a mulher não fosse creada em Adão, ella não podia ter sido tomada delle.» (1)

2. Outras passagens tambem affirmam a *unidade* da raça humana: Deus «de um sangue fez todas as

(1) Children in Christo, pags. 9 e 11.

gerações dos homens para habitar sobre toda a face da terra». (Actos 17:26). Pelo que por *um homem* entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, assim tambem *a morte passou a todos os homens* naquelle *em quem todos peccaram.* (Rom. 5:12).

Vemos pois que «segundo a Biblia, Deus creou um só homem, de quem toda a especie humana devia sahir. Ella tem por principio a *unidade da especie humana*».

3. Como diz o Dr Luthardt: «A unidade da especie humana é um facto de uma importancia capital, sobretudo em *religião.* O homem é a realização do pensamento divino. Porém Deus não quer homens, como plantas e animaes, não quer uma multidão de individuos, quer o *homem,* a humanidade unica. O fim da especie e de sua historia é a formação de uma só grande familia humana, mas isto não é possivel sem que a unidade se ache em sua origem. E' tambem só então que a historia tem um centro unico. Nós dizemos de Jesus que é o Filho do Homem, comprehendendo nelle e representando a humanidade inteira, que é o eixo da historia, que n'elle acaba a historia antiga e começa uma nova. Porém, sem que a humanidade constitua uma unidade, não será o unico mediador e o unico representante dos homens, sua pessoa e sua obra não serão a unica salvação para todos, assim como o peccado não poderá ser um mal que se transmitta a todos» (1)

4. Diversos naturalistas tem advogado a theoria de que as differentes variedades da raça são tantas especies com origem separada; mas Agassiz foi realmente o unico naturalista de primeira ordem que manteve que a raça humana, si bem que de um só genero, era no emtanto creada originalmente debaixo de diversas especies, em differentes partes do mundo. Humbolt, Blam-

(1) Verdades Fundamentaes, pag. 95.

nenbach, Haller, Linneo, Buffon e Cuvier, todos admittem a unidade da especie.

Mas as provas da unidade da especie não sómente se acha na Biblia, mas tambem é esta theoria sustentada pelas seguintes provas:

(1) «As naturezas moral e religiosa de todas as variedades da raça humana são especificamente identicas».

(2) «O mesmo facto é indicado geralmente pela historia e pela sciencia de philologia comparativa».

(3) «No processo da domesticação de diversos ramos da mesma especie de animaes inferiores, por exemplo, pombas, e cães, tem-se dado em resultado differenças maiores do que as que existem entre as diversas variedades da raça humana.

(4) «E' facto admittido universalmente pelos naturalistas que a união entre animaes de especies differentes nem sempre é fertil, e que o producto de semelhante união, rarissimas vezes, talvez nunca, póde-se propagar. Entre os homens, porém, por maior que seja a differença nas variedades a que os paes pertençam, isso em nada influe no numero de seus filhos, e estes, por sua vez, podem propagar-se indefinidamente». (1)

Assim a Biblia e a Sciencia harmonizam-se na origem da raça humana de um só individuo.

Tendo estabelecido a origem da raça por creação directa de um unico tronco, agora consideraremos:

III. A Natureza desse Homem Primitivo.

«Na investigação do caracter e condição do homem, diversos pontos de interesse apresentam-se a nossa vista.

---

(1) Esboços do Theologia por Hodge, pag. 275.

1. «Sua natureza é dupla — *material* e *espiritual* ou em outras palavras, elle tem corpo e alma. Seu corpo formado «do pó da terra,» é material, como a terra de que elle foi tomado, mas sua alma é espiritual; a este respeito, é semelhante a Deus de que ella procedeu. Alguns perguntam, si a alma do homem foi propriamente creada ou si meramente uma emanação da Divindade. A primeira opinião concorda mais com as Escripturas e é mais geralmente adoptada. Suppor que a alma não foi creada, no sentido proprio da palavra, seria negar que o homem é ser creado; porque a alma é a parte mais importante de sua natureza. Ainda mais; seria negar inteiramente a existencia real da alma, porque si não fosse creada, então devia ser uma parte de Deus; mas Deus é infinito, sem partes e indivisivel; por isso, a idéa é, em si, absurda. Mas si pudessemos nos livrar da posição de absurdo, naquelle sentido, a difficuldade se nos viria em outra parte. As almas impias serão castigadas com «eterna perdição ante a face do Senhor;» consequentemente ellas não podem ser uma *parte* da natureza Divina. Então a conclusão é clara, devemos admittir que Deus creou as almas do nada, ou negar inteiramente sua existencia real.

2. «*Na imagem Divina.* A narração inspirada do caracter primitivo do homem é que elle foi «á imagem de Deus e á sua semelhança,» procederemos pois, na investigação mais particular em que subsiste essa imagem ou semelhança.

«Nenhuma theoria, em qualquer tempo, advogada sobre este assumpto é, talvez, mais absurda do que aquella que applica esta imagem ao corpo. « Deus «Deus é um Espirito,» sem fórma corporal nem partes e, por isso, o corpo do homem, não póde ser a imagem divina.

«Outros tem considerado ser esta imagem, o dominio dado ao homem sobre as obras da creação; mas

esta opinião é refutada no facto que o homem recebeu este dominio depois de creado; quando elle foi *feito* á imagem de Deus.

Entretanto para determinar em que subsiste esta imagem, não podemos nos firmar em uma só qualidade, e dizer que subsiste sómente n'ella, mas acharemos que ha diversas em sua composição.

(1) «*Espiritualidade* é a primeira que mencionaremos. Deus é chamado «O Pae dos espiritos», sem duvida com referencia a semelhança do homem para com seu Creador na espiritualidade de sua natureza. Nos Actos 17:29, lemos «Sendo pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a Divindade seja semelhante ao ouro, ou á prata, ou á pedra esculpida por artificio e imaginação dos homens».

O argumento do Apostolo aqui é evidentemente fundado na similhança do homem a Deus em espiritualidade. O argumento é este: si o homem é um ente espiritual e si elle é geração de Deus, então Deus deve ser um ente espiritual; consequentemente a Divindade não pode ser substancia material «similhante ao oiro, á prata ou á pedra.» Si bem que haja esta similhança em espiritualidade, não podemos dizer que a essencia espiritual da Divindade não seja, em perfeição e pureza, largamente superior, áquella da mais exaltada creatura. A comprehensão da essencia espiritual transcende nossos maiores poderes.

(2.) *O conhecimento* é a segunda particula pela qual notaremos esta imagem. Prova-se isto em Col. 3:10, que diz: «E vos vistaes do homem novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem d'aquelle que o creou.» Aqui a allusão clara é a imagem de Deus em que o homem foi originalmente creado.» A esta passagem une Mac-Knight as seguintes palavras: «Como na primeira creação, Deus fez o homem segundo a sua propria imagem.» Com respeito ao gráo de conheci-

mento que ao homem foi originalmente dado, os commentadores tem largamente desconcordado.

Alguns tem-n'o representado como quasi em estado de infancia, tendo quasi tudo de aprender, em quanto que outros, tem-n'o exaltado quasi, sinão inteiramente, á perfeição dos anjos. E' provavel que a verdade esteja entre os dous extremos. Que o homem foi inferior nesse respeito, aos anjos, concluimos do testemunho de S. Paulo «Elle foi feito um pouco *menor* que os anjos.» Que este conhecimento era muito grande, concluimos da pureza e perfeição de sua natureza. O mal moral não tinha então desconcertado, nem enervado seus poderes, nem o tinha lançado nas trevas. Podemos tambem chegar mui naturalmente á mesma conclusão, por sua historia no Paraiso; sua promptidão em dar nomes propriamente adaptados aos animaes diversos que lhe foram apresentados, e sua capacidade em conversar com seu Creador

(3.) «*Santidade* ou pureza moral é a terceira e a mais importante parte dessa imagem de Deus que vamos notando. Em Eph. 4:24, lemos « E vos vistaes do homem novo, que segundo Deus é creado em verdadeira justiça e santidade.» Sobre a renovação de nossa natureza, que nas Escripturas é, geralmente, apresentada como a cura do peccado em suas contaminações, ensina que «segundo» á imagem de Deus, esta imagem subsiste em «verdadeira justiça e santidade.» Que o homem possuiu originalmente santidade absoluta e essencial, independente de Deus, não o cremos; ninguem sinão Deus, a fonte de santidade, póde possuir essa qualidade no sentido absoluto e supremo. O homem pois, tirou a santidade de sua connexão immediata e communhão directa para com Deus. Que tal era sua condição, podemos confiadamente deduzir do mesmo facto de sua communhão com Dens; e é tambem, comprehendido na sentença de approvação absoluta, profe-

rida pelo Creador sobre suas obras. Diz-se que tudo era «muito bom». Não podiam ser taes si a menor impureza se ligasse a qualquer dellas. Aquelle que é infinitamente Santo em si, não podia consistentemente com sua natureza, produzir uma creatura impia. O ribeiro deve ser da natureza da fonte; por isso, o homem foi creado no sentido moral sem «macula nem ruga».

(4) «*Immortalidade* é a ultima cousa a notar na substancia desta imagem. Por esta, entendemos o corpo tanto como a alma do homem, isto é uma referencia a sua natureza inteira. Que o homem nunca teria morrido si não fosse a introducção do peccado, é conclusão irresistivel do raciocinio de S. Paulo na Epistola aos Romanos, onde Elle mostra que «entrou o peccado no mundo e pelo peccado a morte». Ainda mais, é designado na pena original da lei; «no dia em que della comeres, certamente morrerás», e mais, a promessa incluida de que, si elle continuasse em obediencia viveria; com estes testemunhos directos perante nós e sobre a immortalidade do homem, não podemos sentir inclinação alguma para disputar com os que contenciosamente protestam que o homem teria morrido literalmente, si elle não tivesse peccado. Si os homens querem divertir-se com as suas imaginações, em opposição directa ás Escripturas mais claras, deixar-lhes-emos no gozo de seus divertimentos.

«Ainda mais, podemos deduzir claramente que a mmortalidade é uma parte da imagem de Deus em que o homem foi creado. No Genesis 9:6, vê-se «Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado: porque Deus fez o homem conforme á sua imagem». Ora, como a atrocidade nò crime de assassinato se origina do facto de ter sido o homem feito á imagem de Deus, essa imagem deve em parte subsistir na immortalidade, ou nós não podemos vêr a força do raciocinio.

«Alguns tem adoptado a idéa de que o corpo do homem foi creado naturalmente mortal, mas que esta tendencia natural para dissolução por um sabio arranjo foi contrariada por meio «da arvore da vida». Confessamos que não podemos ver a auctoridade Escripturistica, ou força do raciocinio pelo qual esta theoria possa ser sustentada. Admittimos que «a arvore da vida» foi o meio pelo qual Deus foi servido continuar a existencia do homem, mas por isso, não se segue que elle foi naturalmente mortal, a menos que o termo não seja tomado em accepção diversa de qualquer outro usado com referencia ao homem. O que, perguntariamos, entenderemos por qualidades naturaes do homem? Não são aquellas qualidades que pertencem a sua natureza por disposição de seu Creador? Si assim é, não estaria o homem seguro na posse da immortalidade de sua natureza tão absolutamente sob a supposição de que a arvore da vida fosse o meio, como podia ser si fosse por qualquer outro modo? E se seguiria d'isto que sua immortalidade é tão natural, quando assegurada por esse meio, como si fosse derivada de qualquer outra fonte? Ninguem, sinão Deus, póde possuir immortalidade independente.

«A continuação da existencia da alma do homem, e tambem a existencia dos anjos é tão dependente da vontade, e se originou tão realmente do poder de Deus, como poder-se-ia suppor a immortalidade do corpo humano garantida pela «arvore da vida». Si o poder divino pelo qual a perpetuidade de nossa existencia se sustenta, é exercido por meio da arvore da vida, ou por qualquer outro meio, não se torna, por isso, menos real o poder de Deus. Então seguir-se-ia que sob tal supposição, o corpo do homem foi tão naturalmente immortal como sua alma o seria. Mas não é a idéa de que o corpo do homem foi originalmente mortal *por natureza*, contra o teor geral das Escripturas sobre tal assumpto

«o *salario do peccado* é a morte?» Penso eu que o commentario mais em harmonia com as Escrpituras acerca «da arvore da vida,» é em consideral-a como sello, ou fiança da promessa de Deus. Está claramente comprehendido, que o homem, ente creado naturalmente immortal, sob a condição de obediencia, seria continuado n'aquelle estado. Seja como fôr, é claro que o homem foi feito immortal, segundo a vontade e poder de Deus; e isto em parte constituiu a imagem divina, em que foi elle creado

«Assim vemos que esta imagem de Deus em que o homem foi creado, resume em si *espiritualidade, conhecimento, santidade e immortalidade.*»

3. «A ultima cousa que notaremos, a respeito do estado primitivo do homem, é que elle *foi creado feliz.* Creado de uma essencia intellectual e espiritual, fornecido de faculdades racionaes capazes de alto e santo exercicio, e admittido por tracto social e communhão intima com Deus, elle participou da benção de felicidade pura e sem interrupção. Posto no mundo onde tudo era ordem, harmonia, e belleza — isento de toda a enfermidade ou afflicção corporal, possuindo sabedoria intellectual e a perfeição da alma—foi-lhe permittido, com liberdade de corpo e alma, e innocencia e rectidão de coração, passear pelo Jardim do Paraiso, onde flores e bellezas desabrochando-se nos mais doces odores e ricas musicas, proclamavam ao olho, ao ouvido e a toda a sensibilidade do homem com voz celeste, que Deus seu Creador, o formou para a felicidade».

«Assim temos debilmente delineado a condição em que nossa raça foi originalmente collocada pelo Creador. Nossos primeiros paes foram ao mesmo tempo santos e felizes. Posto, como foi o homem, no jardim das delicias, onde tudo era belleza, amenidade, fragrancia e musica, de modo a não soffrer uma só necessidade, creado com esta capacidade de adquirir conhecimento,

quão bem recompensadas não seriam todas as suas investigações? Feito santo, amando a Deus com toda a sua alma, quão doce não lhe era a communhão com o Pae de seu espirito ! Ora assentando-se no luar tão suave, ora andando no crepusculo silencioso, sem duvida, sua alma levantava-se cheia de gratidão, ora silenciosa, ora vibrante, A'quelle que tinha feito para seus filhos uma tão bella morada. Ao despontar da luz no oriente, emquanto as saudações matutinas feriam seu ouvido, o coração do homem se inclinaria ao culto e as ramagens do Paraiso resoavam com a musica de seus louvores de gratidão ; assim o dia como a noite lhe traziam periodos de culto santo. Com que alegria não olhava elle para os periodos separados em communhão com o Santo Ser! Elle não se apercebia do vagaroso movimento das horas, porque nada sabia do soffrimento, nem da dôr; elle não occultava sua face para chorar, porque ainda não conhecia o peccado. Mas, ai d'elle, cahiu desse estado tão glorioso , «deixou a fonte das aguas vivas», e foi-se após uma corrente immunda. Em uma má hora deu ouvido á voz do tentador; e quão doce devia ter sido esta voz, que tanto encantou o homem que elle esqueceu a voz de seu Pae, dizendo-lhe, «no dia em que comeres d'ella, certamente morrerás». (1).

Em seguida, consideraremos a edade da raça humana sobre a face da terra.

IV ANTIGUIDADE DO HOMEM

A antiguidade do homem sobre a terra é puramente uma questão de chronologia; a chronologia geralmente acceita das nossas mais antigas Escripturas não é rigorosa. E', bom lembrar, que os algarismos chronologicos que se encontram nas margens das paginas d'algumas Biblias, actualmente não pertencem ao texto original, porém foram calculados sob a auctoridade de

(1) Ralston's, Elements of Divinity. P. 97-103.

Usher e Lloyd, e tem-se adoptado por muitos historiadores modernos que evidentemente não examinaram a sua authenticidade.

E' excusado dizer que, emquanto as observações astronomicas e a historia das nações antigas, taes como Egypto, China, India e Babylonia, ellas não se extendem a periodos mais remotos do que 3.000 annos antes de Christo, mas mesmo essa data nos leva, segundo a chronologia de Usher, uns quinhentos e tantos annos antes do diluvio.

Alguns querem provar que o homem existia antes dessa epocha de gelo, baseando se o argumento n'um esqueleto que foi descoberto e que pertence, segundo dizem, a uma epocha anterior á do gelo; porém mesmo esses confessam que este animal não podia falar, porque faltavam-lhe certos membros indispensaveis á pronunciação das palavras. E' claro, pois, que não póde ser o ente creado á imagem de Deus, e que deu nomes aos animaes.

Todos que estudam scientificamente este assumpto á clara luz de descobertas geologicas, hão de confessar que a existencia do homem sobre a terra não póde ser muito menos do que oito mil annos. A chronologia da Biblia Hebraica dá como edade do homem sobre a terra até a vinda de Christo em 4004 annos, desde então temos 1902 annos fazendo um total de 5906 annos. Aqui vemos uma divergencia entre os dados de geologia e os da chronologia hebraica de uns 2.000 annos.

Vamos ver si é possivel descobrir onde originou-se essa divergencia. Examinemos pois a chronologia hebraica para ver si ella é consistente. Segundo essa chronologia, houve só 370 annos desde o diluvio até Abrahão. Cem annos depois do diluvio, houve a confusão de linguas e a dispersão dos descendentes de Nóe. Uns foram para a India, outros para o Egypto e outras

partes; nesse tempo não podia haver mais do que umas centenas de pessoas no maximo. Mas segundo a chronologia hebraica aquelles que foram para o Egypto no breve espaço de 170 annos, tornaram-se uma nação numerosissima, varias dynastias levantaram-se e já passaram, e tambem havia reinos importantes e populosos em outras partes do mundo. Abrahão, segundo esta chronologia, nasceu no anno de 292, depois do diluvio ; Noé morreu 350 annos depois do diluvio, vê-se pois que Abrahão e Noé eram contemporaneos durante 58 annos. Sem, o filho de Noé, morreu no anno 467 ; segundo isto, Sem viveu 35 annos depois da morte de Abrahão, que pertenceu á decima geração depois de Noé. Emfim, uma investigação cuidadosa e historica dos factos, nos demonstram que a chronologia hebraica tem sido falsificada.

«Segundo a narração geralmente acceita, Ptolomeus Philadelphus, mais ou menos duzentos e oitenta annos, antes da vinda de Christo, mandou dois officiaes distinctos de sua côrte para Jerusalem em embaixada, para obter um exemplar genuino das Escripturas Hebraicas, e tambem o serviço de setenta e dois homens doutos nas linguas hebraicas e gregas, para traduzir as Escripturas Hebraicas para a lingua grega, para uso dos numerosos Jndeus que residiam no Egypto e que tinham perdido o uso da sua lingua materna.

«Qnando foi feita essa traducção, foi approvada pelo Sanhedrim em Alexandria, e seu uso em breve extendeu-se até Jerusalem, onde o conhecimento da lingua hebraica estava rapidamente tornando-se obsoleto, e a habilidade de lel-a estava reduzida aos homens de lettras, e mesmo os exemplares das Escripturas Hebraicas eram raros em consequencia de sua destruição por ordem de Antiocho, ou por serem escondidos pelos sacerdotes para livral-os do edicto real. De modo que a

tingiu o cumulo de auctoridade entre os Judeus de todas as nações». (1).

Essa acceitação e auctoridade não podia ser attingida por uma versão incorrecta; de modo que póde ser affirmado que na epocha da traducção, havia harmonia exacta entre os textos gregos e hebraicos.

Para estabelecer este facto ainda mais firme, Demetrio, duzentos e vinte annos antes de Christo, escreveu uma historia dos reis Judaicos, da qual fala Polyhistor, e que foi conservado por Eusebio. Nesta obra sua chronologia concorda com a da Septuaginta e não com a do texto Hebraico de hoje. Cincoenta annos mais tarde, Eupolemus escreveu uma historia dos reis Judaicos e a chronologia que elle adopta concorda com a da Septuaginta. Após o lapso de quasi tres seculos temos o testemunho directo de dois homens dos mais sabios de sua epocha, (Philó Judeu e Flavio Josephus) quanto a exatidão da Septuaginta.

O primeiro destes affirma, «que os Hebreus conheciam a lingua grega e os gregos que conheciam a lingua hebraica, ficaram admirados com a combinação tão exacta entre o original e a traducção, que elles não sómente as adoptaram como irmãs, porém como si fossem uma só, tanto em palavras como em cousas, tratando aos traductores não só de professores doutos, porém de interpretes e prophetas inspirados, que com uma pureza singular de espirito, tinham entrado nos sentimentos intimos de Moysés». (2).

«F Josephus nos fornece testemunho egual, (Prefacio ás Antiguidades) e a sua chronologia, embora

(1) Horn's Introduction, vol. 3, pags. 163—173.

(2) Philó, Jud. *De Vita Mos.* Lib. XI., pag. 570. Trad. por Russell, Vol. I. pag. 33.

Septuaginta logo veiu a ser usada universalmente, e atem muita confusão, combina com a Septuaginta. Elle dá o periodo entre Adão e Christo em 5478 annos, que demonstra claramente a identidade dos dois systemas. Os primeiros traços de differença entre os textos hebraicos e gregos appareceram no segundo seculo da éra christã.

«No anno *Domini* 130, mais ou menos, debaixo dos auspicios dos rabinos principaes, veiu á luz uma nova traducção do Velho Testamento no grego. Dois annos mais tarde o «Seder Olam Rabba» appareceu á luz no qual esse systema alterado de chronologia apparece, debaixo do nome de Rabbi José, e approvado pelo celebre Akiba, que sustentou os fins de Borchobab, o rebelde e Christo falso, e que pereceu juntamente com esse impostor (Borchobab)».

Essa versão foi gradualmente acceita pelos Judeus e no seculo quarto principiou a ser inserida a sua chronologia nos exemplares da Biblia Hebraica (Vêde Eusebio). As alterações pois foram feitas pelos Judeus e não pelos Christãos ; e não foram feitas afim de harmonizar a Septuaginta com o original hebraico, porque temos provado concludentemente que os textos gregos e hebraicos eram accordes durante mais que quatrocentos annos.

A mudança era resultado da interpretação que os Judeus davam á prophecia acerca da vinda de Christo, que ensinou que Elle havia de vir no meiado do sexto millenio. Para poderem combater o facto d'Elle já ter vindo ; e para confirmar essa má interpretação, elles alteraram a chronologia da Biblia Hebraica, para assim poderem combater a Divindade de Christo. Elles odiavam essa versão Septuaginta, e podemos entender que o espirito que influiu os Phariseus a pagar os soldados Romanos a mentirem quanto a resurreição de Christo, podia tambem levar os Judeus do segundo seculo a alterar

o texto da Biblia, si isto podesse tornar a sua posição mais plausivel.

Em examinar essas duas versões (a hebraica e a Septuaginta) é facil descobrir que tem havido uma alteração e como prova citamos as tabellas seseguintes:

TABELLA I

	Hebraica		*Septuaginta*	
Patriarchas ante diluvianos	E. P. (*) Edade	Naceu A. M.	E. P. Edade	Naceu A. M.
Da Creação....	0		0	
Adão.............	130	1	230	1
Seth...............	105	130	205	230
Enos..............	90	235	190	435
Cainan...........	70	325	170	625
Maleleel	65	395	165	795
Jared..............	162	460	162	960
Henoch	65	622	165	1122
Methusala	187	687	187	1287
Lamech..........	182	874	188	1474
Noé...............	500	1056	500	1662
Ao diluvio......	100	1656	100	2262
Primeira Epocha	1656	annos	2262	annos.

(*) E. P. quer dizer, edade do pae quando nasceu-lhe o primeiro filho.

Chamamos attenção á

TABELLA II

	Hebraica		Septuaginta	
Patriarchas post-diluvianos	E. P. Edade	Nasceu A. M.	E. P. Edade	Nasceu A. M.
Do diluvio.....	2		2	
Arphaxad.......	35	1658	135	2264
Cainan..........			130	2399
Seloh	30	1693	130	2529
Heber	34	1723	134	2659
Peleg.............	30	1757	130	2793
Reu	32	1787	132	2923
Serah	30	1819	130	3055
Nahor............	29	1849	79	3185
Thare............	70	1878	70	3264
Até Abrahão..	75	1948	75	3334
Segunda Epocha	365	2021	1147	3409

Estas tabellas mostram que a verdadeira chronologia Biblica tem uma alteração de mais ou menos 1400 annos. Vemos que segundo a verdadeira chronologia das Escripturas temos entre sete e oito mil annos como edade da raça humana na terra, verdade esta que harmoniza-se perfeitamente com os dados da historia e a sciencia em geral.

NOTA.—Sobre a Antiguidade do Homem, somos bastante individado, ao fallecido Reitor da Universidade de Vanderbilt, Dr. Garland, que fez um estudo profundo do assumpto. Uma parte deste estudo foi traduzido e publicado por meu amigo e collega Rev. Sr. Dickson na *Revista Popular*, ha 3 annos mais ou menos.

(O Auctor).

CAPITULO VIII

Os Anjos Máos

1. «Tem-se dito muitas vezes que não existe nem vagas nem abysmos na creação de Deus; mas que todas as suas partes são admiravelmente relacionadas para constituirem um todo universal. Por isso ha um encadeamento de entes, desde o mais baixo até o mais alto gráo, desde a particula inorganica da terra ou da agua até Miguel o archanjo. E a escala de creaturas não caminha *per saltum*—por saltos,—sinão por degráos lisos e pequenos, ainda que estes sejam ás vezes imperceptiveis ás nossas faculdades imperfeitas. Não podemos acertadamente traçar todos estes anneis intermediarios do encadeamento maravilhoso, que são demasiadamente finos para serem apprehendidos, quer por nossos sentidos, quer por nossos entendimentos.

2. «Podemos só observar que elles se levantam uns em cima dos outros, primeiro, a terra inorganica; então mineraes e vegetaes, seguindo as suas ordens diversas; depois insectos, reptis, peixes, bestas, homens e anjos. E' verdade que nada sabemos com certeza dos anjos sinão pela revelação; as narrações que herdamos dos mais sabios entre os antigos, ou aquellas que são dadas pelos pagãos modernos, são apenas tolices e fabulas auto-contradizentes, demasiadamente grosseiras para serem impostas até ás creanças. Mas pela Revelação Divina aprendemos que elles todos foram creados santos e felizes; porém nem todos elles permaneceram como foram creados: uns guardaram, porém outros deixaram o seu estado primitivo. Os primeiros são agora os bons an-

jos e os ultimos os máos anjos; é destes ultimos que agora vamos tratar. E' altamente necessario que entendamos bem o que Deus tem revelado ácerca d'elles, que não ganham sobre nós a victoria devida a nossa ignorancia; e que saibamos luctar effectivamente contra elles: «Porque não temos que luctar contra a carne e o sangue, sinão contra os principados, contra as potestades, contra os principes das trevas deste seculo, contra as malicias espirituaes em os ares (Eph. 6:12). (1)

Trataremos do assumpto do modo seguinte: *I A Origem: II. A Natureza III O Emprego e IV O Destino dos Anjos Máos.*

I. A Origem dos Anjos Máos

1. «A crença geral da Egreja tem sido sempre que elles foram anjos apostatas expulsos do céo, ou de algum logar de provação, por causa da rebellião contra Deus. A tradição de sua quéda se acha em todos os paizes e em todas as religiões, e é claramente ensinada nas Escripturas». (2)

2. «Que eram santos e felizes, quando sahiram das mãos do Creador, deduziremos claramente do caracter Divino. Aquelle que é perfeitamente santo e bom não podia ter produzido seres impios e miseraveis. Sua natureza não o admitte. Podemos estar bem certos de que as creaturas quando sahiram da mão do Creador estavam todas sem a menor nodoa moral. Que esses anjos impios foram santos e felizes, e cahiram daquelle estado exaltado, vê-se claramente nas passagens seguintes: «Vós tendes por pae ao diabo, e quereis fazer os desejos de vosso pae: elle foi homicida desde o principio, e *não permaneceu na verdade*, porque não ha verdade n'elle; quando fala mentira, fala do que lhe é pro-

---

(1) Wesley's, Sermons, vol. 3., pag. 207-208.

(2) Compendio de Theologia, Binney, pag. 106.

prio, porque é mentiroso e pae da mentira.» (S. João 8:44).

«E aos anjos que *não guardaram a sua origem antes deixaram a sua propria habitação,* reservou debaixo da escuridão, e em prisões eternas até ao juizo d'aquelle grande dia.» (Judas 6).

«Deus não *perdoou* aos anjos que *peccaram,* antes, havendo-os *lançado no inferno*, os entregou ás cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juizo.» (2. S. Ped. 2:4).

3. «Destes textos aprendemos que o diabo «não permaneceu na verdade,»—significando que elle esteve por algum tempo na verdade—e que os anjos peccando deixaram sua habitação original e moram agora na região das trevas. Estes são os factos claros nas Escripturas.»

4. Levanta-se muitas vezes a questão: Como puderam elles peccar? Ha muitas e curiosas tentativas para explicar a origem do peccado. Que os anjos estiveram sob uma lei torna-se claro por haverem peccado; e, si estando sob uma lei, foi-lhes possivel violal-a, elles deviam estar em provação e responsaveis para com Deus.

Com todos estes factos, em referencia a sua condição, diante dos nossos olhos, não vemos difficuldades em nos aperceber de sua queda, assim como da queda do homem, embora que nenhum tentador estranho pudesse ter induzido esses primeiros. Perguntar-se-nos-á aqui: De que modo podiam elles cahir em peccado, sem serem tentados? Como podiam elles ser tentados quando nada havia de mal no universo?» Podemos respectivamente responder a isto:

(1.) Em primeiro logar que elles peccaram e cahiram as Escripturas declaram.

(2.) Em segundo logar, que não havia qualquer

Eis então a origem dos anjos máos e em segundo logar, consideraremos

II. A Natureza dos Anjos Máos

1. A respeito da sua natureza, não podemos duvidar de que todos os anjos de Deus foram originalmente da mesma natureza. Que são seres espirituaes, é evidente nas Escripturas: «Que a seus anjos faz *espiritos.*» Que os anjos impios levavam esta natureza espiritual com elles na quéda, é egualmente claro. Mas comprehender o modo exacto em que estas essencias espirituaes existem, é nos impossivel.

2. «Desde o tempo em que sacudiram d'elles a soberania de Deus, elles sacudiram toda a bondade, e contrahiram todos aquelles genios que para Deus são os mais odiaveis, e os mais oppostos á Sua natureza. E desde então, elles estão cheios de orgulho, arrogancia, soberba, exaltando-se a si mesmos; e não obstante a tão profunda depravação no mais intimo do seu ser, ainda jactam-se das suas proprias perfeições. São cheios de inveja, se não contra o mesmo Deus, (e até isto não é impossivel, visto como antigamente aspiravam pelo Seu throno), ao menos contra todas as Suas creaturas (d'Elle); contra os anjos de Deus, que agora gosam do céo d'onde esses cahiram; e tanto mais contra aquelles vermes da terra que são agora chamados para «herdarem o reino.» Elles são cheios de crueldades e malicias contra todos os filhos dos homens, aos quaes desejam anciosamente inspirar a mesma malvadez que lhes são proprias, para envolvel-os na mesma miseria.» (1)

3. «Que são *impuros* e infelizes é tambem claramente manifesto do logar de sua habitação agora: Diz-se d'elles que Deus os «*reservou* debaixo da escuridão,» e tambem «lançados no *Tartarus* ou no inferno.» Desde

(1) Wesley's. Sermons, vol. 3, pag. 210.

que se representa o inferno como sua particular morada e como meio de punição pelos seus peccados, vemos que elles estão em estado de tormentos ; mas não deduzimos que estejam absolutamente reclusos em sua prisão, como a historia da quéda do homem e muitas outras partes das Escripturas o affirmam. Elles são capazes de visitar nosso mundo, e talvez outras partes do universo, mas em qualquer parte que estejam serão sempre espiritos immundos, buscando o descanço sem o achar Elles não podem largar sua miseria.» (1)

III. O Emprego dos Anjos Impios

«A Biblia nos ensina alguma cousa a respeito do emprego desses espiritos.

1. «Em primeiro logar. *Algumas vezes lhes é permittido affligir os corpos dos homens.*

Aprendemos isto na historia de Job. Satanaz foi quem o affligiu amargamente com doença. Aprendemos o mesmo a respeito de muitas pessoas enfermas que abundavam nos dias de nosso Salvador, as quaes, Elle disse, estavam possuidas dos demonios.

Tem-se dito, é verdade, que essas pessoas não estavam real e litteralmente possuidas dos demonios, mas que estavam soffrendo de epilepsia, paralysia, demencia, etc., e que figuradamente se disse estarem cheias dos espiritos malignos. A isto replicamos na linguagem do Dr. Campbell da Escocia «Quando achamos mencionado o numero de demonios em possessão particular, com as suas acções tão expressamente distinctas daquellas dos homens por elles possuidos, conversações por elles feitas com respeito ás suas disposições depois de sua expulsão, e narrações sobre o modo por que foram expulsos ; quando achamos enfermidades e paixões particularmente attribuidas a elles, e exemplos

(1) Ralston's—Elements of Divinity.

tirados de sua conducta igualmente observada, será impossivel negar sua existencia sem admittir que os historiadores sagrados foram enganados com referencia a elles, ou prevendo enganar seus leitores.»

2. «Em segundo logar *Lhes é permittido exercer influencia maligna sobre as mentes e corações dos homens.* Como se vê nas passagens seguintes «Porque não temos que luctar contra a carne e o sangue, sinão contra os principados, contra as potestades, contra os principes das trevas deste seculo, contra as malicias espirituaes em os ares.» (Eph. 6:12).

«E acabando-se os mil annos, Satanaz será solto da sua prisão, e sahirá a enganar as gentes.» (Apoc. 20:7, 8). «Aquelle cuja vinda é segundo a efficacia de Satanaz com todo o poder e signaes e prodigios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem.» (2 Thes. 2:9, 10). «Em Eph. 2:2, Satanaz é chamado: «O espirito que agora obra nos filhos da desobediencia:» Em 2. Cor. 2:17, S. Paulo diz: «Porque não ignoramos os seus ardis,» e em 1 S. Ped. 5:8, diz-se que elle «anda em derredor de nós bramindo como o leão, buscando a quem possa tragar.»

«Destas passagens aprendemos que os espiritos immundos estão se esforçando diligente e perseverantemente para destruir as almas dos homens; mas para nosso estimulo sabemos que elles só podem ir até ao fim de suas cadeias. Elles nos podem tentar mas não nos podem obrigar ao peccado, e somos exhortados a «resistir ao diabo e elle fugirá de nós.» (1)

3. Um dos principaes meios que os anjos máos empregam para illudir os homens, é em perverter as Sagradas Lettras e seus ensinos. Por perverter o mandamento de Deus elles conseguiram a quéda do homem no jardim de delicias; e empregando a mesma arma de

---

(1) Ralston's. Elements of Divinity.

perversão elles tentaram nosso Salvador, o qual resistindo ao tentador, pol-o em fuga. Nos tempos antigos elles conseguiram muito damno ás almas dos homens por meio dos espiritos pythonicos, como vemos de muitas passagens das Escripturas, nos tempos modernos dão-se as mesmas cousas por meio do espiritismo, os *mediums* pretendem praticar as mesmas artes que os advinhadores praticaram nos dias dos prophetas e apostolos. • Nos dias dos apostolos elles encontraram muitos desses advinhadores, os quaes foram desarmados pela prégação do Evangelho, assim demonstrando a superioridade de Christo sobre o poder dos demonios.

No Brazil, devido á ignorancia do povo a respeito dos ensinos das Sagradas Lettras, Satanaz está aproveitando o ensejo para fazer reviver estas artes diabolicas por meio do espiritismo. E a credulidade e fanatismo dos seus adeptos, apesar dos máos effeitos sobre as mentes e corpos dos seus devotos, é mais uma prova do poder exercido por Satanaz em cegar os entendimentos e olhos espirituaes dos homens, e tanto na revivificação do espiritismo como na corrupção do papado elle é «Aquelle cuja vinda é segundo a *efficacia de Satanaz com todo poder e signaes de prodigios de mentira, e com todo o engano da injustiça* para os que *perecem.*» (2. Thes. 2:9, 10). «Quando pois vos disserem : consultae os advinhos e aos encantadores, e que chilrando entre dentes, murmuram : Porventura não perguntará o povo a seu Deus? *Ou perguntar-se-ha pelos vivos aos mortos?* A' Lei e ao testemunho, que si elles não falarem segundo esta palavra nunca verão a alva.» (Isa. 8:19, 20.)

O Destino dos Anjos Máos

1. «Aprendemos nas Escripturas que Deus «entregou» esses máos espiritos ás «cadeias da escuridão, reservados para o Juizo,» em outro logar de «fogo eterno,» para onde os impios serão mandados depois do

Juizo; este logar está «preparado para o diabo e seus anjos.» De tudo isso deduzimos que, agora, elles estão em tormento e reservados para o Juizo quando uma condemnação mais negra os espera. Para elles não ha redempção, nem misericordia, nem esperança.

2. Tem-se levantado a seguinte questão Porque não se deu logar a sua redempção? Basta-nos saber que Deus, que sempre faz justiça, assim tem estabelecido. Elles peccaram contra a luz e a sabedoria. Cada qual se firmou ou cahiu livremente e, si de um lado mostrou-se a justiça de Deus em sua destruição eterna, de outro lado Sua bondade não será deprimida mais do que no castigo dos homens impios. Tanto de uma como d'outra classe, pode-se dizer que tiveram uma prova razoavel, mas escolheram o mal e devem «comer o fructo dos seus actos.» (1)

---

(1) Ralston's. Elements of Divinity.

CAPITULO IX

Os Anjos Santos

1. «O termo anjo é do grego *angelos*, que litteralmente significa, não uma natureza mas um *emprego*, mensageiro, ou um embaixador

«Mas tal palavra é mui geralmente empregada nas Escripturas para significar uma ordem superior de intelligencias habitantes da região celeste. Logo na introducção d'este assumpto esbarramos com objecções dos Scepticos porque alguns teem negado a existencia propria a taes entes. No capitulo 23 dos Actos dos Apostolos, verso oito, lemos que os Sadduceus negaram a existencia dos anjos e espiritos. Esta antiga heresia tem sido advogada em quasi todas as idades, mesmo entre os crentes professos da Revelação. Em numerosas passagens falam as Escripturas dos anjos como de seres intelligentes e reaes; os opponentes da sua existencia real teem sido levados a tomar todas estas passagens em sentido figurado. Por exemplo, quando a Biblia fala de anjos impios, a nada mais se refere, do que a elementos máos ou pensamentos impios; e quando nos fala de anjos santos, quer simplesmente significar elementos bons ou pensamentos santos. Para quem olha indifferentemente para suas Biblias e inverte inteiramente (com absurdos tão palpaveis) as declarações mais claras da Escriptura, diremos sómente, continuai si vos aprouver Si a narração clara da Escriptura não vos convence da existencia real dos anjos, será em vão argumentar comvosco. Realmente si toda a, historia da Biblia sobre a existencia e trabalhos dos anjos é allegorica, ou figurada, podemos similhantemente rejeitar todo

o volume da revelação como um sonho frivolo e fabula insensata». (1)

I. O Caracter e Condição dos Anjos Santos

1 «*Elles possuem alto grão de intelligencia e sabedoria.* Em 2. Sam. 14:17, achamos a mulher de Tecoah falando a David o seguinte «Porque como um anjo de Deus assim é o Rei meu Senhor *para ouvir* o bem e o mal». Inferimos sua intelligencia superior :

(1.) «De sua *espiritualidade.* Corpos fracos e pereciveis não os impedem.

(2.) «Do logar da sua *morada.* Elles «sempre veem a face de Deus em gloria», e moram no meio da refulgencia da luz celeste.

(3.) «De sua longa *observação* e *experiencia.* Por muitos seculos elles teem estado contemplando em doce meditação os attributos que se lhes esclarece na Divindade, e voando incançaveis por todas as partes diversas e distantes do dominio de Deus, para executar os mandamentos divinos e testemunhar as maravilhas da administração divina. Para que altura elles devem ser elevados em conhecimento e sabedoria ! Os assumptos os mais mysteriosos aos mais intelligentes dos homens, podem ser interpretados por um Seraphim, com a clareza da luz do dia».

2. «*Elles são seres santos.* Em S. Mat. 25:31, elles são chamados : «Os santos anjos :» e que jámais elles se apartaram, ainda que de leve, do caminho da rectidão, inferimos da supplica encontrada na oração de nosso Senhor. «Seja feita a tua vontade, assim na terra *como no céo*». Ainda mais, conhecemos sua santidade pelo logar de sua residencia. Nenhuma cousa immunda pode entrar no céu, mas por milhares * de annos, elles

(*) Ralston's, Elements of Divinity. P 75.

tem velado seus rostos perante o throno, exclamando com humilde reverencia: «Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos exercitos».

3. «*Elles possuem grande actividade e força.* Em Ps. 103:20, lemos: «Bemdizei ao Senhor, todos os seus anjos, vós que *excedeis em força, que* guardaes os seus mandamentos». E' verdade que elles tiram sua força de Jehovah, mas Elle lhes tem dado poder maravilhoso. O anjo destruidor que matou os primogenitos das familias do Egypto; e alguns dos juizos os mais severos de Deus teem sido executados pelo ministerio de anjos.

Ainda mais, com que velocidade maravilhosa, suppomos que elles podem se transportar de mundo a mundo. Elles são representados como voando com azas, e, como são puramente espirituaes em sua natureza, concluimos que voam com a velocidade do pensamento. Temos exemplo disto no capitulo nove da prophecia de Daniel. Quando Daniel principiou sua oração, o anjo Gabriel foi mandado voar do céo, e antes do fim da supplica, elle tocou Daniel, «á hora do sacrificio da tarde».

4. «*Elles possuem felicidade sem interrupção.* Isto inferimos da santidade de sua natureza, tanto como da sua communhão constante com Deus na região da felicidade. Elles não podem ter remorsos pelo passado nem apprehensão pelo futuro. Elles bebem as sempiternas alegrias da pura fonte de felicidade, e festejam-se para sempre nas vivas apparições da gloria divina». (1)

O Emprego dos Anjos Santos

1. «*Elles são empregados como agentes nos negocios da Providencia Divina.*

«Um exemplo de agencia angelica nos negocios da Providencia, vê-se no livro de Daniel 10:13. «Porém o

(1) Ralston, Elements of Divinity, pag. 79 80

principe do reino da Persia se poz defronte de mim vinte e um dias, e eis que Michael, um dos primeiros principes, veiu para ajudar-me». Mas um dos mais fortes exemplos do poder do ministerio angelico é talvez a destruição dos exercitos do Sanherib, que tinha desafiado ao Deus vivo. «Succedeu pois que n'aquella mesma noite sahiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos Assyrios a cento e oitenta e cinco mil d'elles: e levantando se pela manhã cedo, eis que todos eram corpos mortos» (2. Reis 19:35).

Uns suppõem que esta mortandade foi causada pelo vento pestilento, tão fatal no oriente; mas si assim fosse, o anjo foi o agente usado pela Providencia para trazer o vento como instrumento mortifero mais terrivel do que a espada».

2. «*Os Anjos Santos são usados como espiritos administradores aos santos.*

(1) «*Revelando-lhes a vontade divina.* Como exemplo d'isto, temos os casos de Ezequiel, Zacharias e Daniel. O Apocalypse ou historia prophetica da Egreja foi revelada a S. João, em Patmos pelo ministerio de um anjo». (1)

(2) *Elles guardam os santos preservando-os do mal.*

«Foi opinião predilecta dos antigos paes, que cada individuo está sob a guarda de seu anjo particular, que lhe é assignado como protector Costumavam falar tambem em dois anjos,—um bom e outro máo,—que elles suppunham que acompanhavam a cada individuo, incitando-o o bom anjo a tudo quanto é de bom e desviando d'elle o mal; e incitando-o o máo anjo ao mal e desviando o bem. (Hermas, 11:6). Os Judeus com excepção dos Sadduceus, criam n'isso, e os moslemitas crêm n'isso ainda. Os antigos pa-

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity, pag. 80.

gãos criam nessa idéa sob uma fórma modificada,—pois os gregos tinham seus *deuses* titulares e os Romanos seus genios. Na Biblia, porém, não ha nada que apoie esta idéa. As passagens que se costumam citar a seu favor (Ps. 34:8; Mat, 18:10), por certo, não significam cousa como essa. A primeira simplesmente ensina que Deus serve-se do ministerio dos anjos para livrar a seu povo de afflicções e perigos; e a segunda que os filhos dos crentes, emquanto creanças, ou os mais pequenos entre os de Christo, dos quaes os ministros da Egreja podiam estar dispostos a descuidar-se, são tidos em tanta estimação em outra parte que nem os anjos o julgam, abaixo da sua dignidade ministrar-lhes». (1)

Estamos de accordo com o Dr. Kitto em tudo, excepto no que se diz nestas palavras «*Que os filhos dos crentes*, etc., custa acreditar que um homem tão santo como o Dr Kitto podesse assim pôr limites á bondade de Deus, julgando que só as creanças dos crentes podiam receber a ministraçãod os anjos. Si os que estão promptos a ministrar áquelles que podem ser esquecidos pelos seus pastores, como podemos pensar que estes mesmos anjos possam descuidar-se de uma creança, porque não é filha de crente? De certo, não ha cousa alguma na passagem a qual elle refere-se para indicar tamanha discriminação. Eis a passagem «Olhae, não desprezeis *algum destes pequeninos*, porque eu vos digo que os seus anjos nos céos sempre veem a face de meu Pae que está nos céos»

Outras passagens que ensinam o ministerio dos anjos aos santos, citamos em seguida: «O anjo do Senhor acampa-se em redor dos que o temem e os livra.» (Ps. 34:7). «Nenhum mal te succederá, nem praga alguma chegará á tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito para te guardarem em todos os

(1) Kitto, Bib. Encyclop. Segundo Hodge, pag. 231-232.

teus caminhos. Elles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra». (Ps. 91: 10—12). «Não são, porventura, todos elles espiritos administradores, enviados para servir a favor d'aquelles que hão de herdar a salvação?» (Heb. 1:14).

Vemos claramente ensinado nas passagens ácima que os anjos ministram aos fieis, mas, como diz o Dr. Ralston «Não devemos concluir que elles preservem os santos de cada calamidade na vida, porque as afflicções e tentações são necessarias para o aperfeiçoamento dos santos, para que amadureçam em graça e se preparem para a gloria. Elles estão a beira de nosso caminho continuamente. Estão comnosco quando dormimos e quando despertamos, para nos conservar do mal, e para nos cercar com um muro invisivel de protecção».

3. «*Elles transportam as almas dos santos para as mansões da felicidade.* Elles o servem atravez da vida como guarda e protecção, commissionados por seu Pae celeste, para confortal-os na oppressão, livral-os dos seus inimigos e acompanhal-os em toda offegante peregrinação ; mas quando a hora da morte chega, elles esperam ao redor do santo que expira para conduzir seu espirito ao lar de Deus. Isto é lindamente illustrado em S. Lucas, 16:22. Quando Lazaro morreu, diz-se que elle «foi levado pelos anjos para o seio de Abrahão». Olhamos para a morte como scena de tristeza e oppressão; mas si fosse permittido sómente que o véo que nos encobre o mundo invisivel se desfizesse, veriamos em presença do Christão moribundo, bandos angelicos, misturando melodia doce das harpas celestes com os soluços e suspiros dos afflictos amigos, ao mesmo tempo suavemente dizendo: «Espirito irmão, vamo-nos embora». (1)

4. «*Finalmente, elles ministrarão aos santos no setimo dia, quando a trombeta soar, e os mortos forem re-*

(1) Ralston's. Elements of Divinity, pag. 81.

suscitados. O Senhòr «enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, e ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos,» (S. Mat· 24:31) e todos os santos serão «arrebatados juntamente com elles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares». (1. Thes. 4.17).

Podia-se dizer muito mais, mas temos dado um perfil incompleto da condição e do emprego dos anjos, como revelado nas Escripturas.

Resta-nos agora a considerar a respeito dos

III. Nossos deveres para com os Anjos

1. A Egreja Romana ensina que nós devemos adoral-os. *Catechismus Romanus* III:2, 9, 10.—Diz: «Porque o Espirito Santo que diz *Ao Deus uno seja honra e gloria*. (1. Tim. 1.17), nos manda honrar tambem a nossos paes e aos velhos (Lev 19:32, etc.); e dos homens santos que deram culto só ao Deus uno diz-se nas sagradas Escripturas que *adoraram* (Gen. 23:7, 12 etc.), isto é, veneraram supplicantemente, a reis. Si pois, os reis, por cujo ministerio Deus governa o mundo, são tratados com tanta honra, não daremos aos espiritos angelicos uma honra tanto maior em proporção quanto essas intelligeneias felizes excedem aos reis em dignidade [a esses espiritos angelicos] os quaes aprouve a Deus constituir seus ministros, de cujo ministerio se serve não só no governo da Egreja, sinão tambem no do resto do universo, por cuja assistencia, ainda que o não vejamos, somos livrados diariamente dos maiores perigos da alma e do corpo? Accrescentai a isso a caridade com que nos amam, e que os leva, segundo nos dizem as Escripturas (Dan. 10:13), a offerecer suas orações pelos paizes sobre os quaes a Providencia os collocou, e, sem duvida, tambem por aquelles cujos guardas são, porque apresentam diante do throno de Deus as nossas lagrimas e orações (Job, 3.25 e 12. 12. Apoc, 8:3). Por isso nosso Senhor nos ensinou no

Evangelho a não escandalizar os pequeninos, porque *nos céos os seus anjos incessantemente estão vendo a face de seu Pae, que está nos céos*». (Mat. 18:10).

«Sua intercessão devemos, pois invocar, porque veem sempre a Deus, e recebem d'elle com muito boa vontade a advocacia da nossa salvação. Desta sua invocação as Sagradas Escripturas dão testemunho — Gen. 48:15, 16». (1)

Facilmente se vê a fraqueza da causa papista quando tem de sustentar a doutrina da invocação e adoração de anjos por seu subterfugio tamanho com esse que acabamos de citar. Todos estão promptos a admittir que devemos honra aos nossos paes e aos velhos, e tambem aos que estão em auctoridade, mas não devemos *adoral-os*, e é uma perversão das Escripturas quando se diz «*que homens santos adoraram a reis*», dando como referencia Gen. 23:7,12. Mas aqui não achamos rei algum, nem olhamos *adoração* qualquer; eis as passagens: «Então si levantou Abrahão e inclinou-se diante do povo da terra, diante dos filhos de Heth.» «Então Abrahão se inclinou diante da face do povo da terra», etc. A Biblia da Egreja Romana a qual tenho em mão, diz: «Levantou-se Abrahão e fez reverencia ao povo d'aquella terra, a saber aos filhos de Heth». «Abrahão fez uma grande reverencia diante do povo d'aquella terra». etc.

Vemos quão longe estão estas passagens de ensinar que devemos *adorar* reis e anjos. Quanto o que diz Dan. 10:13, nada temos de orações feitas pelos anjos a favor dos paizes, mas sómente que o anjo Michael veiu ajudar Daniel contra o rei da Persia.

Em parte alguma das Escripturas encontramos o ensino que devemos invocar ou *adorar* os anjos, porém temos justamente o contrario, como se vê do seguinte: «Então disse Manué ao anjo do Senhor: Ora, deixa

---

(1) Segundo Hodge, pag. 231. (Esboços de Theologia).

que te detenhamos, e te preparemos um cabrito. Porém o anjo do Senhor disse a Manué: ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e *si fizeres holocausto o offerecerás ao Senhor*». (Juizes 13:15, 16). «Ninguem vos domine a seu bel-prazer *com pretexto de humildade e culto dos anjos*». (Col. 2:18). «E eu (João) lancei-me a seus pés (do anjo) *para o adorar*, porém elle disse-me: *Olha não faças tal: sou teu conservo*». (Apoc. 19:10). E eu João *prostrei-me para adorar perante os pés do anjo* que me mostrava estas cousas. *E disse-me Olha que o não faças, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os prophetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus*». (Apoc. 22:8, 9).

Que os anjos não são nem nossos mediadores, nem nossos advogados, vemos das seguintes passagens: «Porque ha um só Deus, e *um só Mediador* entre Deus e os homens, *Jesus Christo, homem*» (1 Tim. 4:5). *Temos um Advogado* para com o Pae, *a Jesus Christo*, o Justo». (1. S. João 2:1).

A respeito dos nossos deveres para com os anjos, pedimos venia para citar as seguintes palavras do Sr. Wesley: «A principal razão porque Deus quer ajudar os homens por outros homens, em logar de fazer a mesma cousa immediatamente por si mesmo, é sem duvida para nos affeiçoar uns aos outros por meio de taes ministrações, afim de augmentar-nos a felicidade neste mundo e tambem na eternidade. E não é pela mesma razão que Deus tem deixado aos anjos o cuidar de nós? A saber, para nos affeiçoar a elles e elles a nós; que pelo augmento de nosso amor e gratidão para com elles, possamos achar em tamanha medida o augmento da felicidade quando encontrarmos no reino de nosso Pae. Ainda que não possamos adoral-os—adoração é devida só ao nosso commum Creador—posto que possamos tel-os «em grande estima e amor por causa da sua obra» E possamos imital-os em santidade, mode-

lando as nossas vidas segundo a oração que nosso Senhor nos ensinou: esforçando-nos por cumprirmos a sua vontade na terra como fazem os anjos no Céo». (1)

Claramente se vê que si os anjos são os nossos conservos do mesmo Creador, que os nossos deveres para com elles subsistem em amal-os, imital-os em santidade, e como elles não nos adoram, porém adoram só a Deus, assim nós tambem devemos fazer na terra o que elles fazem nos céos. Adoremos só a Deus, mas amemos a todas as suas obras.

CAPITULO X

A Providencia Divina

1. Sobre este assumpto não podemos dar em pequeno espaço uma exposição melhor do que a que foi feita pelo Dr Ralston ; e por isso julgamos melhor dar uma traducção do seu capitulo inteiro, em logar de escrever um novo.

2. «Providencia Divina significa em theologia o cuidado e superintendencia que Deus exerce sobre sua creação. Talvez não haja doutrina, em connexão com a theologia, mais clara e abundantemente ensinada nas Escripturas, do que a proposta ; no emtanto, existem poucos assumptos na Revelação que sejam mais difficeis para as intelligencias ordinarias ou menos entendidas pelos Christãos em geral. Que ha uma providencia sobre os negocios deste mundo, todos cremos : e o coração Christão della tira muitas das suas mais preciosas consolações. Mas, quão diminuto não é o numero das claras, distinctas e adequadas concepções dessa providencia e do modo porque é exercida ! E' evidente, do que já dissemos, a importancia do cuidado e deliberação, sobre esta difficil e importante questão para que cheguemos ás opiniões correctas e Escripturisticas. Mas depois de nossas mais cuidadosas investigações, não esperamos comprehender totalmente o mysterio relacionado com o assumpto : porque em nosso presente estado de queda e imperfeição, é these, para nossa comprehensão, por demais profunda. O que poderemos saber no porvir, só o desenvolvimento do futuro póde desvendar. Mas é tanto nosso dever como nosso privilegio, mesmo neste mundo, aprender tudo que estiver ao

nosso alcance com referencia ás operações de Deus como manifestadas em suas obras e palavras.

3. «E' bem interessante saber que entre os sabios e philosophos da antiguidade pagã, eram acceitas algumas noções mui correctas com respeito á providencia Divina. Elles tinham como proverbio predilecto: «O mais alto annel na corrente da natureza está ligado ao throno de Jupiter». Similhante linguagem pode-se entender sómente com a significação da sujeição providencial da grande fabrica da natureza á mão da Suprema Divindade.

4. «Diversas theorias teem sido advogadas com referencia á providencia Divina. Uns tem organizado o assumpto de maneira a negar as causas secundarias, operando atravez das «leis da natureza,—como as chamam—uma influencia qualquer; de maneira que Deus, para elles, fica sendo o unico agente efficiente no universo, e o todo o systema da natureza parecendo-se apenas com uma collecção de bonecas, inanimadas, immoveis e insensiveis, só movendo-se quando constante e directamente agidas pela mão do Creador Isto é fatalismo. Outros representam a natureza como uma grande e perfeita machina que a Divindade deixou escapar de suas mãos creadoras com todas as suas partes tão justa e harmoniosamente dispostas que nenhuma attenção mais precisam de seu Creador, e assim *Elle*, depois de haver sido o activo Soberano da creação, retira-se para sempre como inerte espectador, continuando, o systema por Elle feito, a trabalhar com seus proprios resultados, como um relogio a que se dá corda e deixa-se para que marque as horas, minutos e segundos e mais periodos fataes que se baseiam nos principios da absoluta independencia. Isto tambem, nada mais é, sinão fatalismo, ainda percorrendo um caminho differente.

5. «Um outro systema ensina que geralmente é

permittido a natureza o reger-se por suas proprias leis, si bem que o Creador se intervenha algumas vezes, mas sómente no caso de milagres.

6. «O que consideramos biblico differe de todas estas theorias. Elle dá a todas as creações, quer animadas quer inanimadas a posse d'aquellas qualidades ou poderes que o Creador lhes tem dispensado. Admitte que naquellas propriedades e faculdades possuidas pelas creaturas—derivadas das mãos do Creador, e preservadas em existencia por sua providencia—existe uma efficacia real ou poder causador, mas que tudo é superintendido pelo governo de sua omnisciente providencia.

7 «Assim a creação inanimada, vegetal, irracional e racional, tem cada qual uma natureza em si particular, e na providencia Divina é governada por leis adaptadas a essa natureza. Deus, que é sobre a natureza em sua superintendente providencia, opera pela corrente regular de causas secundarias, ou independente d'ellas, quando julga conveniente. Elle póde domar os ventos e as nuvens, o fogo e a agua, a neve e a saraiva, e fazer com que lhe obedeçam, quer agindo pelas causas secundarias, quer independente dessa agencia. Póde mandar seus anjos como «espiritos administradores;» ou predominar as mentes e os corações dos reis e subditos com a agencia de seu Espirito Santo e assim governar o machinismo de sua providencia pelas leis de natureza ou independente d'ellas; de modo a assegurar os resultados de sua vontade, seja para averiguação e castigo do criminoso, seja para livramento e consolação dos santos.

8. «Segundo nosso conhecimento e entendimento, toda a creação de Deus comprehende quatro classes de substancias ou entidades. 1 *Substancias materiaes inanimadas*: 2. *Substancias vegetaes* 3. *Animaes irracionaes*; 4. *Agentes moraes, racionaes e responsaveis.* Como linha de divisa entre estas quatro classes crea-

das, está claramente definida, cada classe sendo essencialmente differente das outras, seguir-se-á, necessariamente, que os principios do governo Divino relativo a cada uma destas diversas classes de creaturas, devem ser tambem differentes, de modo a serem applicados á natureza das cousas governadas. Suppor que Deus adoptasse os mesmos principios de governo em referencia a cousas, tão essencialmente differentes em suas naturezas, como sejam um torrão, uma arvore, uma ave e um homem, seria denuncia palpavel da sabedoria Divina. Portanto acharemos que apesar de que a Divina providencia, em seu grande poder e conhecimento, toma sob seu governo todas as substancias e naturezas, todas as entidades e existencias, ainda se vê claramente a adaptação sabia dos elementos da administração Divina á natureza das cousas governadas. A providencia de Deus é exercida sobre a materia inanimada, vegetação, animaes irracionaes, e agentes responsaveis, segundo a respectiva natureza das diversas classes.

9. «Que a providencia Divina é exercida sobre cada particula do universo, pode-se ver claramente do facto da creação. Bem disse um grande lexicographo Americano Aquelle que reconhece uma creação e nega uma *providencia*, cai n'um contradicção palpavel: porque o mesmo poder que causou a existencia, é necessario para a continuação da mesma».

I. A Providencia Divina sobre a creação Inanimada

1. «A doutrina de uma providencia Divina sobre a creação inanimada é ensinada nas passagens seguintes: —«Elle é o que transporta as montanhas, sem que o sintam, e o que as transtorna no seu furor. O que remove a terra do seu logar, e as suas columnas estremecem. O que fala ao sol, e não sae, e sella as estrellas. O que só estende os céos, e anda sobre os altos do mar». (Job. 9:5—8).

«Teu é o dia e tua é a noite: preparaste a luz e o sol. Estabeleceste todos os limites da terra; verão e inverno tu o formaste». (Ps. 74.16, 17). «Olhando Elle para a terra, ella treme; tocando nos montes, logo fumegam». (Ps. 104:32). «Porque faz que o seu sol se levante sobre os máos e os bons, e a chuva desça sobre os justos e os injustos». (S. Matt. 5:45). «Quem mediu com o seu punho as aguas, e tomou a medida dos céos aos palmos, e recolheu na maior medida o pó da terra e pesou os montes com peso e os outeiros em balanças». (Isa. 40:12).

2. «Destas e outras numerosas passagens de significação similhante se vê claramente que Deus extende sua providencia regente sobre todas as cousas materiaes—sobre os céos e a terra, as montanhas e os mares, o dia e a noite, o verão e o inverno, o sol e as estrellas, os montes e o pó, os raios solares e a chuva. Mas perguntamos: porque principio e segundo que systema de leis Deus exerce este governo providencial? Sobre esta questão não póde haver controversia. Todos concordarão que a creação inanimada não se governa pelas leis adaptadas aos agentes moraes, animaes irracionaes, ou vegetação, mas por leis que propriamente pertencem á materia inanimada. As substancias physicas são governadas pelas leis physicas. Ha um principio em sciencias naturaes, desde longa data fortemente estabelecido e que não póde ser deslocado pelas desparatadas imaginações dos empiricos modernos, e que affirma ser a *inercia* uma propriedade da materia. Por tanto, todas as substancias meramente materiaes estão debaixo do governo absoluto de força irresistivel. Materia—materia inanimada—só se póde mover quando fôr movida. E póde agir sómente quando é agida. Quando agida deve mover-se necessariamente á medida da grandeza e direcção da força applicada. Assim parece que, na natureza das cousas, substancias materiaes

inanimadas não podem ser governadas por lei alguma sinão pela da força physica. E esta influencia tem o caracter mais irresistivel que se póde conceber. Por esta força e sob taes principios os planetas revolvem-se, as estações succedem-se, o vapor levanta-se, a chuva e a neve caem, e os rios correm para o oceano.

3. «Todas as substancias, desta classe material, são governadas pelas leis da natureza ; e estas leis são consideradas immutaveis. Por isso contestam alguns que não póde existir providencia Divina sobre o universo material além d'aquella que resulta necessariamente das leis da natureza. Reservamo-nos para em outro logar neste capitulo fazer um exame sobre a these mencionada, mas julgamos appropriadas aqui umas poucas palavras sobre o assumpto. Quando se diz que as leis da natureza governam o universo physico, muitas pessoas dão tal interpretação á phrase—«leis da natureza» —que não concordam com a realidade de cousas. Suppõem que «leis da natureza» significa alguma cousa tendo existencia abstracta e substantiva, capaz de exercer uma influencia directa efficiente e positiva, independente de qualquer auxilio immediato de Deus. Esta illusoria opinião sobre o assumpto tem levado muitos pensadores superficiaes para o torbilhão de um scepticismo insidioso. O primeiro passo é negar essa influencia immediata da Divindade sobre o governo das cousas materiaes, e assim tirar Deus do mundo natural. O segundo passo é negar essa influencia sobre as mentes dos seres intelligentes, e assim tirar Deus do mundo moral.

O facto é que quantos raciocinam assim não se detiveram ainda para examinar seus principios! Perguntamos, quaes são as «leis da natureza?» Esta phrase não póde significar outra cousa que não seja o *methodo da agencia de Deus* no governo da natureza. A lei por si não póde exercer influencia independente e cau-

sadora sobre qualquer substancia. As «leis da natureza», assim chamadas, devem sua existencia á vontade e disposição de Deus, e sua existencia, tambem a continuação dessa existencia. A mesma agencia Divina que deu estas leis, sua existencia e influencia, deve continuar ainda em todos os diversos processos da natureza e em cada logar da duração, ou essas leis tornar-se-iam no mesmo instante extinctas e sua influencia perdida. Affirmar, pois, que as cousas materiaes são governadas pelas leis da natureza, independente de qualquer immediata influencia de Deus, é dizer que ellas absolutamente não são governadas; mas que todas as cousas materiaes estão fluctuando sobre o turbulento mar do cháos, sem ordem, systema ou governo de especie alguma ou de fonte qualquer

4. Do que temos dito, se conclue inevitavelmente, em primeiro logar: que a providencia de Deus governa o universo material: em segundo logar, que este governo é pelo poder e sabedoria immediatas de Deus, por meio das agencias physicas e segundo os elementos que elle tem determinado para a execução do seu proprio poder. Por isso Deus governa a natureza, em todas as partes do seu grande e complicado mechanismo, desde os poderosos globos que rolam na immensidade do espaço ao pó que esvoaça a luz do sol, por sua propria e immediata agencia, tão realmente como si nunca tivesse ouvido de taes cousas como «leis da natureza,» ou jámais concebido sua existencia. Por seu mandato (que deve ser comprehendido como influencia activa e continua progredindo instantaneamente, como a corrente de um rio), o sol brilha ainda nos céos e «conhece o seu occaso»—por seu mandato toda a natureza permanece e as estrellas revolvem-se nas suas orbitas. Que se admitta que Deus geralmente governa a natureza por meio das cousas secundarias, será seu governo de qualquer modo enfraquecido por este facto? Aquelle que

segura em suas mãos o mais alto annel da grande cadeia sobre que está suspensa a creação universal, é o mesmo que sustenta essa grandiosa creação, em todas as suas partes, tão realmente como si fosse inteiramente suspensa sobre um só annel; como o fluido electrico que voando da pilha percorre seu curso por dez mil conductores, entretanto tira todo o seu poder do ponto de sua partida, assim o poder providencial de Deus, que póde ser exercido pelas innumeraveis agencias secundarias, é o poder divino tão realmente como si ouvissemos uma voz dizer de todos os anneis da cadeia extendida; «E' o Senhor: permitte-lhe fazer o que lhe parecer bom».

II. A Providencia Divina sobre a Creação Vegetal

1. «Que a providencia Divina extende-se tambem sobre *a creação vegetal*, vê-se nas passagens seguintes: «Faz crescer a herva para as bestas, e a verdura para o serviço do homem, para fazer sahir da terra o pão, e o vinho que alegra o coração do homem, o azeite que faz reluzir o seu rosto, e o pão que fortalece o coração do homem. As arvores do Senhor fartam-se de seiva, os cedros do Libano que elle plantou» (Ps. 104.14—16). «Olhae para os lirios do campo, como elles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua gloria, se vestiu como qualquer delles. Pois si Deus assim enfeita a herva do campo». etc. (S. Matt. 6:28—30). «Farei descer a chuva a seu tempo: chuvas de bençãos serão. E as arvores do campo darão o seu fructo, e a terra dará a sua novidade». (Ezeque. 34:26, 27). Estas passagens, á que muitas outras podem ser unidas, ensinam claramente a providencia superintendente de Deus com referencia as producções vegetaes da terra. Si bem que geralmente, a terra dê seus fructos como recompensa á industria manual, ainda assim não produz sem

que a benção Divina seja aocrescentada. Nem a herva, nem o lirio, nem o milho, podem prosperar nem crescer, si Deus não mandar as chuvas refrigerantes, as influencias estimulantes do sol e der a terra sua propriedade de fructificação.

2. «Mas de que modo opera a providencia Divina nesta repartição? Achamos um novo elemento introduzido aqui no governo de Deus; a natureza vegetal é dirigida sob os principios referentes a vida vegetal; Elle fez todas as cousas e deu a todas as substancias suas propriedades distinctivas e sabe ajustar os principios do seu governo providencial á natureza das cousas a que são applicadas. Emquanto as cousas da natureza inanimada são governadas por mera força physica, no reino vegetal, as aptidões e propriedades distinctivas das sementes, hervas e grãos, tão bem como o caracter da terra e a natureza do clima, são todos tomados em consideração; e Deus exerce sua providencia por estas diversas agencias e segundo as leis que designou com respeito a cada um delles. No meio das operações de todas estas cousas secundarias da natureza vegetal, a fertilidade da terra é tão realmente dependente da graciosa providencia de Deus, como foi na multiplicação dos pães e peixes do poder do Redemptor A unica differença é que: no ultimo caso, a benção anda pelo canal milagroso; e no primeiro pelo canal regular da natureza; em ambos os casos, resulta do poder Divino exercido segundo o proprio plano de Deus»

III. A Providencia de Deus sobre Animaes Irracionaes

1. O proximo ponto a considerar é a providencia de Deus com respeito aos *animaes irracionaes.* Esta doutrina é reconhecida nas passagens seguintes:—«Os leõesinhos bramam pela preza, e de Deus buscam o seu sustento. Todos esperam de ti, que lhes dês o seu

sustento em tempo opportuno. Dando-lh'o tu, elles o recolhem; abres a tua mão, e se enchem de bens». (Ps. 104:21, 27, 28). «Os olhos de todos esperam em ti, e lhes dás o seu mantimento a seu tempo. Abres a tua mão, e fartas os desejos de todos os viventes». (Ps. 145:15, 16). «Olhae para as aves do céo, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celleiros; e vosso Pae celestial as alimenta». (S. Matt. 6:26). «Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus pintainhos gritam a Deus e andam vagueando, por não terem de comer». (Job, 38:41). «O que dá aos animaes o seu sustento, e aos filhos dos corvos, quando clamam» (Ps. 147:9).

2. Não ha cousa que possa ser mais clara do que o facto expresso nestas passagens, affirmando que as bestas e as aves e todas as creaturas vivas, estão dependentes da providencia de Deus, pela vida, pelo alimento e tudo quanto gozam. Estão continuamente sob a protecção Divina e são preservados e alimentados pela mão beneficente de seu Creador. Mas nesta repartição dos dominios de Deus reconhece-se a lei segundo a qual a providencia Divina opera, como muito differente daquella já observada com referencia a materia inanimada, e igualmenie distincta daquella que governa a creação vegetal. Como plantas e arvores sobem um degráo na escala das cousas creadas, sobre o torrão ou a pedra, assim tambem a besta ou a ave sobe um degráo sobre todas as existencias inanimadas e insensiveis. Achamos aqui uma classe de existencias capaz de sensação e commoção, os irracionaes podem sentir e são susceptiveis de alegria e de miseria; Deus lhes tem dado *instinctos* maravilhosos, levando-os a preservação propria e a propagação de sua especie: e segundo os principios desta grande lei de sua natureza, Elle exerce sobre os irracionaes sua superintendencia providencial. Elle os governa, não como estatuas e pe-

dras, nem como plantas e arvores, mas segundo a natureza particular que lhes deu.

3. «Mas, ainda, elles dependem da omnipresente providencia de Deus para preservação, e para seu alimento diario como se não lhes tivesse dado instincto, impellindo-os a voar do perigo, dirigindo-os a buscar seu sustento proprio por aquelles canaes que elle prescreveu. Em logar de mandar seus anjos com alimento para encher as boccas litteralmente abertas de todos os animaes vivos, como os paes das aves alimentam seus filhinhos, Deus tem provido o supprimento no armazem da natureza, dirige e auxilia todas as bestas e aves e todos os animaes, impellindo-os com a lei do instincto, a procurar do sustento que lhes preparou por sua bondosa providencia. O canal pelo qual o beneficio transita, não pode diminuir o gráo de sua dependencia da providencia divina; «todos recebem seu alimento de Deus».

IV A Providencia de Deus sobre Agentes moraes e Responsaveis

1. «Agora chamamos attenção para a providencia de Deus, com respeito ao *genero humano como agente moral e responsavel.*

Esta doutrina é ensinada nas Escripturas.

«Os olhos do Senhor estão em todo o logar, contemplando os máos e os bons». (Prov 15:3). «Como ribeiros d'aguas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; a tudo quanto quer o inclina» (Prov 21:1). «Não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos» (Jer 10:23). «O coração do homem considera o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos» (Prov 16:9). «Segundo a sua vontade faz com o exercito do céo e os moradores da terra; não ha quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes?» (Dan. 4:35). «O seu reino domina

sobre tudo». (Ps. 103:19). «Porque n'Elle vivemos, e nos movemos, e existimos». (Actos. 17:28).

Que a doutrina da Providencia divina sobre os negocios dos homens nesta vida é ensinada nas passagens citadas, nenhuma pessoa de razão póde discutir: Mas o importante a considerar-se é, o sentido em que tal doutrina deve ser entendida; por isso, examinaremos mais detidamente.

2. *A natureza da Providencia Divina.*

(1). *E' universal em extensão*, e pertence a todas as cousas em todo o logar, grandes e pequenas porque, «os olhos do Senhor estão em todo o logar». Nada póde escapar a superintendencia de sua providencia omnisciente. Esta abrange os anjos no céo, bem como aos homens na terra, extende-se a nossa propria *existencia*: «porque n'Elle existimos». inclue as nossas *vidas*; «porque n'Elle vivemos», e tambem abrange os nossos *movimentos*; porque n'Elle movemos». Podemos conjecturar e pensar, «mas o Senhor dirige os nossos passos,» tanto nas grandes cousas como nas pequenas, Elle domina os imperios e os reinos: «Porque nem do oriente nem do occidente, nem do deserto vem a exaltação. Mas Deus é Juiz; a um abate e a outro exalta». (Ps. 75:6, 7). Elle olha para as cousas apparentemente insignificantes; como disse o nosso Salvador Jesus:—«Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? e nenhum delles cahirá em terra sem a vontade de vosso Pae. E até mesmo os cabellos da vossa cabeça estão todos contados». (S. Matt. 10:28, 29).

(2). *E' particular em sua applicação.* Conhece-se isto claramente não só das passagens citadas, mas tambem porque a Biblia registra numerosas exemplificações deste principio.

Vemos no caso de José, que seus irmãos impiedosamente venderam-n'o para o Egypto; mas que Deus,

em sua boa providencia—com quanto tolerando este acto criminoso—acompanhou o moço por todos os passos de sua vida em terra estranha; por isso José disse aos seus irmãos: «Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o intentou para bem, para fazer como está neste dia, para conservar em vida a um povo grande». (Gen. 50:20).

Vemos interposição particular da providencia claramente manifestada no caso de Elias; quando elle estava com fome no deserto foi pela providencia directa de Deus, alimentado pelos corvos. Outra vez, quando fugia de seus perseguidores e descançava á sombra do zimbro, foi-lhe fornecido o sustento por mão do anjo. Assim poderiamos falar de Samuel e David, de Daniel e Jeremias, de Pedro e João, de Paulo e Silas, e de um exercito de outros; porque a Biblia registra abundantemente a interposição Divina a favor do povo de Deus.

Mas alguns querem tirar da Biblia todos estes exemplos sob pretexto de que foram *milagrosos*; argumentam que Deus póde exercer uma providencia particular em caso de milagres, mas que não temos o direito de esperal-a nos negocios ordinarios. Nossa primeira resposta a esta objecção é; ainda que alguns dos exemplos citados tenham sido propriamente milagrosos, ainda assim, não eram todos desse caracter. Nada mais vemos na historia de José do que a obra regular da providencia pelos canaes da natureza. Nossa segunda resposta é que ha numerosos exemplos do cuidado manifesto de uma providencia particular nas Escripturas nos quaes não ha qualquer evidencia milagrosa. Nossa terceira resposta é; que já mostramos, das declarações numerosas e claras das Escripturas, que a providencia Divina attinge a todas as cousas e a todos os eventos, grandes e pequenos, ordinarios e milagrosos.

3. Examinemos aqui os principios pelos quaes

a providencia Divina é exercida sobre os seres humanos.

Em primeiro logar perguntamos: E' esta providencia *particular*, ou sómente *geral?* Sob esta pergunta tem-se levantado a principal difficuldade quanto a este assumpto. Dr Webster disse com razão que «algumas pessoas admittem a *providencia geral* mas negam a *providencia particular*, e não consideram que a *providencia geral* forma-se das *particulares*». Acceitamos para nós a posição tomada e tão claramente exposta pelo celebre lexicographo, agora procederemos a provar que a providencia de Deus não sómente é *geral*, mas tambem *particular*

(1.) Para admittir a providencia *geral* e negar a *particular*, é preciso adoptar palpavelmente os *principios* da *infidelidade*. A Biblia como claramente já mostrámos, ensina de modo por demais explicito a providencia *particular*; por isso, só podemos negar tal doutrina rejeitando inteiramente as Escripturas. Que os declarados infieis zombem da providencia *particular*, podemos razoalvente esperar, porque isto harmoniza-se perfeitamente com a sua «crença de incredulidade», mas que Christãos confessos de Biblia aberta em punho, adoptem impudentemente principios tão claramente contradictorios com os expressos ensinos da Palavra Inspirada, é verdadeiramente maravilhoso.

(2.) A negação da providencia *particular* conjunctamente com a admissão da *providencia geral*, é *anti-philosophica*. Pergunta-se aos sustentadores desta theoria o que elles querem dizer por providencia *geral* sem *particulares*, e não poderão dar resposta definitiva ou consistente. Elles podem palavrear sobre as «leis da natureza», ou sobre a relação necessaria entre «causa e effeito»: mas pedi-lhes que definam seus termos e elles serão lançados na maior confusão. Falar da pro-

videncia *geral* sem as particulares é tão inconsistente e desconnexo como falar de uma cadeia sem anneis individuaes. Do mesmo modo que os anneis fazem a cadeia e, como não póde existir cadeia sem anneis, assim tambem as providencias *particulares* constituem a providencia *geral*; e não póde existir providencia *geral* sem as *particulares* distinctas. Em qualquer relação encadeada de causas e effeitos, onde a primeira causa produz o primeiro effeito, e aquelle primeiro effeito torna-se a segunda causa, para produzir o segundo effeito, e assim até a chegar ao fim do encadeamento—em qualquer caso tal como este, a primeira causa obra effectivamente, por toda a linha encadeada, e é tão realmente causadora do ultimo effeito como do primeiro. Por isso si Deus governa o mundo pela providencia *geral* alcançando pela cadeia relacionada de causas e effeitos, ou em outras palavras, por todo o systema harmonico chamado «leis da natureza», seguir-se-á necessariamente que seu governo se extende por todas as partes do systema; e se *geral*, deve ser *particular*, e não póde ser mais para um do que para o outro.

Mas talvez o contradictor diga que, segundo este principio de argumentar, Deus, a primeira grande causa, é o unico agente real no universo e deve ser o auctor responsavel, por todas as cousas, até pelos actos impios dos homens. Replicamos que o raciocinador superficial e violento póde chegar a essa conclusão, e assim originou-se a these infiel da necessidade e o dogma anti-escripturistico da predestinação Calvinistica; mas ninguem que se dê ao trabalho de investigar com cuidado o methodo do governo e providencia Divinas, com referencia ás classes differentes das cousas que o Creador tem feito, e sobre que exerce dominio, precisará de ser impellido para este turbilhão de erro e de illusão. Isto porém leva-nos a mostrar que —

(3) A negação da providencia *particular*, ou a asserção de que esta ensina a doutrina de necessidade, é repugnante aos *principios da administração divina com referencia aos agentes moraes e intelligentes, como ensinada nas Escripturas.*

Concluir que a doutrina da necessidade, assim fazendo Deus o auctor do peccado, acha-se incluida na theoria de providencia particular que nós tomamos, é argumentar que Deus governa agentes moraes como governa materia inanimada, mas esta asserção é anti-philosophica e tambem contraria ás Escripturas.

Primeiro—é *anti-philosophica*. A sabedoria, a bondade e todos os attributos do Divino Ser devem-n'o levar a superintender todas as substancias e existencias que Elle tem creado segundo ás propriedades que lhes deu. Governando materia como materia e espirito como espirito, Elle deve predominar sobre a pedra, a planta, o insecto e o homem, cada qual segundo a sua natureza respectiva. O modo pelo qual Elle governa a materia inanimada, natureza vegetal, e animaes irracionaes, já temos considerado. Mas concluiremos que o Deus de perfeições infinitas governa o homem com todos os seus poderes exaltados — feitos sómente «um pouco menor que os anjos» — pelo mesmo systema de leis pelo qual governa as bestas no campo, as aves no ar, o hyssopo no muro ou os calhaus na ribeira? Tal conclusão seria por demais anti-philosophica.

Tambem seria *anti-escripturistico*. A Biblia ensina que o homem, sendo um agente moral, é governado por um systema de leis moraes e, suppor que Deus não possa governar o homem tão realmente pelas leis moraes como predomina o universo material pelas leis physicas, seria estorvar seus attributos. Seu governo é tão real n'um caso como no outro, ainda que dirigido sob principios differentes. Os cepos, os calhaus, sendo

materia inerte, sómente capazes de moverem-se quando movidos, são governados absoluta e irresistivelmente pela força physica; mas o homem, sendo agente intelligente e moral, capaz de raciocinar, e de entender a distincção entre o bem e o mal, de sentir o poder da consciencia e a influencia dos motivos, e de apreciar a recompensa e o castigo, é governado pelas leis moraes, mandando o que bom, e prohibindo o que é máo. No primeiro caso não ha agentes moraes envolvidos, sendo tudo necessario e absoluto; no segundo caso, os agentes moraes sendo interessados, o governo é modificado em sua administração conforme a contingencia das acções humanas. No governo do homem pelas leis moraes, a administração divina é tão firme e tão inflexivel em seus principios como o são as leis da natureza. Não é mais certo que a agua busque o seu nivel, ou que o fogo queime do que: «Quem crer e for baptizado, será salvo; mas quem não crer será condemnado». De um lado, as substancias materiaes são governadas pelas leis immutaveis da physica, de outro, os agentes moraes pelo codigo moral do Evanlho; mas, em ambos os casos, a administração se estabelece com egual firmeza sobre base propria e inflexivel.

Póde-se admittir que o methodo de Deus em extender a sua superintendencia providencial a todos os actos dos agentes moraes, tanto quanto possa deixar livre a vontade humana, e ao mesmo tempo não influir sobre a responsabilidade humana, é profundamente mysterioso. Mas, não é o governo de Deus sobre o mundo material — dominando os mares, movimentando as nuvens, dirigindo a tempestade, alimentando os filhos dos corvos quando grasnam e não permittindo que um passarinho caia sem sua permissão, (e tudo isto sem transgredir as leis da natureza) — não é isto, perguntamos, mysterio além do nosso alcance? Mas es-

tas verdades, sendo claramente ensinadas na Biblia somos obrigados a admittil-as, ou seremos submergidos nas aguas turvas do scepticismo.

Emquanto a providencia de Deus extende tanto seu amplo dominio com a creação sobre todas as obras de suas mãos, devemos nos lembrar sempre de que esta superintendencia é *assim* exercida, porque com quanto Deus seja o auctor de todo o bem — «O Pae das luzes» de quem desce toda a boa dadiva, e todo o dom perfeito», — ainda assim Elle não é o auctor do peccado, mas sómente o tolera por sua providencia — isto é, que Elle não o restringe obrigatoriamente, e assim não destroe a agencia moral do homem. Mas com referencia ás acções impias dos homens, esta providencia é assim exercida para trazer o bem do mal. Assim diz o Psalmista: «Porque a colera do homem redundará em teu louvor; o restante da colera tu o restringirás». (Ps. 76 : 10).

V As difficuldades que se encontram na negação de uma providencia particular

Em conclusão vamos olhar um pouco para as *difficuldades* em que nos envolvemos, si negarmos a doutrina da providencia particular

1. Desprezae essa doutrina, e sobre que principio vos *basearcis para vos utilizardes da oração?* Somos enviados a Deus para a recepção de todas as bençãos que precisamos, tanto moraes como espirituaes, com a promessa, de que nossas petições quando acertamente feitas em nome de Jesus, serão ouvidas e respondidas: mas se Deus não exerce sua providencia particular sobre as cousas deste mundo, fazer-lhe oração para receber estas seria escarneo solemne. Si assim é, como faremos oração consistente, «o pão nosso de cada dia nos dá hoje?» Ainda mais; negando a providencia particular, que sentido ligaremos a passagens taes como

estas: — «A oração efficaz do justo póde muito». (S. Thiago 5 16). «Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos attentos ao seu clamor». (Ps. 34:15).

A Biblia está cheia de instrucções sobre a oração, acompanhadas de promessas de que nossas orações serão ouvidas e respondidas. Tambem registra numerosos casos de respostas directas á oração, mas negando a providencia particular, essas passagens tornar-se-ão completamente inexplicaveis.

Suppor que Deus, depois de ter creado o mundo, dispoz sobre o que os philosophos chamam «as leis da natureza», e retirou-se, deixando que a natureza e suas leis governassem todas as cousas do melhor modo possivel, não se interessando Elle em exercer qualquer providencia particular sobre o mundo, aquelle que assim crê poderá jamais pedir a Deus uma só benção? Mas o que é peior, si Deus retirasse por um só momento a sua mão providenical da creação, a natureza inteira se despenharia immediatamente em ruina chaotica, ou cahiria em nullidade. Porque aquelle que fez todas as cousas, «sustenta todas as cousas pela palavra de seu poder», «E todas as cousas subsistem por Elle». N'uma palavra, fazer oração a Deus negando sua providencia, seria tão absurdo como invocar as pedras e montanhas insensiveis; mas por outro lado, reconhecendo que Deus, embora que não seja visto por olhos mortaes, está em toda a parte empunhando o sceptro de sua providencia sobre todas as partes de seus vastos dominios, temos abundantes razões para dirigir-lhe supplicas para tudo quanto precisamos.

2. Si a doutrina da providencia particular for desprezada, que fundamento haverá *para dar graças a Deus*, ou para *confiar n'Elle?* Como podemos dar-lhe graças pelo alimento que recebemos, os vestidos com que nos cobrimos ou o descanço de que gozamos? ou como po-

demos confiar n'elle, como nosso preservador e protector? Job exclamou: «Ainda que me matasse n'Elle esperarei». Cria elle em Deus sem providencia particular? David disse: «Em Deus puz a minha confiança; não temerei o que me possa fazer a carne». Como *elle* poderia olhar para o auxilio de Deus, sinão por sua providencia particular?

3. Ainda mais, quão ricas são as *consolações* que os justos em todas as edades teem tirado de sua confiança no cuidado providencial de Deus: Disse David:—«Os filhos dos homens se abrigam á sombra das tuas azas». (Ps. 36:7). E outra vez «O Senhor dará graça e gloria; não retirará bem algum aos que andam na rectidão». (Ps. 84:11). Deus, por bocca de Isaias, promettteu: «Quando passares pelas aguas estarei comtigo, e quando pelos rios, não te submergirão; quando passares pelo fogo não te queimarás, nem a chamma arderá em ti». (Isa. 43:2). E São Paulo affirma, «que todas as cousas contribuem juntamente para o bem d'aquelles que amam a Deus». (Rom. 8:28).

Tirae do Christão sua confiança na estavel presença de Deus e no cuidado vigilante de sua providencia, e vós lhe roubaes seu sustentaculo mais firme no meio das tentações e conflictos da vida. Isto foi o que inspirou aos prophetas, apostolos e martyres antigos, coragem para desafiar as ameaças e perseguições de todos os seus inimigos; que deu força ao coração de Luthero para que ficasse tão firme sob a tempestade violenta que o acabrunhava; e que fortaleceu a Wesley em seu ultimo alento, para exclamar: «O melhor de tudo é, —Deus é comnosco!»

Sou bastante individado ao meu querido irmão e collega no ministerio o Rev. João E. Tavares pelo auxilio prestado na traducção deste capitulo.

O Auctor.

PARTE PRIMEIRA

Doutrinas do Christianismo

Livro III.—Doutrinas Relativas ao Homem

CAPITULO XI.

A Quéda do Homem

1. Como introducção deste assumpto não podemos principiar melhor do que citando as seguintes palavras do Sr. João Wesley:

«O homem foi creado a imagem de Deus; santo como Aquelle que o creára; misericordioso como é o Auctor de todos; perfeito como nosso Pae celestial é perfeito. Como Deus é amor, assim o homem vivendo em amor, vivia em Deus e Deus n'elle. Deus fel-o para ser a imagem de sua eternidade, retrato fiel do Deus da gloria. Elle era, por conseguinte, puro como Deus é puro. Não conhecia mal de especie alguma, mas era sem peccado e sem mancha. Amava a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças.»

2. «Ao homem, assim recto e perfeito, Deus deu uma lei perfeita, exigindo plena e inteira obediencia. Plena obediencia em todos os pontos, sem intermissão alguma, desde o momento em que o homem tornou-se alma vivente, até que terminasse o tempo de sua provação. Transgressão alguma foi permittida; e não havia necessidade de tal permissão por quanto o homem era igual a tarefa que lhe fôra assignada e estava habilitado para o bem»

3. «A' lei do amor que fora escripta em seu coração, (contra a qual, talvez, elle não podia directamente peccar) aprouve á soberana sabedoria de Deus accrescentar uma lei positiva «Da arvore da sciencia do bem e do mal, d'ella não comerás;» ajuntando a pena: «no dia em que d'ella comeres, certamente morrerás».

4. «Tal pois era o estado do homem no paraiso. Pelo livre e immerecido amor de Deus, elle era santo e feliz, conhecia a Deus, amava-o, gozava dos seus beneficios, o que em substancia é a vida eterna. E devia continuar neste estado de amor para sempre, si continuasse a obedecer a Deus em todas as cousas; mas si o desobedecesse, perderia tudo.» «No dia», disse Deus, «certamente morrerás».

5. «O homem desobedeceu a Deus, comeu da arvore, da qual Deus ordenou-lhe, dizendo: «D'ella não comerás», e nesse mesmo dia foi julgado pelo recto juizo de Deus. Desde então a sentença com a qual fôra ameaçado, cahiu sobre elle. Morreu no momento em que provou do fructo. Sua alma morreu, foi separada de Deus, separação essa que lhe tirou toda a vida, bem como não tem vida o corpo que está sem alma. Ao mesmo tempo seu corpo tornou se corruptivel e mortal, de sorte qoe a morte tomou tambem posse d'elle; e sendo já morto em espirito, morto para Deus, morto no peccado, elle precipitou-se na morte eterna, na destruição do corpo e da alma, no fogo que nunca se apaga». (1)

I. E' A NARRAÇÃO EM GENESIS SOBRE A QUÉDA DO HOMEM UMA HISTORIA LITTERAL OU UMA REPRESENTAÇÃO ALLEGORICA?

1 Alguns o chamam poesia; Professor Harper, o denomina *historia idealizada*; definida pelo Professor

(1) Wesley's. Sermons on Justification by Huit.

Ryle como «tradição popular, conservada, purificada e santificada para que servisse ao plano divino para transmittir — de um modo figurado — ensinos espirituaes sobre as verdades eternas». (1)

Esta é mais ou menos a theoria do *Higher-Criticism* moderado sobre este assumpto, mas por nossa parte estamos mais inclinados á interpretação litteral, e por isso estamos de accordo com o Dr. Peloubet; diz elle «Para mim a narração em Genesis é uma clara e verdadeira historia de factos litteraes. Não se pode imaginar uma historia tão linda, tão natural, ou tão honradora tanto do homem como de Deus, como o é a simples, clara e litteral interpretação da historia que se encontra na Biblia. Lembremo-nos, diz o Professor Swing em *Truths for To-day*», de que uma grande parte dessa historia tem de ser a verdade, ainda quando não fosse considerada como inspirada. Certamente não é um mytho a existencia da raça humana, e devia ter havido um lar e Creador ao seu lado; e que elles haviam de tomar o primeiro passo ou em virtude ou em peccado; e do peccado que agora vemos no mundo e do teor geral da historia concluimos que elles bem cedo abandonaram o paraiso da felicidade»

2. «Quasi todas as nações—excepto a Africana, de que não se sabe bastante ainda para dizermos com certeza—tem antigas tradições de uma idade utopica, de felicidade e innocencia Edenicas, da serpente, da arvore e da quéda. Ha tradições entre os Chins, os Thibenses, os Mongolianos e os Hindús; a historia zoroastriana dos Mashya e Meshyana, a tradição Egypciana do reinado do Ra, o Pandora dos Gregos, o Asgard dos Scandinavos, a planta sacra guardada por figuras celestes esculpida nas estatuas dos Assyrios. Estas tradições deviam ter-se originado n'uma fonte commum,

(1) Prof. H. E. Ryle, B., D., em Early Narratives of Genesis.

n'um periodo antes da dispersão da raça, e elles apontam para um facto litteral na historia primitiva de nossa raça. E desde que se reconhece na narração a historia mais simples, mais natural, mais instructiva, livre de tudo que é grotesco, ha toda razão em acceital-a como a verdadeira narração do homem primitivo, de que outras são apenas corrupções». (1)

3. Mas ha outro argumento para a interpretação litteral da historia em consideração. Diz o Dr Ralston «Si a observamos como allegorica, temos de desprezar a auctoridade do Novo Testamento: porque em diversos logares este allude á historia da quéda como um facto real. Em S. Matt. 19:4, 5, nosso Salvador diz: «Não tendes lido que Aquelle, que os fez no principio, macho e femea os fez? E disse Portanto deixará o homem pae e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois n'uma só carne». Aqui, si bem que nosso Senhor não citasse immediatamente a historia da quéda, Elle citou uma parte dessa narração continua; consequentemente, Elle a devia considerar como historia real. Em 2. Cor. 11:3. São Paulo diz «Mas, temo que assim como a serpente enganou Eva com a sua astucia, assim tambem sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que ha em Christo». Neste logar a allusão é tão clara, que não podemos resistir a convicção de que o apostolo quiz referir-se a um facto real»

«Não ha outra passagem por demais positiva e definitiva para determinar a questão a todos que quizerem reconhecer a inspiração de São Paulo, do que a de 1. Tim. 2:13, 14 «Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, cahiu em transgressão» Assim percebemos que somos obrigados a admittir a historia lit-

---

(1) Peloubets, Notes, 1894, pag. 18.

teral do lapso fatal do homem, como registrado no terceiro Capitulo de Genesis, ou negar nossa confiança na Biblia». (1)

II. A Defeza da Administração Divina em connexão com as circumstancias da Quéda do Homem

1. «A Quéda do Homem foi um lapso da vontade humana da sua união com a vontade de Deus; e teve como resultado a degradação da humanidade das altas prerogativas pertencentes á imagem Divina segundo a qual o homem foi creado.... Por olhar superficialmente para a scena que dá começo a historia da nossa raça no jardim, muitos tem tirado a conclusão de que os nossos primeiros paes eram victimas de circumstancias; que foram enganados e sem saber, tropeçaram; que uma poderosa tentação exterior, cooperando com a simplicidade da sua propria consciencia ignorante e indisciplinada, os levava a ruina desesperada. Mas devemos nos lembrar que os entes cuja livre personalidade o Justo Deus experimentou, foram creados rectos. Sua liberdade era perfeita isto é, não somente possuiram a faculdade de querer ou escolher indeterminadamente sem constrangimento por leis necessarias do exterior; porém a sua vontade formal estava no seu objecto real, fixa no proprio Deus. A propria natureza dos termos da provação demonstram que elles entenderam os principios do bem e do mal: foram ensinados de que o bem era obediencia perfeita á vontade Divina e que o mal— de que elles sabiam mas em outro sentido não sabiam— era a desobediencia dessa vontade. Ainda que foi o inimigo que disse: «Sereis como Deus, sabendo o bem e o mal», (Gen. 2:5). Não foi elle que primeiramente introdiuziu á mente a mais tremenda de todas as admoestações. Porque a admoestação de Deus foi «no dia em que d'ella comeres certamente morrerás». (Gen. 2:17). Quan-

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

to aos outros ensinos que elles receberam não temos informação ; mas certamente podemos concluir que não foram deixados em ignorancia quanto ás relações entre o unico preceito positivo e a lei—que mais geral em sua applicação abrangia o seu dever como creatura. Nem sabemos que educação elles tinham recebido, nem por quanto tempo tinham aprendido por communhão com o seu Creador e pela instrucção do Espirito Santo. Sómente sabemos que por parte de Eva, tanto como por parte de Adão, houve uma revolta voluntaria contra o Todo-Poderoso ; que o acto desta vontade não foi simplesmente o abuso da liberdade de indifferença—a qual no caso d'elle não podia ter existencia—porém o acto de arrastal-a de seu objecto justiceiro e determinado. Nunca houve vontade humana mais absoluta em suas operações do que a d'elles ; que por assim dizer, foi a vontade humana em sua totalidade tornada do bem para o mal». (1)

2. Tem-se levantado a questão, si Deus não sabia que o homem ia cahir e si assim era porque Elle não creou-o de um modo que evitasse tal acontecimento? E visto que elle não obviou a difficuldade, como poderemos reconciliar este procedimento com a bondade divina?

Em resposta a essas objecções, diremos que não resta duvida que Deus sabia que o homem ia cahir, porque Deus tudo sabe quer passado, quer presente, quer futuro ; e que Elle podia ter deixado de crear o homem é igualmente claro porque Elle deixou de assim fazer até ha poucos mil annos. Mas era impossivel crear o homem agente livre sem dar-lhe a faculdade de agir por si e o poder de determinação propria. Sem estes poderes elle seria apenas um torrão agindo só quando fosse agido por mão do Creador. Assim o Creador, e

(1) Compendium of Christian Theology, Pope, vol. 2, pag. 17,18.

não o homem, seria o agente responsavel e neste caso o homem seria inhabilitado para fazer o bem ou o mal; desde que os actos não são d'elle proprio mas são o resultado da direcção e predeterminação do unico agente responsavel que é Deus. Porque si o homem fizesse o bem quando não poderia fazer d'outro modo, não poderia haver qualquer recompensa, e não mereceria mais approvação do que a pedra quando atirada por uma força exterior e determinadora attinge ao alvo ao qual foi dirigida.

Não pode haver obediencia si não ha a possibilidade de desobediencia. E porque Deus queria um Ser senhor de si e não uma mera pedra, planta ou bruto. Elle creou o homem assim, mesmo prevendo a quéda, porque viu que maior bem do que mal podia resultar de tal creação. Tambem não devemos nos esquecer de que o homem deve a sua continuação em existencia depois da quéda á Redempção por meio de Jesus Christo. Diz o Dr. G. H. Hayes:

«Que o homem é creatura decahida é facto que todos admittem. Que elle existe desde a quéda por virtude da propiciação é igualmente claro. Na quéda o homem tudo perdeu; a vida com tudo que era mais calculado a perpetual-a ou tornal-a em benção, foi perdido na primeira transgressão. Si Deus não provêsse um Salvador, a pena da morte necessariamente havia de ser infligida nos primeiros transgressores; porque a propria natureza de Deus prohibia que as suas creaturas entrassem em existencia para soffrer as consequencias de um acto em que ellas não tinham parte, sem dar-lhes qualquer meio possivel para escapal-as. Visto que existimos por virtude da morte de Christo, assim tambem temos n'Elle sem condição e absolutamente, tudo que precisamos para tornar esta existencia perfeita e feliz até que por transgressão pessoal perdemol-a.

Não digo que somos por isso isentos de males

naturaes e physicos, taes como as enfermidades ligadas a nossa natureza depravada, nem da dissolução do corpo da alma, a qual chamamos a morte physica; mas mesmo assim Deus não podia permittir que estes males existissem si não fossem contrabalançados pela resurreição de Christo. Porém digo que a graça da salvação, e tudo com ella relacionado—quer como meio da graça, quer como signal e sello da «Justiça de Deus»; quer como um typo apontando para o antitypo porvir, quer como memorial do grande facto de Redempção consummado na morte e resurreição de Christo—é sem condição e absolutamente assegurada a tòdo o filho do homem, para se perder sómente por transgressão actual e pessoal.

«Não queremos ser mal entendidos; não negamos a depravação total da natureza humana; nem somos dispostos a destruil-a com sophismas. Pelo contrario, fortemente advogamos e ensinamos a depravação total. Esta doutrina está na propria base da doutrina da propiciação. Si a *natureza* do homem não fosse corrompida pelo peccado de Adão e Eva, e por elles transmittida aos seus filhos, não haveria necessidade de um Redemptor, porque todos os filhos teriam ficado deante de Deus sem macula e sem contaminação, e só o primeiro par—os transgressores—teriam sido castigados. Onde não ha doença não ha necessidade de medico; no facto, pois, que o homem é depravado acha-se a necessidade da propiciação. Porque nada impuro póde entrar no céo; no emtanto a absoluta justiça de Deus faz *impossivel* que Elle castigue ás suas creaturas por causa de um acto pelo qual não eram pessoalmente culpados, nem tão pouco de actuaes e pessoaes transgressões *necessitados* por um estado ou condição em que foram levadas sem qualquer vontade propria. Para que o homem existisse depois da quéda, tornou-se necessario

que um Salvador fosse provido. Para ser um Salvador per feito devia ser provido para *todos* que foram envoltos nas consequencias da transgressão original; por isso Jesus Christo «pela graça de Deus provou a morte por todos».(1)

Só sobre a hypothese de uma propiciação universal é que se póde harmonizar a justiça e bondade de Deus com os factos e consequencias da quéda do homem e a continuação da raça humana no mundo.

Quando encaramos o assumpto desta posição da propiciação universal, não vemos difficuldade alguma na creação do homem como agente livre e moral, embora Deus previsse que Elle ia cahir. Porque com uma propiciação universal, si qualquer membro da raça humana se perder, não é por causa do peccado de Adão, mas por causa de seus peccados proprios e pessoaes.

3. «As *circumstancias* da Provação foram, a observação de um mandamento positivo, e tentação do lado de fóra; ambos appellando á vontade livre e sem constrangimento, a qual até então estava sob a direcção da lei ou preceito de obediencia sobrenaturalmente escriptos nella»

«A unica lei absoluta tinha uma forma positiva e negativa relacionadas com as duas arvores symbolicas do Jardim: a arvore da vida e a arvore da sciencia. O comer da primeira foi a condição positiva da vida continua e todo o beneficio da creação; abstinencia da outra foi a condição negativa. Não devemos suppor que as arvores tinham qualquer virtude inherente: — uma para sustentar em vida para sempre; e a outra para envenenar e corromper a natureza do homem. Tanto em Genesis como no Apocalypse ellas são symbolos ou sellos, com uma significação profundamente espiritual. Esta

(1) Children in Christ, pags. 21, 23, 25, 27

recordação tem por fim duas cousas: primeiro ella indica que os nossos primeiros paes foram ligados ao seu Creador por uma religião que ao redor d'elles tornou todas as cousas sacramentaes, e com especialidade algumas d'ellas. Em segundo logar tem por fim proteger os simples detalhes do Jardim do desprezo dos incredulos, que não veem nada sinão o que está na superficie da narração. A agua do baptismo e o pão e vinho na eucharistia são cousas mui insignificantes e sem importancia em comparação com as admiraveis grandezas que elles significam. No emtanto o incredulo não acha nestas cousas nada para condemnar quando considerados como symbolos. Então porque é que se julga uma cousa incrivel que as duas arvores do Paraiso tivessem dado fructo sacramental?

«O comer solemne do fructo da arvore da vida era só um sacramento de immortalidade; e em relação ao comer de «toda a arvore do Jardim», (Gen. 2:16) occupou a mesma posição com a Ceia Christã em relação a outro alimento. O comer fatal da arvore da sciencia foi apenas o signal exterior e visivel do peccado que, por causa da lei Divina escripta na natureza humana, teria sido seguido por vergonha, condemção e medo ainda que não existisse tal arvore. Pelo comer desse fructo o homem veiu ao conhecimento actual do bem e do mal, para o conhecimento de sua miseria: um conhecimento que o tornou sciente do seu proprio poder sobre seu destino — como si fosse seu proprio Deus — e ao mesmo tempo ensinou-se-lhe que este poder independente de Deus, era sua ruina».

«Tentação do exterior foi mais do que symbolizada pelo instrumento—agora cahido como o é o real e proprio tentador, de seu estado original—«a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanaz, que engana todo o mundo». (Apoc. 12:9) (6)

---

(1) Popés, Compendium of Christian Theology, Vol. 2, pags. 11, 14.

O peccado de Adão não foi só em comer um fructo, como alguns estão promptos a sophismar, assim zombando da revelação de Deus. Mas o comer do fructo era apenas o signal exterior de uma triste quéda da alma, já realizada no interior. O peccado era o de incredulidade, acceitando e obedecendo a Satanaz em logar de crer e observar o mandamento de Deus.

4. «A *pena* da lei Adamica tem sido representada como razão de queixa, como sendo inteiramente desproporcionada á offensa e rigorosa demais.

Para entendermos este assumpto é necessario que tomemos em consideração a verdadeira condição do homem como ente livre, a natureza da auctoridade á qual foi responsavel, e tambem do verdadeiro caracter do seu peccado. Achamos que quando se consideram devidamente estas cousas, vê-se claramente que a pena da morte, de que se tem falado como sendo severa demais, foi em verdade ajuntada á lei em misericordia.

«Primeiro, o homem afim de ser subdito idoneo do governo moral, foi feito um ente racional e intelligente, capaz de entender o seu dever e a razão d'elle. Foi tambem revestido com a faculdade de perceber e sentir a influencia de motivos. Em uma palavra, possuia todos os attributos de um agente livre e moral. Annunciou-se-lhe claramente o seu dever e não foi deixado apalpar o seu caminho entre as trevas de incertezas e conjecturas. A luz penetrava-lhe a alma por communhão directa com Deus, com a clareza e poder similhantes aos raios do sol. Nenhuma necessidade fatal o obrigou a transgredir; porque possuia toda a capacidade e faculdade necessarias para habilital-o a obedecer Foi creado sufficiente para permanecer, porém com a liberdade de cahir. Tal era a condição em que foi posto, e taes eram as circumstancias pelas quaes foi elle constituido o responsavel por seus actos.

«Em segundo logar, indaguemos qual foi a *natureza*

dessa auctoridade á qual era responsavel. Foi a auctoridade do infinito Deus, reforçada por todas as obrigações de gratidão, justiça, verdade e santidade. Uma obrigação tão alta e sagrada é baseada na auctoridade das infinitas perfeições de Deus e não podia ser abandonada nem desprezada, a honra do throno eterno o prohibiu.

Qual foi então a *natureza da offensa do Homem?* Certamente não era uma cousa tão trivial, como dizem alguns, que falam tão inconsideradamente da mera circumstancia de provar uma maçã. O comer do fructo prohibido foi o acto da transgressão externa; mas a fonte do crime ficou profundamente arraigada na alma. Alli onde tudo antes era santidade e amor, reinou agora em triumpho todo o principio do mal—estava alli descrença, traição, rebellião, inimizade, orgulho, cobiça e homicidio —em uma palavra, toda a má paixão que Satanaz podia instigar, ou que o homem jámais sentiu, foi tudo abrangido nos principios que actuaram o homem á primeira transgressão. Foi desafiada a auctoridade de Deus; a sua palavra contradita; foi abandonada a soberania do céo, e foram inteiramente desprezadas as obrigações de gratidão. Quão excessivamente defeituosa deve ser a theoria deste assumpto, advogada por aquelles que representam o primeiro peccado como sendo uma liberdade perdoavel — um pequeno desvio de insignificante tamanho para merecer a attenção de Deus!

«Encarando, pois, todas estas circumstancias, podemos nos queixar de que a pena de morte fosse ligada a essa lei? Pode-se achar n'ella qualquer evidencia de crueldade por parte do legislador? Antes, vemos na historia do caso, quando propriamente entendida, uma prova da bondade de Deus. Todo o bom governo, em fixar á lei uma pena, não tem por fim primario o castigo do subdito, mas a prevenção do crime. Assim ao preceito dado a Adão foi ligada a pena, «no dia em que

della comeres certamente morrerás:» para que se detivesse de transgressão e se conservasse em seu estado de felicidade original. Si o fim principal da pena foi a prevenção do crime, assim tambem a severidade da pena originou-se na benevolencia divina, que esforçou-se em fazer a inclinação para a obediencia tão forte como foi possivel sem destruir a agencia livre e a responsabilidade do homem». (1)

Assim temos considerado a historia e as circumstancias relacionadas com a Quéda do homem e a defeza da Administração Divina, reservando para outro capitulo a consideração mais a miudo dos resultados dessa quéda do primeiro homem na sua posteridade.

Não sabemos qual foi a profundeza dessa quéda, porque Deus em justiça lembrou-se de misericordia, e mesmo antes de banir o homem do Paraiso, Deus o animou com a promessa de um Redemptor que havia de restituir ao homem finalmente ao estado glorioso de que elle tão tristemente cahiu. Assim, quando o veneno do peccado entrou causando a morte, nesse mesmo dia principiou-se a operação benefica do grande Remedio e a transfusão de vida aos mortos por meio do sangue do «Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo», (S. João 1:29), e por meio deste «Cordeiro como havendo sido morto. desde a fundação do mundo», (Apoc. 5:6 e 13:8) o homem sahiu do Paraiso com uma *segunda provação* em virtude da promessa feita que a «sua semente» havia de ferir a cabeça da Serpente. (Gen. 3:15). Por isso, só aquelles que obstinadamente rejeitam os privilegios dessa segunda provação e a salvação em Christo, até o fim desta vida, poderão conhecer por experiencia a profundeza do abysmo em que o homem lançou se pela quéda.

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity

CAPITULO XII

A Pena da Lei Adamica

Já temos considerado a Quéda do Homem, agora neste capitulo, vamos considerar a respeito da significação da *pena,* abrangida na clausula *Certamente morrerás.*

I. Consideremos primeiro: A natureza da pena ligada á Lei Adamica

Pelagio, no quinto seculo, ensinou, o que 'Socinio vivificou no seculo dezeseis, *a saber:* «que a *morte,* — a pena da lei, — não se deve entender em seu sentido proprio e completo, como significando a *morte corporal, espiritual e eterna;* mas antes deve-se entendel-a figuradamente, como significando um estado de exposição ao desprazer divino, expulsão do Paraiso, e uma sujeição aos males e inconveniencias que servissem de correcções disciplinares para fazer o transgressor sentir o mal do seu peccado, e para evitar um segundo desvio; no emtanto o corpo de Adão sendo creado naturalmente mortal, este havia de morrer ainda que nunca peccasse; porém, sua alma não perdeu a imagem e favor de Deus, ainda que ficou de algum modo prejudicada em suas faculdades.»

Uma segunda opinião é, que a *morte* como a pena da lei, extendeu-se tanto ao corpo como á alma, significando a anniquilação completa.

Uma terceira theoria, é que a morte ameaçada, tem referencia sómente ao corpo, e, por conseguinte, a alma é tão pura, até que se corrompe a si mesma

por transgressões pessoaes, como o era a alma de Adão no Paraiso. (1)

Mas, a theoria que advogamos como sendo a das Escripturas Sagradas, é a seguinte Que a pena abrange a *morte espiritual, corporal e eterna.* Diz o Dr. Pope

« Devemos nos lembrar de que o castigo aqui é considerado absoluto, sem referencia a qualquer provisão propiciatoria ; que é o castigo de uma alma vivente, e não anniquilação e que é o castigo de um espirito humano animando um corpo humano. A alma que pecca *é digna de morte*, ou é digna de ser separada do Santo Espirito de vida : a morte do espirito separado de Deus, resultando a separação da alma do corpo, é o seu fim a morte eterna.

I. *A Morte Espiritual* é a retirada do Espirito Santo como vinculo de união entre toda a alma vivente e Deus. Os espiritos, quer anjos, quer homens, pela retirada do Espirito Santo, são separados de communhão com Deus, retendo os elementos naturaes, mas sem reflectir mais a sua santidade.

Estamos agora considerando esta pena no abstracto e sem referencia ao seu caracter minorado pela redempção. Basta dizer que ella significa em si, a partida da vida com que a alma foi creada para existir em Deus. Não sómente é esta a pena do peccado, mas tambem dá-nos a conhecer a sua natureza particular, e guia para aquellas manifestações delle, que são as melhores, senão unicas definições da morte espiritual. Como « *pela lei é o conhecimento do peccado*. (Rom. 3:20), no sentido positivo, assim, tambem, a ausencia do Espirito Santo torna conhecidos, —no lado negativo,— seus males em todas as suas formas e caracteres. »

---

(1) Ralston's—Elements of Divinity.

1. «No logar do Espirito Divino, o *Eu* torna-se o principio principal e regente da vida. O mysterio da origem do peccado estava na separação do livre espirito de Deus, e a aspiração de tornar se seu proprio deus. O mysterio está agora revelado: o espirito do homem, sem o Espirito de Deus, está entregue ao Eu. Quer entre anjos, quer entre homens, todas as formas da vida e da actividade do eu, ou do *ego*, é a morte da alma. Portanto—veremos mais adiante— o processo de restabelecimento dessa morte é a volta do Espirito de vida em Christo Jesus, quando o Eu não vive mais. «*Si alguem quizer vir após mim, renuncie-se a si mesmo.*» (S. Matt. 16:24.) «*Quem ama a sua vida, perdel-a-ha, e quem neste mundo aborrece a sua vida, guardal-a-ha para a vida eterna.*» (S. João 12:25.) Taes passagens apontam, ao principio, que o viver para si é a morte verdadeira e essencial.

2. Segundo a constituição original do homem—em sua alliança innocente com as cousas de sentido—a carne estava sujeita ao espirito humano, o qual estava governado pelo Espirito Divino. O castigo do peccado é a perda desse dominio, quer sobre o mundo ao redor de si, quer sobre a sua propria natureza physica. Por isso, a *carne* dá o seu proprio nome ao peccado como manifestado no homem e neste mundo. A restauração do *Espirito Santo* á natureza humana a restitue outra vez á espiritualidade «*Porque a inclinação da carne é a morte, mas a inclinação do Espirito é vida e paz.*» (Rom. 8:6.)

3. Esse Espirito, que faz do coração um templo interior e de toda a natureza um templo exterior, ausentando-se, o homem entrega-se á *idolatria.* O homem foi creado para render culto, e seu instincto ainda quando pervertido, é o de uma creatura prostrando-se diante de alguma cousa acima de si.

Apenas podemos imaginar os espiritos perdidos sem este instincto; póde ser que haja entre as intelligencias decahidas que seguiam a revolta do archanjo, alguma cousa analoga á idolatria humana. Mas, emquanto ao homem, o eu torna-se o seu deus interior e o mundo que o rodeia torna-se em um vasto Pantheon. Por isso, esta idolatria é tambem *impiedade*; o termo significando aquillo que não é pio, ou aquelle que é sem o culto de Deus e por conseguinte apartado de Sua santa natureza.

4. O peccado torna-se tambem em *principio* regente com a capacidade de um desenvolvimento quasi infinito. Esta capacidade origina-se no facto de que os elementos da natureza humana foram construidos afim de assegurar-lhe progresso illimitado: si não de gloria em gloria, então de vergonha para vergonha. Ha no mal um terrivel poder de propagar-se, assim desenvolvendo-se *em maior impiedade*. (2 Tim. 2:16.) Embora não seja licito dizer que o peccado é castigado por outro peccado; porém a morte espiritual para o bem, seguramente tem em si toda a plenitude de vida espiritual para o mal. Isto é, que dá origem á infinita variedade de trangressões, desde o desvio particular conhecido só a Deus, até o peccado contra o Espirito Santo.

5. Finalmente, deve-se lembrar de que qualquer que seja o peccado, é um accidente de uma natureza que em si não está mudada. E' sómente a separação de Deus, mas, a alma sahindo de Sua presença, nas suas perigrinações, traz comsigo a imagem divina cujos caracteristicos naturaes não são prejudicados pela introducção de qualquer nova faculdade creada sómente pelo mal. Não se introduz nada de novo nas fibras do nosso ser humano. Em outras palavras, tem de deixar-se inteiramente o peccado á região de tendencia e inclinação da *Vontade*, a

qual, formada pelo caracter, torna-se, por fim, agente na formação deste ultimo.

II. A Morte Physica é o castigo do peccado humano; não em si mesma, mas como sendo relacionada com a morte espiritual, relação que em algum sentido resulta da mesma privação do Espirito Santo, cuja *residencia* no homem regenerado é o penhor da resurreição physica, mesmo como o é o principio da resurreição do espirito para a vida. Mas declara-se expressamente que ella é o castigo de peccado no homem, o qual, por virtude desse peccado, ficou sujeito á vaidade, que foi a sorte das creaturas inferiores, prohibido de accesso á arvore da vida e abandonado á dissolução, que já tinha sido o termo natural de existencia dos habitantes da terra de ordens inferiores. Desde o momento em que entrou o peccado, reinou a morte, como depois na sua posteridade, assim no mesmo Adão; porque a morte quer dizer mortalidade e abrange todos os innumeraveis males introduzidos por ella. Deve-se lembrar que não temos experiencia desta condemnação, como sendo absolutamente destituida da mitigação do Evangelho. Mas aqui temos de tratar só do castigo. Como a pena de morte espiritual apresenta um novo caracteristico do peccado, assim faz tambem a pena da morte physica, escrevendo sobre o peccado os attributos de impotencia e miseria; isto se vê claramente das definições do Velho Testamento. A este ponto temos de voltar mais tarde; entretanto, basta dizer que, seja qual fôr o entendimento dos nossos primeiros paes, a separação da alma do corpo não foi o sentido primario — certamente não o unico—da sentença pronunciada sobre seu peccado. Mas, a morte physica no sentido de anniquilação de toda a natureza physica do homem, sendo elle alma e espirito, não é mencionada, nem

sequer uma vez, em todas as escripturas. O morrer, na Biblia, nunca significa a extincção.

III. A MORTE, como castigo do peccado, é necessariamente *eterna*.

1. Por ora, consideramos este castigo no abstracto e, como tal, pronunciado sobre o peccado. E' a separação da alma de Deus e quando considerada independente da redempção, a sentença está sem minoração nem limite. Esta medonha verdade póde ser considerada negativa e tambem positivamente. A retirada do Espirito Santo é o castigo que deixa o peccador sem a possibilidade de restauração propria, e n'isso está a morte eterna. Mas, tambem o decreto positivo do Justo Juiz, é a separação para sempre entre si e o mal. Com esta distincção harmonizam-se certas definições do peccado no Novo Testamento. Ella *é inimizade contra Deus* (Rom. 8:7.), e essa, em si, significa a separação eterna, como no caso dos anjos perdidos. E' uma escravidão ao mal isto é, o livre espirito — emquanto não perdendo seu poder de determinação propria — está determinado pelo principio peccaminoso só para o *mal continuamente* (Gen. 6:5). E, na combinação destas cousas, acham-se os elementos da morte eterna. Como o favor de Deus é a vida, assim o seu desprazer é a morte, a consciencia de culpa unindo a responsabilidade pessoal e a apprehensão do castigo tem a responsabilidade de continuar sem limite. E quando se diz que *a ira de Deus permanece* (S. João 3:36) sobre os incredulos, não precisamos de outro testemunho da pena de morte eterna.

2. No principio, a morte não foi declarada ser eterna, como castigo pronunciado sobre o peccado, nem foi annunciada como eterna até que o Redemptor *trouxe á luz a vida e a incorrupção.* (2 Tim. 1:10.)

Foi um decreto suspenso, como em verdade o foi a sentença por toda a sua extensão.

A morte physica immediatamente entrou em vigor, porém só em seus preparativos: O enganador falou meia verdade quando disse no dia em que elles comessem do fructo os prototypos não *morreriam*. Deu-se immediatamente a morte espiritual, mas esta tambem, como veremos, não estava sem minoração. Não estava pronunciado ainda que a separação da alma de Deus duraria para sempre, porque as provisões de misericordia podiam abrogar essa parte do decreto. Mas, por ora, não tratamos dessas provisões de misericordia; no emtanto, quando foi plenamente revelada a graça de Deus trazendo a salvação ao homem, a mesma graça solemnemente supplementou o que tinha sido reservado na primeira denunciação, e, ao mesmo tempo, descobrindo a sua profunda significação. Um caracteristico biblico desta *segunda morte*, (Apoc. 2:11) é, que nunca está annunciada de ante-mão como influencia ameaçadora, porém sempre está predita como a consequencia do peccado impenitente: Não tanto como castigo pela culpa como o é pela rejeição da redempção. O Evangelho *nos que se perdem* é o *cheiro de morte para morte* (2 Cor. 2:15,16); a morte espiritual profundando-se em morte eterna.

3. Ainda que a sentença da morte eterna foi ligada com o plano de Redempção como ameaça da rejeição do Evangelho, deve-se lembrar que em toda a parte é declarada ser a consequencia necessaria do peccado como opposta a tudo que se chama vida. Em parte nenhuma da Palavra de Deus a vida faz-se equivalente á continuação em existencia; si fosse assim a morte eterna seria anniquilação eterna. A vida é communhão com Deus, e sua consummação é eterna; a morte é o resultado de injustiça e sua consummação é tambem

terna. «*Porque o salario do peccado é a morte, mas o* '*om gratuito de Deus é a vida eterna, por Christo* '*esus nosso Senhor.*» (Rom. 6:23). Sem duvida, o ərmo morte tem uma grande variedade de applicações, omo tem tambem o termo vida, entretanto as appli- ações dos dois termos são paralellos. As palavras de Josso Senhor são emphaticas «*Na verdade, na verda-* '*e vos digo, que quem ouve a minha palavra, e crê naquel-* ? *que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em* *ondemnação*». (S. João 5:24). Aqui se veem os con- rastes da vida e da morte eternas. «*Em verdade, em* '*erdade vos digo, que vem a hora, e agora é, em que os* *nortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvi-* '*em, viverão*». (S. João 5:25). Aqui temos os contras- es da vida e da morte espirituaes». «*Não vos mara-* '*ilheis disto ; porque vem a hora em que todos os que estão* *ıos sepulchros ouvirão a sua voz, e os que fizeram o bem* '*airão para a resurreição da vida ; e os que fizeram o* *nal para a resurreição da condemnação.* (S. João):27, 28). Aqui se faz a vida physica eterna, e a espi- 'itual está entre as duas. E' pela luz destas palavras ;oberanas que se deve ler a passagem de S. Paulo (*Como por um homem entrou o peccado no mundo, e pelo* *beccado a morte.* (Rom. 5:12). Aqui a morte physica ẽ o castigo do peccado , mas não se pode excluir a morte espiritual e a eterna, como é evidente do con- texto que rodeia este texto no capitulo do grande Apos- tolo sobre o peccado. Elle acaba com as seguintes palavras : *Para que, assim como o peccado reinou para a morte, tambem a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Christo nosso Senhor* (Rom. 5: 21). Na primeira parte deste capitulo que trata do peccado em geral, antes de chegar ao peccado original, encontramos quatro termos que dão expressão á sua natureza inteira, quando considerado em si mesmo e tambem na pena da morte em seu sentido espiritual e

no exterior, do qual a Propiciação nos livra. Referindo-se expressamente ao estado em que nos achou a redempção, Paulo chama os homens *hamartoloi*, transgressores da lei em sua propria natureza; *hasebeis*, impio e separado do favor, da presença e do culto de Deus ; *hasteneis*, sem força, essencialmente impotente, e finalmente *hextrhoi* inimigos, os objectos da ira ou do desprazer positivo do Supremo, desprazer que separado da mediação de Christo durará para sempre. Estes termos devem-se levar a ultima parte do capitulo, onde se vê como o caminho preparou-se para elles pela primeira transgressão. Pela luz destes termos e com a sã interpretação, não se pode limitar á morte do corpo essa morte que é o castigo do peccado». (1)

Deste argumento do Dr. Pope claramente se vê que a *pena* da Lei Adamica é a *morte espiritual, corporal* e *eterna*.

II. A relação que Adão sustinha para com a sua Posteridade na Quéda

As differentes opiniões que se advogam sobre este assumpto, podem-se reduzir a trez :

1. Pelagio e Socinio mantinham que Adão só agiu fóra de si, e que a sua posteridade nenhum prejuizo soffreu pela quéda, quer em sua constituição moral, quer na physica; mas que a sua descendencia nasce tão pura como o foi no paraiso, e que a morte do corpo teria sido inevitavel, ainda que Adão não peccasse.

2. Outra theoria que advogam alguns é, que Adão foi de algum modo o representante de sua posteridade, de maneira que os effeitos de sua quéda de algum modo cahiram sobre a sua descendencia, não como a inflicção do castigo pelo peccado attribuido a elles, porém como consequencia natural, no mesmo sentido em que filhos

---

(1) Compendium of Christian Theology.

são obrigados a soffrer a pobreza e desgraça por causa da prodigalidade ou crimes do seu pae immediato, sem envolvel-os em qualquer sentido, no peccado, pela virtude do qual elles soffrem. Esta foi a opinião do Dr Whilby e diversos theologos da Egreja Anglicana, os quaes, para dizer a verdade, inclinaram-se demais para o Pelagianismo.

3. Uma terceira theoria que nós acreditamos ser a mais razoavel e escripturistica sobre o assumpto é; que Adão, na transacção da quéda, foi a cabeça federal e representante legal de sua posteridade, de maneira que ella cahiu n'elle diante da lei, tão verdadeiramente como elle mesmo cahiu; e que as consequencias do primeiro peccado cahem sobre elles como uma inflicção penal, em virtude do peccado de Adão attribuido a elles. Esperamos mostrar satisfactoriamente que esta era a relação que Adão sustinha para com a sua descendencia.

O caracter *federativo* de Adão está significado claramente na primeira benção dispensada ao homem, e, sem a admissão deste facto, seria difficil a interpretação consistente desta passagem «E Deus os abençoou, e Deus lhes disse Fructificae e multiplicae-vos, e enchei a terra, e sujeitae-a e dominae sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céos, e sobre todo o animal que se move sobre a terra». (Gen. 1.28). Notae que o mandamento é «Enchei a terra», e «dominae sobre todo o animal que se move sobre a terra». Ora, isto não pode ter applicação sómente ao primeiro par, mas tambem deve incluir a sua posteridade; então seguir-se-ha que assim tambem seus descendentes—que não estão aqui mencionados—foram participantes na benção dispensada em Adão, sua cabeça e representante legal, tão realmente como o mesmo Adão.

Em 1 Cor 15:45, lemos «O primeiro homem Adão, foi feito em alma vivente: o ultimo Adão em

espirito vivificante». Aqui claramente se contrastam Adão e Christo, e até o proprio nome de Adão é dado a Christo. Si isto não tem por fim nos ensinar que Adão foi como Christo, um caracter publico, o que póde significar esta linguagem do Apostolo? Elle estava neste capitulo contrastando a morte e seus males que vieram por Adão, com a vida e as suas respectivas bençãos que vieram por Christo. Harmonizando-se com isto, no verso 22, lemos: «Porque assim como todos morrem em Adão, assim tambem todos serão vivificados em Christo». Portanto si Christo é o representante federal pelo qual se communica a benção de vida, assim tambem Adão o era pelo qual se communicou a morte.

No capitulo quinto aos Romanos, o apostolo trata por extenso deste assumpto, contrastando os males que cahiram por Adão sobre a sua posteridade, com os beneficios que lucravam em Christo. Do argumento do apostolo é claro que Adão foi tanto o representante publico na transgressão, como Christo o foi na justiça da propiciação. Si não admittimos que Adão era a cabeça federal da humanidade, como se póde constituir todos peccadores pela offensa delle? Sendo a morte «o salario do peccado», não se pode infligil-a na humanidade si todos não peccassem, ou pessoalmente ou por seu representante. Negando pois, que Adão fosse o representante da sua descendencia diante da lei, a lei não poderia jámais tratal-os como peccadores. Mas vemos passando a «morte a todos os homens», porque diz o apostolo, «todos peccaram». Notae que o argumento é, que todos sobre os quaes passou a morte, peccaram; mas a morte passou tambem a muitas criancinhas que não peccaram pessoalmente, ou «que não peccaram á similitude da transgressão de Adão»; portanto deviam ter peccado em Adão, e si assim foi, elle devia ter sido, diante da lei, a cabeça federal delles.

«Já tem-se provado que a morte é a pena da lei, ou em outras palavras, é «o salario do peccado». Sendo assim, a supposição de que a morte é consequencia natural, resultando indirectamente á posteridade de Adão e não como castigo directo, deve ser uma theoria do assumpto que não tem o apoio das Escripturas, mas antes muito erronea. O negar que Adão foi o representante publico de sua raça na primeira transgressão, levar-nos-hia a uma corrente de difficuldades interminaveis.... Deve ser claro do que já dissemos, que a unica theoria que harmoniza-se com as Escripturas sobre este assumpto é, em considerar Adão em seu estado de provação como a cabeça federal de toda a humanidade; *n'elle* peccaram, *n'elle* cahiram e com *elle* soffrem a pena da lei violada. Todas as difficuldades que esta theoria possa apresentar em relação á misericordia de Deus, desapparecem á vista do plano de Redempção». (1)

---

(1) Ralston's—Elements of Divinity.

CAPITULO XIII

A Origem das Almas Humanas

Uma outra questão que influe muito na doutrina do peccado original é a da origem das almas; e sobre este assumpto tem havido duas opiniões principaes.

Primeiro: A theoria de *traduccionismo*, que ensina, que tanto as almas como os corpos veem, não por creação directa da mão de Deus, mas, sim indirecta, por meio de geração natural. E' excusado dizer que advogamos esta theoria como sendo a das Escripturas, da sã philosophia e do bom senso.

Em segundo logar temos a theoria dos advogados de *Creacionismo*, que ensinam que todas as almas originam-se n'uma creação directa de Deus. Devido a esta grande heresia que tem-se arraigado no coração popular, a qual tem dado origem a muitos e graves erros, julgamos melhor por alguns momentos combatel-a demonstrando pela luz da razão e pelas Escripturas Sagradas, que esta theoria é falsa.

Os advogados do *Creacionismo* subdvidem-se em duas classes:

Primeiro, os que advogam a creação «no principio» de todas as almas ou espiritos, Deus mandando-as habitar em corpos aqui até a morte do corpo, quando tornam a habitar em outros corpos, ou neste mundo ou em outros planetas. Esta é mais ou menos a theologia dos *Spiritas* do Brazil e França.

O segundo, os que ensinam que para cada corpo humano gerado, Deus faz por creação directa uma alma e a manda habitar no dito corpo.

Os mesmos argumentos que refutam uma dessas theorias, refutam tambem a outra, por isso, consideraremos as duas classes juntas.

1. Quanto a idéa de que «no principio» Deus creou todas as almas, mandando-as habitar em corpos gerados neste ou outros planetas e depois da morte dos corpos estas almas tornando a habitar em outros corpos, podemos dizer é contra a sã philosophia: Porque sabemos que uma vez despertada a alma humana, ella não dorme mais. Vemos a mente de uma creança desabrochando-se para tomar conhecimento das cousas ao redor de si. E a sua intelligencia augmenta e desenvolve-se d'ahi em deante. Mas uma propriedade da alma assim despertada, é a consciencia de si mesma. A alma conhece em si mesma que existe, não podemos saber si um recem-nascido tem esta consciencia de si, porque a memoria, que é uma faculdade da alma, é tão indouta que é impossivel recordar as nossas experiencias infantis; mas sabemos por observação que estas almas si não sabem intuitivamente, logo aprendem que tem uma existencia propria. E uma vez estabelecida esta consciencia de si, esta não dorme jamais, e a alma tem por isso poder de recordar na memoria cousas e factos passados e trazel-os ao seu serviço quando quizer Por isso si as nossas almas assim despertadas em outros corpos, fossem depois da morte habitar em outros corpos, por força haviam de levar comsigo a consciencia de si, e uma lembrança do que passou no primeiro e n'outros corpos. Si a minha alma tivesse habitado em dez ou cem corpos, sendo a minha alma aquillo que pensa, que recorda e que tem consciencia de si, ella havia por força de ter lembrança do passado e ter um conhecimento do que passou pela minha experiencia em outros corpos, d'outro modo não seria existencia. Mas não temos consciencia alguma de qualquer cousa que aconteceu n'uma vida anterior a esta, e não tendo consciencia de

tal existencia antes de habitarmos em nossos corpos aqui, sabemos interiormente que não tinhamos existencia no sentido proprio da palavra.

2. Quanto a creação directa de todas as almas para habitar nos corpps humanos produzidos por geração natural, podemos dizer que a unica passagem das Escripturas que os seus advogados citam é a do Eccl. 12: 7: «E o pó voltará a terra como era e o Espirito a Deus, que o deu». Aqui argumentam que si Deus deu o Espirito, tinha de ser por creação directa das mãos de Deus. Que este argumento não passa de um sophisma, claramente se vê no mesmo texto, «*o pó voltará á terra como o era*». Mas ninguem é capaz de dizer por isso que Deus forma por creação immediata os corpos dos nossos filhos do pó da terra, todos nós sabemos que elles recebem a sua natureza corporal dos paes, e que não vem directamente do pó. Entendemos que quando se fala em nossa creação do pó, que tem referencia a creação do corpo de Adão, no qual foi creada a possibilidade de todos os corpos humanos. E si a creação do corpo de Adão é razão bastante para dizer que toda a sua posteridade era pó e que tem de voltar para lá; o mesmo raciocinio nos ensina que, quando Deus soprou em Adão o folego da vida (*vidas*, no hebraico), e elle tornou-se em alma vivente, que Deus ao mesmo tempo creou n'elle a possibilidade de todos os espiritos ou almas humanas. E si a formação do corpo de Adão é razão bastante para dizer que os nossos corpos vem do pó, então a creação da alma de Adão é razão bastante para dizer que os nossos espiritos foram dados por Deus.

3. Esta theoria é um laço armado contra a doutrina da propiciação, porque esta doutrina da Reconciliação baseia-se no facto da quéda da nossa natureza humana em Adão, não só da nossa natureza corporal, mas tambem da espiritual. Sabemos que «o corpo sem o espirito é morto», e não tem poder em si para fazer

bem nem mal, e só como instrumento de um espirito residindo n'elle é que tem capacidade de agir. O corpo sendo meramente material, e sendo a inercia uma propriedade da materia—claro é que só póde agir quando fôr agido. O corpo sem o espirito não se move nem sente, não goza nem soffre. Portanto todos os actos de seu espirito, quer sejam estes actos anteriores e independentes do corpo, quando, por exemplo, pensa e ama; quer sejam exteriores quando o espirito serve-se do corpo como instrumento para operar sobre outros corpos materiaes, em tudo é o espirito que é o agente responsavel.

4. Como já vimos em outro capitulo, o primeiro peccado que trouxe a morte ao mundo, era peccado de espirito. Satanaz bem sabia que si obrigasse a Adão a comer por força exterior e sem a concurrencia do seu espirito, que nada alcançaria, porque o tentador bem sabia que o justo Deus não havia de castigar a sua creatura por causa de um acto que não foi dirigido por seu proprio espirito. Por isso Satanaz dirigiu-se ao espirito da mulher, por meio de argumentos intellectuaes e não por meio de força bruta. Uma vez vencido o espirito d'ella, serviu-se do seu corpo como instrumento para levar ao cabo, o que seu espirito d'antes tinha determinado. Depois influindo no espirito do seu marido, que elle tambem a seguisse em pensamento e depois em acto, culminando na separação da raça humana do seu Deus. «Assim por um homem entrou o peccado no mundo e pelo peccado a morte». (Rom. 5:12), por causa da determinação do livre espirito que serviu-se do instrumento corporal para manifestar por acto exterior o que já havia dado no interior—no espirito. E o espirito morreu no dia em que elle comeu, por intermedio do corpo, da arvore da Sciencia do bem e do mal, e assim a morte passou a toda a posteridade de Adão, não só a morte do corpo, porque o corpo con-

siderado em si não tem vida, a vida physica é impossivel sem o espirito animal operando no corpo material, assim tambem a morte physica é impossivel sem a sahida dessa alma animal do corpo, portanto ou a vida ou a morte physica são igualmente impossiveis onde não ha alma. Por isso o ferrão da morte physica está nas experiencias do espirito. Visto pois, que o corpo sem o espirito não póde agir e por consequencia não tem qualquer propriedade moral, é incapaz de fazer bem ou mal. E si Deus, por creação immediata, collocasse uma alma no corpo de toda a creança que nasce no mundo, esta alma ou espirito forçosamente havia de ser puro, e sem uma natureza corrupta, nem poderia ser por natureza o filho da ira. E, por consequencia, não haveria necessidade alguma da propiciação.

5. Si disserem, que temos a alma animal dos nossos paes, mas que a alma ou espirito humano que distingue o homem dos animaes inferiores, vem directamente de Deus, eu respondo, que isto nada influe no assumpto, porque todos sabem que a alma animal não tem qualidades moraes. Deus nunca deu nem jámais dará preceito positivo nem preceito moral, a uma alma animal, pela simples razão de que não tem capacidade, nem para desobedecel-o nem para obedecel-o.

O preceito positivo e a lei moral são dirigidos áquelle principio no homem que o distingue dos animaes inferiores, principio este que nós chamamos a alma humana. E si este principio vem directamente de Deus por creação immediata, então a creança nasce com a capacidade de obedecer essa lei independente dos beneficios da propiciação e por conseguinte tão puras e immaculadas como Adão no Paraiso ou como a propria natureza humana do nosso bemdito Salvador.

Mais: *A alma* humana é que tem a capacidade de peccar, e todas as almas são contadas como peccadores a vista da propiciação. Diz o Apostolo: «Pelo que

como por um homem (Adão) entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, assim tambem a morte passou a todos os homens n'aquelle (Adão) em quem todos peccaram». (Rom. 5:12). Já vimos em outro capitulo que Adão era o representante federal de sua posteridade, e neste vemos que é a alma—que distingue o homem dos animaes inferiores—que tem a capacidade de peccar, porque sómente esta tem a capacidade de obedecer. Adão pois peccou espiritualmente, mas o apostolo affirma que toda a sua posteridade peccou n'elle—«*naquelle em quem todos peccaram*» —Sendo pois o peccado um acto do livre espirito humano, si todos peccaram em Adão, foi porque todos tem d'elle esse espirito humano, e por conseguinte estava n'elle ao menos a possibilidade de nossa existencia espiritual. Mas si recebemos as nossas almas por creação immediata de Deus, e não por geração de Adão, então, não peccamos em sentido algum em Adão, porque a nossa alma humana que unicamente tem a capacidade de peccar, nesse caso não tinha n'elle existencia em sentido algum.

Portanto, as creanças não teriam parte na propiciação feita por Christo, e pela simples razão que Christo veiu para «salvar os peccadores», mas si as creanças recebem as suas almas directamente de Deus, são portanto puras e não peccadoras, e por isso não necessitam da graça de Deus em Christo. Mas que as creanças são consideradas como perdidas e por conseguinte peccadoras, vemos nos ensinos de Jesus. Diz Elle—falando dos pequeninos: «Porque o Filho do Homem veiu salvar o que se tinha perdido». (S. Matt. 18: 11). Tal linguagem não póde significar outra cousa sinão que todos peccaram em Adão, porque tinham a sua existencia espiritual n'elle, e assim morreram ou peccaram em Adão, e são vivificados e salvos pela propiciação de Christo. «Porque assim como todos

morrem em Adão, assim tambem todos serão vivificados em Christo». (1 Cor. 15:22).

7 Si, mudando de posição, o opponente diz que nossa natureza physica e alma animal foram corrompidas pela quéda de Adão, e que é neste sentido que todos peccaram n'elle e que era para nos remir deste estado de corrupção que Christo veiu, respondo que um animal não póde peccar em qualquer sentido, e que si fosse nesse sentido, então Christo não morreu pela alma hnmana, mas veiu a este mundo, para soffrer e morrer só para fazer propiciação por seus animaes, porque independente da alma humana, o homem não póde ser sinão um animal.

8. Si se disser que a alma humana é pura quando sahe das mãos de Deus, mas que por causa de sua união com um corpo e alma animal decahidos e corrompidos pela quéda de Adão, infallivelmente ha de cahir no peccado, e por causa dos resultados necessarios e inevitaveis que vão cahir sobre essa alma humana, é que Christo veiu para fazer um sacrificio e propiciação para remil-a de taes peccados inevitaveis, respondo que é contra a justiça e a bondade de Deus crear espiritos puros e mandal-os habitar em corpos corrompidos. A propiciação é baseada sobre o facto de que *peccaram em Adão*, e não porque elles vão peccar por si quando recebam uma alma das mãos de Deus para habitar n'um corpo gerado de seus paes. E longe de sermos obrigados a peccar pessoalmente, os beneficios da Reconciliação são taes que elles nos habilitam a não peccar jámais, e embora nascendo com corpo e alma—ambos da mesma fórma dos nossos paes por geração natural—debaixo da condemnação da lei por virtude do peccado de Adão, ainda por virtude da Reconciliação em Christo e os beneficios espirituaes por Elle outorgados, temos a justificação para a vida espiritual e a habilidade de viver «em santidade e justiça perante» Deus «*todos os dias*

de nossa vida». (Luc. 1.75). Pois assim como por *uma só offensa veiu o juizo sobre todos os homens para a condemnação*, assim tambem por *um só acto de justiça veiu a graça sobre todos os homens para a justificação de vida.* Porque como pela desobediencia de um *muitos foram feitos peccadores*, assim pela obediencia de um *muitos serão feitos justos.* Entrou, porém, a lei para que a offensa abundasse; mas onde o peccado abundou, superabundou a graça. Para que assim como o peccado reinou para a morte, tambem a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Christo nosso Senhor». (Rom. 5:18—21).

E' sobre esta verdade escripturistica da quéda universal em Adão, e a justificação universal do mundo infantil para a vida em Christo, que baptizamos creancinhas, não para salval-as, mas em reconhecimento dos beneficios espirituaes que lhes são assegurados pela propiciação, tanto como aos crentes adultos.

CAPITULO XIV

O Aspecto Historico da Doutrina do Peccado Original

O peccado original occupa um logar proeminente em theologia Christã, vísto como elle toca em um ou outro ponto, em quasi todas as doutrinas do Christianismo.

«O effeito da quéda sobre a posteridade de Adão está exhibido nas Escripturas como a diffusão de morte universal como castigo, e uma inclinação da natureza humana para o mal. A doutrina theologica acha a sua expressão no termo peccado original: o peccado e a inclinação peccaminosa que a raça humana herdou de Adão, sua cabeça e representante natural, porém derivado delle só como estando debaixo da graça remidora relacionada com o segundo Adão, a Cabeça Espiritual da humanidade.» (1)

O nosso artigo sobre este assumpto, está na linguagem seguinte:

«O peccado original não está em imitar Adão (como dizem vãmente os Pelagianos), mas é a corrupção da natureza de todo o homem que naturalmente descende de Adão, pela qual o homem está muito longe de sua justiça primitiva, e de sua propria natureza é agora inclinado para o mal, e isto continuamente.» (2)

I. Esta doutrina é quasi universalmente acceita.

Podemos dizer que as doutrinas fundamentaes a respeito da doutrina do peccado original, teem sido

---

(1) Pope, Compendium of Christian Theology.

(2) 7º Artigo de Religião.

.dvogado quasi universalmente em todas as edades, ıssim harmonizando a mais profunda revelação das :scripturas com a theologia da natureza.

1. Nem o Pantheismo nem o Dualismo póde dar ıma solução racional do problema do mal e da in-luencia illimitada do peccado sobre a raça humana;)ela simples razão de que os principios de um e)utro oppõem-se á theoria do poder universal do)rincipio do mal.

2. Os antigos systemas de mythologia — quer los Egypcios, quer dos Phœnicios, quer dos gregos – que abrangeram uma mistura de Pantheismo e Dualismo; uma compostura de luz e trevas, do bem e do mal, que constituiram em suas imaginações a somma das cousas em natureza, e isso sem pretender dar uma definição do peccado, porque tinham uma idéa mui grosseira quanto á sua natureza. As potencias do mal como as do bem eram egualmente reconhecidas e invocadas e os mesmos nomes foram applicados a ambas.

II. O Judaismo

A Antiga Egreja, tanto debaixo da direcção da inspiração como na edade rabbinica, tem sustentado os principios essenciaes á doutrina do proprio mal moral, e do peccado original em particular.

1 As Escripturas do Velho Testamento constante e uniformemente ensinam, ora a natureza do peccado em geral, ora o seu poder universal sobre a humanidade. A historia do Diluvio dá evidencia disso, tanto no claro testemunho como pelo terrivel castigo. O rito do pacto de circumcisão declarou determinadamente o peccado hereditario do homem. Todo o systema Levitico baseava-se nesta theoria: emquanto as suas expiações da trangressão referiam-se mais particularmente ás offensas individuaes, as suas

expiações pelo peccado referiam-se á raiz do peccado universal. Os Psalmos e os Prophetas abundam em testemunhos da mesma cousa: não sómente affirmando a universalidade do peccado passado e presente entre os homens, porém com egual clareza elles affirmam a sua universalidade no illimitado futuro, só um ente estando excluido, o justo servo de Jehovah.

2. E' egualmente certo que a doutrina Judaica exhibe em tempos modernos, o esboço da verdade até com maior clareza do que nas proprias Escripturas antigas. Auctores Rabbinicos falam muito da relação typica entre Adão e Christo: Do mesmo modo como o primeiro homem foi o primeiro em peccado, assim o Messias será o sacrificio final para expiar o peccado. E, « o ultimo Adão é o Messias. » O Livro de Ecclesiastico declara que *todo o homem está entregue ao mal desde a sua meninice.* Philó abunda em historias mysticas da origem e da influencia universal do peccado, e uma tradição que vem de longe, está assim resumida n'esta phrase pelos commentadores Rabbinicos do Genesis «O primeiro homem foi a causa da morte para toda a sua posteridade.» (1)

III. A Egreja Primitiva

A Egreja Christã Primitiva exhibe esta verdade Escripturistica, porém, com o germen de todo o erro subsequente, apparecendo aqui ou acolá. Antes da heresia Pelagiana os paes tanto Gregos como Latinos, geralmente advogavam o *Vitium Originis*, (O Vicio Original) como denominado por Tertuliano, mas deram muita importancia á cooperação da vontade humana illuminada pelo ensino e graça divinas. Os Latinos eram ainda mais decididos quanto a ambos; por exemplo, Ambrosio diz: « Todos nós peccámos

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology

no primeiro homem ; e, não ha qualquer especie de virtude que não seja o dom da graça Divina e não o resultado da nossa vontade natural.» Assim, Lactantio: « Não ha necessidade de peccar, sinão de proposito e por vontade.» Todos a uma voz advogavam a doutrina de Tertulliano quanto á imagem de Deus no homem, dizendo «Não tanto para extinguil-a como para escurecel-a.» Origenes tocou na antiga theoria de um estado e quéda da alma preexistente esta theoria tem surgido e resurgido de quando em vez, mas sempre augmenta a difficuldade que ella pretende remover.» (1)

IV PELAGIANISMO, AGOSTIANISMO E SEMI-PELAGIANISMO

1. A doutrina Pelagiana do quinto seculo versou, pela maior parte, sobre a doutrina do peccado original. Pelagio e seus seguidores Celestino e Julio, ensinaram que a transgressão só póde existir no acto independente e pela livre vontade do individuo; que Adão foi creado mortal, e sua offensa só prejudicou a si mesmo; e que seus descendentes nascem exactamente na mesma condição moral; que a prevalecencia do peccado em seus descendentes é o resultado delles seguirem o exemplo de Adão; e, por um longo costume, este modo de vida torna-se em habito natural. Elles ligaram toda a importancia á livre determinação propria de todo o homem vivente, ou para o bem ou para o mal, a perfeição do bem sendo attingida por cada individuo independente, pelo exercicio da graça em sua propria natureza, juntamente com a lei e com o exemplo.

2. Mas Agostinho chegava a outro extremo de ensinar que, *todos peccaram em Adão e que todos eram aquelle um* (Adão). A corrupção da natureza— o peccado original — principiando em Adão, era a

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology.

concupiscencia, a ascendencia da carne sobre o espirito, introduzindo assim uma certa necessidade de peccar, a liberdade da vontade não tinha significação senão quando opposta á força exterior: e esta corrupção transmittida á sua posteridade, tornara-os peccadores e culpados em si mesmos, bem como peccadores em Adão.

3. O *Semi-Pelagianismo* esforçou-se para mediar entre estes dois extremos. Este, ao passo que admittiu o peccado original, quanto ao enfraquecimento do poder para determinar e fazer, limitava a morte, resultando da quéda a da physica. Considerava as energias que restavam ao homem, sufficientes para que elle principiasse a sua salvação, porém mantinha que a graça divina é absolutamente necessaria para desenvolvel-a e aperfeiçoal-a.

O Agostinianismo ganhou a ascendencia, e ainda reina em todos os systemas que manteem a predestinação pessoal. Pelagianismo puro e simples não tem permanecido em pé, ao menos entre aquelles que teem qualquer confiança nas Escripturas Sagradas. Entretanto, o Semi-Pelagianismo tem exercido uma grande influencia: elle reappareceu no dogma do Synergismo Lutherano, e o espirito de seu ensino tem penetrado em todas as communhões que negavam o dogma de predestinação individual. (1)

V As Controversias da Edade Media

As controversias da edade media foram principalmente transitorias. Os escholasticos gastaram toda a sua sabedoria nas questões abrangidas no assumpto; porém, simplesmente, forneceram materiaes para fazer as futuras confissões. Entre novos topicos introduzidos por elles, achamos os seguintes: Alguns consideraram o castigo do peccado original como a perda

---

(1) Pope's Compendium of Christian Theology.

negativa da visão de Deus o ponto mais adeantado que Agostininho alcançou em seu tempo. Mas, accrescentada a essa perda estava a pena sensivel, até nas mesmas creancinhas não baptizadas: e porque Gregorio de Ariminum advogou fortemente essa theoria, foi elle cognominado — O atormentador de creanças. A lei da propagação do mal foi muito contestada. Pedro de Lombardia advogou a theoria hoje reconhecida como *Creacionismo*: O espirito material infuso no organismo do corpo e alma gerados, produz a vileza e torna-se culpado. Anselmo e Aquino affirmaram o *Traduccionismo*: A pessoa de Adão corrompeu a natureza; e, em seus descendentes, é a natureza que corrompe a pessoa. Em favor d'esta ultima, achamos toda a doutrina do peccado original e especialmente a encarnação de Christo, cuja natureza humana já Lhe foi creada e não transmittida. Contra o primeiro, argumentamos o perigo de fazer Deus o auctor do mal humano; ao mesmo tempo que se julgam defendel-O pela dignidade da alma racional, o nome *Pae de espiritos*, que se dá a Deus, e a tendencia opposta da theoria do materialismo. Introduzia-se no assumpto a questão da *Concei̧ção Immaculada* da Virgem: questão esta que dividiu os escholasticos, muitos dos melhores entre elles recuaram do pensamento de que um membro da raça se fizesse santa sem a intervenção da Propiciação: deixaram a questão entre as pias opiniões da Egreja até 1854, quando a egreja de Roma fez della um artigo de sua fé. A vontade livre e a sua relação com a graça, foi largamente discutida. Inventou-se o termo *Meritum·Condigni et Congrui*, para a expressão do valor collocado por Deus sobre as co operações da natureza e a graça; ellas teem um merito que condiz com a Justiça Divina procurando a recompensa de maiores dons, e isto é o *Meritum de Congro*;

no emtanto, depois de sua justificação, as obras do Christão teem um merito mais elevado, o *Meritum de Condigno,* que ganham a vida eterna. Porém, a fonte de todo o bem no homem desde a quéda provém do Espirito Divino, e todo o merito por isso está excluido. Um distincto auctor — Pedro Lombardio — deixou esta sentença nobre: Pela graça vem a liberdade da necessidade que é por natureza. Esta graça predispondo a vontade e preparando-a para escolher o bem, e, assim preparada, ajudando a aperfeiçoal-a. (1).

VI. A Doutrina Tridentina

«O dogma definido pelo concilio de Trento combina a identidade real de Adão com a raça—theoria de Agostinho—com a idéa negativa do effeito da quéda—theoria dos Semi-Pelagianos. Adão, creado á imagem de Deus, revestido de vontade livre, e harmonia perfeita nos elementos puramente naturaes, foi-lhe accrescentado a estas cousas, o dom de justiça original: «*Conditus in puris naturalibus*», elle estava então «*in justitia et sanctitate constitutus*». A justiça original accrescentou-se como um dom sobrenatural, e a perda desta lançou a raça outra vez no estado em que foi creada, de contrariedade entre a carne e o espirito sem a restricção dessa justiça original. Por baptismo remove-se a culpa da offensa original que incorreu a perda, porém permanece a concupiscencia que provinha da transgressão e que predispõe para a transgressão, entretanto não tem em si a qualidade essencial do mal: «Esta concupiscencia, que o apostolo ás vezes chama peccado, por ser ella real e verdadeiramente peccado nos regenerados, mas antes porque ella provem do peccado e inclina para o peccado» (Sessões V). Contra isto protestaram todas as confissões reformadas, affirmando que a mesma concu-

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology.

piscencia tem em si a natureza do peccado. No mais a theoria Romana admitte que a imagem natural tem-se escurecido pela quéda: a natureza inteira do homem foi ferida, e como tal está propagada». (1)

VII. A Theoria Lutherana

«O Systhema Lutherano nega a doutrina Tridentina, e considera a influencia Semi-Pelagiana inclinada á idéa de merito no homem, por isso formaram-se as Confissões no espirito Agostiniano; o peccado original é uma falta de justiça original, e uma concupiscencia depravada das faculdades superiores para as cousas carnaes. Nos artigos de Smalkald: «a corrupção da natureza é tão profunda e negra que está além da comprehensão humana, mas deve ser recebida como materia de salvação e fé». Na Formula do Concordio, encontram-se tendencias contrarias e oppostas. Por um lado os Synergistas, que até certo ponto, mantinham a co-operação da vontade humana, foram oppostos pela affirmação de que, quanto as cousas naturaes, o homem póde fazer o bem, porém quanto as cousas espirituaes, a sua vontade está completamente atada; por outro lado, a doutrina de Placio, de que o peccado original é a corrupção da substancia da natureza — a imagem actual do Diabo — foi opposta pela affirmação de que o peccado é sómente um accidente da natureza, o acto e não a essencia da alma». (2)

VIII. Calvinismo e as Confissões Reformadas

«Calvino e as Confissões Reformadas não fazem distincção entre a culpa imputada e a depravação inherente ao estado decahido do homem. Mas desde então tem-se levantado muita controversia quanto a natureza

---

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology

(2) Pope's, Compendium of Christian Theology.

e a ordem das duas imputações. A eschola reformada de Saumur, representada por Placio, ensinou que «o vicio precede a imputação»; que ha uma imputação *media* ou consequente, que segue e depende da corrupção individual. Mas a outra theoria da imputação *immediata* ou antecedente, tem predominado : está faz o peccado de Adão—como cabeça federal da raça—a primeira e a unica razão da condemnação. A theoria *federal* da representação vicaria da humanidade por Adão em virtude de um concerto de natureza ou de obras, divide-se em duas classes, conforme a importancia que se liga á identidade realista da humanidade com Adão : uma dessas classes ensina que ha uma imputação moral bem como legal; a outra diz, que a imputação é completamente judicial. Ambas separam demais o supposto concerto de obras do concerto real da graça em Christo. Durante estes ultimos annos a imputação judicial e representativa tem tomado a forma do abandono dos *privilegios constitucionaes*, e por essa falta, perdeu-se toda a humanidade: esta perdição sendo o peccado original. Taes especulações ou ficam em pé ou cahem por terra com o principio geral de que havia um concerto particular com Adão representando a sua posteridade, concerto esse de que as Escripturas nada nos dizem. Ha só um concerto, cujo mediador é Christo». (1)

IX. A Doutrina Arminiana

A mais pura e a melhor forma da doutrina Arminiana escapou dos erros das differentes theorias já consideradas, ao mesmo tempo retendo as suas verdades. Ella reclamou pela raça a unidade Adamica: «Em Adão todos peccaram», e «todos os homens são por natureza os filhos da ira», mantendo ao mesmo tempo, «que o misericordiosissimo Deus tem preparado um re-

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology.

medio, para todos pelo mal geral que provem de Adão, livre e gratuito em seu amado Filho Jesus Christo, como si fosse um outro e novo Adão. Por isso claramente se vê o erro perigoso daquelles que costumam basear no peccado original os decretos de reprovação absoluta que elles mesmos inventaram». Este «mal» é «a morte eterna juntamente com uma multidão de miserias». «Mas não ha razão para affirmar-se que o peccado de Adão foi imputado a sua posteridade no sentido de que Deus actualmente julga a posteridade de Adão culpada e ré do mesmo peccado e crime que Adão commetteu». *(Apol. Remonst.)* Estas palavras da Apologia da Confissão Remonstrante são confirmadas por estas de Arminio: «Não nego que é peccado, mas não é peccado actual   Devemos distinguir entre o peccado actual e aquelle principio que é a causa de outros peccados, e que por esta mesma razão chama-se peccado». (Arminio). Os Canones do Synodo de Dort (1618) deram a mais condensada contradicção Calvinistica a estes ensinos. Quanto a vontade livre, diz o Limborch: «A graça é a primeira, porém não a unica causa de salvação: porque a co-operação da vontade livre é devida á graça como a causa primaria, porque si a vontade livre não fosse excitada pela graça predisponente, não seria capaz de co-operar com a graça». Por isso tanto elle como os mais *leaders* do Arminianismo advogam a diffusão universal das influencias predisponentes do Espirito, isto é, a acceitação em todas as edades daquelles que porfiam pela justiça natural; e além de tudo, o dom gratuito para a raça inteira em Christo, que é a base de todo o seu systema». (1)

X. A Theoria do Methodismo

1. O Methodismo concorda com o mais puro Ar

---

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology,

minianismo, ensinando que não resta ao homem a capacidade para voltar para Deus ; e esta affirmação concede e defende a theoria do peccado original como sendo interior O homem natural—quer seja a sua natureza descripta como peccado da sua carne, carnal, quer como peccado da sua alma, sensual—está até sem poder para co-operar com a influencia divina. A co-operação com a graça provem da graça. Assim o methodismo guarda-se para sempre separado do Pelagianismo e Semi-Pelagianismo.

2. No emtanto o methodismo tem mais consistente e claramente ligado a universalidade da graça com a universalidade da propiciação, do que fez o systema Remonstrante; não reconhecendo cousa alguma daquillo que se chama *graça commum* pelos Agostinianos. Algumas citações lançarão luz sobre o assumpto.

(1). O Sr. Wesley, por exemplo. em seu sermão sobre o Caminho Escripturistico da Salvação, diz: Póde-se entender a salvação de que se fala aqui como abrangendo a obra inteira de Deus, desde os primeiros vislumbres de graça na alma até a sua consummação na gloria. Tomada em sua mais lata extensão, ella inclue tudo que se opera na alma por aquillo que frequentemente se chama consciencia natural, porém, mais propriamente, graça predisponente ; todas as attracções do Pae ; os suspiros por Deus, os quaes, si lhe cedermos, se augmentam cada vez mais ; toda essa luz com que o Filho de Deus illumina «a todo o homem que vem ao mundo» ; mostrando a todo o homem que deve «praticar a justiça, e amar a beneficencia, e andar humildemente com o seu Deus» ; todas as convicções que o Espirito Santo opera, de tempos em tempos, em todo o filho do homem , ainda que seja verdade que os homens geralmente suffocam-n'as logo que é possivel, e depois de algum tempo as esquecem ou ao menos negam que jamais possuiram-nas». N'outra passagem do

sermão, «Obrando a Nossa Propria Salvação: «Porque admittindo que todas as almas humanas são por *natureza* mortas em peccado, isto a ninguem desculpa, visto que ninguem está n'um mero estado de natureza; não ha homem algum, sinão aquelle que tem apagado o Espirito, que está completamente destituido da graça de Deus. Não ha homem vivo inteiramente destituido daquillo que se chama a *consciencia natural.* Porém esta não é natural: é mais justamente chamada a *graça predisponente.* Todo o homem, mais gráo ou menos gráo, tem esta, a qual não espera a chamada do homem». Que «por uma só offensa veiu o juizo sobre todos os homens (que nascem no mundo) para condemnação», (Rom. 5:18). Finalmente «Eu affirmo que ha um certo gráo de vontade livre restituida sobrenaturalmente a todo o homem juntamente com essa luz sobrenatural. Assim fala tambem o Sr Fletcher «Como Adão trouxe sobre todos os infantes uma condemnação geral e uma semente universal da morte, assim trouxe Christo sobre elles uma justificação geral e uma semente universal de vida». O Sr Watson em seus «*Institutes*» trata largamente deste assumpto. Em seguida daremos umas poucas sentenças do fim da sua discussão.

(2). «Sem duvida, tem existido em todas as edades, entre os que não são regenerades, virtudes basecadas em principio — posto que imperfeito — e por isso nem negativo nem assumido. Entretanto estas vir tudes não são do homem, mas sim de Deus, e o Santo Espirito tem sido assegurado ao mundo em virtude da Propiciação. Muitas vezes tem-se esquecido esta verdade nas controversias. Alguns Calvinistas parecem reconhecel-o substancialmente sob o nome de «graça commum», outros antes querem relegar toda a apparencia de virtude á natureza, e assim em tentar escapar a doutrina do dom do Espirito a toda a humani

dade, elles attribuem á natureza, aquillo que é inconsistente com a sua opinião da corrupção absoluta. Mas, sem duvida, acha-se ás vezes em homens não regenerados no sentido Escripturistico, e até em homens que não tem decidido quanto a sua escolha, alguma cousa de excellencia moral que não pode rer referida a qualquer das causas já mencionadas, e de um caracter muito mais elevado do que se póde attribuir a uma natureza que, quando deixada a si só, está totalmente destituida de vida espiritual. A compuncção de peccado, fortes desejos pelo livramento de sua tyrannia, um temor de Deus tamanho que os guarda de muitos males, a caridade, a bondade, fraternidade e um respeito geral pela bondade e pelos homens bons, um alto sentimento de honra e de justiça, e, (como o mesmo mandato de arrependerem-se e crerem no Evangelho para se salvarem, implica), o poder de considerar, orar e voltar para Deus, para que deem começo a essa carreira a qual si seguirem adeante, guial-os-á ao perdão e á regeneração. O dizer que todas estas cousas deviam-se attribuir a mera natureza, é para se render ao argumento dos Semi-Pelagianos, que argumentam que estas são provas de que o homem não está inteiramente degenerado... A prova Escripturistica de que o Espirito é dado ao mundo é clara e decisiva. Temos visto que a pena da lei significa a retirada do Espirito, e por isso a abrogação dessa pena inplica o dom do Espirito, e os seus beneficios devem ser tão largos e extensos como a propria Propiciação. (1)

3. «Sobretudo póde-se dizer que a doutrina assim apresentada, é a unica que se harmoniza com todos os factos no caso em questão; ella nada omitte, nada amollece, nada evita. Sobresahe mais o nosso systema por comparação com alguns dos principaes systemas aos quaes já referimos.

(1) Watson's Institutes.

(1) Elle concorda com as decisões Tridentinas em
uitos pontos, mas differe dellas em muitos mais. O
nsino de Roma não é consistente comsigo mesmo,
uanto a sua theoria do estado actual do homem deante
a quéda. Ensinando que o peccado original—a cor-
upção da natureza humana e a imputação da offensa
e Adão—é a condemnação da raça. O Catechismo
omano affirma que somos opprimidos pelo vicio desde
nosso nascimento *naturæ vitio «premimur»*, e que o
eneno do peccado penetra até n'aquillo que é mais
rte em nossas almas, *«rationem et voluntatem, quæ
axime solidæ sunt animæ portes»*. Entretanto elle en-
na que o desvio da Justiça Original lançou o homem
a mesma posição em que elle foi creado, como si o
ntagonismo entre a carne e o espirito, no plano do
reador, fosse o estado normal da humanidade. Não
harmonizam a perda negativa com a força positiva
o mal. Mantendo que a condemnação proveniente da
ffensa original é removida por baptismo, elle declara
omo já vimos, que a concupiscencia nos baptizados,
to é, nos regenerados, não tem a natureza do peccado
omo si o baptismo podesse fazer que aquillo que é es-
encialmente peccaminoso deixasse de ser tal; como si
perversão da vontade—que nos constitue formalmen-
peccadores logo que sentirmos e consentirmos á sua
peração—não fosse em si peccaminosa. O Concilio
orrectamente diz, que sem a graça de Deus predispon-
o os homens elles não podem exhibir aquellas graças
ue preparam para a justificação; e que elles podem
ooperar com esta graça predisponente, podem acceital-a
u rejeital-a. Até aqui muito bem; mas apparecem os
ignaes de Semi-Pelagianismo na importancia que os
heologos Romanos ligam ao caracter negativo do pec-
ado original, como igualmente se vê na theoria de que
necessidade da vontade absoluta e o consentimento
le um agente intelligente devem concorrer para cons-

tituir peccado deante de Deus. Quer affirmado pelo Concilio, quer não, o ensino formal da corrente da doutrina Romana nega que os homens nascem com qualquer cousa nelles que teem estrictamente falando a natureza do peccado. O veneno apparece tambem no merito de congruidade como opposto ao merito subsequente de condignidade, o cooperador com a graça Divina fazendo que a ultima lhe approve pela justificação. A doutrina que nós sustentamos acompanha a dos Romanistas até a não—imputação da culpa do peccado de nascença nos regenerados; mas completamente deixa o Romanismo na affirmação de que existe o mal innato e inherente em todo o descendente de Adão, que a concupiscencia, ficando no crente, é odiosa aos olhos de Deus, e que como peccado devemos aborrecel-a e choral-a, e como peccado devemos destirpal-a por disciplina humana e graça Divina.

(2) Por virtude desse principio, a verdadeira doutrina oppõe-se tambem a toda theoria de peccado que diz que esta não póde ser considerada peccado pelo justo Deus sinão quando a vontade activamente consente; e que ninguem póde ser tornado responsavel por qualquer estado d'alma ou acto da vida que não seja o resultado da determinação da vontade. Ha um caracter offensivo atraz da vontade offensiva. Na definição de S. João, o peccado não sómente é transgressão mas tambem falta de conformidade com a lei. Nosso Salvador fala do máo coração, e da arvore corrupta: e dos homens como máos, mesmo emquanto davam boas dadivas aos seus filhos. O ensino de que não ha nem estado nem condição nem potencia peccaminosa, é o Semi-Pelagianismo: erro esse que tem infectado profundamente muita theologia moderna tanto na Inglaterra como na America. Aquelles que tem-se instruido pelas Escripturas quanto as profundezas do peccado, fortemente recusam admittir tal principio. Elles acreditam

que a raça humana é governada por uma vontade generica, que é adversa a Deus; e que a applicação da lei sómente faz manifesta a discordancia. A influencia do Espirito que se dirige para a lei escripta no coração, ensina a todo o homem que dá ouvido aos seus ensinos que elle não sómente é transgressor de um mandamento especifico, mas um transgressor em si, e que mesmo antes de ter conhecimento da lei, elle é transgressor

(3) *Comparada com o Calvinismo.* Na luz desta doutrina as mais duras fórmas de Agostianismo estão condemnadas, emquanto os principios da verdade eterna, que elle contém são confirmados. Esse systema faz da alma humana uma cousa tão passiva como si fosse um tronco ou uma arvore, na qual os principios de vida são infusos pelo acto de regeneração mediante o soberano exercicio de graça eleitora, sem tomar em consideração os preliminares de bondade que se operam no homem pelo mesmo Espirito, que torna-se depois em Espirito regenerador

A theoria de «*graça commum*» é uma solução que o bom senso da humanidade não quer acceitar Uma das admoestações que Simão Pedro recebeu, o avisou dizendo: «*Não faças tu commum ao que Deus purificou*». (Actos 10:15). Posto que as manifestações de uma mente melhor do que se vê na natureza humana não são evidencias de uma purificação completa, todavia são signaes de que existe tal purificação para ella. Emquanto se nega que são boas obras, igualmente se nega que sejam propriamente más. Não são fructos da arvore da vida no homem, todavia não são propriamente falando, os fructos da arvore corrupta. Reservamos para mais tarde a consideração deste assumpto bem como o das funcções da vontade na salvação entretanto devemos cingir-nos á verdade profunda da phrase seguinte de Bernardo «*Tolle liberum arbitrium, non erit quod salvatur Tolle gratiam, non erit unde salvetur.*»

(4) Finalmente, vê-se o valor do ensino Methodista sobre este assumpto, quando o comparamos com a doutrina com que a primeira Epistola de S. João fecha o testamento escripturistico. No terceiro capitulo temos a mais clara e a mais completa apresentação do Novo Testamento quanto ao peccado em geral, a sua origem, a sua natureza, as suas manifestações, e o processo de sua destruição. Este capitulo é o companheiro do quinto capitulo de S. Paulo aos Romanos, elle trata menos da origem do mal humano, e mais da sua destruição completa como o designio das manifestações do Immaculado, e como se vê consummada nos que são perfeitamente regenerados. O proposito da Propiciação é «*para tirar os nossos peccados*», (1. S. João 3:5), segundo o beneplacito do Amor Eterno do Pae que «*enviou seu Filho para propiciação pelos nossos peccados*: » (1 S. João 4:10). Não para *ser*, nem para tornar-se, mas como já feito a Propiciação do céo. Tambem «para isto o Filho de Deus se manifestou para desfazer as obras do Diabo:» (1 S. João 3:8). Elle veiu não para abrandar, porém para cumprir toda justiça ; Elle veiu para desfazer e destruir as obras de Satanaz. O capitulo de S. Paulo segue a corrente do mal só até Adão, e a Fonte aberta para a nossa purificação solta as suas correntes parallelas com as da fonte da nossa corrupção. O capitulo de S. João segue mais longe a corrente do mal, mesmo até Satanaz, o peccador desde o principio; e o Redemptor que S. Paulo chama o Segundo Adão, S. João faz o antagonista do inimigo original da justiça.

O designio da Redempção é a abolição do peccado como transgressão da lei : a perfeita defeza da lei, quer pela satisfação judicial de suas exigencias, quer pela restauração da sua auctoridade. Nem um nem outro dos Apostolos fala na destruição das obras de Satanaz separada de sua operação no homem; nem falam

na destruição dessas obras sinão na humanidade crente. Porém, omittindo qualquer referencia ao vasto residuo das obras Satanicas com as quaes o Juizo tratará, ambos pôem grande emphase na aniquilação do peccado nos regenerados. No emtanto, tureza humana na vida presente ; a este ensino o Methodismo cinge-se com uma força tenaz. Esse designio é para ser realizado n'aquelles que crêm, mediante a sua conformidade com o Salvador em quem *não ha peccado*. S. João é mais explicito. Em sua doutrina as manifestações do Filho é a anniquilação da iniquidade da na-Todo o homem em Christo deve ser «*justo assim como Elle é justo*». (1 S. João 3:7) e deve-se purificar «*como tambem Elle é puro*; (1 S. João 3:3) e entre a sua justificação a sua satificação, o Christão regenerado não commette peccado ; porque a Sua semente permanece n'Elle ; e não póde peccar, porque é nascido de Deus». (1. S. João 3:9). Assim deante do tribunal da lei Divina, na familia e no templo, a negra historia do peccado tem o seu fim. E em face de todos os argumentos ao contrario, o Methodismo cinge-se á proclamação desta grande esperança». (1)

XI. Racionalistas

«Os Socinianos, Unitarios e Racionalistas em geral, voltam para a velha theoria Pelagiana, a qual não é realmente doutrina do peccado original, porém uma negação della em tudo. Rejeitando os ensinos das Escripturas elles não dão em seu logar substituto algum.

Elles admittem os factos de depravação humana, porque não podem negar que esse mal é universal e que as differenças que existe entre homens como objectos e agentes delle são apenas differenças de gráo. Elles admittem que toda a legislação e governo humanos são baseados no principio de que o homem univer-

(1) Compendium of Christian Theology.

salmente requer um freio; que todos os homens sabem e instinctivamente reconhecem uns aos outros como peccadores; que não se presuppõe com mais confiança a mortalidade da raça do que a sua inclinação para o mal; que a educação universalmente trata de creanças como tendo principios do erro innato; e que, de facto, um desvio do perfeito padrão é inherente a nossa natureza. Elles não podem dar uma explicação de tudo isto que merece a attenção de um só momento. Póde-se explicar muito pela influencia do exemplo, mas mesmo isto reclama uma explicação quanto a facilidade com que se segue o exemplo. Finalmente, podemos dizer do peccado original, que não ha outra doutrina de nossa santissima fé que reclame tão universal e irresistivelmente a confirmação da consciencia e juizo communs da humanidade. Esta doutrina brilha por sua propria luz, ainda que a sua luz seja trevas».

CAPITULO XV

A Conceição Immaculada da Virgem Maria

Em relação com o assumpto de Peccado Original levanta-se a questão da *Conceição immaculada da Virgem Maria*, sobre que já nos referimos.

Este novo dogma chamado a *Immaculada Conceição*, foi definido como tal em 8 de Dezembro de 1854, pelo Papa Pio Nono. No emtanto diz o Bispo do Pará D. Antonio de Macedo Costa «Não se póde dizer que Pio Nono inventou o novo dogma da immaculada conceição. O que ha simplesmente de novo é a solemne definição e declaração de uma verdade admittida já por toda a tradição e fundada nas Escripturas». (1)

Mas havemos de ver que, nem a tradição, nem as Escripturas Sagradas, sustentam este dogma—o mais pagão de todos os mais.

I. Este Dogma não é sustentado pela Tradição

1. «Ainda que alguns dos chamados Santos Padres tivessem esta opinião, são muitissimos aquelles que a tem em contrario; si algumas escholas teem inventado sophismos para defender aquella opinião, outras tão respeitaveis como estas, sustentam opinião contraria; ainda que algumas egrejas nacionaes tenham acceitado e celebrado desde tempos remotos tal crença, outras a levaram muito a mal, e abertamente se lhe oppuzeram».

«Um auctor Catholico, falando acerca detse as-

---

(1) Catechismo.

sumpto, diz: «Consulte-se a historia dos tempos da edade média da Egreja, consulte-se tambem a historia dos tempos modernos e a historia contemporanea: qualquer poderá convencer-se de que não é uma crença que, a titulo de constante consentimento, se haja elevado ao augusto logar de artigo de fé. Muitos seculos decorreram depois da fundação da Egreja sem que ninguem pensasse nesta questão; os antigos christãos foram aquelles veneraveis santos Padres que com o seu talento e inspiração defendiam a doutrina catholica e combatiam os erros dos hereges; foram aquelles varões constantes que antes queriam perder a vida do que perder a verdadeira fé: foram esses os mais zelosos ecclesiasticos que não creram na Immaculada Conceição, porque não a encontraram contida nas Escripturas, nem definida pelos seus doutores, nem transmittida pelas tradições»

«Effectivamente, até aos tempos da edade média é absolutamente impossivel encontrar o mais pequeno vestigio pelo qual se possa vir a conhecer que entre o povo havia a idéa de que «Maria tinha sido isenta do peccado». Ninguem pensou, nem se recordou de semelhante opinião, e certamente que os Christãos daquelles tempos não deixariam de estudar as Escripturas com mais interesse que os Christãos dos tempos posteriores, nem deixariam de ter em grande honra a tradição se realmente essa falasse a tal respeito. O que consta é que na edade média a superstição chegou ao seu auge, e que, esquecendo-se os homens do espirito e da simplicidade do Evangelho, trataram de multiplicar as festas e devoções particulares, e não faltou alguem que aventasse a opinião do *immaculatismo*, á qual opinião o vulgo ignorante e fanatico d'aquelle tempo não podia deixar de prestar ouvidos, como effectivamente prestou».

«Encontramos o primeiro vestigio da tal crença

em 1140, quando alguns conegos de Lyon instituiram pela primeira vez no occidente uma festa semelhante; mas quem ignora a censura vehemente que Bernardo lhes dirigiu, como introductores de uma tal innovação? Na Egreja do oriente, é verdade que existia desde o anno 880, no dia 9 de Dezembro, uma festa chamada da Conceição; porém não era para celebrar o seu caracter de immaculada, mas sim de milagrosa, porque Anna havia sido esteril. Leia-se a Homilia que Gregorio de Normandia compoz para esta festa, e ver-se-á que toda ella é dedicada a ponderar o milagre da fecundidade de Anna esteril. Padre algum ou escriptor anterior a esta data, sustentou ou teve tal opinião, sendo certo que tiveram occasião de o fazer, pois que alguns delles falaram de Maria». (1)

Agostinho nos diz em seus commentarios sobre o Genesis, livro 10, cap. 18, nº 2, que a carne de Maria «*est de carnis peccati propagine*»; e quando Agostinho fala em Maria como isenta do peccado, elle refere-se ao peccado actual e não ao peccado original, pois quanto a este diz elle ninguem é isento, a não ser Jesus Christo. «Sim, sem duvida, o corpo de Maria foi formado *por geração ordinaria*». (Agost. contra Jul. e Pelagio, lib. 5. c. 52). E «*todo o que nasce de homem e de mulher*», diz elle em outro logar, «*está sujeito ao peccado original*». (Agost. contra Jul. e Pelagio, lib. 4). Em seu commentario sobre o Psalmo 34, elle elle diz claramente: «*Maria morreu por causa do peccado de Adão, pois que ella era tambem filha*; e o corpo do Senhor dado ao mundo por Maria, morreu para *destruir o peccado*».

«O celebre Anselmo de Canterbury (1109), de quem conta a fabula que introduziu na Inglaterra a festa da Immaculada Conceição, em um seu livro intitulado *Cur Deus Homo*, diz: «Não só foi concebida, mas nascida em peccado; como todas as

(1) *Innovações do Romanismo*.

pessoas, ella tambem peccou em Adão». Depois desta passagem tão frisante, como é que os *Immaculistas* tem a coragem para contar Anselmo entre os seus partidarios?» .

«Leão, o Grande, em seu sermão 1º *de nativit.* cap. 1º, diz «Assim como Nosso Senhor não encontrou a ninguem isento do peccado *nullum á reatu liberum reperire*, assim tambem veiu para resgate de todos, *ita liberandis omnibus venit.* «Esta declaração de S. Leão seria falsa si Maria tivesse sido concebida sem peccado, não necessitando, portanto de Christo como seu Salvador. Em outro sermão sobre o mesmo assumpto, diz tambem: «O Senhor Jesus foi o *unico* entre os filhos dos homens que nasceu innocente; porque elle é o *unico* que foi concebido sem o *fermento da concupiscencia carnal*».

«O papa Gelasio, sobre as palavras *Ipsum audite*, diz: «Toda a descendencia de Adão e Eva incorreu no peccado que elles contrahiram pela desobediencia de Deus». *(Gel. Epist. ad Episc. Picen.)*.

«Gregorio, o Grande, que foi, sem duvida, um dos papas mais sabios, versado e lido nas Santas Escripturas, commentando a passagem de Job, cap. 14:4, diz assim: «Póde comprehender-se nesta passagem que o Santo Job, chegando com o seu pensamento até á incarnação do Redemptor, viu que só Elle no mundo é que não foi concebido de sangue impuro, nascendo de uma virgem, para não ter uma conceição impura; pois que não de um homem e de uma mulher, mas da Virgem Maria foi formado pelo Espirito Santo. Só este é que ha sido verdadeiramente puro na Sua carne» *(Lib.* 12. *Moral. Cap.* 32, *in Job,* 14:4.

2. «Outra prova, e sem duvida, a mais valiosa de todas — de que a opinião Immaculada não foi tradição da Egreja, vemol-a nessa lucta terrivel que até aos

nossos dias tem sustentado a eschola Thomista e a eschola Scotista. Ninguem ignora que Thomaz de Aquino, chamado o anjo das escholas, combateu o *immaculatismo* com todas as suas forças, e a sua ordem Dominicana se impoz, por meio de juramento, o dever de o seguir; ao mesmo tempo que o não menos celebre Duns Scoto defendeu a opinião da conceição immaculada de Maria, e com elle toda a sua ordem Franciscana. E' por certo mui subtil a evasiva de João Gerson, quando respondeudo aos Dominicanos que lhe pediam provas da tradição da Egreja a tal respeito, diz: «Da mesma maneira que Moysés soube mais do que Abrhão, e os prophetas mais do que Moysés, e os Apostolos mais do que os prophetas, assim o Espirito Santo se revelou mais aos padres da Egreja do que aos Apostolos». Innovação esta, por certo, mais perigosa para o systema perpetuo e universal, pois que não faltará quem com o mesmo direito possa continuar esta cadeia e dizer que aos escholasticos o Espirito Santo se revelou mais do que aos padres. E realmente assim devia ser, pois que os escolasticos inventaram o dogma do purgatorio, a respeito do qual os padres nada disseram nem mesmo nunca pensaram n'elle.

3. «Manuseando agora a historia dos concilios, vemos que o de Basiléa, na sessão 36 em 17 de Dezembro de 1439, declarou como dogma esta opinião; porém as actas deste concilio não foram approvadas, a sua declaração ficou sem valor. A celebre assembléa de Trento, que muito detidamente examinou este assumpto, por isso mesmo que os bispos da Hespanha estavam altamente empenhados n'esta questão, não resolveu falar d'ella, apesar de que com isso teria dado um rude golpe no protestantismo, e apenas unicamente manifestou que, «ao falar do peccado original, não era intenção do concilio comprehender n'elle a Virgem Maria».

«Postas as cousas neste pé, um hespanhol, Francisco de Yago (1620), levantou de novo a questão, despertando-se por esse motivo um verdadeiro fanatismo em Hespanha, em pról desta doutrina. O povo chegou até a insultar as imagens de Thomaz de Aquino. Philippe III e IV enviaram legados extraordinarios, pedindo a resolução desta questão. Paulo V (1617) e Gregorio (V 1622) prohibiram a controversia publica e particular sobre o assumpto. Clemente XI ordenou a toda Christandade a festa da Conceição, que já então se celebrava em algumas partes, (em 6 de Dezembro de 1708).

«Pio IX (2 de Fevereiro de 1849) publicou uma encyclica, ordenando a todos os bispos que communicassem á santa sé a sua opinião e a opinião das suas respectivas dioceses sobre o assumpto; e, apesar da opinião contraria de muitos delles, como os bispos de Padubon, Ermelande e Breslan, e arcebispo de Paris e o cardeal de Schwarzenberg de Praga, no dia 8 de Dezembro de 1854, em presença de 54 cardeaes e 140 bispos, foi definido o dogma da immaculada conceição». (1)

II. Este Dogma não é sustentado pelas Sagradas Escripturas

Temos visto que nem mesmo a tradição sustenta o dogma da Conceição Immaculada da Virgem Maria, e agora vemos igualmente que não é elle sustentado pelas Escripturas.

«Tanto o Antigo como o Novo Testamento tendem a um ponto cardial: o de annunciar e symbolizar o Christo, Salvador dos homens, e este dar contas do cumprimento daquellas prophecias e o desapparecimento das figuras ante a realidade que representam. E si Maria foi concebida sem o peccado original, não neces-

---

(1) *Innovações do Romanismo*:

sitou dos beneficios que Christo trouxe á terra. Maria concebida sem peccado seria como Eva antes da quéda no paraiso; esta não necessitava de um Salvador, Maria tão pouco devia precisar d'Elle. Ora isto oppõe-se ao ensino das Escripturas, que dizem que «todos peccaram». (Rom. 3:23). «Como por um homem (Adão) entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, assim tambem a morte passou a todos os homens n'aquelle em quem todos peccaram». (Rom. 5:12). Isto contradiz as palavras da propria Virgem, quando disse em seu cantico «E meu espirito se alegrou em Deus *meu Salvador*» (S. Luc. 1:47). Si Maria não teve peccado, não precisou de expiação para ella, não necessitou de um Salvador; logo honve uma filha de Adão que entrou no céo sem ter precisado de Christo. Ora isto destroe pela base toda a Escriptura.

«Demais, a morte corporal é o castigo do peccado; se Adão e Eva não tivessem peccado, nem elles nem a sua descendencia, teriam morrido. Maria concebida, nascida e vivendo sem peccado, não devia morrer; porém ella morreu, porque como todos os homens, peccou em Adão. Christo é verdade que não peccou e morreu, porém bem sabemos que morreu pelos peccados dos homens».

«Depois disto vejamos a força que tem as passagens da Escriptura que os Romanistas adduzem em abono de seu dogma».

«(1.) Gen. 3·15.—«Eu porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua posteridade, e a sua della. Ella te pisará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar»

«Esta traducção é da Vulgata e confessamos, que nos surprehende o atrevimento dos traductores romanistas que para encontrarem algum apoio para os seus pretendidos dogmas, não vacillam em pôr na Santa Bi-

blia palavras para a obrigarem a dizer cousas que ella nunca disse. O pronome *ella*, que lemos na Vulgata, e que dizem referir-se a mulher, no original hebraico não se refere a mulher, mas sim a sua semente, que é Christo ; de modo que na Vulgata ha dois defeitos na traducção: não deve ser *ipsa*, mas sim *ipsum;* e nem ainda tão pouco deve ser *ipsum*, mas *istud*, pois que se refere ao sujeito mais proximo, e na Vulgata ha o gravissimo erro de dizer *ella* em logar *desta*».

«Quem pois se annunciou depois da quéda de nossos primeiros paes, que quebrantaria a cabeça da serpente não foi a mulher, mas sim a semente da mulher. Assim diz o texto hebraico, assim entenderam os padres, e assim se deprehende da consideração da promessa. Que importava naquelle instante supremo, aos dois grandes réos Adão e Eva saberem que a mulher quebrantaria a cabeça do seu inimigo, sendo concebida sem peccado, quando isto tinha um caracter essencialmente peculiar á mulher, e de maneira alguma applicavel e em nada vantajoso para os nossos paes? Como póde racionalmente admittir-se que Deus, naquelles solemnissimos momentos em que pela primeira vez annunciava aos nossos paes um Redemptor, nada mais dissesse d'Elle senão que haveria inimizade entre Elle e a serpente, eclypsando desta maneira a figura d'aquelle a quem podemos chamar o Protogonista, e fizesse sómente resaltar a personalidade e o privilegio d'uma outra figura secundaria e relativamente insignificantissima, comparada com a primeira? Que esperança ou que consolo podia causar ao angustiado espirito de Adão e Eva que uma sua filha quebrantaria a cabeça da serpenpente, si isto era para ella sómente, e não para elles nem para a descendencia? Não póde admittir-se que estas palavras, nos labios do Senhor, se referissem a Maria, como os Romanistas pretendem, mas sim á semente

da mulher, como diz o texto hebraico, e como diz a recta razão».

«Além disto, Maria, concebida sem peccado quebrantou, por esta circumstancia, a cabeça da serpente? Não; não fez mais do que obter della um triumpho pessoal, pisar-lhe a cabeça, mas não esmigalhar-lh'a; passar por cima della, humilhal-a, mas disto a destruil-a, a inutilizal-a, vae uma distancia immensa. Quando um Christão vence a Satanaz na tentação que elle lhe prepara, póde dizer-se que o calca, que o humilha, que triumpha delle; porém que lhe quebra a cabeça, qne o mata, que inutiliza, não, isso só póde fazel-o, e fal-o, o Redemptor, — a semente da mulher, Christo. Só a Este, e a nenhuma outra creatura humana além d'Elle, podem applicar-se estas palavras «pisará a tua cabeça».

(2.) «E assim, destruindo o fundamento, a pedra angular de tal dogma, caem por terra todos os demais textos biblicos com que os Romanistas pretendem corroboral-o. «Tu és formosa, amiga minha, e em ti não ha mancha». (Cant. de Salomão 4:7). «Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado. fonte sellada». *(Ibid.* 4 12). «Formosa és.... formidavel como um exercito com bandeiras». *(Ibid.* 6:4). Quem, entre os mesmos Romanistas, ignora que estas palavras dos Canticos de Salomão são mysticas e applicadas á Egreja de Christo e a Este que, é o seu Esposo? E que nome deverá dar-se a uma Egreja que applica a Maria umas palavras que nunca della foram ditas? E ainda mesmo que fossem ditas de Maria, provariam estar ella isenta do peccado original? Não podem antes, e com propriedade, applicar-se como ditas por Christo ácerca da alma Christã, que é sua esposa ainda que tenha sido concebida em peccado?

(3.) «O mesmo deve-se dizer do versiculo 22 e seguinte do cap. 8 do livro dos Proverbios: «O Senhor

me possuiu no principio de seus caminhos, desde então, e antes de suas obras, etc.» O auctor dos *Proverbios* aqui faz elogio da *Sabedoria*, de que diz tantas e tão verdadeiras grandezas; porém aos ouvidos de algum devoto Romanista pareceram doces estas palavras, e, no seu enthusismo julga-as proprias para exaltar Maria. Por este camiuho os Romanistas podem justificar os maiores dislates e absurdos. Fazer com que aquellas palavras se refiram á Virgem é o mesmo que chamar branco aquillo que é negro, e *vice-versa*.

(4.) «Depois disto, resta agora chamar a attenção dos leitores para o grande numero de textos que terminantemente dizem de todo o homem, que em Adão «todos peccaram» ; não se fazendo excepção de pessoa. E, não a fazendo a Escriptura, tem o Romanismo direito de fazel-a? Que diz a Escriptura ácerca de Jesus? «Um que como nós, em tudo foi tentado, excepto o peccado». (Heb. 4.15). Porque se cala a Escriptura a respeito de Maria? Dizem as Escripturas que Jeremias e João Baptista foram santificados no ventre de sua mãe. E porque é que nada dizem de Maria, sendo ainda maior o seu privilegio do que o d'aquelles?

«Além disto, temos outros textos nos quaes se faz comparação entre o Velho Adão e o Novo, que é Christo, e que affirmam que no primeiro morreram todos e no segundo foram todos resuscitados ; ora si Maria foi vivificada no Segundo, necessariamente havia de morrer no primeiro. «Si um morreu por todos, logo todos morreram ; e Elle (Christo) morreu por todos». (2 Cor 5, 14, 15).

«Desenganem-se os Romanistas o pretendido dogma da Immaculada Conceição não tem nenhum fundamento nas Sagradas Escripturas». (1)

---

(1) *Innovações do Romanismo*

CAPITULO XVI.

O Aspecto Escripturistico da Doutrina do Peccado Original

Temos já considerado o peccado original em seu aspecto historico, bem como diversas heresias que tem a sua origem por comprehender-se mal esta doutrina, e agora chegamos á demonstração da doutrina pelo testemunho das Escripturas. E sobre este assumpto, empregamos a these do Dr Pope:

O PECCADO ORIGINAL EM RELAÇÃO COM O PRIMEIRO ADÃO

«São Paulo ensinou que por um homem entrou o peccado no mundo. Entrando o peccado no mundo trouxe comsigo a condemnação, isto é a morte universal a culpa da primeira transgressão em suas consequencias é contada a toda a raça representada pelo primeiro transgressor Mas não independente do proprio peccado da raça: não sómente são considerados peccadores, mas tambem feitos peccadores pela herança de uma natureza que em si mesmo é inclinada sómente ao mal. Assim a transmissão da pena é tanto directa como indirecta.

(I). «*A Culpa Hereditaria.* A culpa hereditaria não está explicada expressamente na forma da proposição: a phrase é de uma origem mais recente do que a das Escripturas· Mas onde São Paulo estabelece a relação entre o peccado e a morte—esta ultima como sendo a pena comprehensiva do primeiro—elle ensina que a condemnação do primeiro peccado reina sobre a humanidade como sendo em algum sentido uma com Adão.

1. «Depois de dizer «*que a morte passou a todos os homens, n'aquelle em quem todos peccaram* (Rom.

5:12)» assim affirmando que na imputação Divina todos, em algum sentido, peccaram originalmente em Adão, o Apostolo mais adiante mostra que a morte cahiu «*sobre aquelles que não peccaram á similhança da transgressão de Adão* (Rom. 4:14)». Ella passou áquelles que não commetteram em Adão a offensa delle, e mais que não offenderam pessoalmente como elle fez. Elles peccaram em Adão, ainda que não foram réos do acto do peccado delle: isto então é a condemnação hereditaria, sobre aquelles (e sobre todos) que não eram transgressores pessoaes. Aqui é claro que a pena é considerada primariamente como a morte physica. Todos os membros da raça são abrangidos nesta consequencia do peccado original da humanidade.

2. «Então segue-se a comparação com o segundo Adão, Jesus Christo; «*Si pela offensa de um morreram muitos* (a morte espiritual e eterna), *muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é d'um só homem, Jesus Christo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a offensa, por um só que peccou. Porque a culpa de uma só offensa é, na verdade, para condemnação mas o dom gratuito é de muitas offensas para justificação* (Rom. 5:15, 16)». Nos trez versos que se seguem a mesma verdade profunda é exhibida em trez outras formas, cada qual augmentando a força de sua precedente, e todas culminando na doutrina que «*como pela desobediencia de um só homem, muitos foram feitos peccadores,* (ou constituidos peccadores, de facto e tambem por imputação), *assim pela obediencia de um muitos serão feitos justos*». (Rom. 5:19). Cinco formas da mesma verdade declaram que, no mesmo sentido que a Redempção foi um acto exterior da raça e em beneficio della, a quéda foi exterior das gerações successivas da humanidade e para a sua condemnação. Aqui é claro ou ao menos o deve ser, que a condemnação e a vida são correlativas: a culpa é opposta ao *reinado da vida* resul-

tado da *abundancia da graça* (v 7). Isto é aquillo que São Paulo—o expositor Christão da doutrina do peccado original—designa por uma serie de termos cumulativos sem parallelo em seus escriptos.

3. «Em sua Epistola aos Corinthios o Apostolo annuncia a relação entre a condemnação da morte e o peccado de Adão, empregando-se quasi os mesmos termos; porém a referencia parece ser mais limitada á morte physica do que a da Epistola aos Romanos. Entretanto um exame cuidadoso demonstrará que mesmo alli a morte traz a mesma larga e profunda significação.

O texto central é *Porque, assim como todos morrem em Adão, assim tambem todos serão vivificados em Christo.* (1 Cor. 15:22). Aqui está se continuando esse processo da morte que em Romanos passou como decreto uma vez para sempre é *pantes apothneskoisin,* mas ainda *en to Adôu,* no homem historico, e por sua relação com elle. A resurreição do corpo é o argumento do capitulo». *O primeiro homem Adão foi feito em alma vivente, o ultimo Adão em espirito vivificante*». (V 45). Do primeiro recebemos um corpo corruptivel animado por uma alma vivente, que pelo peccado perdeu a provisão de sua immortalidade continua: não está ensinado que Adão recebeu e transmittiu sómente uma existencia animal e natural.

Do ultimo Adão (Christo) recebemos o Novo Dom de immortalidade, da alma e do corpo, pelo espirito da vida que procede d'Elle. Mas o argumento principal limita-se á resurreição do corpo. Entretanto elle affirma indirectamente o grande contraste entre a sentença da vida eterna e a da morte eterna. O capitulo termina dizendo que «*o aguilhão da morte é o peccado*: (v 56). foi o veneno daquella serpente que tronxe mortalidade physica á raça; porém «*Christo morreu por nossos peccados*», (v 3). e não sómente para a nossa re-

surreição do tumulo como uma pena da offensa. A morte será abolida só depois da resurreição: «*e quando este corpo corruptivel se revestir da incorruptibilidade, e este corpo mortal se revestir da immortalidade, então cumprir-se-ha a palavra que está escripta: Tragada foi a morte na victoria*». (v 54). Para os santos perde-se a morte universal na victoria da vida.

4. «Todos os homens foram de uma vez ou imputados, ou feitos, ou constituidos peccadores: foram collocados na categoria de transgressores. As vezes o verbo grego *katestathesam* (Rom. 5:19) tem a significação de ser feito no sentido de designação ou nomeação por auctoridade, mas nunca tem a significação de ser feito por um processo de transformação propria. No glorioso parallelo, «*assim pela obediencia de um muitos serão feitos justos*», (v 19). O termo *katastathesontai* estrictamente falando não perde a sua significação de estabelecimento por imputação; porque qualquer que seja a justiça communicada aos justificados em Christo, elles, tanto neste mundo como no outro serão considerados justos pela unica obediencia meritoria. Mas nem esta forte palavra nem qualquer outra empregada nas Escripturas, exclue o pensamento de que aquelles que são constituidos peccadores por sua união com Adão, fazem o acto deste ser tambem delles em outro sentido: todos os individuos são considerados peccadores porque «*traspassaram o concerto como Adão*». (Oseas 6:7). Ainda a raiz de sua offensa é mais profunda do que a sua vida individual. A morte physica precede a culpa pessoal do individuo... «*O que é nascido da carne é carne*», e como tal «*não póde ver o reino* de Deus», (S. João 3:6, 3) porque «*os que estão na carne não podem agradar a Deus*». (Rom. 8:8). Mas agora falando reverentemente, o nascer da carne é o mandato de Deus. Não falamos ainda da pena eterna: *veiu a graça sobre todos os homens para justificação de vida*»; (Rom. 5:18). Mas

esta justificação presuppõe uma condemnação para ser removida. Assim nos ensinando que não devemos abrandar aquella phrase—a mais forte que São Paulo empregou—sobre o assumpto: «*e eramos por natureza filhos da ira, como os outros tambem*»,—*tekna thusei orges* (Eph. 2:3).

5. «Ainda que se fala em São Paulo como o ensinador da culpa original, não se deve entender por isso que elle seja o unico responsavel por esta doutrina. Elle nada introduziu que não recebesse, e as palavras do Senhor que já citamos sustentam os seus ensinos. Não depende esta doutrina de uma só passagem, porém ella é ensinada em toda a Escriptura. Ella interpreta a voz e o espirito da Biblia quanto a familia decahida do primeiro pae que peccou; e especialmeute ella interpreta a relação do Redemptor para com a raça humana, uma relação que por base requer absolutamente a condemnação da raça. Mas disto falaremos mais particularmente.

(II). «*A Depravação Hereditaria.* A herança de uma inclinação para o mal é muito mais abundantemente—porém não mais claramente—ensinada nas Escripturas. A doutrina de uma depravação moral ou de corrupção transmittida, percorre todas as dispensações da verdade revelada.

1. «Provas amplas e explicitas se encontram no Velho Testamento.

(1). «A narração historica presuppõe que a raiz da vida pessoal do individuo é peccaminosa; abundando em testemunhos, tanto da universalidade da inclinação peccaminosa como da propagação della na raça. No principio da historia da raça humana achamos «*o livro da geração de Adão*». (Gen. 5:1). Nesse livro se diz: *no dia em que Deus creou o homem, á similhança de Deus o fez;*» que os primeiros dois dos nossos paes eram um em Adão como a cabeça da raça: «*ma-*

cho e femea os creou, e os abençoou, e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram creados».

(V 2). Continuando, diz a narração que «*Adão viveu cento e trinta annos e gerou um filho á sua similhança, conforme á sua imagem*». (V 3). Não se encontra mais esta qualidade de linguagem, e, considerada como prefacio da historia da corrupção humana que findou-se no Diluvio, póde-se cital-a como sendo provavelmente o mais antigo texto sobre a inclinação hereditaria para o peccado da humanidade. A historia da depravação que segue-se sempre fala do homem como sendo corrupto, mesmo quando se faz excepção dos justos. «*Não contenderá o meu Espirito para sempre com o homem; porque elle tambem é carne*». (Gen. 6:3)... «*Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra*; (v. 6:) porque «*toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente*». (v 5). Vede a condição dos impios no tempo do Diluvio—a familia de Noé que salvou-se não era por natureza melhor do que o resto da humanidade. Não nos ensina a historia que houvesse duas raças de homens—uma isenta do peccado e a outra corrupta. «*Os filhos de Deus*» (Gen. 6:2) eram aquelles que começaram «*a invocar o nome do Senhor*» (Gen. 4:26). Estes distinguidos dos filhos de Caim, tinham por pae a Seth, o qual «*Adão gerou á sua similhança*». (Gen. 5:3). O melhor descendente e representante destes foi Noé, que salvou-se para continuar a raça, não porque estava sem peccado, mas porque «*achou graça aos olhos do Senhor*» (Gen. 6:8), como fez Lot depois, que disse, «*o teu servo tem achado graça aos teus olhos e engrandeceste a tua misericordia*». (Gen. 19:19). Noé—o novo cabeça da humanidade—mostrou-se com a continuação da inclinação hereditaria. Elle foi acceito depois do Diluvio por sacrificio : «*E o Senhor cheirou o suave cheiro, e disse o Senhor em Seu coração, não tornarei*

mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice». Aqui se empregam as mesmissimas palavras para descrever o estado de corrupção, que sobreviveu o Diluvio, as quaes foram empregadas para designar a iniquidade da raça impia que pereceu.

(2). «Sem duvida, a corrente do peccado é considerada como correndo de geração em geração entre as nações da terra. A instituição da circumcisão prova que elle prevalecia entre o povo escolhido, e deixando de lado qualquer outra significação que esta podesse trazer, é certo que foi estabelecido como memorial do peccado relacionado com a propagação da raça —com o mesmo intuito temos a série de purificações ceremoniaes que seguiam-se ao nascimento de qualquer criança—para o mundo inteiro o baptismo traz a mesmissima significação.

(3). «Não faltam testemunhas individuaes; Job o theologo patriarchal perguntou: «*Quem do immundo tirará o puro? ninguem*». (Job 14:4). Esta pergunta é respondida por outra, dizendo: «*Que é o homem para que seja puro? e o que nasce da mulher, para que fique justo?*» (Job 15:14). «*Em peccado me concebeu minha mãe*», (Ps. 51:5) é a confissão de um por todos; na qual David responde a Job e qnasi litteralmente a Bildad, «*como seria* puro aquelle que nasce da mulher?» (Job 25:4). Não é necessario citar outros textos.

2. Confirma-se esta verdade por toda parte do Novo Testamento.

(1). «Nosso Salvador declara que «*do coração procedem os máos pensamentos*», (S. Matt. 15:19) e em seguida vem o catalogo de peccados na vida. O coração é o centro da personalidade de que o Ensinador infallivel diz: «*Si vós sendo máos*, (S. Matt. 7:11) e isto em relação com o bem que ainda resta á natureza

humana mediante o mysterio da graça. Nosso Senhor nos diz emphaticamente a razão porque o homem é assim profundamente máo; «*o que é nascido da carne é carne*» (S. João 6:3); esta linguagem é a chave do Velho Testemunho de Genesis, tanto como de muitas outras passagens, especialmente as de S. Paulo. Esta palavra—carne—tem influido na linguagem theologica do Christianismo: considerando-a como emblema de ruina physica—a carne ou a natureza mortal do homem —como significando tambem a mortalidade espiritual; a carne não somente é a inclinação da natureza para a morte, mas tambem para o peccado. Qual é a dissolução da alma do corpo, tal é tambem a dissolução da harmonia entre a carne e o espirito... Este testemunho de Jesus que, «*bem sabia o que havia no homem*», (S. João 2:25) é a suprema demonstração. Assim declarando o que não se encontra tão claramente annunciado em qualquer outra parte, *a saber:* que os homens são máos porque nascem máos, e seguem o seu caminho durante a vida segundo este máo principio. O Mestre mesmo tomou sobre si a responsabilidade dessa declaração profunda, e depois da sua annunciação, responde-lhe a natureza culpada e peccaminosa do homem, porque os pensamentos de muitos corações são revelados. E' excusado dizer que exceptua-se Aquelle que annunciou este facto á geração humana. Quando Elle testificou, «*vós soís debaixo, eu sou de cima*», (S. João 8:23) póde-se entender que estava fazendo um contraste entre o Seu espirito e o dos seus inimigos; mas quando Elle accrescentou, «*vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo*», nisto proclamou a differença universal entre Elle e os filhos dos homens. «*Quem dentre vós me convence de peccado?*» (S. João 8:46) é o appello negativo e apologetico que Elle dirigiu aos seus inimigos; aquelles que crêm n'Elle sabem que o Santo de Deus falou da Sua consciencia, a Unica Pessoa jámais

encontrada na historia humana da qual se podia dizer *«n'Elle não ha peccado»*. (1 S. João 3:5). Para os crentes a mais alta confirmação da doutrina da depravação hereditaria da raça humana, é a conceição immaculada do Redemptor que *«se manifestou para tirar os nossos peccados»*.

(2). «S. Paulo não ouviu estas palavras do proprio Senhor, entretanto, elle fielmente explicou o seu sentido sobre este assumpto. Elle empregou a palavra carne com este sentido mais frequentemente do que qualquer outro escriptor, e de uma maneira que estabelece a propagação de uma natureza corrompida. Para que não sejamos mal entendidos diremos que aquillo que S. Paulo chama *«a inclinação da carne»*, (Rom. 8:7). S. Thiago em termos menos elegantes a chama a *concupiscencia* ou cobiça *da carne* S. Paulo a chama *«a lei do peccado que está nos meus membros»*, (Rom. 7:23) e *«a lei do peccado e da morte »* (Rom. 8:2) e *«o peccado que habita em mim»*, (Rom. 7.17) no eu da carne. Estas palavras seguindo as do Senhor, mostram que a inclinação para o mal é congenita... O peccado que reina na raça humana, transmittido dos paes aos filhos.... pertencendo a todo o homem que vem ao mundo como descendente de Adão, permanece em sua natureza até que se opere o livramento completo... Vê-se a exposição da depravação original no exemplo de S. Paulo, manifestando-se em suas luctas como peccador convicto procurando o seu caminho ao Redemptor (Rom. 7). Si desejamos a força crua e nua quanto á doutrina; *«a inclinação da carne é inimizade contra Deus, (to thronema tes sarkos exthra eis Theon)»*, parallelo a esta é a força da passagem que a precede, *«porque a inclinação da carne é a morte»* (Rom. 8:7, 6).

II. O peccado original em relação ao Segundo Adão

«Sommam-se e confirmam-se os ensinos das Escri-

pturas por S. Paulo, de que Jesus Christo, effectivamente o Segundo Adão, deu-se a si mesmo á raça humana para ser a Fonte de uma justiça original que consegue mais do que a destruição dos effeitos do peccado original em todos aquelles que tornam-se em sua semente espiritual. Vemos pois uma provisão objectiva para todos os descendentes do primeiro peccador neste dom primitivo, cujos beneficios devem ser applicados áquelles que abraçarem o Salvador mediante a fé. Devemos nos lembrar que tornou-se um dom gratuito á raça inteira, antes que tivesse principio a trangressão, e que elle tem de diversos modos, influido no caracter do peccado original: prorogando a força completa de sua condemnação, e n'algum gráo contrabalançando a sua depravação.

(I). «Quando S. Paulo denominou Adão «*a figura d'Aquelle que havia de vir*», (Rom. 5:14) a palavra tem a sua propria significação, o typo deve preceder o antitypo quanto ao facto historico, mas o antitypo deve preceder o typo quanto ao proposito Divino: por isso o Segundo Adão póde-se denominar o Primeiro; e o peccado de Adão não se póde desligar da justa obediencia do Libertador Quando principiou o mal do peccado, principiou ao mesmo tempo a virtude da reconciliação.

O Evangelho foi prégado na mesma occasião em que o peccado foi condemnado: elle foi prégado aos primeiros transgressores na sentença denunciada sobre Satanaz, como cousa instrumental do peccado humano, assim contravindo o peccado mesmo em sua origem. Emquanto relacionado com Eva como segundo original, o Apostolo, omittindo a Serpente, omittindo a mesma Eva, faz de Adão a fonte do peccado na humanidade, para que pudesse assim designar os parallelos entre o primeiro e o segundo cabeça da raça humana. Elle mostra que em todas as cousas e circumstancias «*a graça de Deus e o dom pela graça que é d'um só homem Jesus*

Christo», (Rom. 5:15) são muito mais abundantes do que os effeitos da quéda. A provisão da Redempção pela desobediencia a contravem como sendo peccado e como tendo por consequencia a morte. A vida e o destino humanos estão encerrados nas relações com estes dois o Primeiro e o Ultimo Adão.

(II)· Mas o dom da justiça que se faz á raça antes de principiar-se a sua historia, tomou a natureza duma provisão para contrabalançar os effeitos do peccado, quando o peccado original se tornasse em peccado actual. Não destruiu-se de uma vez os effeitos da quéda no primeiro par, cujo peccado original—no caso delles—foi tambem transgressão actual ; elle não collocou-os n'uma nova provação, nem preveniu a possibilidade de uma raça futura de peccadores. Tornou-se necessaria a grande Reconciliação ; realmente tão necessaria a esses primeiros paes da raça como o era depois quando espalhavam-se pelo mundo em multidões innumeraveis. O Redemptor já era o dom de Deus ao homem , mas ainda era (*o homem—o vindouro*) «*Aquelle que havia de vir*», (Rom. 5:14) como S. Paulo uma só vez o chamou, mesmo em relação com este facto; o de fazer o primeiro peccador o primeiro typo do Salvador do peccador. A Reconciliação não «*anniquila o peccado*» (Heb. 9:26) pela soberania da graça absoluta, mas pela virtude da graça perdoando e sarando todos os que crêm. Elle assim principiou a edificar a casa de uma nova humanidade—uma semente espiritual do Segundo Adão—o primeiro Adão sendo a primeira pedra viva no novo templo. S. Paulo sobrecarregou a linguagem para mostrar quanto superabundou esta vida concedida á nova raça e quanto ella sobrepujou os effeitos da quéda.

O opponente responde que a virtude do dom não contraveiu a inflicção da primeira sentença, porquanto o peccado obrou a morte absoluta e irrevogavelmente em

todos, ao passo que a graça só reina naquelles que a buscam e a acham. S. Paulo sempre alerta para ouvir o interlocutor, não julgou esta objecção de importancia sufficiente para merecer uma resposta. Na plenitude de sua theologia, vendo sómente o facto de uma nova e graciosa provação, na qual encerra-se vida superabundante para a raça inteira; elle fala como si fossem acceitos os beneficios por todos aquelles que os necessitam. Porém não indica isto que esqueceu-se da distincção entre a provisão da graça e a applicação della; e mesmo o emprego exacto dos termos *eis pantas* e *oi polloi* domonstra que tal distincção ficou-lhe na mente. Emquanto dizia que «*muitos foram feitos peccadores*», (Rom. 5:19) significando todos os homens, mudando o tempo do verbo, elle accrescenta «*muitos serão feitos justos*», não significando todos. Mas no verbo precedente não existe tal distincção: «*Pois assim como por uma só offensa veiu o juizo sobre todos os homens para a condemnação, assim tambem por um só acto de justiça veiu a graça sobre todos os homens para justificação da vida*». (V 18)....

(III.) «Portanto segue-se necessariamente que o beneficio da reconciliação, projectada «*antes da fundação do mundo*», (1 S. Ped. 1:20) foi um dom gratuito para a raça que havia de vir. Esse dom foi-lhe a restauração do Espirito Santo; não como o Espirito de Redempção, mas o Espirito illuminador, predisponente e convincente O homem não principiou a sua viagem tristonha sem este Consolador predisponente: este dom espiritual *(o charisma pneumatikon)* foi offertado livremente pela raça antes que o peccado—estrictamente falando—principiasse na historia, antes que o peccado original de Adão se tornasse peccado original na sua posteridade; portanto tem-se minorado e mitigado o castigo do peccado por todas as idades desde gerações successivas... E sendo o Espirito desde o princi

pio «*o Espirito de Christo*», (1 Ped. 1:20) é portanto «*a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo*». (S. João 1:9). Quando se predisse que o Christo havia de vir «*para ser a salvação até á extremidade da terra*», (Isa. 49:6) como em muitas outras passagens a prophecia foi um passo na «*revelação do mysterio que desde tempos eternos foi encoberto*», (Rom.16:25). A *gloria do seu povo*—a raça nova e santificada—é e sempre era a «*Luz para alumiar as nações*». (Luc. 2:32). Tão certamente se deu ao mundo a promessa ou penhor do Espirito quão verdadeiramente se lhe deu o penhor do Filho encarnado; porém nós temos que ver mais particularmente com a influencia desse dom sobre o mal innato de nossa raça. Como para os sabios finalmente abundará o dom abolindo o principio do peccado bem como todas as innumeraveis transgressões; assim desde o principio elle minorava, dominava e mitigava esse mal, qner perante a mente de Deus, quer no coração do homem, quer na corrente da historia. Fóra disto não ha theoria consistente do Peccado Original».

(IV.) Na luz da redempção a doutrina recebe certas modificações importantes. Mais facilmente ver-se-ha isso notando-se algumas contradicções apparentes que ella harmoniza e explica: referindo-se-lhes ás duas divisões, a da condemnação e depravação e a da relação geral entre a natureza humana e o seu castigo pelo mal.

1. A natureza é condemnada, porém, mesmo assim, universalmente resgatada.

(1.) Devemos receber o facto da natureza humana abstrahido das pessoas que a herdam—perdida ou arruinada em Adão e achada ou remida em Christo. Diz-se de nosso Senhor que Elle não sómente fez-se «*similhante aos homens,*» (Phil. 2:7) mas tambem «*em similhança da carne do peccado.*» (Rom. 8:3.) Esta, de um

modo especial, liga o Encarnado com a nossa humanidade decahida, não como participante no peccado della —porque foi «*Deus manifestado em carne*». (1 Tim. 3:16.)— mas como participante da nossa natureza sem o seu peccado, porém com a sua enfermidade. Este facto nos assegura a respeito da minoração da quéda; porque a natureza commum a Elle e a nós devia ser poupada nessa revolução completa, para que Elle tomasse a nossa natureza e fosse «*similhante aos irmãos*» (Heb. 2:17.) Pode-se dizer pois que o primeiro effeito da intervenção redemptora foi a preservação da natureza humana para que não se afundasse além da possibilidade de redempção e essa mesma intervenção foi tal preservação. — A quéda nada arruinou completamente de nossa humanidade; sómente depravou-a em todas as suas faculdades. A mente humana retem os principios da verdade; o coração é capaz de affeições santas; a vontade é livre, não tem necessidade de determinar o mal. Ao segundo Adão é que devemos tudo isso. Diz-se na verdade que Elle sómente veiu na similhança dos homens; mas nem podia Elle tomar sequer a similhança da humanidade, si os homens tivessem perdido toda a apparencia do bem.

(2.) A condemnação pairando sobre a raça é removida em virtude da unica oblação que principiou-se com o principio do peccado. Deus por Christo reconciliou-se com a raça de Adão; e ninguem entre os filhos dos homens é condemnado eternamente por causa da offensa original; isto quer dizer que ninguem se condemna pelo mero facto de ser elle nascido da linhagem condemnada. O baptismo conferido a todos que entram na raça é o signal e sello dessa immunidade. A personalidade —virtualmente em todos os que nascem— não principia actualmente até que a vontade assuma conscientemente a sua responsabilidade. Fez-se preparação para perdão da culpa pessoal do individuo,

ratificando assim o perdão da unica transgressão original e superabundando «*pelas muitas offensas*» (Rom. 5:16.) Assim por Christo foi o peccado original instigado em cada individuo e mudado em sentença condicional. Entretanto a pena da morte physica é em um sentido sem mitigação: «*em Adão todos morrem*». (1. Cor. 15:22). Mas em outro sentido a pena está minorada, alliviada e abolida; porque «*em Christo todos serão vivificados.*»

2. «E, tão certamente como o dom gratuito minora a condemnação do peccado original, quão certamente é que elle mitiga a depravação hereditaria do homem.» Admitte-se universalmente que a depravação subsiste em dois principios: (a), a falta da Justiça original e, (b), a inclinação para o mal; e estes são uma retirada do Espirito Santo que é o laço original que liga a alma com Deus. Mas é tão claro que o Espirito Santo foi dado outra vez á raça, como o é que para ella se fez a Propiciação: foi dado o Espirito Santo, como a Propiciação, como disciplina provisoria para preparar o caminho para a mais plena graça de Redempção.

(1.) «A influencia universal do Espirito mitiga o peccado original, porque Elle é em toda a alma responsavel o Lembrador do estado perdido, e o incentivo para buscar a Deus e recobrar aquella communhão que toda a historia prova ser o desejo implacavel da humanidade, não deixando que o espirito do homem se esqueça de sua grande perda; é por esta influencia preliminar e universal que a culpa naturalmente se envergonha da sua deformidade. Ainda que os descendentes de Adão e Eva herdam uma natureza destituida da justiça, entretanto herdam tambem o sentimento pelo qual elles *conhecem que estão nús*:» (Gen. 3:7.) posto que esta parte da herança provem da graça original que os primeiros transgressores não podiam transmittir. A vergonha e o sentimento de perda e des-

tituição são unidos no sagrado phenomeno da consciencia, os quaes devem ser essencialmente relacionados com a doutrina do peccado original.

(2.) «Por meio da consciencia surge no homem o pensamento de recuperação; e o mesmo espirito que attrahe para Deus, mediante o temor e a esperança operando sobre a consciencia, toca universalmente na mola secreta da vontade. O peccado original é a incapacidade total para o bem; e considerado em si, é um duro e absoluto captiveiro. Porém não é deixado a si; porque quando o Apostolo diz que os gentios «*mostram as obras da lei escriptas em seus corações*», e em consciencia medindo a sua conducta por este padrão assim fazendo «*naturalmente as cousas que são da lei*»; (Rom.2:14,15) e elle nos ensina claramente que na mais intima camara da natureza existe o profundo mysterio da graça, que si não fôr resistido nem apagado, induzirá a alma para buscar a Deus, communicando-lhe esses mysteriosos e inexplicaveis principios do movimento para o bem que a plena graça pode assegurar. Em verdade a capacidade para o homem salvar-se, indica que o peccado innato na humanidade tem-se retrahido; e que a sua tendencia ao mal tem-se de algum modo restringido, e que a capacidade tanto natural como moral — empregando-se a linguagem de controversia— são uma, graças á operação mysteriosa da graça atravez de todo o mal humano.

3. Em conclusão pois, as grandes antitheses desta doutrina se reconciliam na propiciação, cuidadosamente formulada, de que o peccado original é o peccado dos descendentes de Adão contemplado sob o concerto da graça. O que teria sido d'outra forma jamais poderemos saber: em tal caso não teria existido a união federal da humanidade. As almas de Adão e Eva teriam ido accrescentar o numero dos espiritos do mal. Assim harmonizam-se estas verdades de facto e doutrina, as quaes

seriam irreconciliaveis sob qualquer outra hypothese. A natureza humana está perdida, porém ainda somos «*a geração de Deus.*» (Actos 17:29.) A gloria da imagem moral e natural—essencialmente uma na creação—porém é reconhecida como sendo de algum modo ainda existente. Todo o homem nasce condemnado e ainda é admoestado que não lance fóra a vida. Elle, por natureza, nem pode pensar, nem sentir, nem fazer o que é justo; mas por toda a Escriptura elle é arguido como si fosse sómente materia do seu querer. Emfim o peccado original e a graça original encontraram-se no mysterio da misericordia Divina na porta do proprio Paraiso.» (1.)

(1) Popo's, Compendium of Christian Theology Vol. 2.

PARTE PRIMEIRA

As Doutrinas do Christianismo

LIVRO IV — A RECONCILIAÇÃO—SUAS PROVISÕES

CAPITULO XVII

A Natureza da Propiciação

1. A palavra *Reconciliação* significa o restabelecimento de relações amigaveis entre inimigos que outr'ora eram amigos; no seu sentido theologico quer dizer: a restauração da raça humana ao favor de Deus em virtude da propiciação feita por Jesus Christo.

Por *propiciação* geralmente se entende, *expiação* ou satisfação para aplacar uma injuria ou offensa. No sentido theologico, quer dizer· expiação ou satisfação que Christo fez pelo peccado, pela qual se fez possivel ao homem salvar-se.

E' assim definida pelo Dr. Watson: «E' a satisfação dada á Justiça Divina na morte de Jesus Christo pelos peccados da humanidade, em virtude de que, todos os verdadeiros arrependidos que creem em Christo são pessoalmente reconciliados com Deus, libertados da pena devida aos seus peccados e privilegiados á vida eterna.» (1)

2. O que temos dito harmoniza-se perfeitamente com o nosso 2º Artigo de Religião: «Christo effectivamente soffreu, foi crucificado, morto e sepultado para reconciliar-nos com o Pae, e para ser um sacrificio, não

(1) Watson's. Biblical and Theological Dictionary.

somente pelo peccado original, mas tambem pelos peccados actuaes dos homens.»

3. Diz o Dr Summers «Reconciliação indica existencia previa de hostilidade. O antagonismo entre Deus e o homem, originou-se nos peccados deste ultimo; sendo estes offensivos a todos os attributos de Deus, a todos os principios do seu governo moral, e aos interesses de todos os subditos do seu imperio; obrigaram a Deus a retirar da raça peccaminosa os Seus preciosos favores. Sem a propiciação, os primeiros transgressores teriam sido tractados rigorosamente e prohibidos que não propagassem a sua especie em tal estado de decadencia e depravação. Porém feita a provisão benefica — para ser desenvolvida na plenitude dos tempos— a graciosa *carta regia* continha graça e perdão por todos os peccados actuaes, bem como pelo peccado original isto quer dizer, que não somente preparou-se a salvação pelos primeiros transgressores, mas igualmente para todos os seus descendentes, que foram envoltos no peccado e miseria pela offensa original.»

4. «Si o sacrificio fosse limitado sómente ao peccado original, não seria uma benção antes uma grande desgraça; porque si não houvesse meios para prevenil-a, forçosamente a natureza decahida e depravada de todo o descendente de Adão o levaria a commetter peccado actual e, não havendo em tal caso, provisão para o perdão de taes peccados, então não haveria meio de escapar o castigo. E si em virtude da propiciação os nossos primeiros paes tivessem sido restaurados para sua innocencia e integridade primitivas, e neste estado tivessem propagado a sua especie, com esta, por sua vez, ficaria a possibilidade de cahir desse estado feliz, e a morte certa seria a consequencia. Mas no concerto de Redempção fez-se provisão para a salvação de todo o peccador de todo o peccado, emquanto durar a meiga

hora da mediação, sob a condição de arrependimento, fé e obediencia promettida. (1)

5. Esta salvação é offerecida em consideração do sacrificio de Christo. Emprega-se o termo *sacrificio* com o sentido de uma *oblação* expiatoria e vicaria, tendo uma significação dupla, a de satisfação e a de substituição.

Segundo o Dr Pope: «O sacrificio do nosso Salvador sobre a cruz findou uma obediencia perfeita que Elle offereceu em Sua Pessoa Divina e Humana. Esta foi a Sua propria obediencia e por isso de valor e merecimento infinitos; mas tambem era vicaria e seus beneficios pertencem absolutamente a nossa raça, e sob certas condições a cada membro della. Pelo proposito de Deus ao favor do homem, o sacrificio é a satisfação pela transgressão dada a Justiça de Deus e provido pelo amor Divino: d'um lado pode-se consideral-o como expiação do castigo devido á culpa do peccado humano; e d'outro, como propiciando o desprazer Divino, que deste modo pode ser consistente em mostrar boa vontade aos peccadores da humanidade. No emtanto a expiação da «ira são um e o mesmo effeito do sacrificio. Ambas suppõem a existencia do peccado e da ira de Deus contra elle. Mas no mysterio da Reconciliação, as provisões da misericordia eterna antecipam a transgressão, e em todas as manifestações da Redempção, o primeiro logar é occupado pelo amor A paixão é a manifestação e não a causa do amor Divino ao homem.» (2)

6. Não podemos pensar que os soffrimentos de Christo foram em quantidade ou qualidade iguaes aos padecimentos que um homem individualmente ou que todos os homens collectivamente soffreriam por toda

(1) Summers, Systematic Theology.

(2) Pope's, Compendium of Christian Theology. Vol. 2.

a eternidade como castigo dos seus proprios peccados. Não foi a qualidade nem a quantidade dos soffrimentos que deu valor á propiciação feita por Christo, mas foi o valor infinito da Pessoa que soffreu e morreu que nos alcançou a reconciliação.

Assim diz o Dr Ralston: «O valor e efficacia da propiciação provém, não da intensidade dos soffrimentos de Christo, mas sim da dignidade do seu caracter Foi a humanidade que soffreu e não a Divindade. A humanidade era o sacrificio, mas a Divindade foi o altar sobre o qual elle foi offerecido. e pelo qual o sacrificio foi sanctificado. Os soffrimentos eram finitos em sua extensão, mas o sacrificio era de infinito valor em virtude da mysteriosa união hypostatica com a Divindade.» (1)

No mesmo sentido diz o Dr Dick: «Os seus soffrimentos eram limitados em intensidade, porque a natureza que os supportou era finita, mas o seu merito era infinito, porque a natureza que soffreu foi unida ao Filho de Deus.» (2)

«A Divindade exige que haja o soffrimento e a morte—para desligar o peccador do castigo merecido, por transferencia do soffrimento ou do seu equivalente a outrem, sendo este solemnemente acceito e executado no logar do criminoso. Assim o sacrificio é expiatorio, sendo offerecido pelo peccado; e ao mesmo tempo vicario. porque é offerecido pelos peccados de outrem.» (3)

Tal foi o sacrificio feito por Christo pelos peccados da humanidade, como estabeleceremos:

I. *Pelos sacrificios do Velho Testamento* e,

II. *Pelo testemunho das Escripturas ácerca dos soffrimentos expiatorios e substitucionaes de Christo.*

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

(2) Dick's, Theology

(3) Summers, Systematic Theology.

I. Os Sacrificios do Velho Testamento

1. Os sacrificios de Caim e Abel, são os primeiros que encontramos nas Sagradas Lettras.

«E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fructo da terra uma offerta ao Senhor. E Abel tambem trouxe dos primogenitos das ovelhas, e da sua gordura: e attentou o Senhor para Abel e para a sua offerta, mas para Caim e para a sua offerta não attentou, e irou se Caim fortemente, e decahiu-lhe o seu semblante. E o Senhor disse a Caim: Porque te iraste? e porque decahiu o teu semblante? Si bem fizeres não haverá acceitação para ti? Si não fizeres bem o peccado jaz á porta.» (Gen. 4:3—7.) S. Paulo falando dessa transacção, diz: «Pela fé Abel offereceu a Deus maior sacrificio do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, porquanto Deus deu testemunho dos seus dons e, depois de morto, ainda fala por elle.» (Heb. 11:4.)

Diz o Dr. Summers: «E' verdade que foram offerecidos animaes, bem como objectos inanimados, como sacrificios eucharisticos; mas neste caso, sacrificios expiatorios foram presuppostos; visto não ser acceito qualquer sacrificio de louvor, de um peccador que não tivesse antes offerecido sacrificio em expiação do seu peccado. Vemos pois rejeitados os fructos da terra offerecidos em sacrificio por Caim, não porque o sacrificio do louvor que elle apresentou fosse em si inappropriado; mas porque não tinha antes com sincero arrependimento e fé, offerecido um sacrificio expiatorio pelo seu peccado. Sendo o sacrificio de Abel deste caracter (expiatorio), por isso foi acceito.» (1)

Assim «attentou o Senhor para Abel e para a sua offerta», porque prefigurou-se deste modo «O Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo.» (João

(1) Summers, Systematic Theology. Vol. 1.

1:29.) E pela fé no sangue do Cordeiro de Deus, cujo symbolo se achava no sangue dos primogenitos do seu rebanho offerecidos em holocausto, elle «alcançou o testemunho de que era justo; » porque nos sacrificios de Abel temos uma representação figurada do caracter vicario e expiatorio da morte de Christo; porquanto Deus deu testemunho dos seus dons».

2. O segundo exemplo de sacrificios que achamos narrado nas Escripturas, é o caso de *Noé,* logo depois de sahir da arca. «E edificou Noé um altar ao Senhor, e tomou de todo o animal limpo, e de toda a ave limpa, e offereceu holocaustos sobre o altar E o Senhor cheirou o suave cheiro, e disse o Senhor em seu coração não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem.» (Gen. 8:20,21.) Que estes sacrificios foram immolados em obediencia ao mandato Divino é claro desde que Deus approvou-os, o que Elle não podia ter feito si não fossem estabelecidos por Elle mesmo. E que o sacrificio de animaes limpos então offerecidos eram symbolos da propiciação feita por Christo é claro, quando lembramos que S. Paulo emprega o mesmo termo: «*suave cheiro*» falando do sacrificio expiatorio de Christo: «Christo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em offerta e sacrificio a Deus, em *cheiro suave.* » (Eph. 5:2.)

3. Depois achamos Deus renovando a promessa a Abrahão, e ao mesmo tempo impondo o sacrificio de animaes, de certo, com o fim de symbolizar Aquelle que havia de ser o unico sacrificio pelo peccado. «E disse-lhe: toma-me uma bezerra de trez annos, e um carneiro de trez annos, uma rola e um pombinho. E trouxe-lhe todos estes, e parti-os pelo meio, e poz cada um delles em frente do outro; mas as aves não partiu. » (Gen. 15:9,10.)

No capitulo 22 de Genesis temos a historia da-

quelle acto sublime da fé de Abrahão, em que elle offereceu o seu filho Isaac a Deus. O mandato foi: «Toma agora o teu filho, o teu unico filho, Isaac, a quem amas, e vae-te á terra de Moriah, e offerece-o alli em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.» (v. 2.) « E vieram ao logar que Deus lhe dissera, e edificou Abrahão alli um altar, e poz em ordem a lenha.... E extendeu Abrahão a sua mão.... para immolar o seu filho, mas o anjo do Senhor lhe bradou desde os ceus, e disse: «Abrahão, Abrahão! não extendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu unico. Então levantou Abrahão os seus olhos e olhou; e eis um carneiro detraz delle, travado pelas suas pontas, num matto; e foi Abrahão, e tomou o carneiro, e offereceu-o em holocausto *em logar do seu filho.*» (Gen. 22:9—13). Aqui vemos a idéa de substituição, o sacrificio do cordeiro *em logar do filho.* Significando assim a sua fé n'Aquelle que havia de ser o substituto ou sacrificio vicario, no qual haviam de ser «bemditas todas as nações da terra.» S. Paulo, commentando esta transacção, diz: «Pela fé offereceu Abrahão a Isaac, quando foi provado; e aquelle que recebera as promessas offereceu o seu unigenito; sendo-lhe dito: Em Isaac será chamada a tua semente; considerando que Deus era poderoso para até dos mortos, o resuscitar. Por onde tambem *em semelhança o tornou a receber* » (Heb. 11:17—19.)

Tantos e tão claros são os pontos de analogia entre os typos e o Anti-typo, que é Christo, que não é necessario enumeral-os.

4. O sacrificio de animaes constitue uma phase notavel na economia mosaica. Encontramos aqui tambem a idéa de substituição e sacrificio vicario.

(1.) Vemos esta idea na festa do *Dia de Expia-*

ção, a mais solemne entre todas as ordenações mosaicas. No setimo mez, no decimo dia do mez, fazia-se uma expiação pelos peccados da nação inteira. O mandamento era: «Porque naquelle dia fará expiação por vós, para purificar-vos: e sereis purificados de todos os vossos peccados perante o Senhor. E isto vos será por estatuto perpetuo, para fazer expiação pelos filhos de Israel de todos os seus peccados, uma vez no anno.» (Lev 16:30,34.)

Diz o Dr. Summers: «O Summo Sacerdote, nesse dia, offertou um cordeiro em holocausto, e tambem um boi e um bode pelo povo. Depois de espargir o sangue deste deante do propiciatorio, tomou-lhe outro bode vivo, e, pondo as mãos sobre a sua cabeça, o sacerdote confessava sobre elle «todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus peccados.» (Lev 16:21). Assim, symbolicamente eram transferidos os peccados do povo ao bode, o qual por sua vez, era mandado ao deserto, deste modo levando figurativamente em seu corpo todos os peccados da nação. A ceremonia de mandar ao deserto o bode vivo é somente a continuação da do bode sacrificado em expiação pelo peccado, demonstrando o effeito desse sacrificio, a saber, a reminiscencia dos peccados do povo. Não devemos esquecer de que esta ceremonia de expiação foi relacionada com a solemnidade de jejum — affligindo ás suas almas como signal do seu arrependimento — visto que nenhum impenitente póde exercer fé no sacrificio expiatorio de Christo, para fruir delle a salvação.

«Estes symbolos foram designados para ensinar que não póde haver perdão pela transgressão da lei, sinão pela propiciação, e, que não se póde guardar a lei, sinão pela sanctificação do Espirito....

e aspersão do sangue de Jesus Christo.» (1 Ped. 1:2.) (1)

O escriptor da Epistola aos Hebreus faz uma bella allusão a estes ritos, chamando-os «a sombra dos bens futuros, e não a mesma imagem das cousas, nunca pelos mesmos sacrificios que continuamente se offerecem cada anno, póde aperfeiçoar aos que a elles se chegam. Nestes, porém, cada anno se faz commemoração dos peccados. Porque é impossivel que o sangue dos touros e dos bodes, tire os peccados.» (Heb. 10:1,3,4.) Vemos, então, que as ceremonias do Dia de Expiação eram tão somente a sombra ou a figura «dos bens futuros», isto é, do sacrificio expiatorio, «do Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo,» (João 1:29) chamando á memoria do povo que «sem o derramamento de sangue não se faz remissão.» (Heb. 9:22.) «*O qual era figura* para o tempo presente de então, em que se offerecia presentes e sacrificios, que, quanto á consciencia, não podiam aperfeiçoar aquelle que fazia o serviço. Mas, vindo Christo, o Summo Sacerdote dos bens futuros.... não por sangue de bodes e bezerros, mas por seu proprio sangue, entrou no sanctuario, havendo effectuado uma eterna redempção. Porque, si o sangue dos touros e bodes, e a cinza da novilha espargida sobre os immundos, os sanctifica, quanto á purificação da carne»—a qual é apenas exterior e figurada—«quanto mais o sangue de Christo que pelo Espirito Eterno se offereceu a si mesmo immaculado a Deus, purificará as vossas consciencias das obras mortas para servirdes ao Deus vivo? E, por isso, é Mediador do Novo Testamento, para que, *intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro Testamento*, os chamados recebam a promessa da herança eterna.» (Heb. 9:9—15.)

Muitas outras passagens podiam ser citadas em

(1) Summers, Systematic Theology. Vol. 1.

demonstração do facto que os sacrificios expiatorios, feitos pelos patriarchas e debaixo do regimen Mosaico, eram typos que apontavam para Christo, como o unico sacrificio e propiciação pelos peccados do mundo. Mas, julgamos estas, que acabamos de citar, sufficientes para pôr além de toda a duvida esta verdade tão importante.

II. O Testemunho das Escripturas acerca dos Soffrimentos Expiatorios e Substitucionaes de Christo

1 Representa-se o Christo morrendo como sacrificio vicario e propiciatorio nas passagens seguintes: «Verdadeiramente *Elle tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si:* e nós o reputavamos por afflicto, ferido de Deus, e opprimido. Porém, *Elle foi ferido pelas nossas transgressões, e moido pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Elle e pelas Suas pisaduras fomos sarados.* Todos nós andavamos desgarrados como ovelhas; cada cada um se desviava pelo seu caminho: porém o Senhor *fez cahir sobre elle a iniquidade de nós todos.*» (Isa. 53:4—6.) Mais adiante, o mesmo propheta diz: «Porém ao Senhor agradou moel-o, fazendo-o enfermar; *quando a sua alma se pozer por expiação do peccado.* verá a sua semente e prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão: *O trabalho da sua alma Elle verá e se fartará,* e com o seu conhecimento o meu Servo. *O Justo. justificará a muitos: porque as suas iniquidades levará sobre si.*» (Isa. 53: 10,11.) Que esta passagem ensina que os soffrimentos de Christo são vicarios e expiatorios, ninguem póde negar. No mesmo sentido fala S. Paulo «Aquelle que não conheceu peccado fel-o *peccado*» — *sacrificio pelo peccado — por nós*; para que n'Elle fossemos feitos justiça de Deus.» (2 Cor 5.21) E S. Pedro referindo-se á passagem que já citámos em Isaias, diz: «O qual (Jesus) não commetteu peccado, nem na sua bocca se achou

engano. O qual *levou Elle mesmo em seu corpo os nossos peccados sobre o madeiro,* para que, mortos para os peccados, vivamos para a justiça, *por cuja ferida sarastes.* (1. Ped. 2:22,24.) E outra vez: «Porque tambem «*Christo padeceu uma vez pelos peccados, o Justo pelos injustos,* para levar-nos a Deus.» (1. Ped. 3:18.) Esta linguagem indica claramente o caracter expiatorio dos soffrimentos de Christo. A mesma verdade encontra-se em Rom. 4:25. «O qual (Jesus) *por nossos peccados foi entregue.*» Aqui os nossos peccados são representados como causa dos soffrimentos de nosso Senhor. Igualmente em Gal. 3:13 *Christo nos resgatou da maldição da lei,* fazendo-se *maldição por nós.*»

2. Outras passagens ainda falam em Jesus como a Reconciliação e a Propiciação. «Gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Christo, pelo qual agora alcançamos a *reconciliação.*» (Rom. 5:11.) «*E elle é a propiciação pelos nossos peccados* e não sómente pelos nossos, *mas tambem por todo o mundo.*» (1 S. João 2.2.) Ao qual Deus propoz para *propiciação* pela fé no Seu sangue, para demonstração da sua justiça pela remissão dos peccados dantes commettidos sob a paciencia de Deus.» (Rom. 3:25.)

Diz o Dr Pope: *Propiciação.* de *prope.* perto, na Biblia significa que o favor e a boa vontade de Deus são attrahidos ao peccador pela mediação de Jesus. *Elle é a propiciação* porque por Elle Deus está mais perto do peccador do que Elle estava mesmo no tempo da innocencia primitiva. O facto que a santa ira de Deus foi desviada pela satisfação propiciatoria, é um segredo atravez da encarnação mesmo na essencia do Deus Tri-uno. «Nisto está o amor, não que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Elle nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos peccados.» (1 S. João 4:10.) (1)

(1) Pope's Compendium of Christian Theology.

Servindo-nos da linguagem do Dr Summers, podemos dizer: «Si estas passagens não patenteam' a idéa de um sacrificio, satisfação e propiciação vicarios, então desafiamos a todos os Socinianos do mundo para produ zirem termos em qualquer lingua, que possam fazel-o. Os termos são variados com uma eloquencia e emphase notaveis, e, associados com taes expressões, e empregados em taes relações, que, apparentemente, é-nos impossivel enganar quanto ao seu sentido. Elles nos dão ampla auctoridade para empregar a linguagem do nosso vigesimo artigo:

«O sacrificio de Christo uma vez offerecido, é aquella perfeita redempção, propiciação e satisfação, pelos peccados de todo o mundo. tanto o original como os actuaes.» Bem como as palavras empregadas na celebração da Santa Ceia « Deus Omnipotente, nosso Pae Celeste, que por tua terna misericordia, déste a Jesus Christo, teu unigenito Filho, para morrer na cruz por nós, o qual, pela oblação de si mesmo, feita uma só vez, realizou um sacrificio, uma oblação e uma satisfação plena, perfeita e sufficiente pelos peccados de todo o mundo.» (1)

(1) Summers, Syst. Theol Vol. 1º.

CAPITULO XVIII

A Universalidade da Propiciação

No capitulo anterior acabamos de tratar da natureza da propiciação; e neste trataremos da sua universalidade, isto é, que a propiciação ou o preço da redempção foi feita pela raça humana em sua totalidade; que Christo morreu por todos os homens de todas as edades desde Adão até a ultima entre a sua posteridade que nascerá no mundo.

Esta doutrina é claramente estabelecida, tanto pelas escripturas sagradas, como pela voz da razão. Consideremos, pois, em primeiro logar, as provas escripturisticas.

I. As Provas Escripturisticas

1 «Porque isto é bom e agradavel diante de Deus Nosso Salvador, o qual quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade; porque ha um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redempção por todos». (1. Tim. 2:3-6.) «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigenito, para que todo aquelle que n'Elle crer não pereça, mas tenha a vida eterna». (S. João 3:16.) «Pois assim como por uma só offensa veiu o juizo sobre todos os homens para condemnação, assim tambem por um só acto de justiça veiu a graça sobre todos os homens, para justificação de vida». (Rom. 5:18.) «Porém vemos coroado de gloria e de honra aquelle Jesus, que fôra feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte para que pela graça de Deus gostasse a morte por todos». (Heb. 2:9.) «Si um morreu

por todos, logo todos morreram, e Elle morreu por todos, para que os que vivem não vivam para si sinão para aquelle que por elles morreu e resuscitou». (2. Cor. 5:14,15.) «Temos um advogado para com o Pae, a Jesus Christo, o justo, e Elle é a propiciação pelos nossos peccados e não sómente pelos nossos mas tambem por todo o mundo». (1. S. João 2:1,2.)

Si a linguagem aqui citada, não indica que Christo fez uma propiciação ampla por todos os homens, então podemos desafiar qualquer pessoa, para que apresente termos, que possam asseverar tal cousa.

2. Discorrendo sobre essa doutrina, diz o Dr. Pope: O Deus da humanidade, pelos mesmos termos, deve ser considerado como um Deus philantropico e amante da mesma raça que Elle creou. Elle nos deu a nossa existencia, quer como familia, quer como individuos, sem que o pedissemos Elle nos destruirá sem esperança depois de nossa quéda ou reservará a sua salvação para uns poucos: «Não faria justiça o juiz de toda a terra?» (Gen. 18:25.) Em responder este instincto natural, seu revelador nos diz: Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigenito;» (S. João 3 16.) e que Elle é o «Deus vivo que é o Salvador de todos os homens». (1. Tim. 4:10.) «E que a graça de Deus se ha manifestado, trazendo salvação a todos os homens,» (Tit. 2:11.) depois de ser comparativamente encoberta até a plenitude dos tempos quando elle «appareceu na benignidade e caridade de Deus nosso Salvador para com os homens». (Tit. 3:4.)

3. Não podemos pensar que uma pessoa tão gloriosa fosse enviada a uma missão limitada e parcial, na occasião de sua visita a este mundo, naturalmente a sua missão comprehenderia a humanidade em toda a sua extensão; e as testemunhas acerca de Christo a isto confirmam. «Elle é o mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo homem.» Elle é o «ultimo Adão» e o «se-

gundo Adão;» (1 Cor. 15:45,47.) e a unica vez em que Elle fala da sua alma como resgate, Elle chamou-se o «Filho do Homem». (Matt. 20:28.) E onde se diz que « livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos á servidão, Elle tomou a descendencia de Abrahão», (Heb. 2:15,16.) e isto se oppõe aos anjos no mesmo verso, aos quaes Elle não extendeu a sua mão beneficente. No verso precedente Elle diz ser seu parentesco comnosco, «carne e sangue». Elle é a semente de David, o qual é a semente da mulher. «Aquelle que de um sangue fez toda a geração dos homens, (Actos 18:26.)» tem tambem por um sangue remido a toda a geração dos homens». (1)

II. Demonstração racional da universalidade da Propiciação

Damos em seguida as dezeseis provas do Dr Summers :

1. «Que Christo morreu por todos os homens é evidente da solidariedade da nossa especie. Elle encarnou-se em nossa natureza como homem; por isso é o filho do homem — o caracter representante — e em virtude da sua propiciação, a raça foi perpetuada depois de ser privada da vida pela transgressão original. Todo o homem vive em virtude da propiciação; mesmo nossa existencia foi nos assegurada pelo sacrificio de Christo feito por todos os homens.

2. «Todas as bençãos temporaes são nos dispensadas por Deus pela mediação de Christo ; e são asseguradas pela sua propiciação. Si o amor de Deus extende-se a todos os homens, e as suas grandes misericordias estão sobre todas as suas obras, é porque Christo advoga os seus meritos por toda a nossa raça, alcançando assim, não só a vida, mas todas as cousas que gozamos ; e sen-

---

(1) Pope's, Compendium of Christian Theology.

lo estas bençãos provenientes da propiciação, são designadas para guiar-nos ao arrependimento. (Vede Rom. :4.)

3. «Visto que o Espirito Santo, em seus officios conomicos, é dado aos homens em virtude da propiciaão, e como Elle é communicado a todo o homem, quer edendo a sua influencia, quer não,—fazendo aggravo o Espirito da graça — é claro que todo o homem tem ma parte na morte sacrifical de Christo. (Vede S. João 6:9-11. Actos 7:51. Heb. 10:29.)

4. «E como homem nenhum, no estado original de lepravação total, tem o poder para pensar, sentir ou azer cousa alguma que seja boa, sem o auxilio divino; omo esse auxilio não se offerece a pessoa alguma sinão or Christo, e como todo o homem é consciente que elle em o poder para volver-se do peccado para a justiça, laro é que todo o homem tem parte na morte sacrifical le Christo, ou em outras palavras, a graça predispoente dada a todo o homem, demonstra o resgate de odos.

5. «Como o arrependimento é uma graça proveniente do Espirito Santo. pelo qual o peccador sensivel los seus peccados e mirando a misericordia de Deus em Christo, com tristeza e odio do seu pecado converte-se lelle para Deus, com o pleno proposito e intuito de restar obediencia no futuro; e como «Deus annuncia gora a todos os homens e em todo o logar, que se arependam», é porque todos os hômens teem parte na nisericordia de Deus em Christo. (Actos 17:30-31.)

6. «Visto que de todos os homens se exige o arrependimento e crença no Evangelho; e como Jesus disse os judeus «a obra de Deus é esta que creiaes n'aquelle que Elle enviou» ; (S. João 6:29.) e como «aquelle que crêr e fôr baptizado será salvo. mas quem não crer será condemnado» ; (S. Marcos 16.16.) segue-se que todos os homens são interessados no Evangelho e na salvação

annunciada nelle, d'outra maneira elles não seriam chamados para crerem num Salvador que jamais morreu por elles, nem seriam ameaçados com condemnação por causa de rejeitarem uma propiciação que jamais foi feita a favor d'elles.

7 «Como o Evangelho é boas novas para todas as gentes, porque elle proclama um Salvador para todos, segue-se que não póde haver pessoa alguma pela qual Elle não morresse. Pois que por boas que fossem as novas para os eleitos, não podiam ser boas novas para os reprobos, que não teem parte nem sorte nesse negocio. Pois si alguns homens e anjos são predestinados para a vida, emquanto outros são predestinados á morte eterna; e si ninguem sinão os eleitos são resgatados por Christo, mas o resto da humanidade, Deus foi servido perder, segundo o insondavel conselho de sua propria vontade pela qual Elle extende ou retem a misericordia como lhe apraz, para a gloria do seu poder soberano sobre suas creaturas, por ellas passando e lhes ordenando para deshonra e ira pelos peccados delles para louvor de sua gloriosa justiça ;» como diz a confissão de Westminster e si o numero dos respectivos partidos é tão definido que «não se póde augmentar nem diminuir» : — então seria zombar cruelmente dos reprobos, o dizer-lhes que Christo tivesse morrido para reconcilial-os com seu Pae e para ser um sacrificio pelos seus peccados actuaes e culpa original; ao mesmo tempo ameaçando-lhes com condemnação pôr não crerem tal cousa, seria ameaçal-os com condemnação por não crerem uma mentira.

8. «A resurreição do ultimo dia se effectuará por Christo, o qual adquiriu o direito de resurgir aos homens em virtude de sua mediação; «porque assim como todos morrem em Adão, assim tambem todos serão vivificados em Christo». (Vede S. João 5:28,29 e 1. Cor. 15:22). Mas sua mediação a ninguem se extende sinão áquelles pelos quaes Elle morreu; visto ser sua morte a

idea central da sua mediação, segue-se por isso que Elle morreu por todos.

9. «Como Elle ha de ser o juiz de todos os homens em vista do seu officio medianeiro, (vede S. João 5:22. Actos 17:31.), Elle devia ter morrido por todos os homens — Visto sua mediação não ser cousa alguma quando separada da sua morte *não é provavel que Elle seja juiz de todos os homens porque Elle morreu por uns poucos.*

10. «Pergunta-se: «Como escaparemos nós si não attentarmos para uma tão grande salvação?» (Heb. 2:3.) Esta pergunta seria impertinente no caso do reprobo por quem não está provida salvação alguma.

11. «Christo assevera: «Não quereis vir a mim para terdes vida». (S. João 5:40.) Mas como podem vir estes, si não ha graças procuradas e offerecidas a elles? E porque devem elles vir, si não for provida para elles a vida? E não ha nem uma graça separada do sacrificio de Christo.

12. «Paulo fala de apostatas «que já uma vez foram illuminados, e gostaram do dom celestial, e se fizeram participantes do Espirito Santo, e gostaram a boa palavra de Deus, e as potencias do seculo futuro e vieram a recahir; tornando assim impossivel seu arrependimento; pois assim, quanto a elles de novo crucificam o Filho de Deus, e o expoem ao vituperio» (Heb. 6:4-6.) Mas como podem elles experimentar toda essa graça da qual apostataram, si Christo nunca morreu por elles? O que é o sangue de Christo para aquelles a favor de quem não foi elle derramado? O Espirito asperje esse sangue sobre os coração dos reprobos?

13. «Pedro fala de alguns que «negaram o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição». (2. S. Ped. 2:1.) Resgatou o Senhor a qualquer, a não ser por sua morte? Seria um peccado para os re-

probos negarem que Christo morreu por elles, si Elle morreu somente pelos eleitos? Poderia alguem trazer sobre si repentina perdição por negar uma mentira e asseverar a verdade?

14. «Seriam convidados e exhortados que viessem todos os homens á festa de amor e á fonte da vida, e seriam estes condemnados por não acceitarem o convite, si não houvesse festa provida nem fonte aberta para elles? Entretanto Isaias diz: «O' vós, todos os que tendes sêde, vinde ás aguas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprae e comei; sim, vinde, pois comprae, sem dinheiro e sem preço vinho e leite». (Isa. 55:1.) E Christo na parabola, diz: «Sahi pelos caminhos e vallados e forçae-os a entrar para que a minha casa se encha». (S. Lucas 14:23.) «E o Espirito e a esposa dizem, vem. E quem o ouve, diga Vem. E quem tem sede, venha, e quem quizer, tome de graça a agua da vida». (Apocal. 22:17.)

15. «Os Apostolos inspirados admoestariam «noite e dia com lagrimas, a cada um?» (Actos 20:32.) Pregariam elles a Christo «admoestando a todo o homem e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria? para que apresentassem todo o homem perfeito em Jesus Christo?» (Col. 1:28.) Diriam elles «Sabendo o temor que se deve ao Senhor persuadimos aos homens a fé, porque o amor de Christo nos constrange, julgando nós isto: que si um morreu por todos, logo todos morreram; e Elle morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si, sinão para Aquelle que por elles morreu e resuscitou; porque Deus estava em Christo reconciliando comsigo o mundo, não lhes imputando os seus peccados; de sorte que somos embaixadores da parte de Christo, como si Deus por nós rogasse, rogamos-vos pois da parte de Christo, que não recebaes a graça de Deus em vão». (2 Cor. 5:11-6:1.) Usariam elles linguagem como esta, baseada na declaração de Jehovah, «vivo

eu diz o Senhor Jehovah, que não tenho prazer na morte do impio;» (Eze. 33 11) e o convite e a asseveração do Salvador, «vinde a mim, todos os que estaes cançados e opprimidos, e eu vos alliviarei, o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fóra (S. Matt. 11:28. S. João 6:87) Justamente com o seu mandato, «pregae o Evangelho a toda a creatura (S. Mar 16:15)», e a medonha ameaça, «quando se manifestar o Senhor Jesus, desde o céu com os anjos do seu poder: com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo os quaes por castigo padecerão eterna perdição ante a face do Senhor e a gloria do seu poder». (2 Thes. 1 7 9) Fariam e diriam elles tudo isto, sinão fossem absolutamente certos de que nenhum d'aquelles aos quaes extendeu-se a sua commissão. fosse prohibido a misericordia do Pae, o merito do Filho, e a graça do Espirito Santo?

16. Si Christo não morresse por todos os homens para fazer propiciação por todos os peccados originaes e actuaes, então a Biblia é um livro de enigmas e symbolos que pericia alguma pode resolver, e de contradicções que logica alguma póde reconciliar. Por isso, si ha algumas passagens que apparentemente limitam a propiciação, quer possamos explical-as quer não, é immaterial — posto que nenhuma achamos que apresente difficuldade alguma — visto que existe un methodo ao mesmo tempo curto e facil para dispor d'ellas. Todas as nossas concepções de Deus obrigam-nos a crença de que Elle é imparcial e sem hypocrisia ; querendo a felicidade de todas as suas creaturas, mil passagens das Escripturas clara e inequivocamente corroboram estas concepções de Deus ; portanto, si ha algumas que apparentemente as contradizem, é parte do bom senso concluir que é somente porque não as entendemos. Póde ser que não sejamos capazes de explical-as, mas de uma cousa

de que somos tão certos como somos convencidos de nossa propria existencia, é que ellas não contradizem palpavelmente as claras e definidas passagens de cuja significação ninguem póde enganar-se e que acha echo na consciencia e bom senso de todos». (1)

Mas não devemos pensar com os Universalistas que porque a propiciação é universal, por isso todos os homens são incondicional e infallivelmente salvos.

Diz o Dr Summers «Si a propiciação fosse uma transacção commercial; si a obediencia activa e passiva de Christo fosse imputada áquelles por quem Elle viveu e morreu, e si Elle viveu e morreu por todos, então a lei não teria qualquer accusação contra o peccador. Quanto a elle, o preceito seria revogado e a pena apagada. Nem arrependimento, nem fé, nem obediencia, poderiam ser exigidos delle, nem poderia ser elle sujeito á pena da transgressão. Mas tal não é o caso: Christo não desempenhou os deveres que Deus exige de nós; nem soffreu em qualidade nem em intensidade o castigo devido aos nossos peccados. Ambas estas theorias são da mesma forma absurdas e impias. Christo foi obediente até a morte, mesmo até a morte de cruz, e pelo merito d'aquella obediencia somos justificados, quando arrependidos, acceitamos a propiciação. Ha só um elemento nessa transacção que se póde assimilhar ao cancellamento de uma divida. Somos individados á justiça divina em virtude dos nossos peccados, e quando Deus, por amor de Christo, perdoa os nossos peccados, aquella divida está cancellada, mas isto não significa que a justiça de Christo seja imputada a nós. «Somos tidos por justos deante de Deus, somente pelos merecimentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Christo pela fé e não pelas nossas obras, ou merecimentos» Somos sentenciados á morte, mas somos graciosamente perdoados por amor de Christo; mas nem Deus, nem nós, podemos imaginar que

---

(1) Summers, Systematic Theology.

a innocencia de Christo nos seja transferida. isto é uma pura fabula. A Biblia nunca fala em qualquer cousa como sendo imputada ao homem além do que lhe pertence; por isso, em materia de justificação, «a sua fé, e não a sanctidade de Christo. «lhe é imputada por justiça.» Mas isto sómente faz parar pela misericordia de Deus a pena devida aos nossos peccados dantes commettidos, e isso mesmo não faz absoluta e irrevogavelmente—porque como o perdão é adquirido por arrependimento e fé, assim é retido pela fé e obediencia. Si forem nutridos a incredulidade e o peccado. o perdão será cancellado. «Desviando-se o justo da sua justiça, e fazendo iniquidade, morrerá nella.» (Ezeq. 33:18.) Assim o servo malvado na parabola, que tinha sido perdoado de sua divida de dez mil talentos, teve a sua divida outra vez entrada contra elle; e Christo não nos deixou em duvida quanto á sua applicação Assim vos fará tambem meu Pae Celestial, si de coração não perdoardes cada um a seu irmão, as suas offensas.» (S. Matt. 18:35.)

«Como não ha imputação da obediencia activa de Christo, assim não ha qualquer imputação de sua obediencia passiva. Não é como si Christo fosse feito peccador por nós—isso é um absurdo e um pensamento impio—nem que Elle sendo innocente, soffreu em qualidade e intensidade todo o castigo devido aos nossos peccados—isto tambem é absurdo e impio— no curto espaço de dezoito horas; ou, si quizerdes, em trez ou trinta e tres annos, como podia Christo padecer uma eternidade de soffrimentos devida a cada um dos milhões de milhões de peccadores? Então, como podia Aquelle com quem o Pae se comproveu — e especialmente quando estava soffrendo as maiores agonias por causa dos nossos peccados — ser objecto da ira do seu Pae? Como podia Elle experimentar odio, desespero e remorso, que constituem os

mais amargos elementos na experiencia dos condemnados? Foi mui differente disto o que Elle soffreu. Visto, pois, que não havia imputação dos nossos peccados no sentido proprio, tambem não havia soffrimento de todo o nosso castigo. nesse sentido, nem transferencia de sua obediencia, quer activa, quer passiva, como se tivessemos cumprido a primeira ou soffrido a outra. Por isso, ainda ha logar para a misericordia perdoadora e a graça santificadora, e ainda exige-se o cumprimento das condições—a saber, o arrependimento e a fé, sobre as quaes a misericordia e a graça possam ser outorgadas — ainda ha necessidade de obedecer á lei Divina, ou então soffrer a sua pena. Os meritos de Christo são nos assegurados para o perdão dos peccados dantes commettidos, sómente sob a condição de arrependimento e fé; e, para nossa salvação eterna, sómente, á medida que por sua graça produzamos «os fructos de justiça, que são por Jesus Christo para gloria e louvor de Deus.» (1).

Emfim, a propiciação não salva absoluta e incondicionalmente a raça humana da culpa de peccados pessoaes, mas remove os obstaculos entre a Divindade e a humanidade de tal modo, que Deus póde ser justo e comtudo o justificador de toda e qualquer pessoa que crer em Jesus.

Quanto ao mundo infantil e outros que desde a infancia são moralmente inhabilitados para cumprirem com a condição de fé em Christo, é-lhes assegurada absoluta e incondicionalmente a justificação da culpa do peccado original em virtude da propiciação e pela operação do Espirito Santo.

III. A Relação entre a Propiciação Universal e o Baptismo de Creancinhas

A theoria de que Deus reuniu e fez provisão

(1) Summers, Systematic Theology. Vol. 1.

para a salvação sómente de uma parte da raça decahida, consignando o resto por um decreto arbitrario e irrevogavel, para a perdição eterna, não sómente é repugnante aos melhores sentimentos de nossa natureza, mas tambem é contraria á Palavra de Deus. Ainda mais : Tal theoria é opposta á sã philosophia, impugnando o caracter Divino, e, não sómente destroe a distincção entre a virtude e o vicio, mas torna egualmente impossivel a existencia a ambos. Não é possivel que Deus resgatasse uma parte da familia humana, sem resgatar a todos ; fazer isso, seria destruir a unidade da natureza humana ou, então, dividir a Christo.

2. Vemos no capitulo sobre a creação do homem, que a natureza humana é uma unidade. Todo o homem possue não sómente uma parte, mas a natureza inteira. Si a possuisse sómente em parte, elle seria só parcialmente humano. Porque todo o homem possue essa natureza *inteira*, é que elle tem uma parte na propiciação. A natureza que peccou foi remida pelo sacrificio expiatorio da mesma natureza isenta do peccado. Contra essa unica natureza humana — e contra nenhuma outra — incendiou-se a justa ira da lei. Essa natureza peccou, essa natureza deve soffrer a pena. Não era sufficiente que fosse *similhante*, devia ser da *mesma* natureza. Por isso, outro homem não serviria, si não possuisse a *mesma* natureza ; por consequencia, não serviria o *crear* um substituto. A justiça não queria nem podia acceitar tal sacrificio. Para ser da mesma natureza devia de algum modo sahir della. Mas, para ser gerado do modo natural não serviria , porque, em tal caso, incorreria nos effeitos do peccado, e a morte seria o resultado natural e necessario, e, por consequencia, não podia morrer por outrem. Aquelle que morre em logar de outrem, tem de ser isento da morte por sua propria conta. Eis, pois, a difficuldade : Aquelle que tinha de morrer para remir o homem, devia ser da mesma natureza, emfim, devia

ser homem, mas livre do peccado e dos seus resultados. Na conceição milagrosa, preencheram-se as condições; a paternidade Divina e a maternidade humana contribuiram para dar ao mundo um homem perfeito, livre do peccado — sem macula nem ruga, nem cousa similhante.» Elle foi «feito de mulher, feito sujeito á lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de receberem a adopção de filhos.» (Gal. 4:4.)

3. Sendo a natureza humana una e inteiramante representada em Adão, nelle cahiu, ficando, assim, sob a maldição da lei; por consequencia, devia soffrer o castigo devido á sua transgressão, si não fosse provido um remedio. A lei é inexoravel em suas exigencias e dá a todos o castigo devido á sua transgressão. Si, pois, houvesse necessidade que na redempção do *homem* elle soffresse — a *natureza* humana, que foi envolvida no peccado, devia participar do mesmo soffrimento que lhe era devido. Si Jesus, pois, não fosse homem perfeito, possuindo o *todo* da natureza humana, Elle não podia remir a humanidade, por ser elle inhabilitado a satisfazer as exigencias da lei. Por outro lado, sendo homem perfeito e possuindo essa *natureza humana inteira,* em remir *um,* Elle necessariamente remiu a *todos* que trouxeram essa natureza.

4. Si Jesus Christo não foi menos representante da raça do que Adão, é impossivel limitar a propiciação a uma parte —grande ou pequena— da familia humana. Si, de qualquer maneira, fosse limitada, limitar-se-ia em todos, isto é, limitar-se-ia quanto á sua sufficiencia como remedio pelo peccado, e, não quanto ao numero de salvos; porque, aquillo que ella alcança para um, ella necessariamente alcançou para todos, com egual sufficiencia. Em outras palavras, si é possivel a perdição de um só descendente de Adão, sem transgressão *actual* e *pessoal,* então é possivel a perdição de todos sem peccado pessoal; e, segue-se, ou que a propiciação feita por

Christo foi insufficiente, ou que a lei exige duas vezes castigo pela mesma offensa; ou que Deus póde punir arbitrariamente as suas creaturas innocentes, sem respeitar nem a lei, nem a justiça. Com taes principios, não se póde chegar, em qualquer gráo de certeza, á conclusão de que todos, nem que qualquer parte dos que morrem na infancia, são salvos.

5. Não dizemos nem cremos que Jesus Christo, em fazer a propiciação pelo homem, soffreu em quantidade e intensidade o castigo devido aos nossos peccados, de maneira que todo o castigo que o peccador havia de soffrer, foi-lhe transferido, porque, em tal caso, salvação universal e incondicional, seria o resultado. Mas, dizemos, que tal é a unidade da natureza humana, que, aquillo que foi necessario para expiar os peccados de um ser humano, foi, egualmente, sufficiente para expiar os peccados da natureza inteira, seja qual fôr o numero dos individuos que possam participar della. Por isso, *todos* os que foram incluidos na quéda de Adão, de cujo peccado elles não podiam ter qualquer responsabilidade *pessoal,* foram, da mesma fórma, incondicionalmente incluidos na propiciação, pela morte de Jesus Christo. Si, pois, *todos* cahiram em Adão. *todos* são remidos em Christo. A natureza que, em Adão, alienou-se de Deus, foi reconciliada com Elle em Christo «Porque Deus estava em Christo reconciliando comsigo o mundo.» (2. Cor. 5:19.) «Jesus Christo, pela graça de Deus, provou a morte por *todos.*» (Heb. 2:9.) N'Elle, vemos «O Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo.» (S. João 1:29.) «O qual se deu a si mesmo em *preço de redempção por todos.*» (1. Tim. 2:6.) Logo que ha um só Deus e uma só natureza humana, e, visto que Jesus Christo foi «feito de mulher, feito debaixo da lei para remir os que estavam debaixo da lei — *e todos,* trazendo essa natureza, estavam debaixo da lei, — e, tomando Elle a descendencia de Abrahão — *o todo* da natureza

humana—e n'Elle habitando, corporalmente, toda a plenitude da Divindade »; segue-se, necessariamente, que *todos* foram *absoluta* e *incondicionalmente* remidos.

6. Sendo, pois, todo o filho do homem abrangido na propiciação. e ficando n'uma relação salvadora para com Deus, em virtude da morte de Christo; pela mesma virtude *todos* são revestidos do direito a *todas* as bençãos e privilegios por Elle outorgados ao mundo, até que este direito seja alienado por transgressão pessoal.

Todos admittem que o homem é creatura decahida. Que elle existe, depois da quéda, em virtude da propiciação, é egualmente claro, porque, na quéda, elle tudo perdeu: a vida, com tudo designado a perpetual-a e tornal-a em benção, foram alienados pela primeira transgressão. A pena mortal devia inflingir-se aos primeiros transgressores, si Deus não tivesse provido um Salvador; porque a natureza Divina não permitte que creaturas sejam trazidas á existencia para soffrerem as consequencias de um acto de que ellas não tinham responsabilidade pessoal, sem que lhes provesse meios de escapar de taes consequencias. Existindo, pois, por virtude da morte de Christo, temos n'Elle tudo o que é preciso para aperfeiçoar essa existencia e tornal-a feliz, a não ser que por transgressão pessoal, alienemol-a. Não quero dizer que somos isentos de males naturaes e physicos, taes como, as enfermidades ligadas á natureza depravada, a separação da alma do corpo, a que chamamos a morte temporal; mas, mesmo a estes, não se permittiria a existencia, si não fossem contrabalançados pela resurreição, de que temos o penhor e as primicias na resurreição de Christo. Quero dizer, que a graça de salvação, como todas as cousas relacionadas com ella—quer como meios de graça, quer como signal e sello da «Justiça de Deus», quer como typo, apontando para o anti-typo vindouro, quer como memorial do grande facto de redempção consummado na morte e resurreição

de Christo, é absoluta e incondicionalmente assegurada a todo o filho do homem, e não póde ser alienada por outra cousa sinão por actual e pessoal transgressão.

7 No sentido espiritual, a Egreja de Deus nada mais é sinão espiritos decahidos restituidos ao favor e imagem de Deus em virtude da morte de Christo, pela operação do Espirito Santo, e, em sua fórma visivel e organizada, ella existe no reconhecimento dessa relação para com Deus, em Christo, pelos signaes por Elle designados, e o reconhecimento mutuo dessa relação para com Deus, em Christo, pelos signaes por Elle designados, e o reconhecimento mutuo entre os associados adoradores da Divindade. Podem dizer que, o baptismo é um signal de senhorio Divino, determinado pelo proprio Deus, para designar como Seus todos que são justificados em Jesus Christo. Não foi como signal de arrependimento nem de fé, mas de justiça — da justiça de Deus. Por isso, não foi designado como consequente á fé, mas, para animar e fortalecer a fé, ensinando-nos a nossa precisão de purificação, e, symbolizando a influencia purificadora do «Espirito Santo de Deus, pelo qual estamos sellados para o dia de redempção», (Eph. 4.30) ao mesmo tempo lembrando-nos que pertencemos a Deus e que nos devemos guardar da corrupção do mundo. Todos, pois, que pertencem a Deus— todos que occupam a relação de justificação para com elle, por Christo — teem o direito, ao signal do senhorio Divino, este sello da justiça de Deus. Mais: a justiça exige absolutamente que elle seja dado a todos os taes, e, quem quer que arrogue para si o direito de prohibil-o a qualquer, mesmo até aos mais *pequeninos* entre os Seus filhos, toma sobre si uma temivel responsabilidade, a qual não invejamos. Si isso fôr verdade—e quem o negará?—para determinar si *creancinhas* têm ou não têm direito ao baptismo christão, temos sómente de certificar, si estão na relação

de justificação para com Deus ou não. E' necessario que *argumentemos* que são justificados? Porventura ha alguem que queira *affirmar o contrario?* Si ha, sob que principio póde elle basear a salvação das creancinhas? Sob que *condição* são salvos aquelles que morrem na infancia? Ou são perdidos todos os taes? Si *não são* justificados, deve existir uma *razão porque,* qualquer que seja essa razão, quando descoberta; a sua mudança deve ser a *condição* da justificação delles.

8. Si dissermos que a *morte* para as creancinhas é a condição de justificação, contra tal hypothese apresentam-se duas objecções insuperaveis. Primeiro, si a morte fôr a *condição,* então elles têm de morrer *antes* de serem justificados; porque, tem de preencher-se a condição antes de que o seu consequente possa ter logar Em segundo logar, qualquer cousa, para ter a natureza de uma condição para aquelles que a cumprem, tem de ser um *acto voluntario*, d'outro modo não é condição alguma. Si a justificação tem logar *depois* da morte, então o reino do céo é composto de *injustos;* por que dos taes (creancinhas injustas) é o reino do céo!» Si a morte for o resultado de *volição* então todos que morrem são réos de suicidio; e seguir-se-ia que Deus tem feito do mais negro crime do decalogo, a saber homicidio—auto-homicidio—*a condição de justificação!* E' pois, *impossivel* que creancinhas occupem outra relação para com Deus sinão a de justificação, até que sejam capazes de peccado pessoal, porque o peccado pessoal é a unica cousa que pode separar de Deus qualquer de suas creaturas.

9. Não negamos a doutrina da depravação humana, nem somos dispostos a destruil-a por sophismas. Pelo contrario, tenazmente advogamol-a e ensinamol-a. A depravação total é a propria base da redempção humana. Si a *natureza* humana não fosse corrompida pelo peccado de Adão e Eva, e por estes transmittida

aos seus descendentes, toda a creança seria tão immaculada como foram nossos paes no Paraiso, e não haveria necessidade alguma de um Redemptor, e sómente o primeiro par—os transgressores—seriam castigados. Onde não ha doença, não ha necessidade de medico. No facto pois, da depravação humana, acha-se a necessidade da propiciação. Porque nada que seja impuro póde entrar no céo; e a absoluta justiça de Deus, faz *impossivel* que Elle castigue as suas creaturas, ou, por um acto de que não foram pessoalmente responsavel, ou por transgressões actuaes e pessoaes que foram *necessitadas* por um estado ou condição em que ellas foram introduzidas sem qualquer agencia propria. Para o homem existir depois da quéda, tornou-se necessario que fosse provido um Salvador. Para ser um Salvador perfeito, Elle devia prover para *todos* que acham-se envolvidos nas consequencias da transgressão original; portanto, «Jesus Christo, pela graça de Deus, provou a morte por todos» Todos que tem direito, ou gozam do favor de Deus, devem-n'o a Christo, tem direito Divino, comprado á custa de sangue, a *todas* as bençãos e privilegios outorgados ao mundo por Elle; porque Deus não faz accepção de pessoas. Só Christo crucificado é que pode assegurar a qualquer filho do homem —joven ou velho—qualquer, nem que seja a minima, benção ou privilegio; e graças a Deus, nada sinão o peccado—transgressão actual e pessoal da lei Divina—póde alienar de qualquer este direito a *tudo quanto* a Sua morte alcançou.

10. Já vimos que o mundo infantil tem direito á benção de salvação em virtude da morte de Christo; e como a maior encerra a menor, segue-se inevitavelmente que os pequeninos teem incontestavel direito para serem membros da Egreja, e para receberem o signal e sello da justiça de Deus que lhes é assegurada em Christo. Em uma palavra, são proprios para recebe-

rem o baptismo christão, e o seu *direito* a este sacramento é inseparavelmente relacionado com a propiciação. Si o direito ao baptismo Christão não fosse assegurado pela morte de Christo, d'onde vem elle? Eis uma questão importante e esperamos que o estudante preste attenção. Para ver mais claramente a sua força e influencia no assumpto, perguntamos O que é que dá ao *adulto o direito* ao baptismo? Será que o arrependimento ou a fé, ou ambos destes juntos lhe dão esse direito? Não perguntamos si, no caso do adulto são antecedentes ou necessarios, mas é por *virtude* delles que assegura-se o direito? Certamente que não. Não ha merito nem virtude em cousa alguma sinão em Christo crucificado.

11. Porque então, exigem-se do adulto o arrependimento e a fé antes de ser elle baptizado?

Resposta: Porque elle por transgressão pessoal, alienou-se do favor de Deus e do Direito a todas as bençãos asseguradas por Seu Filho; desviou-se de Christo, o unico em quem se acha o direito. Elle deve pois, voltar voluntariamente, por arrependimento e fé, aproveitar-se do direito alienado por seu peccado. O direito inhere-se em Christo; em deixar a Christo, elle alienou-se do direito. Separando-se de Christo pelo seu peccado, agora elle tem de voltar, por arrependimento e fé, para Christo e para o direito que *foi* seu *antes* de peccar, porque estava em Christo. *Elle não se baptiza porque crê, mas porque está justificado deante de Deus em Christo.* E' verdade que esta justificação foi concedida mediante a fé; a fé pessoal tornou-se necessaria, porque elle pessoalmente *peccou*. Portanto, si a fé é necessariamente uma antecedente do baptismo, tambem o é o peccado pessoal; porque si o homem tem de arrepender-se e crer antes de estar na condição para receber o baptismo, forçosamente deve haver alguma cousa de que se arrependa, para isso tem de haver peccado pes-

soal, porque nada sinão o *peccado pessoal* póde qualifical-o para o arrependimento. Vemos, portanto que si rejeitarmos o baptismo de creanças, porque não podem arrepender-se nem crer, fazemos do *peccado pessoal* uma qualificação necessaria para receber-se os sacramentos da Egreja de Deus. Dizer que creanças não devem se baptizar, porque não podem arrepender-se nem crer, quer dizer que não devem baptizar-se porque não *peccaram*. Quer dizer que não tem direito de ser membros das Egrejas, porque nunca *alienaram-se* desse direito! Faz do *peccado pessoal* um antecedente necessario aos privilegios da Egreja de Deus — Alheação do reino do céo é essencial para herdar o mesmo!

12. *Todos* os privllegios e bençãos do Evangelho. provem da morte de Christo. e cercam a cruz como tantas commemorações do grande facto de redempção humana, culminando nas agonias da morte, as quaes foram as dores de parto dando á luz a salvação de um mundo perdido. Os sacramentos recebem de Christo a sua significação, são bellos sómente quando os contemplamos pela luz emittida do Sol de Justiça, cujos raios brilhantes, cahindo sobre o suor da morte, reflectem o arco-iris de esperança atravez do negro golfo que nos separa da eternidade, descobrindo á nossa vista, traços da cidade celeste. Sendo *todas* estas bençãos asseguradas pela morte de Christo, segue-se que todos os que são reconhecidos pelo Pae como justificados pelo Seu sangue, teem direito a *tudo* que Elle alcançou. Si, pois, creanças são justificadas deante de Deus por virtude da propiciação, e o baptismo é da mesma fonte, segue-se necessariamente que ellas devem-se baptizar

13. Mais, si o baptismo é symbolo ou signal de qualquer benção real e espiritual proveniente da morte de Christo, então todos que recebem taes bençãos,

teem egualmente, direito ao symbolo ou signal. O baptismo é um symbolo de bençãos espirituaes, e creancinhas são participantes nestas bençãos; portanto ellas teem direito ao sacramento do baptismo. Seja qual for a causa que fazemos o baptismo representar, comtanto que seja alguma cousa assegurada pela morte de Christo, e de que as creanças são participantes, o argumento fica em pé. Si alguem disser que o baptismo representa a morte, enterro e resurreição de Christo, (si bem que não cremos tal cousa) então, como creanças teem real interesse em sua morte, e um penhor certo, na sua resurreição, de que ellas tambem resurgirão d'entre os mortos, portanto devem-se-lhes baptizar Si ellas são possuidas d'uma natureza decahida e depravada, a qual deve ser purificada e renovada para que herdem a vida eterna; e si tal purificação lhes é assegurada pela morte de Christo e applicada pelo Espirito Santo, e si o baptismo é signal de tal purificação, seria injusto e contra a razão o negar-lh'o. Qualquer que seja o lado do assumpto que contemplamos—si não negarmos a depravação humana, dizendo que creanças não precisam d'um Salvador, nem sorte tem na propiciação—a unica conclusão razoavel que se pode deduzir é, que creancinhas são idoneas e teem direito Divino ao baptismo Christão.

Nota.—Sou bastante individado ao meu velho amigo Rev. G. H. Hayes D. D., pelos argumentos sobre a relação entre a Propiciação Universal e o Baptismo de Crianças.

O AUCTOR.

CAPITULO XIX

Eleição e Predestinação

1 Todas as Egrejas Calvinistas, a Presbyteriana, a Baptista e a Congregacionalista, ensinam a doutrina de uma propiciação parcial. As seguintes citações da «Confissão de Fé de Westminster», exprimem mais ou menos a doutrina que ellas teem em commum sobre este assumpto:

«Pelo decreto de Deus, para a manifestação de Sua gloria, alguns homens e anjos são predestinados para a vida eterna, e outros d'antes ordenados para a morte eterna.

« Estes homens e anjos assim predestinados e d'antes ordenados, são particular e immutavelmente designados; e seu numero é tão certamente definido que não se póde nem augmental-o nem diminuil-o.

«Aquelles que d'entre a raça humana foram predestinados para a vida, antes da fundação do mundo, Deus, segundo Seu eterno e immutavel proposito, e o seu conselho secreto e o beneplacito de Sua Vontade, escolheu em Christo para a gloria eterna, só por causa de Sua mera graça e amor, e sem qualquer previsão de fé ou de boas obras, ou perseverança em qualquer d'elles, ou de cousa alguma na creatura como condição ou causa motivando-lhe a fazel-o; e tudo para o louvor da Sua gloriosa graça.

«Como Deus tem destinado os eleitos para a gloria, assim tambem pelo eterno e mui livre proposito da Sua Vontade, Elle preordenou todos os meios para isso. Portanto, os que são eleitos, sendo decahidos em Adão,

são remidos por Christo, são effectivamente chamados para a fé em Christo, por Seu Espirito operando em tempo opportuno; são justificados, adoptados, sanctificados e guardados por Seu poder pela fé para a salvação. Nem ha outros quaesquer que sejam remidos em Christo, effectivamente chamados, adoptados e sanctificados sinão só os eleitos.

«O resto da raça humana, Deus por Seu beneplacito, conforme o insondavel conselho da Sua Vontade, pela qual Elle extende ou retem a misericordia como Lhe apraz, para a gloria do Seu soberano poder sobre Suas creaturas, deixou e ordenou para a deshonra e ira por causa do seu peccado, para o louvor de Sua gloriosa justiça». (1).

2 Estes artigos dessa Confissão de Fé, são advogados e sustentados pelos theologos Calvinistas no dia de hoje. Diz o Dr. Hodge: «O proposito com que Christo morreu foi effectuar aquillo que realmente effectua no resultado. Seu proposito foi impetrar a effectiva salvação do Seu povo, em todos os seus meios, condições e partes, e tornal-a infallivelmente certa». (2).

Todos os Calvinistas ainda advogam os seguintes Artigos do Synodo de Dorte: «O Senhor Jesus, por Sua perfeita obediencia e pelo sacrificio de Si mesmo, não sómente adquiriu a reconciliação, mas tambem uma herança perduravel no reino dos céos para todos os que o Pae Lhe deu». (Cap. 8:5) «*A todos* aquelles para quem Christo adquiriu a salvação, Elle com certeza e efficazmente applica e communica a mesma». (Cap. 8:8).

I. Refutação dos Ensinos do Calvinismo

1. Em responder aos artigos supra citados podemos dizer, que é verdade» que Jesus adquiriu a herança

(1) Westminster Confession. Chap. 3:3—7.

(2) Esboços de Theologia.

perduravel no reino dos céos para todos os que o Pae Lhe deu». Mas isto não quer dizer que todos aquelles são «*effectivamente* chamados á fé em Christo, justificados, adoptados e sanctificados e guardados por Seu poder para a salvação.»

As Escripturas ensinam que alguns para os quaes Jesus adquiriu essa herança podem perdel-a por causa da sua infidelidade. «Guarda o que tens, para que ninguem tome a tua corôa». (Apoc. 3:11). Porque é impossivel que os que já uma vez foram illuminados, e gostaram o dom celestial, e si fizeram participantes do Espirito Santo, e gostaram a boa palavra de Deus, e as potencias dos seculos futuros, e vieram a recahir, sejam outra vez renovados para o arrependimento; pois assim, quanto a elles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expôem ao vituperio». (Heb. 6:4—7). Porque, si depois de terem escapado da corrupção do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Christo, forem outra vez envolvidos n'ella e vencidos, torna-se-lhes o ultimo estado peior do que o primeiro. Porque melhor lhes fôra não conhecerem o caminho da justiça do que, conhecendo-o desviarem-se do Santo mandamento que lhes fôra entregue, porém, sobreveiu-lhes o que por um verdadeiro proverbio se diz: O cão voltou ao seu proprio vomito, e a porca lavada ao espojadouro da lama». (2. S. Ped. 2:20—22). Pois assim *negaram o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição*». (2. S. Ped. 2·1).

«Que todos os que o Pae deu a Jesus «não venham a herdar o reino, é claro das seguintes palavras de Jesus acerca dos doze apostolos: «Tenho guardado aquelles que Tu me deste, e nenhum d'elles se perdeu, sinão o filho da perdição». (S. João 17 12). Aqui vemos que um que o Pae deu a Jesus veiu a perder-se tão completamente que ficou cognominado o filho da perdição. Em face destes claros ensinos da palavra de Deus, como

poderá crer alguem que ninguem resgatado por Christo se perca?

2. Quanto ao que se diz «que não ha outros quaesquer remidos em Christo sinão só os eleitos», podemos confrontar as seguintes passagens: «Porque isto é bom, e agradavel diante de Deus nosso Salvador, o qual quer que *todos os homens* se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque ha um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo homem. O qual se deu a si mesmo em *preço de redempção por todos*» (1. Tim. 2:4—6). «Vemos coroado de gloria e honra aquelle Jesus que fôra feito um pouco menor que os anjos, por causa da paixão da morte, para que pela graça de Deus *gostasse a morte por todos*. (Heb. 2:9).»

Disto se vê que longe de Deus querer sómente a salvação dos eleitos, antes, «quer que todos os homens se salvem»; mostrando Seu bem querer em mandar Seu Filho «para ser a propiciação pelos nossos peccados, e não sómente pelos nossos, mas tambem por todo o mundo». (1. S. João 2:2).

3. Quanto ao que se diz, «que todos aquelles para quem Christo adquiriu a salvação, Elle com certeza e efficazmente applica e communica a mesma; não póde haver cousa mais diametralmente opposta aos ensinos da Biblia. A linguagem inspirada diz: «Quantas vezes *quiz* Eu ajuntar os teus filhos como a gallinha ajunta os seus filhos debaixo das suas azas e *vós não quizestes*», (S. Math. 23:37) e «não quereis vir a mim para terdes vida». (S. João 5.40). «Porventura de qualquer maneira desejaria Eu a morte do impio? diz o Senhor Jehovah; porventura não desejo que se convertam dos seus caminhos e vivam? (Ezeq. 18:23). Respondendo a estas perguntas, Elle mesmo diz: «Vivo Eu que não tenho prazer na morte do impio, mas que o impio se converta do seu caminho e viva: Convertei-vos, conver-

tei-vos dos vossos máus caminhos; pois porque razão morrereis, ó casa de Israel?» (Ezeq. 33:11). «Porque não tenho prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jehovah, Convertei-vos pois e vivereis». (Ezeq. 18:33).

Vemos aqui, que longe de Deus deixar e ordenar uma parte da raça humana para a deshonra e a ira por causa dos seus peccados, Elle antes quer salvar a todos. Vemos pessoas que Christo *quiz* salvar, as quaes o Pae não quiz que morressem, e sinão fosse a vontade de Deus que elles perecessem, de certo Elle proveria uma propiciação pelos seus peccados. E como de facto Elle fez propiciação pelos peccados de todo o mundo, e visto que alguns que Deus quer salvar não se salvam por causa do seu proprio querer (d'elles), segue-se que nem a todos aquelles por quem Christo adquiriu a salvação, Elle com certeza e efficazmente applica e communica a mesma».

4. Emquanto ficamos admirados que homens santos, com a Biblia aberta nas mãos, podessem limitar a propiciação feita por Christo a um punhado de individuos, emquanto, a maioria dos homens, que vieram á existencia, sem serem consultados, são deixados em um estado de perdição sem os recursos necessarios para restabelecerem-se ao favor de Deus, e irresistivelmente consignados ao fogo do inferno, segundo os *decretos da Confissão* de Westminister; podemos achar uma desculpa para os auctores daquelle venerando documento no facto que elles viveram ha duzentos e cincoenta annos e tinham, havia pouco, sahido da crassa escuridão do Romanismo. Podemos tambem desculpar a sua existencia no dia de hoje como uma reliquia do passado, do mesmo modo que guardamos as espadas e fardamentos dos nossos avós. Mas que diremos das seguintes proposições advogadas pelo Dr Hodge, e ensinadas aos jovens theologos da Egreja Presbyteriana no Brazil,

emquanto o gallo canta o raiar do seculo vigesimo?

«Os decretos de Deus referem-se *igualmente* a todos os eventos futuros de qualquer sorte que sejam, ás acções livres de agentes moraes, como tambem ás acções de agentes necessarios, *ás acções peccaminosas* como tambem ás que são boas moralmente... Os propositos de Deus, que dizem respeito a todos os eventos de qualquer especie, constituiram uma só intenção todo-comprehensivel, comprehendendo todos os eventos, os livres como livres, os necessarios como necessarios, bem como todas as suas causas, condições e relações, como um só systema individual de cousas, cada élo do qual é essencial á integridade do systema todo». (1).

5. A citação supra, não sómente pecca contra os expressos ensinos das Escripturas Sagradas, como tambem offende os principios de sã philosophia, fazendo a Deus o auctor do peccado. Porque si Deus decretasse que os agentes, aqui denominados livres, fizessem acções peccaminosas, então não ha meio de escaparmos da conclusão de que Deus é o auctor do peccado. Mais ainda; si Deus decretasse todas as acções peccaminosas e igualmente, todas as acções que são moralmente boas; segue-se naturalmente que a acção peccaminosa é tanto em conformidade com a vontade de Deus, como aquelle que faz acção boa e moral; e em vez de ser punido o agente por fazer a acção peccaminosa, deve ter igual recompensa com aquelle que faz boa acção; porque é claro que elle está fazendo tanto a vontade do seu Creador como o outro. Assim, este systema destroe toda a distincção entre justiça e injustiça, peccado e Santidade, virtude e vicio, indirectamente attribuindo todas as acções á determinação da vontade de Deus.

Em vez de fazer a Deus o Ente supremamente jus-

---

(1) **Esboços de Theologia.**

to, torna-o, além de todos os outros, o mais injusto: porque representa a Deus, como decretando e por consequencia obrigando um ente a peccar, e ao mesmo tempo determinando a castigar tal ente com eterna punição, por fazer aquillo que Deus d'antemão decretou; mas que tal não é a doutrina da Biblia, vemos das seguintes citações «Tenho-te proposto a vida e a morte, a benção e a maldição: escolhe pois a vida para que vivas» (Deut. 30:19). «Quando Eu disser ao justo que *certamente viverá*, e elle confiar na sua propria justiça e fizer iniquidade, não virão em memoria todas as suas justiças, mas na sua iniquidade, que faz, *n'ella morrerá*. Quando Eu tambem disser ao impio: *certamente morrerás*; e elle se converter do seu peccado, e fizer juizo e justiça, restituindo esse impio o penhor, pagando o furtado, andando nos estatutos da vida, e não fazendo iniquidade, *certamente viverá, não morrerá*. De todos os seus peccados com que peccou, não se fará memoria contra elle: juizo e justiça fez, certamente, viverá. Desviando-se o justo da sua justiça, e fazendo a iniquidade, morrerá n'ella. E convertendo-se o impio da sua impiedade, e fazendo juizo e justiça, elle viverá por elles». (Ezeq. 33:13—19).

Notemos aqui, Deus no primeiro caso diz que o justo *certamente viverá*. Vemos igualmente que esse decreto de Deus, póde ser completamente annulado por desviar-se o justo do caminho recto, dando logar a um segundo decreto: «*Elle morrerá*».

No segundo caso temos Deus decretando que «*o impio certamente morrerá*». Mas o impio desviando-se da sua impiedade, igualmente desvia-se o decreto de Deus, Deus mesmo dizendo: «*Viverá, não morrerá*».

6. A verdade é, que os decretos immutaveis de Deus, em vez de designarem e predestinarem para a salvação Pedro e João e, igualmente predestinando, deixarem Judas e Alexandre em seus peccados, e por isso

ordenando-os para a perdição eterna, teem provido recursos sufficientes para todos, decretando salvação a todos aquelles que empregarem esses recursos e, igualmente, decretando a condemnação de todos aquelles que indignamente desprezarem a bondade Divina que a tão grande custo offereceu-lhes a salvação. Assim, os caminhos de Deus são iguaes e as dispensações Divinas demonstram a grande bondade e justiça do Ser Supremo. O eterno proposito de Deus em punir a injustiça, levou-O a declarar pela bocca de Jonas, que a impenitente cidade de Ninive havia de cahir dentro de quarenta dias ; mas o espirito d'aquelle povo, avisado do decreto de Deus, ácerca da injustiça d'elles e, sabendo que era impossivel mudar-se o Seu decreto, elles reconheceram que o unico meio de escaparem era mudar a si mesmos ; e arrependendo-se das suas iniquidades, elles assim se abrigaram n'um outro principio e decreto eterno do Ser Divino ; a saber, misericordia a qual estende a salvação a todos os verdadeiros arrependidos. Quando em sua impenitencia, em conformidade com o justiça divina, Deus não podia fazer outra cousa, sinão castigal-os por causa das suas iniquidades, quando elles abandonaram e arrependeram-se dos seus peccados, a bondade Divina não podia fazer outra cousa, sinão poupal-os e perdoal-os. Vemos pois, que em logar de Deus predestinar a salvação de uma pessoa, e, igualmente predestinando, deixar a outra, não ha logar na Palavra de Deus para tal asseveração.

II. Textos empregados pelos Calvinistas para provarem a Eleição Individual e a Predestinação absoluta

I Passamos em seguida á consideração d'aquellas passagens, cuja má interpretação, tem dado origem á doutrina da eleição pessoal e predestinação individual.

1. Primeiramente notamos o que se diz ácerca de

Jacob e *Esaú* : «Porque não tendo elles ainda nascido, nem tendo feito bem nem mal, para que o proposito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme não por causa das obras, mas por aquelle que chama, foi-lhe dito (a Rebecca): o maior servirá o menor Como está escripto: Amei Jacob, e aborreci Esaú. Que diremos pois? Que ha injustiça com Deus? De maneira nenhuma. Pois diz a Moysés : Compadecer-me-hei do que me compadecer, e terei misericordia de quem eu tiver misericordia. De sorte que não é do que quer, nem do que corre, mas de Deus que se compadece». (Rom. 9 11—14).

«A eleição de que se fala aqui, não é uma eleição pessoal e individual de Jacob para a vida eterna e de Esaú para a condemnação eterna ; mas tem referencia á eleição da posteridade de Jacob para serem o depositario da Revelação, preparatoria á introducção do Salvador por quem todas as nações haviam de ser abençoadas. Esta interpretação é a unica que se pode deduzir da linguagem da passagem inteira em Genesis, de que o Apostolo citou apenas um fragmento: «E o Senhor lhe disse (a Rebecca): *Duas nações ha* no teu ventre, e *dois povos* se dividirão das tuas entranhas, um povo será mais forte do que o outro povo, o maior servirá o menor». E' claro pois que os nomes Jacob e Esaú foram usados no sentido representativo ; a prophecia não tinha referencia a Jacob e Esaú como individuos, mas sim a Jacob e Esaú como duas nações, ou dois povos, e foi com este significado que foi dicto : «Um povo será mais forte do que o outro povo e o maior servirá o menor»; porque como individuo Esaú nunca serviu a Jacob. A passagem no primeiro Capitulo de Malachias, da qual o apostolo Paulo citou um trecho, indica que foram as *nações* dos Israelitas e Edomitas, e não ás pessoas de Jacob e Esaú que eram os objectos da prophecia: «Carga da palavra do Senhor contra Israel

pelo ministerio de Malachias: Eu vos amei, diz o Senhor; mas vós dizeis: em que nos amaste? Não foi Esaú irmão de Jacob? disse o Senhor, todavia amei a Jacob, e aborreci a Esaú: E fiz dos seus montes uma assolação, e dei a sua herança aos dragões do deserto. Ainda que Edom dizia (não Esaú pessoalmente): «Empobrecidos somos», etc. Vemos pois que a passagem nada diz da eleição pessoal de Jacob, nem da correspondente rejeição individual de Esaú. Mas a eleição de que se fala não é pessoal sinão nacional, mostrando que as bençãos não são aquellas relacionadas com a vida eterna, mas bençãos temporaes relacionadas com a nação de Israel, como depositaria da Revelação de Deus». (1).

2. Mais outra passagem que os Calvinistas citam para sustentar a sua theoria é aquella que se refere a Pharaó. Porque diz a Escriptura sobre Pharaó: «Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja annunciado em toda a terra; de sorte que se compadece de quem quer, e endurece a quem quer Dir-me-has, então: Porque se queixa ainda? porquanto, quem resiste a sua vontade? Mas antes, ó homem quem és tu que contestas contra Deus? Porventura a cousa formada dirá ao que a formou: Porque me fizeste assim? ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para deshonra? E, si Deus, querendo mostrar a Sua ira, e dar a conhecer o Seu poder, supportou com muita paciencia os vasos da ira preparados para a perdição; e para dar a conhecer as riquezas da Sua gloria nos vasos de misericordia, que para gloria já dantes preparou, os quaes somos nós, a quem tambem chamou, não só d'entre os Judeus, mas tambem d'entre os Gentios». (Rom. 9:17—24).

Sobre este texto os Calvinistas sustentam que Pha-

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

raó aqui está representado como um exemplo de eterna reprovação, sendo creado com o expresso proposito que o poder de Deus fosse mostrado em sua destruição eterna. Mas que tal não é o significado do texto se vê das seguintes considerações.

(1). A palavra aqui traduzida «levantei», no grego é *Exigeira* termo este que não quer dizer crear, mas ficar em pé ou permanecer. E' evidente, pois, que tem referencia a preservação de Pharaó e seu povo para serem os instrumentos da annunciação do poder de Deus, não pela destruição eterna de Pharaó, mas no livramento do povo de Israel. A passagem diz: «Para em ti mostrar o meu poder»; não na tua eterna punição, mas «para que o meu nome seja annunciado em toda a terra»: «E si Pharaó não endurecesse o seu coração, antes o tivesse cedido ás evidencias e poder milagrosos do verdadeiro Deus, elle teria sido o instrumento honrado de proclamar, desde a sua posição eminente sobre o throno do Egypto, que o Deus d'Israel era o verdadeiro Deus; e por isso, que todas as nações e povos deviam honral-O e servil-O; e deste modo teria mostrado o poder de Deus, e annunciado entre todos os Egypcios, bem como entre todas as nações, com as quaes tinham relações, algum conhecimento do verdadeiro culto. Mas o Rei do Egypto voluntariamente resistiu a verdade, recusou conhecer o dominio de Jehovah, e impiamente perguntou: «Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir a Israel?» Então Deus determinou mostrar o Seu poder em Pharaó, por mandar praga após praga, assim dando-lhe outras opportunidades e mais testemunhas, que, a fama destas maravilhas e da notavel quéda dos Egypcios podessem se espalhar entre todas as nações. Mas em tudo isso não se encontra palavra alguma acerca de Pharaó ser creado, nem que foi levantado, com o fim expresso que Deus mostrasse Seu poder na eterna des-

truição d'elle. Foi o designio, segundo a evidente declaração das Escripturas, não que Deus mostrasse o Seu poder na destruição eterna de Pharaó, mas em annunciar o seu proprio nome em toda a terra». (1)·

(2.) «Os Calvinistas tomam a posição que o endurecimento do coração de Pharaó, foi effectuado por influencia directa ou influxo positivo de Deus. Mas que tal não é a verdade evidencia-se do seguinte: Ha dois sentidos em que se póde dizer que Deus endureceu os corações dos homens; e é provavel que os dois sentidos tivessem a sua operação no caso de Pharaó e seu povo.

«O primeiro sentido em que se póde dizer que Deus endurece o coração d'alguem, é por dispensar-lhes misericordia com o expresso designio que elles sejam humilhados em contricção e levados a uma reforma; entretanto, si elles resistem taes misericordias, terá por consequencia natural que elles serão deixados mais obdurados e endurecidos que antes. Neste sentido é, que no Evangelho se chama «o cheiro de morte para morte nos que se perdem», (2 Cor 2 : 16) e os impios são representados como desprezando as «riquezas da benignidade e paciencia e longanimidade de Deus», e segundo sua dureza e coração impenitente, «enthesouram ira para o dia da ira». (Rom. 2:4—5). Do mesmo modo o Senhor supportou com muita paciencia «os vasos da ira, preparados para perdição, isto é, Elle longamente supportou os Egypcios, e os livrou e os levantou de muitas pragas, para que elles vissem o Seu poder e fossem guiados a reconhecer o Seu dominio.

«O segundo sentido em que se póde dizer que Deus endurece os corações dos homens, é aquelle de sentença judicial, ou uma privação da Sua graça restringente. Isto tem logar depois que os ho-

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

mens teem uma experiencia sufficiente, e são fielmente avisados, e soffridos por muito tempo. Mas isto não se effectua por qualquer exercicio activo do poder Divino sobre elles, nem qualquer infusão positiva do mal dentro d'elles, mas é antes, o resultado necessario de Deus cessar de mandar os Seus prophetas e ministros, e o reter d'elles o Espirito Santo». (5).

As seguintes palavras do Calvinista, Macknight, sobre este assumpto merecem consideração. Diz elle, «si neste logar se entende nações, o seu endurecimento por Deus, significa que Elle deixou-lhes opportunidade de endurecerem-se a si mesmos, pelo exercicio de paciencia e longanimidade para com ellas; isto foi o modo por que Deus endureceu a Pharaó e aos Egypcios «Eu porém endurecerei o coração de Pharaó; e multiplicarei na terra do Egypto os meus signaes, e as minhas maravilhas». (Exo. 7:3). Porque quando Deus removeu as pragas umas após outras, os Egypcios tomaram occasião dessa cessação para endurecerem-se seus proprios corações. Porque assim se diz: «Vendo pois Pharaó que havia descanço, aggravou (endureceu) o seu coração, e não os ouviu como o Senhor tinha dito». (Exo. 8:15, vede tambem Exo. 8:32). Si a expressão, «endurece a quem quer», fôr entendida a respeito de individuos, ella não póde significar que Deus endurece os seus corações por qualquer exercicio positivo do Seu poder sobre elles; sinão por Elle não executar logo a Sua sentença contra as suas más obras, assim permittindo que elles continuem em suas iniquidades, pelas quaes elles endurecem-se a si mesmos. E quando chegam a uma certa altura, Elle retem as admoestações dos prophetas e dos justos, e até retira Seu Espirito Santo d'elles, segundo foi declarado aos ante-deluvianos «não contenderá o meu Espirito para sempre com o homem». (Gen. 6:3). Os exemplos de Jacob e de Esaú, e dos

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

Israelitas e Egypcios, são mui propriamente apresentados pelo Apostolo n'essa occasião, para mostrar que sem injustiça Deus podia punir ou castigar os Israelitas, por causa de sua desobediencia, rejeitando-os, fazendo os crentes gentios Seu povo em logar d'esses».

E' claro pois que as Escripturas não dão razão alguma para crer-se que Deus endureceu o coração de Pharaó, por uma influencia directa e infusão positiva do mal.

(3). Em terceiro logar os Calvinistas referem-se ao poder do «oleiro sobre o barro para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para deshonra. Querem fazer esta parabola representar o direito de Deus em crear um homem expressamente para a vida eterna e outro para a perdição eterna. Mas que tal não é o ensino do texto, veremos da citação da parabola inteira da Prophecia de Jeremias, a qual o apostolo refere-se na passagem citada.

A parabola inteira é a seguinte: «A palavra do Senhor que veiu a Jeremias, dizendo: Levanta-te, e desce á casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras. E desci á casa do oleiro, e eis que estava fazendo a sua obra sobre as rodas. E o vaso que elle fazia de barro, quebrou-se na mão do oleiro; então tornou a fazer d'elle outro vaso, conforme ao que pareceu bem aos olhos do oleiro fazer. Então veiu a mim a palavra do Senhor, dizendo: Porventura não poderei Eu fazer de vós como este oleiro, *ó casa de Israel?* Diz o Senhor: Eis que como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, *ó casa de Israel.* No momento em que falarei contra *uma nação*, e contra *um reino*, para arrancar, e para derribar, e para destruir; si a *tal nação* porém contra a qual falar, se converter da sua maldade, tambem Eu me arrependerei do mal que lhe cuidava fazer. No momento em que falarei de *uma gente* e *de um reino*, para edificar e para plantar, si fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvido

a minha voz, então me arrependerei do bem que tinha dito que lhe faria». (Jer. 18:1—10).

Aqui facilmente se vê que tem referencia, não á eleição individual, mas sim á nações e reinos, não com referencia á perdição eterna, mas á destruição da vida nacional, e do corpo politico de tal reino; e foi habilmente citada esta passagem pelo apostolo Paulo, para demonstrar a justiça de Deus, na rejeição da nação Judaica, por causa da incredulidade; ao mesmo tempo acceitando aos gentios sobre os principios da fé, não que todos os Judeus fossem individualmente consignados á perdição eterna, porque todos sabem que muitos entre estes, eram os mais fervorosos entre os primitivos christãos, nem que todos os gentios foram eleitos para a vida eterna; porque, muitos entre estes, desprezaram a offerta da salvação em Christo, e, assim, a sorte delles é a mesma como a dos Judeus incredulos. A parabola que citamos, mostra o *modus operandi* de Deus em lidar com as nações. O oleiro designou, primeiramente, a fabricação de um vaso para honra, e só depois de quebrar-se o vaso nas suas mãos, é que elle tornou a fazer um vaso inferior; semelhantemente em levantar uma nação, si ella não conformar-se ao seu designio original, Deus como o oleiro, faz della um vaso inferior; e, si ella por sua incredulidade e desobediencia, resiste aos esforços do oleiro celeste, então, será arrancada, derribada e destruida; e os vasos que podiam ter sido para honra, são, por causa das suas proprias iniquidades, preparados para a perdição.

3. Em conclusão, notaremos o argumento dos Calvinistas derivado das Escripturas, que falam sobre a *predestinação*

(1.) «Como nos elegeu n'Elle antes da fundação do mundo, para que fossemos santos e irreprehensiveis diante d'Elle em caridade; e nos predestinou para filhos de adopção por Jesus Christo para Si mesmo, segundo o beneplacito de Sua vontade, para que n'Aquelle em

quem tambem fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o proposito d'Aquelle que faz todas as cousas, segundo o conselho de Sua Vontade; para que fossemos para louvor da Sua gloria, nós, os que primeiro esperamos em Christo.» (Eph. 1:4,5,11,12.) Os Calvinistas ensinam que a eleição e predestinação foram feitas arbitrariamente, « isto é, sem qualquer razão senão que Deus assim o quiz; e, com este significado, elles têm interpretado a segunite clausula da passagem em consideração: «Segundo o beneplacito de Sua Vontade». Entretanto, esta phrase não tem tal significação absoluta. «O beneplacito de Sua Vontade», significa a concordancia plena e benevolente da vontade de Deus com o sabio e gracioso acto; e, por isso, no verso onze, a phrase está variada, «segundo o *conselho* de Sua Vontade», expressão esta que está em plena divergencia com a refulgente noção, de que mera vontade é, em qualquer caso, a regra da conducta Divina, ou, em outras palavras, que Elle faça cousa alguma meramente porque Elle assim quer; o que excluiria *todo o conselho*. O escolher homens, para a salvação, considerados como crentes, dá razão pela eleição que não sómente manifesta a sabedoria e a bondade de Deus, mas que tambem tem a vantagem de estar em inteira harmonia com o Seu proprio decreto expresso e publicado: «Quem crer será salvo, mas quem não crer será condemnado.» Devemos crer que este decreto revelado e promulgado, foi segundo Seu proposito eterno, e, desde a eternidade Elle determinou que crentes, e sómente crentes em Christo, entre a raça decahida, seriam salvos; por isso, a conclusão irresistivel é, que aquelles que Elle elegeu em Christo, «antes da fundação do mundo», não foram considerados meramente como homens arbitrariamente designados, porque tal caso não daria razão alguma de escolha em qualquer ente racional, muito menos no bemdicto Deus, mas como homens

crentes, harmonizando assim a doutrina da eleição com as outras doutrinas das Escripturas, em vez de collocal-a em opposição a estas, como faz o systema Calvinista.»

«Porque não sendo a eleição de certos homens como taes, porém, todas as pessoas crentes; e, todo o homem a quem fôr prégado o Evangelho, sendo chamado para crer, esse homem possa collocar-se no numero das pessoas assim eleitas. Assim, ficamos livres da doutrina de um fixo e determinado numero de homens; como, tambem, daquella terrivel consequencia, a saber, a absoluta reproducção de todos os mais. Consequencia esta, que bem poucos dos mesmos Calvinistas têm coragem para advogar e manter.» (1)

Diz o Dr. Ralston: «Que a passagem em Ephesios refere-se especialmente ao chamado dos gentios para a communhão do Evangelho, é evidente do ensino geral da Epistola. O apostolo continuando a discorrer sobre o mesmo assumpto, fala no terceiro capitulo do «mysterio», que lhe foi manifestado pela «revelação.» Aqui, então, está o claro commentario quanto ao significado do termo predestinação, e do mysterio da vontade de Deus, «segundo o Seu beneplacito, proposto em si mesmo», de que se fala no primeiro capitulo. Mas, si ainda fôr arguido como pensa Macknight, que haja aqui referencia á predestinação pessoal para a vida eterna, não negamos a allegação; ainda que a predestinação nacional dos gentios é o ponto directamente indicado pelos apostolos; entretanto, esta foi sempre contemplada e designada para promover a eterna salvação de individuos. Mas, no momento em que contemplamol-a como a predestinação pessoal para a vida eterna, ella torna-se condicional. Os gentios foram abrangidos, só no sentido de se tornarem crentes, e, sob a condição de sua fé. Isto é claro dos versos 12 e 13 do primeiro Capitulo: «Para que fossemos, para louvor da Sua glo-

---

(1) Watson's. Institutes.

ria, nós, os que *primeiro esperamos em Christo,* em quem tambem vós estaes *depois que ouvistes a palavra da Verdade,* a saber, o Evangelho de vossa salvação, no qual tambem *havendo crido* », etc. «Vemos, pois, que sentido algum póde se ligar ao assumpto, que dê razão para a predestinação do Systema Calvinista.» (1)

(2.) A outra passagem citada pelos advogados do Calvinismo, é a seguinte: « E sabemos que todas as cousas contribuem juntamente para o bem daquelles que são chamados por Seu decreto. Porque, os que dantes conheceu, tambem os predestinou para serem conforme á imagem do Seu Filho; para que seja o primogenito entre muitos irmãos. E os que predestinou, a estes tambem chamou: e aos que justificou, a estes tambem glorificou.» (Rom. 8:28—30.)

Commentando esta passagem, o Dr Ralston, diz: «Pensamos que são incluidas aqui a predestinação nacional e tambem a pessoal.»

(A.) «Os Gentios como um povo, porque Deus dantes conheceu que elles creriam e abraçariam o Evangelho, foram predestinados para o gozo dos seus previlegios.

(B.) «Porque Deus dantes conheceu os crentes verdadeiros e perseverantes, e, como taes, foram predestinados «para serem conforme á imagem do Seu Filho.» Elles foram «chamados, justificados e glorificados» ; mas, tudo isto, foi conduzido segundo o plano regular do Evangelho. Sua predestinação basêa-se na presciencia de Deus, a qual os contemplava como sujeitando-se á condição de fé ensinada no Evangelho. Aqui, então, não vemos razão alguma para sustentar a theoria Calvinista de uma eleição absoluta ou predestinação incondicional para a vida eterna irrespectiva de fé ou de boas obras. (2)

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

(2) Ralston's, Elements of Divinity.

CAPITULO XX

Wesley e os Decretos Calvinistas

A propiciação não somente se fez por todo o homem, mas a graça de Deus faz possivel que todo o homem acceite os beneficios que ella outorga. Sobre esse assumpto tão vital, achamos bom transcrever uma parte d'um discurso do Rev João Wesley sobre a *Livre Graça.*

1. «*Mas é livre para todos, bem como em todos?* »

A isto responderão alguns, «não, é livre somente para aquelles que Deus tem ordenado para a vida; e elles são apenas seu rebanho pequeno. A mór parte da raça humana Deus tem ordenado para a morte; não é pois livre para elles. Estes, Deus aborrece; e, por isso, antes delles terem nascido, decretou que elles morressem eternamente. E isto elle decretou absolutamente; porque assim foi o seu beneplacito, porque foi de sua soberana vontade. Portanto elles nasceram para isso—para serem destruidos, corpo e alma no inferno. E elles crescem sob a irrevogavel maldição de Deus, sem probabilidade alguma de redempção; porque a graça que Deus lhes dá, Elle dispensou somente para isto; para augmentar e não para obviar a sua condemnação. »

(1.) Eis o decreto da predestinação; mas parece que ouço alguem dizendo: Esta não é a predestinação que eu ensino, eu ensino sómente a eleição pela graça.

O que eu creio não é mais que isto—que Deus, antes da fundação do mundo, elegeu um certo numero de homens para serem justificados, santificados e glorificados: todos estes serão salvos e nenhum outro; por-

que o resto da raça humana, Deus deixa a si mesmo: assim seguem as imaginações dos seus proprios corações, que são sómente maus de continuo, e ainda de mal a peior são castigados justamente com a punição eterna.

(2.) E' isto então tudo que ensinas acerca da predestinação?

Considerae bem, talvez não seja tudo. Não acreditaes que Deus os ordenou para este mesmo fim? Si assim fôr, acreditaes o decreto inteiro; e ensinaes a predestinação como acima ficou descripto. Talvez penseis que não. Não acreditaes que Deus endurece os corações daquelles que perecem? Não acreditaes que Elle literalmente endureceu o coração de Pharaó; e que foi para este fim que Deus o levantou ou creou? Então isto quer dizer a mesmissima cousa.

Si acreditaes que Pharaó ou qualquer outro homem sobre a terra, foi creado para este fim—para ser condemnado—ensinaes tudo que tem-se dito da predestinação. E não é preciso que accrescenteis que Deus sustenta o seu decreto, o qual se suppõe immutavel e irresistivel, por endurecer esses vasos de ira que esse decreto tem dantes preparado para perdição.

(3.) Bem, póde ser que não acrediteis até nisto; que não ensineis qualquer decreto de reprovação; que não penseis que « Deus decretou homem algum para ser condemnado, nem endurecido, nem irresistivelmente preparado para condemnação; sómente dizeis que Deus decretou *eternamente*—todos sendo mortos em peccados—que Elle diria a alguns dos ossos seccos, vivei, e a outros não diria assim; e, por consequencia, os mortos permaneceriam na morte—os primeiros glorificariam a Deus em sua salvação e os outros por sua destruição. »

(4.) Não é isto que quereis dizer pela phrase eleição da graça? Si assim é, farei uma ou duas perguntas: São salvos todos aquelles que não foram assim

eleitos? ou foram salvos todos desde a fundação do mundo? E' possivel que homem algum, seja salvo si não fosse assim eleito? Si dizeis, não, estaes ainda onde estaveis; não mudastes nem siquer a espessura de um cabello; ainda acreditaes que, em consequencia de um immutavel e irresistivel decreto de Deus, a mór parte da raça humana permanece na morte, sem possibilidade alguma de redempção; visto que ninguem sinão Deus póde salval-o. Acreditaes que Elle decretou absolutamente que não os salvaria; e que quer dizer isto sinão decretar a condemnação delles? Isto effectivamente vem a ser, nem mais, nem menos, a mesma cousa; porque si estaes mortos, e impotentes para fazer-vos a vós mesmos vivos, e si Deus tem absolutamente decretado fazer que sómente outros vivam e não vós, Elle tem absolutamente decretado a vossa morte eterna. Assim, ainda que usaes de palavras mais brandas do que alguns, significaes a mesma cousa e os decretos de Deus concernentes a eleição da graça, segundo a theoria que sustentaes acima d'ella, importam nem mais nem menos do que aquillo que outros chamam o decreto Divino de reprovação.

(5.) Qualquer que seja o nome pelo qual chameis a vossa eleição, preterição, predestinação ou reprovação. ella vem a dar na mesma cousa; o seu significado claro é este—por virtude de um eterno, immutavel e irresistivel decreto de Deus, uma parte da raça humana é infallivelmente salva, e a outra infallivelmente condemnada; sendo impossivel que a primeira fosse condemnada, ou que a segunda fosse salva.

(6.) Mas se assim fôr, então é vã toda a prégação.

E' desnecessaria para aquelles que são eleitos; porque estes, quer com a prégação, quer sem prégação, salvar-se-ão infallivelmente. Por isso o fim da prégação—para salvar almas—é vão com respeito a elles.

Da mesma fórma é inutil para aquelles que não são eleitos; porque para estes não póde haver possibi-

lidade de se salvarem: elles, quer com prégação e quer sem prégação, infallivelmente serão condemnados. Por isso o fim da prégação é igualmente nullo com respeito a estes. Assim em ambos os casos, nossa prégação é vã, como a vossa assistencia tambem é vã.

Isto então é a clara demonstração que a doutrina da predestinação (dos Calvinistas) não é doutrina de Deus, porque ella faz nulla a ordenança de Deus; e Deus não é dividido contra Si mesmo.

2. Em segundo logar, esta doutrina tem a tendencia directa para destruir aquella santidade que é o fim de todas as ordenanças de Deus. Não digo que aquelle que tem essa doutrina como verdade, não seja santo (porque Deus é de grande misericordia para aquelles que são inevitavelmente entrelaçados em quaesquer erros); mas que a doutrina mesma—que é eleito ou não eleito desde a Eternidade, que um inevitavelmente se salvará; emquanto o outro inevitavelmente será condemnado—tem uma clara tendencia para destruir a santidade em geral; porque ella retira inteiramente aquelles principios incentivos para seguir após ella, tão frequentes vezes propostos nas Escripturas; a esperança de uma recompensa futura, e o temor do castigo; a esperança dos céus e o medo do inferno. Que estes entram n'uma eterna punição e aquelles na vida eterna, não é incentivo para se luctar pela vida. Quem acredita que a sua sorte já está fixa, não é razoavel que assim fizesse, si elle julgar que está inalteravelmente sentenciado quer á morte quer á vida. Dir-me-eis, « que elle não sabe si é para a vida ou para a morte». O que então! Isto em nada melhora o assumpto; porque si um doente souber que inevitavelmente vae morrer ou que elle inevitavelmente vae se restabelecer, ainda que não saiba qual dos dois é contra a razão que elle tome algum remedio.

Elle podia dizer com justiça, (e assim tenho ouvido alguns fallarem, tanto da sua doença corporal, como

da espiritual); « si eu fôr ordenado para a vida, viverei; si á morte, morrerei; assim não preciso me incommodar acerca disso.»

Quão directamente esta doutrina trabalha para fechar a mesma porta de santidade em geral— oppôr que os homens impios queiram approximar-se á ella, ou se esforcem por entrar por ella!

(1.) Quão directamente esta doutrina influe na destruição dos diversos ramos essenciaes de santidade, taes como mansidão e amor—amor, quer dizer, aos nossos inimigos—para com os mais ingratos. Não digo que aquelles que teem por verdade esta doutrina, não teem mansidão e amor; (porque como o poder de Deus assim tambem é a sua misericordia) mas que ella naturalmente influe para inspirar, augmentar e aguçar a altivez do genio, que é muito contraria á mansidão de Christo; como apparece claramente quando são oppostos na sua theoria. Da mesma forma ella naturalmente inspira desdem ou frieza para com aquelles que suppomos serem os abandonados de Deus. Dir-me-eis, « mas eu não supponho ser reprobo, qualquer homem em particular.» Quereis dizer que não farias assim se podesseis evital-o, mas não podeis evitar a applicação, ás vezes, de vossa doutrina geral, a predestinação em particular; o inimigo de nossas almas applical-a-á por vós. Sabeis quantas vezes elle já tem feito assim. Mas rejeitastes o pensamento com aborrecimento, Sim, tão cedo como podestes; mas quanto fermentou e aguçou o vosso espirito?..... Bem sabeis que não foi o espirito de amor que então sentistes, para com aquelle pobre peccador, que suppuzestes ou suspeitastes, fazer o que fizesse, ter sido aborrecido de Deus desde a eternidade.

3. Em terceiro logar; esta doutrina influe para destruir a consolação da religião, a felicidade do Christianismo.

Isto é evidente ácerca de todos aquelles que julgam-

se a si mesmos reprobos, ou mesmo aquelles que somente suspeitam ou temem tal fim; todas as grandes e preciosas promessas são para elles perdidas, ellas não dão nem siquer um. raio de consolação, porque elles não são os eleitos de Deus; por isso elles não teem nem sorte nem parte nellas. Isto é uma barreira efficaz para elles não acharem consolação ou felicidade alguma, mesmo naquella religião cujos caminhos são destinados como « caminhos de delicias, e todas as suas veredas paz ».

(1.) Para vós que acreditaes ser os eleitos de Deus, qual a vossa felicidade?! Oxalá que não seja mera idéa, nem crença especulativa; mas uma sensivel posse de Deus em vossos corações, operada em vós pelo Espirito Santo, ou testemunho do Espirito de Deus ao vosso espirito que sois filhos de Deus. Isto que os outros chamam a plena segurança da fé, é a verdadeira base da felicidade do christão. Em verdade ella significa a plena segurança de que todos os vossos peccados do passado são perdoados, e que vós sois *agora* filhos de Deus mas não significa absolutamente, a plena segurança de nossa perseverança futura.

(2.) Mais! Quão desagradavel pensamento é este, que milhares e milhares de homens, sem qualquer offensa dantes commettida por sua parte, foram immutavelmente condemnados ás chammas eternas! Quão desagradavel deve ser para aquelles que teem se revestido por Christo! Para aquelles que estando cheios de entranhas de misericordia, ternura e compaixão; e que podiam até desejar « ser separados de Christo por amor de seus irmãos! »

4. Em quarto logar Esta desagradavel doutrina influe directamente para a destruição de nosso zelo para as boas obras. Porque, como já temos visto, ella influe naturalmente para destruir nosso amor á mór parte da raça humana, a saber, aos máos e ingratos. Porque o

que diminue o nosso amor deve em igual medida diminuir o nosso desejo de fazermos bem. E tambem esta doutrina destroe um dos incentivos mais fortes a todos os actos de misericordia material. Taes como alimentar os famintos, vestir os nús, etc.,—a saber, a esperança de salvar as suas almas da morte.

Porque que aproveita soccorrer as necessidades temporaes daquelles que estão prestes a cahir no fogo eterno?

«Bem; corremos para retiral-os como lenha do fogo.» Não julgaes isto impossivel, e dizeis que elles foram ordenados para isso desde a eternidade, antes delles terem feito bem ou mal. Acreditaes que é a vontade de Deus que elles morram, e quem tem resistido a sua vontade? Mas dizeis que não sabeis, si pertencem a uma classe ou a outra—si são eleitos ou reprobos—todo o vosso trabalho é nullo e vão. Tanto n'um caso como n'outro, vosso conselho, exhortação ou admoestação é tão desnecessario e inutil como a vossa prégação.

E' desnecessario para aquelles que são eleitos; porque, ou com ella ou sem ella serão infallivelmente salvos. E' inutil para aqnelles que não são eleitos; porque quer com elle, quer sem elle, serão infallivelmente condemnados; não podeis, pois, consistentemente com os vossos principios, tomar qualquer cuidado acerca da sua salvação. Por consequencia, esses principios influem directamente para destruir vosso zelo por boas obras, por todas as boas obras; mas especialmente pela maior parte de todos, a salvação de almas da morte.

5. Em quinto logar: Essa doutrina não somente influe para destruir a santidade, felicidade e boas obras do christão, mas tambem manifesta uma tendencia directa para destruir toda a revelação christã.... porque é na supposição de que, por decreto immutavel e eterno, uma parte da raça humana deve ser salva, ainda que a

revelação Christã não estivesse em existencia, e a outra parte da raça humana deve ser condemnada, mesmo na face dessa revelação—o que deseja mais o incredulo do que isso? Concedeis-lhe tudo o que elle exige; em fazer o evangelho assim desnecessario a todas as classes de homens cedeis inteiramente a causa christã. Oh! «não o noticieis em Gath, não o publiqueis nas ruas de Ascalon para que não se alegrem as filhas dos Philisteus, para que não saltem de contentamento os filhos dos incircumcisos:» para que os filhos da incredulidade não saltem de triumpho!

(1.) E como esta doutrina influe directamente para destruir toda a revelação christã, assim influe para mesmissima cousa em fazer a revelação contradizer-se a si mesma, porque ella é baseada em tal interpretação de alguns textos (poucos ou numerosos em nada altera a questão), como plenamente contradizem todos os outros textos, como tambem a extensão e theor geral das Escripturas. Por exemplo; os advogados desta doutrina interpretam aquelle texto das Escripturas, «amei Jacob e aborreci Esaú,» como significando que Deus, em sentido litteral, aborreceu a Esaú e a todos os reprobos, desde a Eternidade. Agora o que póde ser uma contradicção mais clara do que esta, não somente ao ensino e theor geral das Escripturas, mas tambem a todos aquelles outros textos que constante e expressamente declaram que Deus é amor! Mas elles deduzem d'aquelle texto, «terei misericordia de quem tiver misericordia» (Rom. 9:15) que Deus é amor somente a alguns homens, a saber os eleitos, e que por estes só tem misericordia, claramente contrario ao theor geral da Escriptura, expressamente declarado na passagem seguinte: «O Senhor é bom para todos e as suas misericordias são sobre todas as suas obras. (Psalmo 145:9.)»

Mais ainda, elles deduzem d'aquelles e de outros textos similhantes «não é do que quer, nem do que cor-

re, mas de Deus que se compadece, » que elle somente mostra misericordia áquelles aos quaes tinha considerado desde a eternidade. Quem é que agora contesta a Deus? Agora contradizeis todo o oraculo de Deus, o qual declara por toda parte, « que Deus não faz accepção de pessoas (Actos 10:34); » porque para com os seus não ha accepção de pessoas (Rom. 2:11). Outra prova é aquelle texto, que não tendo elles ainda nascido, nem tendo feito nem bem nem mal, para que o proposito de Deus, segundo a eleição ficasse firme, não por causa das obras, mas por Aquelle que chama, foi-lhe dito (a Rebecca): O maior servirá o menor; inferis que a nossa predestinação ou eleição de modo algum depende da presciencia de Deus. Diametralmente contrario a isto são todas as Escripturas que particularmente declaram que somos « eleitos segundo a presciencia de Deus (1. Ped. 1:2) (Rom. 8:29)».

(2.) Porque o mesmo Senhor sobre todos é rico em misericordia a « todos os que o invocam: » (Rom. 10:12.) mas dizeis, não: « Elle é tão sómente misericordioso para aquelles por quem Christo morreu; e esses não são todos, mas sómente uns poucos, os quaes Deus elegeu do mundo: porque elle não morreu por todos mas sómente por aquelles que foram eleitos n'Elle antes da fundação do mundo. (Eph. 1:4). Vossa interpretação, claramente contradiz o theor geral do Novo Testamento; como se vê dos seguintes textos « Não destruas com a tua comida aquelle por quem Christo morreu (Rom.14:15): » prova manifesta que Christo morreu não sómente por aquelles que são salvos, mas tambem por aquelles que perecem: « Elle é Salvador do mundo » (S. João 1.29.); « Elle é a propiciação pelos nossos peccados, e não sómente pelos nossos mas tambem pelos de todo o mundo (S. João 2:2); » « Elle é o Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens. (1 Tim. 4:10.)»

«O qual se deu a si mesmo em preço de redempção por todos» (1.Tim. 2:6) Elle provou «a morte por todos (Heb. 2:4)».

(3.) Si perguntardes, porque é então, que todos os homens não se salvam? Toda a lei dá testemunho e responde; não por causa de qualquer decreto de Deus; não porque é do seu prazer que elles morram; «porque não tomo prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jehovah.» (Ezeq. 18:33.) Si os oraculos de Deus são verdadeiros, seja qual fôr a causa da sua perdição, não póde ser da vontade de Deus, porque declaram as Escripturas: «Elle não quer que alguem se perca, sinão que todos venham a arrepender-se (2. Ped. 3:9.).» «Elle quer que todos os homens se salvem.» (1. Tim-2:4) A Biblia declara a razão porque todos os homens não se salvam, a saber, que elles não querem ser salvos; assim Nosso Senhor expressamente diz: «Vós não quereis vir a mim para terdes vida.» (S. João 5: 40.) «O poder de Deus está presente para os sarar», mas elles não querem ser curados.

«Elles rejeitam o conselho», o conselho do misericordioso «Deus contra si mesmos,» como fizeram os seus duros ante-passados. E por isso estão sem desculpa; porque Deus os salvaria si elles assim quizessem, isto é da condemnação, «quantas vezes quiz Eu ajuntar-vos, e vós não quizestes! (S. Matt. 23 :37.)»

6. Em sexto logar : esta doutrina está cheia de blasphemia........ Porque esta doutrina representa nosso Bemdito Senhor, «Jesus Justo,» «o unigenito Filho do Pae, cheio de Graça e de verdade, » como hypocrita, como enganador do povo, como destituido da sinceridade commum.

Porque não se pode negar, que Elle fala em todo o logar como si quizesse que todos os homens se salvassem. Por isso, o dizer que Elle não quiz que todos os homens fossem salvos seria representai-O como um mero hypocrita e embusteiro.

Não se póde negar que as preciosas palavras que sahiram da sua bocca foram cheias de convites aos peccadores. O dizer então, que Elle não intentou a salvação de todo o peccador, é represental-o como um crasso enganador do povo. Não podeis negar que Elle disse, «Vinde a mim, todos os que andais cançados e opprimidos.» Si então dizeis que Elle chama áquelles que não pódem vir; aquelles que Elle póde habilitar para vir; mas não quer assim fazer; onde existe possibilidade de demonstrar maior falta de sinceridade? Representar ao Senhor como zombando de suas impotentes creaturas offerecendo-lhes aquillo que Elle jamais intentou dar-lhes; representar ao Senhor como dizendo uma cousa e significando outra; como pretendendo um amor que jamais teve, Aquelle em cuja bocca não havia «dolo,» vós o fazeis cheio de decepção, e falsidade, especialmente quando chegando perto de Jerusalem, Elle chorou sobre ella e disse: «Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas, e apedrejas os que te são enviados; quantas vezes *quiz Eu* ajuntar os teus filhos, e *vós não quizestes.*» Agora se vós dizeis, *elles queriam, mas Elle não queria*, vós o representaes (quem póde ouvir tal cousa?) como derramando lagrimas fingidas, como chorando sobre a preza que Elle mesmo tinha destinado á destruição!

(1.) Todos hão de pensar que blasphemia tamanha faria tinir os ouvidos de um christão, mas ainda resta mais, porque á medida que essa doutrina deshonra ao Filho, assim tambem deshonra ao Pae. Destruindo de um golpe todos os Seus attributos: derribando a Sua Justiça, misericordia e Verdade;.sim, ella representa o Santissimo Deus como peior do que o demonio; como mais *falso*, mais *cruel* e mais *injusto*. Mais *falso* porque o diabo, mentiroso como é, não podia ainda que quizesse, ser culpado de tamanha injustiça como attribuis a Deus, quando dizeis que Deus condemnou milhões de

almas ao fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos, por continuarem em peccado, que, por falta daquella graça que Elle não quer lhes dar, elles não podem evitar. E mais *cruel*: porque este espirito infeliz procura descanço, não o achando; de maneira que a sua propria miseria é uma especie de tentação para elle tentar outros. Mas, Deus descança nas alturas do Seu Sanctuario, e, para suppor que Elle do Seu proprio querer, de sua mera vontade e beneplacito, feliz como Elle é, destruiria as suas creaturas, quciram ellas ou não, a sua miseria interminavel, seria imputar tamanha crueldade, como não podemos imputar até ao grande inimigo de Deus e do homem. E' representar o Altissimo Deus (aquelle que tem ouvidos para ouvir, ouça) como mais cruel, mais falso e injusto do que o demonio.

(2.) «Eis a blasphemia claramente contida no *horrivel decreto* da predestinação! E, aqui fico em pé; e, sobre este assumpto protesto contra todo o advogado della. Representaes a Deus como peior do que o demonio; mais falso, mais cruel, mais injusto. Mas, dizeis vós que proval-o-eis pelas Escripturas. Esperae! Que provareis pelas Escripturas? que Deus é peior do que o demonio? Não póde ser. Sejam quaes forem as doutrinas das Escripturas, ellas não podem ensinar isto; qualquer que seja o verdadeiro significado, isto não póde ser o seu verdadeiro ensino. Perguntaes: «Qual é a sua verdadeira significação?» Si eu digo, não sei, nada ganhareis; porque ha muitas Escripturas que nem eu nem vós conheceremos até que a morte seja tragada na victoria. Mas, isto sei eu, que seria melhor dizer que ella não tem significado algum, do que dizer que significa isto. Qualquer que seja a significação, não póde significar que o Deus da Verdade é mentiroso. Seja qual fôr o seu significado, não póde indicar que o Juiz de todo o mundo é injusto. Escriptura alguma póde significar que Deus não é amor ou que a Sua misericordia não é sobre todas as Suas obras.

(3.) Eis a blasphemia que me faz (ainda que eu amo as pessoas que a asseveram) aborrecer a doutrina de predestinação, chame-a o que chamar, eleição, reprovação, ou qualquer outra cousa; vem parar na mesma altura, e, alguem bem póde dizer ao diabo, nosso adversario: tolo, porque andas tu rugindo por mais tempo? As tuas ciladas armadas contra as almas, são tão nullas e inuteis como a nossa prégação. Tu não ouves, que Deus tem tomado o teu trabalho das tuas mãos, e que Elle o faz muito mais effectivamente? Tu, com todos os teus principados e potestades, pedes sómente para assaltar, e nós, ainda podemos resistir; mas Elle póde destruir irresistivelmente tanto o corpo como a alma no inferno; tu pódes sómente tentar; mas o Seu decreto immutavel, deixando milhares de almas na morte, obriga-as a continuar no peccado, até que caiam no fogo eterno. Tu tentas; Elle nos obriga a ser condemnados; porque não podemos resistir á Sua Vontade. Tolo, porque andas tu por mais tempo, buscando à quem tragar? Moloch fez passar somente creanças pelo fogo, e mesmo esse fogo logo se apagou; sómente o corpo corruptivel sendo consumido, seus tormentos findaram-se, mas, tu és informado, que Deus por seu decreto eterno, fixo antes que elles tivessem feito nem bem nem mal, faz que não sómente creanças, mas que os paes tambem passem pelo fogo do inferno, o fogo que nunca se apagará; e o corpo que é lançado nelle sendo agora incorruptivel e immortal, estará sempre queimando, mas jámais consumido, e a fumaça do seu tormento subirá para sempre, porque assim é o beneplacito de Deus.

(4.) «Oh! como o inimigo de Deus havia de se regosijar em ouvir que estas cousas fossem assim? Como elle não levantaria a sua voz, dizendo: A's vossas tendas, ó Israel! Fugi da face deste Deus ou perecereis

eternamente! Mas, para onde ireis? Nos Céos? Elle lá está. Abaixareis ao inferno? Elle está alli tambem. Não podeis fugir do tyranno Todo-Poderoso e Omnipresente. Para onde quer que fugirdes, eu chamo aos Céos Seu throno e á terra, o escalbello de seus pés para testemunharem contra vós, que pereceis eternamente. Cantae, ó inferno; regosijae-vos vós, que estaes debaixo da terra. Porque Deus mesmo, o Todo-Poderoso, tem falado consignando á morte a milhares de almas desde o nascer do sol até o seu poente. Eis aqui está, ó morte, o teu aguilhão! Elles não podem escapar; porque a bocca do Senhor falou. Aqui, ó inferno é a tua victoria! Nações que ainda não nasceram nem tem feito bem nem mal, são condemnadas a nunca verem a luz da vida, mas tu as tragarás para sempre. Cantem todas as estrellas da alva que cahiram com o lucifero filho da manhã! Que todos os filhos do inferno gritem de regosijo, porque o decreto se fez, e quem o poderá desanullar?

(5.) Sim, já publicou-se o decreto; e, assim, foi antes da fundação do mundo. Mas, qual foi o decreto? O seguinte «Porei diante dos filhos dos homens, a vida e a morte, a benção e a maldição. A alma que escolher a vida viverá, e a alma que escolher a morte, morrerá.» Eis o decreto pelo qual Deus «dantes conheceu os que predestinou.» Eis o verdadeiro decreto eterno, pelo qual todos aquelles que permittem que Christo os faça viver, são «eleitos segundo a presciencia de Deus.» Eis que elle fica firme, mesmo como são firmes a lua e as estrellas dos céos; e, quando passarem os céos e a terra, comtudo aquelle decreto não passará; porque é tão immutavel como o é a existencia do mesmo Deus. Este decreto dá o mais forte incentivo para abundarmos em toda a boa obra, em toda a santidade; é uma fonte de prazeres e felicidade, conduzindo para nossa grande e interminavel consolação. Esta

theoria é digna de Deus; e condiz perfeitamente com a Sua natureza. Ella nos dá a vista mais nobre tanto da Sua justiça como tambem da Sua misericordia e verdade. Com ella harmoniza-se todo o theor da Revelação, bem como as suas partes. A esta dão testemunho, Moysés e todos os prophetas, bem como nosso Bemdito Salvador e os Seus apostolos.

Assim, Moysés, em nome do Senhor· «Os Céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a benção e a maldição: escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua semente.» (Deut. 30:19.) Citando um propheta por todos, assim diz Ezequiel «A alma que peccar, essa morrerá: O filho não levará «eternamente» a maldade do pae.... a Justiça do Justo será sobre elle, e a impiedade do impio será sobre elle.» (Ezeq. 18.20) Assim, nosso Bemdicto Senhor: «Si alguem tem sede, venha a mim e beba.» (S. João 7:37). Assim, tambem, Seu grande apostolo Paulo «Deus annuncia agora a todos os homens, e em todo o logar, que se arrependam, (Actos 17:30) «todos os homens e em todo o logar;» todo o homem em todo o logar, sem excepção de logar nem de pessoa. Assim, S. Thiago: «Si algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.» (S. Thiago 1:5.) Assim, tambem, S. Pedro: «O Senhor não querendo que alguns se percam, sinão que todos venham a arrepender-se. (2. S. Ped. 3:9). E, assim, S. João: «Si alguem peccar, temos um advogado para com o Pae, a Jesus Christo, o Justo. E Elle é a propiciação pelos nossos peccados, e não sómente pelos nossos; mas, tambem, por todo o mundo.» (1 S. João 1:1,2.)

(6.) «Ouvi, vós, que vos esqueceis de Deus! Não podeis culpar a Deus com a vossa morte! «Porventura, de qualquer maneira, desejaria eu a morte do impio? diz o Senhor Jehovah.» (Ezeq. 18:23.) «Tornae-vos e

convertei-vos de todas as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropeço. Lançae de vós todas as vossas transgressões, com que transgredistes.... pois, porque razão morrereis, ó casa de Israel? Porque não tomo prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jehovah: Convertei-vos, pois, e vivei.» (Ezeq. 18:30—32.) Vivo Eu, diz o Senhor Jehovah, que não tenho prazer na morte do impio. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, porque morrereis, ó casa de Israel?» (Ezeq. 33.11.) (1)

(1) Wesley's, Sermões, Vol. IV

CAPITULO XXI

A Agencia Livre e a Habilidade

Este assumpto tem sido fructifero em especulações philosophicas e subtilezas metaphysicas. Visto que a *Agencia Livre e a Habilidade* são assumptos de importancia vital em theologia, desejamos, de um modo claro, apresentar e defender o que julgamos ser a verdade philosophica e a these escripturistica. Sobre estes assumptos teem havido duas classes de disputantes—Os advogados da *agencia livre*, no sentido proprio do termo, e os defensores da *necessidade*.

I. O Significado dos termos Agente Moral e Livre

Agente quer dizer um *ente* que *age*. Um *agente moral* é um *ente* que *age em obediencia ou desobediencia a uma lei. regra ou padrão de conducta.* Um *agente moral* e *livre* é um *ente* que *age responsabilisando-se a uma lei, obedecendo ou desobedecendo, sem ser determinado, agido ou obrigado a agir, deste modo, e com pleno poder de escolher o curso diametralmente opposto daquelle que elle tem determinado seguir*

Esta theoria de *agencia livre* é a unica que concorda com a responsabilidade.

Diz o Dr Whedon: «O poder é o alicerce da responsabilidade. Para que um agente seja responsavel por qualquer acto ou estado, é necessario que tenha o poder de commetter o acto ou produzir o estado contrario».

1. Diz o Dr. Ralston «Com respeito á simples questão de *agencia* humana, não ha controversia alguma. Não suppomos que o homem é agente absoluta-

mente independente. Neste sentido existe só um agente no universo e esse é Deus. Só Elle possue o poder auto-existente e independente de agir, quer no mundo physico, quer no moral. O homem e todos os mais entes creados, derivam do grande Creador esse poder de agir, e são dependentes d'Elle por sua continuação. Ainda no exercicio desse poder derivado elles são capazes de agir por si mesmos; são nesse respeito differentes da materia inanimada, que só póde mover-se quando é movida pela força exterior. Tão clara e evidente é a distincção aqui feita, que os que são destituidos da capacidade de vel-a, ou da sinceridade de reconhecel-a, podem ser demittidos da presente investigação.

2. «Que o homem é tambem agente *moral*, é admittido por todos que acceitam a revelação como a verdade. As acções dos homens têm referencia a uma regra de bem e de mal. Elle é capaz de exercitar a virtude ou o vicio, e susceptivel á censura ou ao louvor. Suppomos que todos os advogados da necessidade, que acceitam as Escripturas, promptamente admittem isso.

3. «O seguinte ponto na definição geral que apresentamos, refere-se á *liberdade* ou ao *poder*, que o homem tem para fazer acções moraes. Acha-se aqui o ponto principal da divergencia entre os defensores da agencia livre e os advogados da necessidade. Argumentam os primeiros que o homem, no exercicio de sua agencia moral, não está sob a necessidade absoluta de fazer o que faz, mas que póde fazer differente; emquanto os ultimos sustentam que todos os actos do homem são necessarios, de modo que elle não póde fazer differente d'aquillo que faz.

«Ha na verdade grande diversidade no modo escolhido pelos advogados da necessidade para dar expressão á sua theoria. Uns por palavras reconhecem a agencia livre, e sustentam que o homem possue a liberdade no sentido proprio do termo. Esta é a base toma-

da pelo Presidente Edwards de Nova Jersey, (e tambem do Dr Hodge) e seus numerosos discipulos. Mas por tal liberdade ou poder elles entendem que o homem tem sómente o poder para fazer segundo a sua vontade, ou por outro, que elle tem a liberdade de «agir como lhe apraz». Isto dizem elles, é a liberdade no mais alto sentido, e o unico sentido em que o homem póde possuil-a.

«A definição de liberdade apresentada por Locke em sua notavel obra sobre «o Entendimento Humano,» é esta «Liberdade é o poder de fazer ou não fazer segundo a direcção da intelligencia». Edwards a define como: o poder, opportunidade ou vantagem que qualquer pessoa tem para agir como lhe apraz.» Facilmente se vê que as definições de Locke e Edwards, são uma e a mesma cousa. Neste assumpto Edwards tomou emprestado de Locke o que este ultimo tomou de Hobbes.

«Baseado na definição supra Edwards principiou, e estabeleceu o seu systema; e digamos aqui, foi o principio do seu engano. Infelizmente elle cahiu no erro commum dos fatalistas de todas as escholas—O confundir a *liberdade da intelligencia* com o *movimento corporal.* Na verdade a definição supra não é correcta, nem a respeito da *liberdade mental* nem a respeito da *corporal.* «O poder de fazer como a intelligencia dirige», ou «o poder de agir como nos apraz», póde applicar se somente a *acções* corporaes; e presuppõe um acto mental—uma determinação da vontade—mas nada tem com o poder que produz esse acto ou determinação. Si suppuzessemos por um momento que a definição *supra* fosse applicada á acção da *vontade*, nem por isso poderiamos salvar os doutos e sabios Locke e Edwards da merecida accusação de terem seriamente apresentado como definição importante, nada mais do que uma verdade insignificante. Porque o dizer que podemos re-

solver «como a intelligencia dirige». ou «como queremos» é o mesmo que dizer que *podemos resolver como resolvemos.*

«Que a definição supra, mesmo na mente de Edwards nada tinha com a nossa vontade se vê das seguintes citações. Diz elle: «O que vulgarmente se chama liberdade sómente quer dizer, o poder e opportunidade que qualquer tem para fazer ou agir segundo a sua determinação, ou segundo a sua escolha, sem se incluir no significado da palavra cousa alguma da causa dessa escolha, ou considerar como a pessoa chegou a ter tal volição. Seja qual fôr o modo pelo qual o homem chegue a fazer uma escolha, si elle fôr capaz dessa escolha, e não houver nada que o impeça de proseguir e executar a sua vontade, elle é perfeitamente livre, segundo a noção commum e primitiva de liberdade». Disto se vê que a idéa de liberdade advogada por Edwards, tem applicação ao movimento do corpo, e não á acção mental, e condiz perfeitamente com o mais absoluto fatalismo.

«Mais: Assim como a definição de liberdade apresentada por Edwards, não póde applicar-se propriamente *á acção mental,* tão pouco póde applicar-se *ao poder de acção do corpo* que se nota no homem. Si o poder e a liberdade significam o poder «de agir como nos apraz», então ninguem, sinão o Omnipotente é livre; porque qual é outro ente que póde «fazer como lhe apraz?» E' difficil de se imaginar como Edwards podia advogar a liberdade do homem no sentido por elle designado; porque reflectindo-se um pouco, seria evidente a qualquer um que, segundo essa definição, ninguem póde ser livre. Por exemplo, supponhamos, que eu veja alguem em grande perigo, quer por causa da proximidade de um inimigo, quer por causa do incendio de uma casa em que elle está morando. Os sentimentos de humanidade levam-me á resolução ou á determinação

de salval-o. Faço tudo que puder, mas em vão. Aqui não tenho o «poder de agir como me apraz». Por isso, segundo Edwards, no caso citado, não é possivel que eu seja livre. Sei que póde-se responder que a minha vontade immediata não é salval-o, mas sómente fazer um esforço para este fim, respondo que evidentemente tal não é o caso. Minha vontade primitiva e governante é salval-o. Esta precede, e é a vontade de minha resolução para fazer o esforço. Si em primeiro logar eu não resolvesse a salval-o, nunca poderia produzir uma acção para este fim. Este exemplo deve convencer a qualquer pessoa que ninguem tem o poder de «agir como lhe apraz». Segundo Edwards, pois, ninguem possue a liberdade. Mas segundo a minha humilde opinião a sua definição não tem uma significação demasiada. Liberdade não quer dizer a capacidade de «agir como nos apraz».

«Mas a definição de Edwards é defeituosa em outro sentido. Um homem póde ter poder em certos casos para «agir como lhe apraz» e ainda não ser *livre* Isto se vê da seguinte citação de Locke: «Não póde haver liberdade onde não ha pensamento, nem volição, nem vontade, etc. Assim um homem dando em si mesmo, ou em um seu amigo, pelo movimento convulsivo do seu braço, que elle não póde, nem por volição, nem pela direcção de sua intelligencia, fazer parar ou cessar, ninguem acha nisto liberdade; todos tem dó delle como tendo de agir por necessidade e obrigação. Mas póde haver pensamento, póde haver vontade. Supponhamos que um homem fosse levado, emquanto em um somno profundo, dentro d'um quarto onde estivesse uma pessoa que elle queria muito ver, e alli estivesse elle preso sem poder escapar; dispertando elle regosijar-se-ia em achar-se com um companheiro tão agradavel, com o qual elle desejaria ficar—quero dizer que elle preferiria ficar nesse logar do que sahir. Não é a sua estada

alli voluntaria? Julgo que ninguem póde duvidal-o; entretanto sendo preso elle não tem liberdade nem para ficar nem para sahir». Esta citação de Locke mostra claramente que o homem póde «fazer como lhe apraz», emquanto preso em cadeias sem poder fazer d'outro modo. Nesse caso, pois, elle não póde gozar a liberdade, a não ser que confundamos toda a linguagem, dizendo que liberdade é a mesma cousa como a escravidão ou a necessidade.

«Apresentaremos agora a theoria de liberdade dos philosophos e theologos Armenianos, a qual achamos mais em harmonia com a razão e o bom senso.

1. «Por agente livre, entendemos um ente capaz de agir sem ser necessitado, nem efficazmente obrigado a assim agir por alguma cousa exterior a si; qualquer possuido desse poder tem a propria liberdade.

2. «Deus é um *agente livre*. Todos admittem que só Deus existe desde toda a eternidade. Visto que o universo foi produzido pelo acto de Deus, quando até esse tempo nada existia sinão só Elle, segue-se necessariamente que Deus obrou sem ser obrigado por qualquer cousa exterior a Si; portanto Elle é agente livre no sentido supra.

3. «O dizer que qualquer cousa, fóra Deus é eterna, existe, sem ser causada, no proprio sentido da palavra, é philosophicamente absurdo.

4. «Volição no homem não sendo eterna, deve ser o effeito de uma causa—isto quer dizer, que é o resultado de um poder capaz de produzil-a. O dizer que é sem causa ou que ella causou-se a si mesma, é absurdo.

5. «Não se póde negar que um agente póde agir sem ser efficazmente obrigado, por alguma cousa exterior a si, sem negar igualmente que Deus tivesse o poder de crear o universo.

6. «A idéa de que todo o acto de volição deve resultar necessariamente de uma cousa exterior e efficaz, ou o effeito de uma acção previa de volição, não se póde sustentar sem negar que Deus tivesse originalmente creado o universo do nada. Antes que Elle podesse exercer o poder creador Elle tinha de querer agir desse modo ; e, como nada então existia fóra de Si mesmo, aquella resolução não podia ter resultado de qualquer cousa exterior e efficaz, mas antes foi a operação de sua propria natureza auto-determinadora. O negar que Deus póde crear entes revestidos com o poder auto-determinador, (neste sentido conforme a sua propria imagem), é negar-lhe a omnipotencia.

7. «A questão de summa importancia no assumpto de agencia livre é si o homem é capaz de auto-determinação, e não si elle pode agir independente de Deus ; mas si no exercicio do poder que foi-lhe conferido por Deus, elle é capaz de agir sem ser necessitado ou efficazmente causado por qualquer cousa exterior a si.

8. «Si o homem tem o poder de auto-determinação, então elle é agente livre, e realmente o auctor de suas acções ; mas si não tem esse poder, elle é sómente uma mera machina—tão realmente como póde haver em qualquer substancia material—não é mais o auctor de suas acções do que se fosse estatua ou pedra.

«Na discussão do assumpto de agencia livre, é importante ao principio, não sómente que indaguemos claramente a causa em disputa, mas tambem que entendamos o sentido particular que ligamos a quaesquer termos ambiguos empregados na controversia. Além das definições e principios geraes que já apresentamos, julgamos necessario explicar algumas cousas em relação a certos termos que geralmente usam os escriptores sobre este assumpto. Primeiro, digamos que o termo *vontade livre* não é philosophicamente correcto. Propriamente falando a *vontade* não é um agente, mas sómente um

attributo ou propriedade de um agente; liberdade pois, que é tambem propriedade do agente, não póde ser por isso attribuida propriamente á vontade. Attributos pertencem a agentes e á substancias, e não pertencem a qualidades. Entretanto o sentido em que se entende o termo *vontade livre*, é tão claro, que seria presumpção tentar pol-o de lado. A *intelligencia* ou a *alma* humana é o agente intelligente ao qual pertencem os poderes ou as qualidades de liberdade e volição; e a *vontade* é sómente uma acção da intelligencia, ou o poder que ella tem de agir ou não agir

«Neste ponto os escriptores de um e d'outro lado da controversia têm geralmente concordado. O Presidente Day diz: «E' o homem que percebe, que ama, que odeia e que age; não é o seu entendimento, nem o seu coração, nem a sua vontade, destinguidos de si».

«O Professor Uphann diz: A vontade é o poder mental ou a susceptibilidade pela qual produzimos volições». Em outro logar, elle diz: «O termo *vontade* não é designado a exprimir qualquer cousa separada da intelligencia; mas sómente encerra e exprime o facto de uma operação particular da intelligencia». Stewart diz que a vontade é «aquelle poder da intelligencia da qual volição é o acto».

«Mas emquanto n'um sentido, a volição é um effeito, não é o resultado passivo de uma força exterior que a produz. E' a intelligencia agindo sem ser obrigada por qualquer cousa exterior que obra efficazmente sobre a intelligencia. Depende simplesmente do exercicio daquelles poderes com que com revestido o homem, e que foram collocados sob o seu dominio pelo Creador

O principal ponto nesta controversia, não é si o homem «*póde* resolver como lhe apraz», porque isto é o mesmo que perguntar si elle *póde determinar* como elle *determina*; mas a questão é, *si o homem póde determi-*

nar sem ser obrigado a fazer tal determinação por alguma cousa exterior a si que obra efficazmente sobre elle. Eis a questão real de que depende a liberdade da intelligencia em determinar.

«Quando falamos do poder auto-determinante do homem em determinar, não entendemos que isto é um exercicio illicito desse poder A intelligencia é o agente efficaz que determina, mas em fazer assim ella age segundo leis que pertencem propriamente a um ente auto-determinante e responsavel. Motivos e circumstancias exteriores posto que não podem exercer obrigação ou causa efficaz sobre a vontade, ainda falando figuradamente, elles exercem uma influencia sobre a intelligencia—isto é, elles são as condições ou as occasiões de acção da intelligencia em determinar Neste sentido, podemos consideral-os como influindo na vontade, mas tão longe é isto de influencia governante, absoluta e irresistivel, que não se póde de modo algum, consideral-a influencia efficaz.

«Em geral, os advogados da necessidade, ou não entendem ou perversa e falsamente representam a theoria defendida por seus opponentes. Geralmente em seus argumentos elles sustentam que não existe termo medio entre a necessidade absoluta e a independencia completa. No emtanto a verdadeira doutrina quanto á liberdade da vontade, e aquella apresentada pelos defensores da agencia livre, dista igualmente dos dois extremos. Por liberdade moral não entendemos, de um lado, que as acções humanas são tão determinadas por causas exteriores ao homem que elle fique preso nas cadêas da necessidade; nem d'outro lado, que ellas sejam tão desligadas das circumstancias e de todas as cousas exteriores que o rodeam, de modo que elle fique inteiramente fóra da sua influencia.

«A controversia, pois, entre os advogados da necessidade e os Arminianos, ou os defensores da agencia

livre, não é si o homem de qualquer modo é influido em sua vontade por circumstancias e motivos, mas si essa vontade é tão absoluta e necessariamente governada que não possa agir de qualquer outro modo. Si a vontade humana é absoluta e irrevogavelmente determinada por motivos e causas exteriores, de modo que fique obrigada a ser o que é; então é a mesma doutrina da necessidade advogada por Edwards e outros; mas si a vontade póde em qualquer caso, ser differente do que é, ou si é de qualquer maneira dependente do poder autodeterminante e governante de que o homem foi revestido, então fica estabelecida a agencia livre e moral do homem, e cahe por terra todo o systema philosophico da necessidade» (1)

II. Argumentos estabelecendo a Agencia Livre

1. «*Arguimos isso de nosso sentimento intimo,* Por sentimento intimo queremos dizer nosso conhecimento do que se passa em nossas intelligencias. Assim, quando irados, somos sensiveis desse sentimento. Quando regosijamos ou estamos tristes, o sabemos. Quando amamos ou odiamos, lembramos ou tememos, somos immediatamente sensiveis do facto. Essa qualidade de pensamento não é resultado do raciocinio; não se deriva da investigação de evidencia, mas origina-se expontaneamente na intelligencia. Argumentos são superfluos em assumptos dessa natureza; porque as cousas de que somos conscientes, nenhum raciocinio ou testemunho exterior póde influir de modo algum, nem para fortalecer nossas convicções nem para fazer-nos duvidar d'ellas. Em vão argumentaremos para persuadir o homem cujo coração está transbordando de alegria, de que elle está ao mesmo tempo opprimido de tristeza. Não podemos convencer ao doente atormentado de dôres, que elle está gozando de perfeita saude; nem podemos con-

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

vencer o homem exultante em vigor e vida, que elle está gemendo sob a influencia de uma grave enfermidade.

«O conhecimento derivado do sentimento intimo, como o que vem das faculdades exteriores, leva comsigo a sua propria demonstração; e tão fortemente impressiona a alma que seriamos obrigados a ceder a loucura de scepticissimo universal antes que pudessemos duvidar d'elle por um só momento. Aqui então basearemos o nosso primeiro argumento pela liberdade propria da vontade humana, ou, mais propriamente falando, pela liberdade do homem no exercicio de sua vontade. Convença-me quem puder de que eu não tenho poder de escrever ou deixar de assim o fazer, de parar ou andar. E' universal esta convicção, quanto ao poder auto-determinante da intelligencia, ou da vontade auto governante. Falsa philosophia póde confundir o pensamento, ou embaraçar o entendimento, mas ainda apodera-se do homem com força irresistivel, a convicção de que elle em si mesmo tem o poder de escolha. Elle *sente* que possue esse poder.

......«Póde ser sã aquella philosophia, ou correcto aquelle raciocinio, que rejeita o mais forte testemunho de nossas faculdades? Por exemplo, uma philosophia que nos persuadisse de que é meia noite, quando estamos contemplando o sol do meio dia? Nem tão pouco podemos acreditar o raciocinio que quer destruir o testemunho de nosso sentimento intimo.

«Que sou livre em minhas volições para escolher o bem ou o mal, e que não sou obrigado, por uma necessidade tão absoluta como as leis de gravitação, é uma conclusão do meu sentimento intimo de que não posso mais duvidar do que da minha propria existencia. Isto é evidente do facto de que todos os homens teem sentimentos de remorso quando fazem o mal, e de satisfação quando fazem o que é justo. Sou accusado de um crime?

Si fôr convencido de que as circumstancias tornaram absolutamente impossivel que eu evitasse o acto, em tal caso, não posso ser censurado, como não posso censurar a arvore que cahiu por cima do viajante que andava pelo caminho. A existencia de remorsos do passado depende do sentimento intimo de nossa liberdade. A convicção de liberdade é tão profunda e universalmente arraigada na intelligencia humana, que esforço algum póde arrancal-a. Póde soffocal-a ou cobril-a por um pouco de tempo, mas nas horas de sincera meditação reassumirá a sua posição e restabelecerá o seu dominio, mesmo em taes intelligencias como Voltaire, Humes e Edwards, que tem-n'a rejeitado por sua philosophia».

2 «*Nosso seguinte argumento a respeito do poder auto-determinante da intelligencia no exercicio da vontade, baseia-se na historia do mundo em geral.*

«Voltando-nos para qualquer parte ou para qualquer periodo da historia do mundo, acharemos entre todas as nações e linguas, vocabulos, termos e phrases designando o poder que todos possuem para determinar ou para serem os auctores de suas proprias volições. Acharemos os homens falando das acções de suas intelligencias e das determinações de sua vontade como si fossem livres. E tambem acharemos, termos de censura e de louvor, claramente reconhecendo o principio de que quando o homem fizer o mal, deve ser censurado, porque *pode* e *deve* evital-o. E' facto que em todos os paizes, na opinião publica, a culpa de qualquer é censurada em proporção tamanha com os obstaculos oppostos a evasão do crime; sob o mesmo principio, quando os obstaculos são tão absolutamente insuperaveis que o accusado não poude evitar o acto, então ninguem é censurado por fazer o inevitavel.

«Mais; as leis dos povos civilizados castigam o criminoso sob a hypothese de que elle póde evitar o

crime. E si elle estabelecer que no acto em questão, não foi um agente com poder de determinar por si, mas que foi somente o instrumento na mão de outro, e que elle não tinha o poder de evitar, neste caso, não ha governo no mundo que não castigasse antes o verdadeiro assassino, do que esse homem que era somente o instrumento passivo sem poder resistir.

«Mas porque achamos recompensas e penas em connexão com as provisões legaes de todos os paizes, e porque são ellas alçadas á vista de todas as communidades, sinão para estimular a virtude e destruir o vicio? E porque exhibem-se essas recompensas aos subditos de todos os governos civilizados, si os homens não tivessem poder para influir na sua propria vontade? Quereis vós exhibir motivos e recompensas afim de animal os a governar as suas vontades, quando na realidade não possuem tal poder? Sei que pode-se responder, que estes motivos são designados para determinar, por influencia necessaria e invencivel, a mesma vontade, independente de qualquer agencia no homem. Não pode haver cousa mais absurda ou mais contraria aos factos. Si ha motivos para determinar necessariamente o caracter da vontade, porque exige-se do homem que dê attenção aos motivos; que os pese cuidadosamente, e que faça uma decisão correcta á respeito do seu real valor?

«Por todos os seculos successivos os homens em todos os logares, teem por seu tracto uns para com os outros, mostrado que acreditam que todos eram agentes livres. Si negarmos esta doutrina, acceitando os principios de necessidade, temos de mudar os costumes universaes que nos veem da mais remota antiguidade, e destruir os proprios alicerces da sociedade. Si o homem não é agente livre porque obriga-se-lhe a cumprir com as suas promessas? e porque censural-o na falta dellas? Porque é elle objecto de escarneo e detestação por crime qualquer que seja?

«Perguntamos: Para que existem cadeias e prisões, e outras fórmas de castigos mais ou menos rigoroso, por toda a parte do mundo civilizado? Si os advogados da necessidade realmente acreditam ser verdadeiro o seu systema, sejam elles consistentes, e que viagem por todo o mundo apregoando a destruição de todos os termos de censura ou de louvor; que elles condemnem os injustos preconceitos das nações, pelos quaes a beneficencia e a virtude teem sido louvados, e o egoismo e o vicio condemnados. Proclamem por toda a parte que o ladrão e o assassino são tão innocentes como a creancinha ou o santo, visto que todos os homens movem-se sómente quando forem necessariamente movidos; e ensinam a todas as nações a abolirem immediatamente e para sempre toda a casta de castigo pelo crime ou máo comportamento. Tal seria o curso consistente para os advogados sinceros da necessidade.

3. «*Em terceiro logar, a agencia livre do homem evidencia-se na administração Divina para com elle. exhibida nas Santas Escripturas.*

« Veremos aqui que a revelação harmoniza-se lindissimamente com a natureza; porque aquellas claras e irrefutaveis evidencias da nossa agencia livre, que tiramos das fontes da nossa experiencia e observação, são abundantemente confirmadas pelo Livro de Deus.

«Vemos isto, primeiro, *da condição em que o homem foi collocado logo depois da creação.* Foi-lhe dada uma lei moral para elle guardar, e annexou-se a essa lei uma pena rigorosa em caso de transgressão. Sob a hypothese de que o homem não fosse constituido agente livre, Deus o teria conhecido; e em vista de taes circumstancias o dar-lhe uma lei moral para governar as suas acções, seria inconsistente com a sabedoria Divina; porque a lei moral exigindo o bem e prohibindo o mal, é applicavel sómente a entes capazes de fazer tanto o bem como o mal.

«Si o Todo-poderoso depois de crear o homem capaz de andar firme sobre a terra, mas incapaz de voar no ar como as aves do céo, lhe désse uma lei prohibindo que elle andasse e exigindo que voasse, todo o ente intelligente logo perceberia a loucura de tal regulamento. E porque ? Simplesmente porque o homem não é habilitado a voar, e por isso o mandal-o assim fazer seria mais que inutil. Mas supponhamos que, ligada ao mandamento exigindo uma impossibilidade, houvesse a mais rigorosa pena em caso de transgressão, a administração seria accusada não sómente de loucura, mas tambem denunciada como auctora da mais negra crueldade. Supponhamos mais, que Deus désse logo depois da sua creação, uma lei exigindo que elle soprasse o ar ao redor de si, e que permittisse o sangue circular em suas arterias, e que relacionada com tal lei houvesse a gloriosa promessa de recompensa pela obediencia. Neste caso tambem seria ella denunciada universalmente como demonstrando a loucura do auctor de tal lei; e porque ? Porque tal obediencia decorre naturalmente da propria constituição do homem. Elle não póde mais abandonal-a assim como uma balla de chumbo cahindo da mão não póde rejeitar a influencia da gravitação. No primeiro exemplo a obediencia seria impossivel, porque o homem não póde mais voar do que póde crear um mundo; no ultimo, a desobediencia é impossivel, porque o homem não póde parar a circulação do seu sangue como não póde fazer parar o sol em seu curso. Mas tanto em um caso como n'outro, uma tal lei mostraria o cumulo de loucura. Assim se vê que a lei moral só póde applicar-se a entes capazes de fazer tanto o bem como o mal. Visto pois, que Deus deu ao homem uma lei moral para governar as suas acções, o homem deve ser um agente moralmente livre, capaz igualmente de obediencia ou desobediencia.

«Julgamos impossivel que uma intelligencia sem

preconceitos lesse a historia da creação e da quéda humana, sem sentir que nesse caso Deus o tractou como sendo agente moralmente livre. Sob a hypothese de que a vontade, e todas as acções do homem, são necessariamente determinadas pela operação de causas sobre as quaes elle não exerce direcção, (segundo os principios da necessidade), a administração Divina, na historia da quéda do homem, é representada como sendo a mais insensata e cruel que jamais manchou o governo do mais baixo tyranno deste mundo. Quereis trazer contra a administração do Justo Governo do universo taes accusações degradantes? Prohibe-o a razão! Prohibe-o a verdade! Prohibe-o as Escripturas!

«Um homem de razão póde crer que Deus assim constituiu a Adão no Paraizo de modo que o comer do fructo prohibido resultaria tão necessariamente da sua inevitavel condição como effeito qualquer é de sua causa respectiva, e então, com o pretexto de justiça, e a pretenção de bondade, dizer, «no dia em que comeres della, certamente morrerás? Certamente que não. Toda a historia da quéda contemplada á luz da razão, do bom senso e em vista de tudo que sabemos do caracter e governo Divinos, proclamam alta e claramente a doutrina da agencia livre do homem».

(2). «*Em segundo logar, as Escripturas por toda a parte dirigem-se ao homem como sendo ente capaz de escolha*, como doado com a direcção das suas proprias volições, e como sendo responsavel pelo exercicio dessa direcção.

«Lemos em Deut. 30:19; «Os céos e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a benção e a maldição *escolhe* pois a vida, para que vivas, tu e a tua semente». Em Josué 24:15. «Escolhei-vos hoje a quem sirvaes». *Escolher* quer dizer *determinar* ou *fixar a vontade*; mas vemos aqui homens mandados a escolher por si mesmos, isto

sob a hypothese de que a sua vontade é, em todos os casos, determinada necessariamente por causas antecedentes fóra do alcance delles, nada mais é sinão a mais solemne zombaria.

«Nosso Salvador queixou-se dos Judeus, dizendo: «Quantas vezes quiz eu ajuntar os teus filhos, como a gallinha ajunta os seus pintos debaixo das azas, e vós não *quizestes*!» (S. Matt. 23:37). E outra vez: «Não *quereis* vir a mim para terdes vida». (S. João 5:40).

«Estas e outras numerosas passagens de significação similhante, falam expressamente da vontade do homem como sendo sob a propria direcção. E para collocar a materia fóra de toda a duvida, aqui não sómente toma-se o homem como responsavel pelo caracter de sua *vontade*, mas actualmente é apresentado como sendo por isso justamente punivel. No exemplo de Christo chorando sobre Jerusalem, e dizendo; «Quantas vezes *quiz eu*», etc., »e vós *não quizestes*», denuncia-se o castigo nas palavras que logo se seguem: «Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta». Agora pergunto, póde o Salvador do mundo, em termos de profunda solemnidade, denunciar o homem por causa da resistencia de sua vontade, ao mesmo tempo denunciando contra elle o mais rigoroso castigo, si tudo fosse determinado por necessidade, e que não estivesse ella mais sob a sua propria direcção do que a revolução dos planetas? Segundo a theoria do Presidente Edwards e outros, a *vontade* é tão necessariamente determinada por causas antecedentes como qualquer effeito é determinado por sua causa. Si assim fôr, a agencia do homem não exerce influencia alguma na determinação da *vontade*, e consequentemente não póde em justiça tornal-o responsavel e punivel por ella. Mas já mostrámos que as Escripturas tornam o homem responsavel e punivel pela determinação de sua vontade, por consequencia não póde ser determinada por necessidade, mas tem de ser

forçosamente dependente da agencia propria do homem.

(3). «*Em terceiro logar, argumentamos a propria liberdade da vontade humana, pela doutrina Escripturistica de um Juizo geral e de recompensa e castigo futuros.*

«Não é necessario discorrer largamente sobre o assumpto. Todos os homens são tidos como responsaveis a Deus pelas determinações de sua vontade, e no porvir, elles serão julgados e correspondentemente recompensados nas Escripturas. Mas perguntamos, segundo a theoria dos advogados da necessidade, como póde haver reconciliação entre estas cousas e os attributos Divinos? Seria tão facil suppor que o omnisciente e misericordiosissimo Deus citasse perante seu tribunal, para recompensar ou castigar, a agua por procurar o seu nivel, ou as faiscas por voarem para cima. Com igual razão Elle póde castigar o pé por não ser a mão ou esta por não ser o olho. Tão razoavel seria que Elle castigasse o peixe por nadar no mar, ou as aves por voarem no ar. Si tal fosse o seu procedimento, elle seria universalmente denunciado como extremamente absurdo. Então perguntamos, onde está a differença, si fôr verdade a hypothese de que a vontade humana é determinada por causas antecedentes ou exteriores, tão necessarias como as leis da natureza? O argumento que mostrar-se-ia absurdo em um caso, demonstraria a mesma cousa no outro». (1).

Em relação á doutrina de agencia livre, é necessario que consideremos a *habilidade*.

III. A Habilidade

1. O nosso Artigo 8º de Religião diz: «A condição do homem depois da quéda de Adão é tal, que elle não póde voltar e preparar-se, por seu proprio

(1) Ralston's, Elements of Divinity

poder natural e obras, para a fé e a invocação de Deus; portanto, não temos força para fazer boas obras, agradaveis e acceitaveis a Deus, sem a graça de Deus por Christo, predispondo-nos para que tenhamos uma bôa vontade e cooperando comnosco quando temos essa bôa vontade».

Mas emquanto reconhecemos a inhabilidade natural de todo o homem «voltar e preparar-se por seu proprio poder natural e obras, para a fé e a invocação de Deus», no emtanto reconhecemos que, em virtude da propiciação feita por Christo, a graça predisponente é outorgada a todo o homem pelo Espirito Santo, habilitando a todo o homem que «tenha uma boa vontade» D'outro modo Christo não podia ser «a luz verdadeira que alumia a todo o homem que vem ao mundo». (S. João 1:9).

Diz o Sr Wesley «Porque admittindo, que todas as almas humanas, são por *natureza,* mortas em peccado, isto a ninguem excusa, visto que ninguem está deixado inteiramente entregue a inclinação da sua propria natureza, nenhum homem si não tiver apagado o Espirito, acha-se totalmente destituido da graça de Deus» (1).

O Espirito, pois, opera em todo o espirito humano; oppondo-se ao peccado e á influencia de Satanaz, para que o peccador ouça a voz de sua consciencia. E porque esta influencia precede todos os esforços por parte do homem, é chamada «graça predisponente». Ella nos predispõe para que tenhamos a vontade e poder para buscarmos e servirmos ao Senhor, entretanto ella não obriga a ninguem.

2. Diz o Dr. Summers «O Espirito opera sobre a inconsciente infancia e no desenvolvimento da vida moral e intellectual; exercendo a sua influencia sobre

---

(1) Wesley's, Sermões, Vol. III.

todos, mas a ninguem obrigando, proporcionando-lhes a sua influencia á medida da consciencia do individuo». (1).

Em outra parte diz o mesmo auctor «O homem continuará a escolher e fazer o que é máo, si a influencia Divina não lhe descobrir o bem, incitando-lhe a acceital-o. A graça predisponente é essa influencia. Ella precede a nossa acção e nos outorga a habilidade de querer e fazer o que é justo, illuminando a intelligencia e incitando a sensibilidade. Tudo que se faz a favor do peccado pelas dispensações da Providencia, pela revelação Divina, instituições christãs, «os meios de graça», como mui propriamente se chamam, e todas as mais agencias, são empregados pelo Espirito Santo, nesta economia da graça predisponente. Tudo isto influe de tal modo no peccador que elle póde exercer «a fé e a invocação de Deus», si elle assim quizer; ou si quizer, elle póde recusal-a, deste modo fazendo aggravo ao Espirito da graça» (Heb. 10:29). (2).

A verdade pois é a seguinte: «Todos os homens são por natureza inhabilitados a voltar para Deus e fazer a Sua vontade, sem a graça predisponente e cooperadora; todos porém são habilitados a assim fazerem, por essa graça que se offerece a todos; e ninguem usa dessa graça que não podesse tel-a rejeitado, e ninguem a rejeita que não podesse tel-a usado, assim não existe mysterio algum, não ha qualquer difficuldade, nem é preciso reconciliação entre a soberania Divina e a responsabilidade humana, visto que ninguem será condemnado por causa de sua inhabilidade natural em fazer a vontade Deus, mas será condemnado aquelle que rejeitar a offerta da graça pela qual elle póde se habilitar a fazel-a». (3).

---

(1) Summers, Systematic Theology. Vol. 1.

(2 e 3) Summers, Systematic Theology. Vol. 2.

3. O estado moral da raça humana acha-se fortemente exhibido na linguagem metaphorica de Isaias: «Desde a planta do pé até a cabeça não ha nelle cousa inteira, sinão feridas e inchaços, e chagas podres não exprimidas, nem nenhuma dellas amollecidas com oleo». (Isa. 1:6).

Jeremias ajuntou o seu testemunho ao de Isaias, dizendo: Enganoso é o coração mais que todas as cousas, e perverso quem o conhecerá?» (Jer. 17:9). Este estado peccaminoso não está limitado a uns poucos individuos, mas extende-se a todos universalmente: como aprendemos da seguinte citação de S. Paulo «Não ha nenhum justo... Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inuteis... Não ha differença porque todos peccaram e são destituidos da gloria de Deus». (Rom. 3:10, 11, 22 e 23).

4. «Mas onde o peccado abundou superabundou a graça. (Rom. 5:27). Deus instaurou a mais estupenda empreza missionaria que o mais velho anjo na gloria dos céos jámais testemunhou, quando Elle «enviou Seu Filho, até dentro deste abysmo de podridão moral, não como estrangeiro, mas Jesus naturalizou-se, tornando-se nosso igual em tudo excepto o peccado, nascido «de mulher feito sujeito á lei.» (Gal. 4.4). «Convinha que em tudo fosse similhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel summo Sacerdote nas cousas que são para com Deus». (Heb. 2:17). Aquelle que estava muito acima dos anjos na gloria do Pae, tornou-se menor do que elles, «para que pela graça de Deus provasse a morte por todos nós». (Heb. 2:9). «Todos peccaram» universalmente, aqui vemos todos remidos universalmente.

5 Todos foram «destituidos da gloria de Deus,» agora «pela graça de Deus», todos podem voltar. Por que a graça de Deus se ha manifestado, trazendo salvação a todos os homens». (Tit 2:11). Olhae quão

grande amor nos tem dado o Pae que fossemos chamados filhos de Deus» (1 S. João 3:7). «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigenito para que todo aquelle que n'Elle crê não pereça mas tenha a vida eterna». (S. João 3:16).

«Deus recommenda o seu amor para comnosco em que Christo morreu por nós sendo nós ainda peccadores». (Rom. 5:8). Em contemplar este assumpto não me admiro que S. Paulo dissesse: «Aquelle que nem até seu proprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará com Elle todas as cousas?» (Rom. 8:12).

Todos nós somos naturalmente inhabilitados a servir a Deus em virtude de nossos peccados, porém todos nós somos graciosamente habilitados a buscar e a servil-O em virtude da propiciação. Ouçamos pois o convite: «Vinde a mim todos os que estaes cançados e opprimidos e eu vos alliviarei... e encontrareis descanço para as vossas almas» (S. Matt. 11:28, 29).

Acceitemos pois sem demora, assim podemos ser «cooperadores com Deus». Mas ai daquelle que desprezar esta mensagem de amor: «Porque si a palavra pronunciada pelos anjos permaneceu firme, e toda a transgressão e desobediencia recebeu a justa retribuição, como escaparemos nós si não attentarmos para uma tão grande salvação, a qual começando a ser annunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram». (Heb. 2:2, 3).

Visto pois que todos são habilitados pela graça predisponente «á fé e a invocação de Deus;» podemos dizer: «Buscae ao Senhor emquanto se póde achar, invocae-O emquanto está perto» (Isa. 55:6).

Com uma propiciação feita pelos peccados de todo o mundo, e a graça predisponente dada a todos os homens, aquelle que se perder não poderá accusar a Bondade Divina.

IV Conclusão

Em conclusão notaremos quão absurda é a tentativa para *reconciliar a doutrina da necessidade com a agencia livre e a responsabilidade do homem.*

«Para estabelecer tal reconciliação o Presidente Edwards e outros tem-se esforçado energicamente; argumentando que emquanto a vontade acha-se irresistivelmente determinada por necessidade, ainda o homem é moralmente responsavel e propriamente agente livre; simplesmente porque é dotado com uma vontade, e age voluntariamente sem ser naturalmente obrigado a agir contrario á sua vontade. Os nomes que se dão ás cousas de modo algum podem mudar a sua natureza. Por isso o carregar o homem com os epithetos nobres de agencia moral, liberdade, responsabilidade, etc., emquanto seguramente o atamos nas cadeias da necessidade, de maneira alguma servem para amollecer essas cadeias, ou melhorar a sua condição.

«O jactar-se que o homem goza de liberdade simplesmente porque tem liberdade de obedecer a sua vontade, quando esta vontade é determinada por necessidade, é tão absurdo como o dizer que elle goza de liberdade civil simplesmente porque tem liberdade de obedecer as leis do seu paiz, mesmo sendo essas sómente uma collecção de decretos sanguinarios promulgados por um cruel tyranno sobre o qual elle não exerce a minima influencia. Póde julgar qnalquer que por ter o privilegio de agir em conformidade com o tal systema de leis—que lhe foram assim arbitrariamente impostas—que por isso elle goza de liberdade no proprio sentido do termo? Longe d'elle tal juizo. E porque? Simplesmente porque o subdito opprimido requer uma voz em fazer essas leis. Emquanto isto lhe fôr negado, elle sente-se sob o cruel jugo de tyrannia, em vão podeis tentar confortal-o discorrendo sobre os altos privilegios em obedecer ás leis. Podeis assegural-o de que

nenhuma força natural póde obrigal-o a ir contrario ás leis, e que, por consequencia, elle tem liberdade propria, mas tudo é em vão. Elle sente que estaes zombando das suas cadeias!

«Agora appellamos a qualquer pessoa sincera, que nos diga, si esta não é exactamente a qualidade de liberdade moral, que o Presidente Edwards attribue ao homem, e, si não é sobre esta base que elle tão energicamente argumenta sobre a agencia livre e a propria responsabilidade humana? Certamente que sim. Elle argumenta que o homem é agente moralmente livre, porque elle póde fazer como quer, quando a sua vontade é tão immutavelmente determinada por necessidade como o é o curso dos orbes celestes. Tal liberdade não póde mais constituir o seu possuidor agente livre e moralmente responsavel do que aquella que pertence a um tronco ou a uma pedra.

«Entre a liberdade que o douto Presidente do *Princeton College*, attribue ao homem e aquella possuida por um pedaço de marmore, cahindo por terra quando escapa do cume de uma torre, não existe differença alguma. Podemos chamar um homem *livre* porque elle pode agir segundo a sua vontade ou inclinação, emquanto esta vontade é determinada por necessidade; mas não tem o marmore a mesmissima liberdade? Tem perfeita liberdade para cahir; não é influido por força natural a mover-se em qualquer outra direcção. Si elle cahir necessariamente, do mesmo modo, segundo os principios de Edwards, o homem age necessariamente. Si disser que o marmore não pode evitar de assim cahir, mesmo assim o homem não póde evitar de agir segundo a sua vontade, aquillo que faz. Si disser que elle não tem disposição alguma, nem faz elle qualquer esforço, para agir contrario a sua vontade; mesmo assim o marmore não tem inclinação alguma para cahir em qualquer outra direcção do que aquella por elle tomada. O marmore

move-se *livremente*, porque não tem inclinação alguma para mover-se em outra direcção ; mas move-se *necessariamente*, por ser irresistivelmente impellido pela lei de gravitação. Assim tambem o homem age *livremente*, porque age segundo a sua vontade ; mas *necessariamente*—por não poder mais mudar a sua vontade do que elle póde crear um mundo.

«Digam o que disserem os advogados da necessidade, sobre a sua theoria da responsabilidade e agencia livre do homem ; mas depois de tudo é a mesmissima liberdade que pertence á materia inanimada. Si, segundo Edwards, o homem é livre, e justamente responsavel por suas acções, simplesmente por elle agir segundo a sua vontade, quando *elle não tem influencia alguma sobre essa vontade*, sob os mesmos principios o maniaco é um agente livre e responsavel. Si n'um paroxismo de loucura, elle assassinar o seu pae, elle faz segundo a sua vontade. E' acto voluntario, e os advogados da necessidade não podem desculpal-o, por não ser a vontade sob a sua direcção ; porque, segundo o seu systema foi tanto sua a sua direcção quanto possa ser a vontade de qualquer homem em caso qualquer. E' realmente um abuso chamar aquillo liberdade que, seguramente encerra o homem nas cadeias da necessidade. Agir voluntariamente não quer dizer liberdade, si eu não podér agir de outra maneira qualquer differente d'aquillo que faço».

A questão não é si tenho uma vontade, nem si eu posso agir segundo a minha vontade, mas *o que é aquillo que determina essa vontade?* Eis o ponto vital na questão de agencia livre. E' admittido que a vontade governa as acções; mas o que governa a vontade? Visto que a vontade governa as acções, segue-se necessariamente que aquillo que governa a vontade deve ser o responsavel pelas acções. Aquillo que governa a vontade deve ser o proprio auctor de tudo que necessariamente resul-

ta d'ella, e por consequencia deve ser tido como o responsavel pelas mesmas. Mas o homem, dizem os advogados da necessidade, de modo algum dirige a sua vontade. E essa vontade é forçada a ser o que é por necessidade, de modo que não é possivel que seja de outra maneira qualquer, nem mais do que o effeito possa deixar de resultar da causa». (1).

A verdade é que a propria vontade determina sem ser ella determinada, obrigada ou necessitada por qualquer cousa que seja. Diz o Bispo Keener: «Ella é a causa, por isso livre; ella não póde ser necessitada e ao mesmo tempo livre, nem mais do que um quadrado póde ser ao mesmo tempo um triangulo; liberdade consciente não póde existir ao mesmo tempo, no terreno da necessidade absoluta e na da verdade absoluta». (2).

No mesmo sentido fala o Dr. Mark Hopkins sobre a vontade: «Em sua natureza a escolha é livre. Si não fosse assim não seria escolha. O homem tem necessidade de escolher, mas aquillo que elle escolher elle mesmo livremente determina. Liberdade em escolher é um modo essencial em que se manifesta o nosso ser, e ella é tão certamente conhecida como o é nossa propria existencia. Tão certo como se conhece o acto de escolher, quão certamente se conhece a sua qualidade como livre. O acto é conscientemente conhecido, e, por isso, não é susceptivel de demonstração, é o que ha de mais certo; pode-se dizer a mesma cousa quanto a sua qualidade como livre. Em palavras, os homens podem negar-lhe a liberdade, mas por actos elles a affirmam necessariamente e tractam uns aos outros como si considerassem a todos por livres» (3).

Da consciencia humana, das acções dos homens em

---

(1) Ralston's, Elements of Divinity.

(2) Methodist Review.

(3) Law of Love and Love as a Law.

sua lida com outros, bem como das Sagradas Escripturas, temos tirado provas abundantes da agencia livre do homem, e a habilidade outorgada por graça predisponente, que todos teem para «voltar á fé e a invocação de Deus»

De tudo que temos dito quanto as provisões da Propiciação, da agencia livre do homem, etc., creio eu que somos justificados em cantar:

Todo aquelle que ouve, queira proclamar
Salvação de graça para o que acceitar
Possam todos esse som alegre ouvir:
Todo aquelle que quer, é vir.

Todo aquelle que quer, não deve demorar;
Eis a porta aberta já podeis entrar;
E' Jesus que ao Pae vos quer introduzir!
Todo aquelle que quer, é vir

Todo aquelle que quer, logo conseguirá,
Todo aquelle que quer, por provas passará,
Todo aquelle que quer, póde o céo possuir;
Todo aquelle que quer, é vir.

ERRATA

Pag	*Linha*	*Em vez de*	*Leia-se*
VII	18	EDMUNDO	EDUARDO
26	17	cousa efficiente	causa efficiente
45	29	póde querer approvar	póde querer ou approvar
54	3	Isaias	Paulo
57	28	podia ter visto	podia ter vivido
60	27	todas as causas	todas as cousas
66	31-32	Então a si a inspiração	Então si a inspiração
69	32	retirada	retida
75	10	suas causas	umas cousas
81	27	inferiormente	inferioridade
85	2	trez que podem, etc.	taes que podem
97	15	influencia necessaria	inferencia necessaria
102	4	eminente vontade	eminente verdade
113	24	ouço dizer	ouso dizer
117	20	parece chamar	parece ser chamar
118	16	atheismo racional	theismo racional
118	25	um meio mytho	um mero mytho
119	27	um exame de tentativas	um enxame de tentativas
125	20	entre dois ramos	entre estes dois ramos
125	14	O chaos sem ebulição	O cháos em ebulição
126	1	seu primeiro fundamento	seu primeiro pensamento
129	27	com o ministro	como os ministros
134	30	no memo tempo	no mesmo tempo
165	20	si os que estão	si elles estão
166	17	Elles o servem	Elles os servem
166	33	no setimo dia	no ultimo dia
212	23	fóra de si	para si

Pag.	*Linha*	*Em vez de*	*Leia-se*
230	30	por ser ella real	não por ser ella real
241	5	tureza •	pureza
241	11	da iniquidade da na-	da iniquidade da natureza
252	6	no seu enthusismo	no seu enthusiasmo
292	34	Deus reuniu	Deus remiu
319	11	absoluta reproducção	absoluta reprovação
329	6	Com os seus não ha	Com Deus não ha
332	11	a sua miseria	a uma miseria
333	11	pedes somente	podes somente

Ha tambem outros erros, mas o leitor facilmente verá o seu significado, por isso não os mencionamos aqui.